UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GUSTAVO SANTOS DA SILVA

John William Cooke. O Peronismo entre a questão nacional e o socialismo (1943-1955)

NITERÓI

2021

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG Gerada
com informações fornecidas pelo autor

S586j Silva, Gustavo Santos da
John William Cooke : O Peronismo entre a questão nacional e o socialismo (1943-1955) / Gustavo Santos da Silva ; Norberto Osvaldo Ferreras, orientador. Niterói, 2021.
236 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

DOI: http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2021.m.14879403784

1. John William Cooke (1919-1968). 2. Peronismo. 3. Esquerda Argentina. 4. Produção intelectual. I. Ferreras, Norberto Osvaldo, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

John William Cooke. O Peronismo entre a questão nacional e o socialismo (1943-1955)

GUSTAVO SANTOS DA SILVA

Sob a orientação do Professor Doutor

Norberto Osvaldo Ferreras

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Setor: História Contemporânea III

Linha de Pesquisa: Poder e Sociedade

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Norberto Osvaldo Ferreras (Orientador)

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. André Luís Dos Santos Queiroz (Arguidor)

Universidade Federal Fluminense

Prof(a).Dra. Mónica Esmeralda Bruckmann Maynetto (Arguidor)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

NITERÓI

2021

Para Diego Armando Maradona, Aldir Blanc e Fernando “Pino” Solanas, “Hoje homens sem medo aportam no futuro”.

Para minha querida mãe, Valesca.

Para o Bangu Atlético Clube e Marinho, Ouro Negro, alegria e elegância suburbana.

“el colonialismo ha calado tan hondamente en nosotros, que sólo leemos con verdadero respeto a los autores anticolonialistas difundidos desde las metrópolis” **Fernández Retamar, “Todo Caliban” (1995)**

“Un intelectual que no comprende lo que pasa en su tiempo y en su país es una contradicción andante; y el que comprendiendo no actúa, tendrá un lugar en la antología del llanto, no en la historia viva de su tierra.” **Rodolfo Walsh, “Mensaje a los trabajadores y el pueblo” (1968)**

“El intelectual revolucionario es aquel que no concibe el acceso a la cultura como un fin en sí mismo ni como atributo personal, sino como la ventaja que un régimen injusto pone al alcance de unos pocos, y solo tiene justificación en cuanto parte de ese conocimiento sea compartido por las masas y contribuya a que éstas enriquezcan su conciencia de la realidad, en cuanto pueda transformarse en acción revolucionaria”. **John William Cooke, “Universidad y pais” (1964)**

Resumo

John William Cooke (1919-1968) é mais conhecido na história política argentina como o secretário pessoal de Juan Domingo Perón após o Golpe de Estado autointitulado como *Revolución Libertadora* em 1955. Cooke além de um dos principais organizadores do processo da Resistência Peronista (1955-1973) foi o mais notório formulador teórico da corrente revolucionária desse movimento, ou seja, vertente Peronista que buscou mesclar a perspectiva revolucionária marxista com a larga tradição do pensamento nacional argentino. Possuindo uma trajetória de importância a nível latino-americano Cooke participou da Revolução Cubana (1959) durante a tentativa de invasão estadunidense a Baía das Porcos (1961) junto com a revolucionária Alicia Eguren, contribuindo politicamente com Ernesto Guevara e Fidel Castro, onde foi nomeado representante argentino na *Organización Latinoamericana de Solidariedad* (OLAS), influenciando no surgimento de diversos agrupamentos revolucionários dos anos 1960-1970 na Argentina tanto na vertente peronista, quanto na esquerda marxista. O presente trabalho consiste na primeira parte de um plano de trabalho maior e se limita a explorar a trajetória de John William Cooke entre o surgimento do Peronismo e o golpe de 1955.

.

Palavras-chave: John William Cooke (1919-1968); Peronismo; Esquerda Argentina.

Resumen

John William Cooke (1919-1968) es más conocido en la historia política argentina como el secretario personal de Juan Domingo Perón después del golpe auto titulado como Revolución Libertadora en 1955. Cooke fue uno de los principales organizadores del proceso de Resistencia Peronista (1955-1973) y el formulador teórico más notorio de la corriente revolucionaria de este movimiento, es decir, la vertiente peronista que buscaba mezclar la perspectiva revolucionaria marxista con la larga tradición del pensamiento nacional argentino. Con una trayectoria de importancia a nivel latinoamericano, Cooke participó en la Revolución Cubana (1959) durante el intento de invasión estadounidense a Bahía de Cochinos (1961) junto a la revolucionaria Alicia Eguren, contribuyendo políticamente a Ernesto Guevara y Fidel Castro, donde fue designado representante argentino en la *Organización Latinoamericana de Solidaridad* (OLAS), influyendo en el surgimiento de varios grupos revolucionarios desde las décadas de 1960 a 1970 en Argentina, tanto de la izquierda peronista como marxista. El presente trabajo consiste en la primera parte de un plan de trabajo más amplio y se limita a explorar la trayectoria de John William Cooke entre el surgimiento del peronismo hasta el golpe de 1955.

Palabras clave: John William Cooke (1919-1968); Peronismo; Izquierda Argentina.

Abstract

John William Cooke (1919-1968) is best known in Argentine political history as the personal secretary of Juan Domingo Perón after the self-titled Revolutionary Coup in 1955. Cooke as well as one of the main organizers of the Peronist Resistance process (1955- 1973) was the most notorious theoretical formulator of the revolutionary current of this movement, that is, the Peronist strand that sought to mix the Marxist revolutionary perspective with the long tradition of Argentine national thought. Having a trajectory of importance at the Latin American level, Cooke participated in the Cuban Revolution (1959) during the attempted US invasion of the Bay of Pigs (1961) together with the revolutionary Alicia Eguren, contributing politically to Ernesto Guevara and Fidel Castro, where he was appointed Argentine representative at the Organización Latinoamericana de Solidaridad (OLAS), influencing the emergence of several revolutionary groups from the 1960s to 1970s in Argentina, both in the Peronist and in the Marxist left. The present work consists of the first part of a larger work plan and is limited to exploring the trajectory of John William Cooke between the emergence of Peronism until the 1955 coup.

.

Keywords: John William Cooke (1919-1968); Peronism; Left Argentina.

Agradecimentos

Ao estimado professor Dr. Norberto Ferreras pela parceria desde os tempos da graduação, por suas leituras e orientações atenciosas e amigas simultaneamente, também por todo alento.

Ao querido professor Dr. André Queiroz, nos superamos nas discordâncias e embates, e nos fortalecemos na camaradagem que tem sua raiz na sede por justiça, pelo bom e pelo melhor do povo brasileiro e latino-americano, por todas nossas parcerias e diálogos.

À professora Dra. Monica Bruckmann, uma referência nos estudos estratégicos vinculados com a responsabilidade pelo futuro dos povos e do mundo, pela honra de ter aceito fazer parte da banca do presente trabalho.

Ao grande camarada Lucas Junqueira, por ter me apresentado John William Cooke e pelas conversas e trocas que estimularam o processo criativo desse trabalho e de outros que virão.

Ao professor Roberto Baschetti e a brilhante artista plástica Nora Patrich, pelo acolhimento em sua casa e arquivo, pelas enriquecedoras conversas sobre a história do Peronismo, das lutas de classes na Argentina e no mundo que consistiram em verdadeiras aulas que jamais esquecerei. Pelo momento impagável.

À minha querida mãe, Valesca, por todo seu apoio e seu exemplo de dignidade e fortaleza humana.

Aos companheiros do Grupo de Pesquisa e Extensão Cinema e Memória da América Latina (IACS-UFF): Victoria Alves, Paulo Victor, Yan Manchester, Bento Vilela e Luís Ruffo.

Aos camaradas do Grupo de Pesquisas e Estudos Nacionais e Estratégicos - Moniz Bandeira, pela pretensiosidade do pensamento original e criativo: Célio Novais, Ricardo Duarte Azeredo, Yuri Nazário Kurrik, Diego Uchoa, Juan Soares, Bruno Isídio, Juan Fischer, Robson Britto, Eduardo Henrique, Alex Drosan, e os demais que virão.

A João Pedro Simões, por toda camaradagem nas boas e nas más, pelos primeiros abrigos em Buenos Aires, pelo seu importante auxílio nas revisões dos textos escritos em espanhol e

traduções em espanhol e inglês. Um fernet com o líquido imperialista nos aguarda por alguma cancha portenha.

A Maurício “El Uru”, sua família e amigos *hinchas funebreros* de Chacarita Juniors, pelo acolhimento e fraternidade.

Aos amigos de Villa Soldati e Sacachispas F.C, especialmente Matias Turiaci e Matias Carrizo, pelas belas tardes *villeras* e pelo enriquecimento cultural.

Aos professores Cezar Teixeira Honorato (PPGH-UFF), Marcela Soares (PPGSSDR-UFF) e Victor Izecksohn (PPGHIS-UFRJ) pelos cursos ofertados que me enriqueceram profundamente ao longo dessa breve porém intensa jornada.

À professora Dra. Lívia Magalhães por ter participado da qualificação de mestrado, pelas sugestões.

A Alejandro Ernesto Asciutto pela satisfação de ter colaborado como autor e co-editor na revista La Roca.

Aos editores da revista “Marx e o Marxismo” (NIEP-MARX UFF) pela publicação do meu artigo “*Fascismo e Contrainsurgência: Esboço sobre contribuições da teoria marxista da dependência em relação ao caráter dos Estados de exceção na América Latina*” (2019).

A Daniel e Silvia Chomski da Livraria Berinjela, importante escola na minha formação, e ao velho Zílio Tosta, Lima Barreto me ensinou a desconfiar de quem não é ranzinza e inconformado.

Ao jornal Inverta, ao CEPPES e a Juventude 5 de Julho, minhas primeiras universidades.

À Maria, Santiago e Gonzalo, por terem me acolhido em sua casa durante as pesquisas nos arquivos e bibliotecas portenhas.

Aos funcionários do Arquivo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, em especial ao querido Nicolás Del Zotto.

Aos funcionários do Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (CEDINCI), em especial Tomás Verbrugghe e Eugenia Sik.

Ao professor Dr. Miguel Mazzeo pela referência, pelo encontro acidental na Biblioteca Nacional Argentina e os desencontros provocados pela eventualidade pandêmica, mas que logo irão se concretizar.

Ao professor Dr. Javier Balsa, diretor do Centro de Investigaciones sobre Economia y Sociedad en la Argentina Contemporánea (ISEAC) da Universidad Nacional de Quilmes (UNQ), pelo convite de estágio de pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela imprescindível bolsa de pesquisa outorgada.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF).

A outros camaradas também importantes nessa jornada: Raphael Gusmão, Ramon Peixoto, Klauder Gonzaga, Carlos Alberto Muniz, Daniel Cruz de Souza, Mateus Ferrari, Kaio Tozato, Vitor Reis, Leandro Madruga e os olvidados.

Aos povos em luta do Brasil e Argentina, os sonhos de San Martín e de Abreu e Lima, de Prestes e de Guevara serão a realidade do amanhã que já está sendo feito em dor, sacrifício e criação heroica.

SUMÁRIO

Introdução – p.8

1- A concepção de um Gigante Invertebrado (1930-1945) – **p.24**

1.1 Para um marxismo não colonizado e eurocêntrico: Marx e a questão nacional – **p.24**

1.2 O Antipersonalismo e a Infâmia (1930-1945) – **p.50**

2- Um rebelde no C*ongreso de La Nación*: anti-imperialismo e revisão histórica (1946-1951) – p.87

2.1 Ação parlamentária, anti-imperialismo e revisionismo histórico – **p.87**

2.2 Cooke, Evita e...Lênin: A expropriação da *Prensa* -**p.122**

3- Cooke *De Frente* as insurgências e contrainsurgências na América Latina (1952-1955) – p.145

3.1 Claudicações do Peronismo, revoluções e contrarrevoluções na América Latina e a revista *De Frente* – **p.145**

3.2 Cooke frente ao massacre de junho e o Golpe de setembro de 1955 – **p.186**

Conclusões – p.214

Arquivos e Periódicos Consultados - p.218

Referências bibliográficas – p.220

Filmografia – p.234

Entrevistas, depoimentos, comunicações e programas de televisão extraídos de internet – p.235

Introdução

A vida de John William Cooke nos permite recriar a história de uma larga conjuntura nacional que começa com um golpe militar que abre espaço ao surgimento de um dos fenômenos políticos mais originais da América Latina: o Peronismo, e que vai se encerrar com uma das ditaduras mais sanguinárias que assolaram essa totalidade política e cultural que José Martí chamou de *Nuestra América*[1], essa é a conjuntura argentina de 1943-1976.

Cooke faleceu em 1968 vitimado por um câncer de pulmão, entretanto sua influência seguiria latente nos anos seguintes sendo estudado, publicado e apropriado pela juventude revolucionária que tornou viável como ordem do dia a elevação da Argentina dependente para uma "Pátria Socialista". Os tempos de *Montoneros*, de *Fuerzas Armadas Peronistas*, de *Partido Revolucionario de los Trabajadores – Ejército Revolucionario del Pueblo*, de *Peronismo de Base*, de *Movimiento Revolucionário 17 de Octubre*, do *Grupo Praxis*, da *Vanguardia Comunista*, entre tantos outros agrupamentos que formavam uma potência rebelde e insurgente, e que para impor-se o silêncio sobre seus projetos e aniquilar suas organizações e dirigentes foi necessário a implementação de um Estado de Contrainsurgência[2] que trucidou mais de 30 mil argentinos, dentre os quais uma de suas vítimas está Alícia Eguren (1925-1977), companheira de Cooke, jogada viva

1 "José Martí esbribe en 1884: 'Pueblo, y no pueblos, decimos de intento, por no parecernos que hay más que uno del Bravo a la Patagonia'. Y aunque el propio Martí usara ocasionalmente, entre otras, la expresión 'América Latina' (más allá de lo que en un príncipio se quiso que esta expresión significara, es decir, tomada ahora como sinómino de 'nestra América') incluye no solo pueblos de relativa filiación latina, sino también outros, como los de las Antillas de lengua inglesa y holandesa, más bien alejados de tal filiación; y, por supesto, los grandes enclaves indígenas.": RETAMAR, Roberto Fernández, "Nuestra América y el Occidente", In: RETAMAR, Roberto Fernández, "Algunos usos de civilización y barbarie", Havana: Ocean Sur, 2013,p.17. Ver ainda: MARTÍ, José, "Nuestra America", Buenos Aires: Editorial Losada, 1980.

2 Estado de Contrainsurgência foi a caracterização que Ruy Mauro Marini denominou dos Estados de exceção e ditaduras implementadas na América Latina no posterior a tomada do poder pelos revolucionários em Cuba (1959). Marini caracteriza que esses regimes não buscavam se perpetuar como poder, ao contrário do fascismo clássico o Estado de Contrainsurgência não questionava a democracia burguesa, mas advogava de sua suspensão ou limitação temporariamente almejando cumprir três etapas: a aniquilação dos opositores, a conquista das bases sociais e a institucionalização de sua doutrina. Marini definiu o Estado de Contrainsurgência como o Estado Corporativo da burguesia monopolista e das forças armadas. Ver: GARCIA, Pio, CUEVA, Augustin, MARINI, Ruy Mauro e SANTOS, Theotonio dos, "La cuestión del fascismo en América Latina", In: Cuadernos Políticos, nº18, México, D.F: Editorial Era, outubro-dezembro de 1978, pp. 13-34; SILVA, Gustavo Santos da, "¿Estado de Contrainsurgencia o Estado de Dominación de Espectro Completo? Apuntes sobre el carácter de los Estados de Excepción en América Latina", In: La Roca, Buenos Aires; nº7, 2020, pp.91-122. ;SILVA, Gustavo Santos da, "Fascismo e Contrainsurgência: Esboço sobre contribuições da teoria marxista da dependência em relação ao caráter dos Estados de exceção na América Latina", In: "Marx e o Marxismo", Niterói: 2019, v.7, nº13, pp.408-429.

no Rio da Prata de um helicóptero após ter sido barbaramente torturada por dias na ESMA[3], no que ficou conhecido criminosamente como *vuelos de la muerte*.

Certamente nem o nome John William Cooke, nem grande parte dos agrupamentos revolucionários citados acima diz muita coisa aos brasileiros, tampouco a menção ao Peronismo suscita a imaginação dos cientistas sociais e historiadores brasilianos para além dos estereótipos do equivalente histórico da experiência de Getúlio Vargas para Argentina, ou da simplificação como populismo no arquétipo pejorativo forjado pelo cientificismo pseudo-neutralista de Gino Germani e replicado no Brasil por Fernando Hernrique Cardoso, José Serra, Octávio Ianni e Francisco Wefford, ou mesmo do mito fascista que veremos em parte do trabalho quais foram os objetivos de sua fabricação a partir do Departamento de Estado norte-americano pelos idos de 1945-1946 através do *Blue Book on Argentina* e da atuação de Spruille Braden, embaixador estadunidense em Buenos Aires durante as primeiras eleições de Perón.

Cooke se torna uma figura ainda mais excêntrica dentro dessa perspectiva se colocamos que foi um dos pioneiros a propor e realizar na prática uma fusão entre a proposta nacional peronista e o marxismo, onde o desconhecimento nos marca como uma colonização silenciosa, que brilhante o ensaísta argentino Arturo Jauretche chamou de "*colonización pedagógica*"[4]. Enquanto o marxismo no seio acadêmico propõe debates de vida e morte se o mais correto é a tradução de "*Mehrwert*" como "mais-valia" ou "mais valor", ou a uma veneração do marxismo ocidental[5] enclausurado no

3 A Escuela Mecánica de la Armada funcionou como principal centro clandestino de extermínio e tortura da última ditadura empresarial-militar argentina (1976-1983), passando por ali cerca de 5 mil desaparecidos do total de 30 mil desse Estado de Contrainsurgência. Desde o golpe de 1955 que derrubou o presidente Juan Domingo Perón, os militares da ESMA receberam treinamentos da Escola Francesa, conhecida pela prática da tortura sistemática para arranque de confissões de oponentes durante a ocupação colonial na Argélia e na Indochina. Desde o 24 de março de 2004 por iniciativa de movimentos sociais e organismos de direitos humanos diversos e pela presidência de Néstor Kirchner foi instaurada no local o Espacio de Memoria y Derecho Humanos que serve como espaço de preservação e pesquisa das práticas de terror de Estado, além de contar com complexo cultural como o Centro Cultural Haroldo Contí e o Museo das Malvinas e Islas de Atlántico Sur.

4 Ver: JAURETCHE, Arturo, "Los profetas del odio y la yapa (La colonización pedagógica)", Buenos Aires: A.Peña Lillo, 1973.

5 Uma melhor definição de marxismo ocidental se encontra no tópico 1.1 do primeiro capítulo através de Losurso e Kohan. Podemos aqui ainda nos remeter a crítica do marxista egípcio Abdel-Malek que coloca nos seguintes termos a questão: "Os hábeis intelectuais livrescos serão encarregados de esmagar aos pés a dialética social do mundo real – em nome da utopia pré-fabricada, erigida em conhecimento científico, a partir da 'produção' epistemológica. A moda ajudará: os defensores do racionalismo crítico, do qual o marxismo constitui um elemento importante, serão tachados de conservadores, voltados para o passado, positivistas sociais de ação pragmática, fósseis empoeirados que vivem a história para trás. Todos os níveis da cultura, todos os campos científicos atestam essa convergência no interior da

especialismo em torno da busca infértil e estéril por um “Marx original”, “Marx” esse que sempre retorna a uma proposta política centralizada na Europa, um marxismo de vocação não internacionalista ou mundializante, mas cosmopolita e que retira a vividez da contribuição monumental científica do continente chamado materialismo histórico e dialético, ao mesmo tempo que as propostas heroicas de criação de um marxismo original calcado na realidade concreta latino-americana e no nacional-popular se tornam abnegadas nesse campo.

Há que reconhecer que nas últimas três décadas os estudos sobre o pensamento latino-americano avançaram e cresceram substancialmente na acadêmia brasileira. Entretanto, a maior parte das pesquisas sobre as ideias latino-americanas se situam dentro dos campos chamados de decoloniais e post-coloniais, constituídos predominantemente por intelectuais oriundos da região mas residentes universitariamente em cátedras situadas na Europa e EUA e críticos da validade do marxismo e que em grande parte se debruçam principalmente dentro dos estudos culturais e linguísticos, secundarizando ou mesmo rejeitando as temáticas do imperialismo, da dependência, das formações econômicas sociais, e que ademais ao negar o marxismo acabam por desprezar mais de dois séculos de pensamento anticolonial nas Américas e no Caribe, tradição em que o marxismo possuí mais de um século de contribuições nessas formulações não-colonizadas. Obviamente nesse campo também se circunscreve importantes exceções que articulam eficazmente a dinâmica superestrutural com a estrutura, e o particular com o geral, como nos casos do porto-riquenho Ramón Grosfoguel e do venezuelano Egdardo Lander, apenas para citar dois renomados autores que se filiam ao campo decolonial e que se aproximam da tradição que chamamos de pensamento crítico latino-americano e marxismo latino-americano.

Nessa totalidade das investigações em torno da história das ideias e da história política escassos são os trabalhos no Brasil que buscam a crítica imanente de pensadores como Aníbal Ponce, José Carlos Mariátegui, Júlio Antonio Mella, Ricardo Paredes, Clovis Moura, Yvés Dorestal,

contra-ofensiva generalizada do Ocidente hegemônico e crise; e é de espantar que os compiladores de antologias temáticas tenham apenas vislumbrado essa evidência. Mas é verdade que os projetores atraem a atenção para longe...” ABDEL-MALEK, Anuar, “A Dialética Social: Fundamentos para uma Teoria Social Mundializante”, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p.30.

Héctor Agosti, René Zavaleta Mercado, Marta Harnecker, Hernández Arregui, Rodolfo Puiggrós, Luis Recabarren, José Ingenieros, José Nilo Tavares, Theotonio dos Santos, Eric Williams, Moniz Bandeira, Vânia Bambirra, Ruy Mauro Marini, Salazar Bondy, Leopoldo Zea, Luiz Carlos Prestes, Enrique Dussell, Agustin Cueva, Gustavo Machado, entre outras centenas de propostas criativas e pensamentos originais situados não dentro do marxismo na América Latina, mas no marxismo latino-americano. Propostas essas em que John William Cooke fornece uma contribuição original em uma temática que para nós ocupa não somente enquanto projeto de pesquisa, mas como plano de trabalho: a confluência entre o pensamento nacional e o marxismo, ou que pode-se dizer, a importância estratégica da questão nacional na transição socialista dentro dos países dependentes, analisados desde a pesquisa histórica da trajetória política e intelectual sintetizada na *práxis*[6].

Relembramos aqui o importante trabalho do sociólogo egípcio Anuar Abdel-Malek em sua dialética social, em que situava já nos anos 1960 a restrição de uma dialética social unilateral em relação ao endógeno (leia-se o ocidental) que passava a ter seu paradigma abalado pelo reaparecimento do protagonismo na história de Três Continentes não-ocidentais com os inúmeros êxitos das lutas de libertação nacional e pelo socialismo a partir do pós-guerra, onde o fator nacional voltava a tona depois de ter se dado como morto. No tempo mais atual há um novo renascimento do nacional depois de ser decretado outro óbito durante o período da hegemonia das chamadas ideias globalizantes após a queda do bloco socialista do Leste Europeu. Se a China vai se afirmando na direção de maior economia do mundo e aponta uma outra globalização (multipolar), o eixo da história se "re-orienta" como sagazmente Gunder Frank já havia colocado em seu livro do final dos anos 1990[7], após um lapso histórico de cinco séculos centralizado no Ocidente (Europa e

6 Compreendemos primeiramente a práxis no sentido da atividade objetiva, real e material do homem realizada socialmente. Essa categoria se torna fundamental para entendermos a transformação do ponto de vista espontâneo e instintivo que passa a ser permeada por razões teóricas, como superação de uma ação e consciência meramente empírica e voluntarista. Ou seja, a transformação de uma consciência ordinária/ingênua (espontânea/prática/empírica) elevada a uma consciência reflexiva, da ação permeada de teoria e dotada do espírito (consciência coletiva) das condições históricas objetivas. Ver: VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez, "Filosofia de la praxis", México, D.F: Juan Grijalbo, 1967; e KOSIK, Karel, "Dialética do Concreto", Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

7 Ver: FRANK, André Gunder, "Re-orientar: La Economía Global en la era del predomínio asiático", Valência: Universitat de Valencia, 2008.

depois EUA) se projeta para o ano 2050 que apenas EUA, Alemanha e Reino Unido comporão o núcleo das 10 maiores economias globais[8].

As grandes totalidades civilizacionais que podemos chamar de América Latina, China, Mundo Árabe, subcontinente Indiano despontam no revigoramento de suas nacionalidades em meio a decadência ocidental na conjuntura da pior crise do capital desde o fim da II Guerra, onde se intensifica o terror, a desordem e o desespero imperialista por matérias-primas, recursos naturais e transferência de mais-valia almejando reduzir os danos de uma crise orgânica encurralada em sua alta composição orgânica, no superendividamento e na dificuldade da mensuração do valor que implica numa própria crise do paradigma do valor[9].

A confluência entre questão nacional e marxismo tema que volta a tona de tempos em tempos desde a época do próprio Marx como veremos no primeiro capítulo da presente dissertação, para nós se estabelece com tema central de um plano de trabalho mais amplo, onde a pesquisa em torno de John William Cooke se coloca como ponto inicial em que nos oferece a possibilidade de um estudo que visa contribuir singelamente em duas vértices que cremos deficitário nas ciências sociais brasileira: a própria relação entre marxismo e a questão nacional e os estudos sobre Peronismo e História Política Argentina, que sustenta sua relevância sobre cinco aspectos:

1) O resgate de contribuições originais, autóctones e não colonizadas para o marxismo latino-americano e sua negociação com a tradição do pensamento nacional; 2) a crítica às vertentes eurocêntricas e dogmáticas do marxismo para a interpretação da realidade latino-americana; 3) o desconhecimento da abrangência política e da complexidade dos temas referentes ao Peronismo nas ciências sociais no Brasil; 4) a inserção no Brasil dos debates e formulações teóricas de pensadores e pensadoras do marxismo e do pensamento crítico argentino pouco explorados e pouco conhecidos no país, porém nos quais seus aportes possuem importância que transcendem os debates internos

8 As projeções do PWC preveem que em 2050 comporão as 10 maiores economias do mundo: 1º China, 2º Índia, 3º EUA; 4º Indonésia, 5º Brasil, 6º Rússia, 7º México, 8º Japão, 9º Alemanha, 10º Reino Unido, Ver: IMF for 2016 estimates, PwC for projections to 2050: disponível em: https://www.pwc.com/gx/en/world-2050/assets/pwc-world-in-2050-summary-report-feb-2017.pdf, acesso em 01/02/2021.

9 Ver: BEVILAQUA, Aluísio Pampolha, "A Crise Orgânica do Capital: O Valor, a Ciência e a Educação", Rio de Janeiro/Fortaleza: Inverta/Edições UFC, 2017.

nacionais/argentinos, e abarcam questões comuns para a região latino-americana como a convergência entre a questão nacional e o socialismo, o capitalismo dependente, as formas políticas *sui generis*, o colonialismo cultural, o caráter dos Estados latino-americanos, o conteúdo dos golpes de Estado, a atuação imperialista e das burguesias na região, e etc; 5) Por último, em Argentina encontramos grande parte dos capítulos de disputas, rivalidades e integração política, econômica e cultural com o Brasil, constituindo-se como os dois países que tiveram condições históricas de chegarem ao patamar de economias subimperialistas na região, como sinalizou Marini[10].

John William Cooke hoje mais lembrado como delegado pessoal de Perón depois do golpe de Estado de 1955, foi parlamentar, advogado, historiador, ensaísta, professor de economia política, participou de um capítulos célebres da Revolução Cubana: a batalha de Playa Girón (1961); fundou um dos primeiros agrupamentos políticos revolucionários influenciados por Cuba Socialista na Argentina: a *Acción Revolucionária Peronista* (ARP) em 1963 e estabeleceu um primeiro elo entre o Peronismo Revolucionário e a Revolução Cubana, assim como com diversos movimentos de libertação nacional e de luta pelo socialismo nos Três Continentes não-ocidentais. Sua obra foi realizada na ação política, portanto Cooke não publicou de forma acadêmica. Ainda que tenha sido professor titular de Economia Política na Universidad de Buenos Aires entre 1951-1955, a maior parte de seus trabalhos constituem em discursos, informes, análises de conjuntura, correspondências, o que torna sua produção negligenciada por estudos acadêmicos mesmo na Argentina, preterido ao estigma de "militante".

Filho de Juan Isaac Cooke chefe político da *Unión Cívica Radical* (UCR) de origem irlandesa, estudou direito na Universidad Nacional de La Plata, John militou durante sua tenra juventude na *Unión Universitária Intransigente* vinculada a UCR entre 1938-1943, no qual no final desse período tomou contato com o marxismo e as leituras do pensamento nacional, principalmente

10 Ver: MARINI, Ruy Mauro, "El eje militar Brasil-Argentina y el subimperialismo", Arauco nº 71, Santiago de Chile: dezembro de 1965, pp.19-25; MARINI, Ruy Mauro, "Dialética do desenvolvimento capitalista no Brasil", In: SADER, Emir (ORG.) "Dialética da Dependência, uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini", Petrópolis/Buenos Aires: Vozes/CLACSO, 2000, pp.49-72; GARCIA Pio, CUEVA, Augustin, MARINI, Ruy Mauro e SANTOS, Theotonio dos, "La cuestión del fascismo en América Latina", In: Cuadernos Políticos, nº18, México, D.F: Editorial Era, 1978, pp. 13-34.

do grupo F.O.R.J.A (Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina), tendo contato com o chamado revisionismo histórico argentino através da figura do historiador José María Rosa que foi seu professor e depois se tornaria grande amigo.

Esses três elementos: marxismo, nacionalismo e revisionismo histórico conformam para nós nesse trabalho o que chamamos de três fontes constitutivas do pensamento de Cooke, ideia obviamente abstraída do texto de Lenin "*As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*" (1913), onde trabalhamos com a ideia da multilinearidade em seu pensamento, negando qualquer possibilidade hipotética de rupturas epistemológicas como um divórcio entre um "Cooke nacionalista" e um "Cooke socialista"[11]. Nossa hipótese de trabalho é que essas três fontes compõem a arquitetura do pensamento cookiano e sua dinâmica, em que hora uma outra fonte prevalece, mas nenhuma delas desaparece em qualquer momento.

Cooke se integrou ao Peronismo desde o primeiro momento, e se elegeu deputado nacional em 1946 pela *Unión Cívica Radical – Junta Renovadora* que depois se somaria ao *Partido Laborista* e outros agrupamentos menores para conformar o *Partido Peronista*. Rejeitamos portanto, as teses macartistas como as de Jorge Rulli que postulam que Cooke se transforma num "castrista" depois do sucesso da Revolução Cubana[12]. Cooke na nossa perspectiva foi peronista e

11 Se trata de uma referência a "ruptura epistemológica" no pensamento de Marx proposta por Althusser que dividia o pensador alemão em "dois Marx": um "Marx humanista hegeliano" e um "Marx científico". Cooke ironizou a questão da seguinte forma: "Si en la obra-dé Marx hay,- obviamente aspectos que dejan margen a la diversidad bastante amplia de interpretaciones, en cambio la tesis del presunto desdoblamiento en los "dos Marx" (con sus variantes de viraje o evolución desde el idealismo humanista primaveral reyolucionaria a la sequedad de la materia, la economía y la ciencia) me parece uno de los mitos más desprovistos de sustención. Porque basta tener en cuenta cuál era la concepción de Marx sobre el conocimiento científico para que los Manuscritos y El Capital no sean los términos de una antinomia, ni siquiera de una rectificación de visual sino expresiones de un pensamiento que se despliega en momentos que son constitutivos y no negaciones recíprocas.": COOKE, John William, "Bases para una política cultural revolucionária", In: Rosa Blindada, ano 1, nº6, Buenos Aires: setembro-outubro de 1965, p.21; Ver ainda: ALTHUSSER, Louis, "Por Marx", Campinas: Unicamp, 2015.

12 Militante e dirigente histórico da Juventud Peronista e das primeiras Fuerzas Armadas Peronistas (FAP), Jorge Rulli comenta sobre as concepções de Cooke após a Revolução: "John William Cooke que había vuelto de la isla con un discurso absolutamente marxista-leninista, castrista oficial y que con lo cual no compartimos para nada, esta necesidad de poner más un pensamiento revolucionario o un instrumento revolucionario pero con apoyo de la gente, o sea, Cooke nos proponía una salida a través de un partido leninista armado que había organizalo en base en luchas críticas y ideológicas en el seno del peronismo una cosa que no compartíamos para nada, y lo había llevado a un grupo absurdo como ARP, un grupo absolutamente pequeño burgués, incoducente, que en aquél entonces solamente merecía nuestro escárnio más alla de lo que los seguirámos queriendo a Cooke, hablando con él, de que mantuvierámos una relación afectiva con él, pero los veíamos totalmente fuera de foco" : "Peronismo la memoria silenciada"; Direção de Juan Mendoza e Jorge Rulli: Argentina, 2012, minutos 54-56.

marxista desde 1945 ao menos, ainda que suas propostas estratégicas em torno do Peronismo tenham se modificado gradualmente de acordo com a conjuntura, migrando de posturas mais reformistas para um plano tático/estratégico revolucionário e insurrecional depois do golpe de 1955.

Essa suposta contradição entre Peronismo e Marxismo é para nós uma não contradição, um não problema que deixamos para os polemicistas arcaicos do "peronismo ortodoxo". Tampouco propomos através desse trabalho de apresentação do pensamento e trajetória de Cooke uma veneração de seu pensamento. Nem sempre a leitura dos fatos históricos pelo historiador se confunde com a visão da realidade do personagem que se debruça, cremos que recuperar é criticar, situar em seu tempo, em debate com os agentes e possibilidades históricas de sua época, seus juízos políticos, enfoques teóricos e metodológicos pertencem ao seu tempo e sua recuperação e atualização projetada para (re)pensar a atualidade de uma determinada contribuição depende da verificação das regularidades históricas dos fenômenos que são analisados na determinada contribuição e não por simples transposição automática.

Avaliamos a trajetória de Cooke desde o método dialético da história e do conceito de suprassunção *(aufhebung*) em Hegel, ou seja, que no trabalho de apresentação e recuperação se supõe o exercício de negar, conservar e elevar o que é negado, principalmente desde o momento da elevação (*aufheben*) que nos permite identificar os pontos ainda atuais da contribuição de Cooke e que se inscrevem na crítica histórica, assim como os debates e contribuições que se filiam na conjuntura, porém que não se tornam menos importantes pois permitem uma melhor contribuição de determinadas conjunturas e estabelecer a unidade dialética inseparável entre passado e presente.

Por outro lado, muito menos estipulamos uma dicotomia entre historiografia profissional científica e uma historiografia militante, consideremos que o rigor científico, os apontamentos das contradições do processo histórico não se conforma numa proposição de interpretação "neutralista". Acreditamos que a ciência é indivorciável da política (tomar partido), portanto nossa abordagem é profissional, acadêmica e militante concomitantemente, não há altercação entre teoria e *práxis*,

entre ciência e compromisso político, entendemos que mesmo a posição "apolítica" da abordagem científica é uma posição política, a posição da despolitização, da fossilização e esterilização da história, logo toda historiografia independente de ser acadêmica é uma historiografia militante, mesmo no labor mais individualista e isolado todo sujeito se organiza ou é organizado no mundo de forma política, mesmo que essa forma seja a forma alienada e alienante.

As preocupações com o rigor científico e metodológico que se voltam a contribuir para a historiografia e as ciências sociais se fundem com a preocupação com os rumos das lutas sociais desde o elo da abordagem latino-americanista e crítica. Praticidade e teoricidade constituem uma inerência, e por isso estudamos tanto a história política argentina dentro do recorte cronológico estabelecido e a trajetória política de Cooke, assim como suas formulações teóricas, não como campos separados que poderiam ser chamados de História Política ou História das Ideias, mas sim desde uma unidade dialética entre matéria e espírito, sujeito e objeto, produto e produtividade.

Adotamos como método de pesquisa o esquema exposto nos *Grundrisse* (1857-1858) de Marx em um tópico intitulado "*Método para a economia política*", onde expende o caminho da investigação desde a síntese: do concreto ao abstrato, do abstrato ao concreto pensado[13]. Ou seja, o percurso teve um duplo ponto de partida: a análise concreta da realidade econômica, política e social da Argentina no período histórico investigado (1943-1955), onde me debrucei sob os aspectos particulares que compõe o cenário de época e as possibilidades de atuação dos agentes da história que se inserem no contexto. Nos apoiamos ainda nos estudos sobre a objetividade na História por Adam Schaff, onde os fatos históricos consistem para nós como um ponto de chegada, não como um ponto de partida[14], quer dizer, partirmos dos elementos mais concretos possíveis: a formação social, a formação econômica, a correlação de forças políticas de classes e suas organizações, etc, e através do exame das fontes primárias e estudos bibliográficos se sucedeu a um segundo passo, ao momento da abstração. Somente nesse segundo momento pudemos escolher as

13 MARX, Karl, "Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboço da crítica da economia política", São Paulo: Boitempo, 2011, pp.44-46.
14 SCHAFF, Adam, "História e Verdade", São Paulo: Martins Fontes, 1983, pp. 203-266.

categorias conceituais que melhor corresponderam ao exame do concreto.

Seguindo as indicações de investigação em Ciro Flamarion Cardoso, Héctor Pérez Brignoli[15] e também na sociologia crítica de Alberto Guerreiro Ramos[16], evitamos o uso de transposições mecânicas, critérios metodológicos e conceitos elaborados para outras realidades, que muitas vezes são usadas de formas dedutivistas, ou seja, como se tivessem validez universal, que se soma a sincronia com os últimos modismos que nem sempre correspondem ao problema investigado e o sincretismo onde se busca que o objeto dê conta do conceito e não o inverso, o que acaba acarretando na alienação, na falta de objetividade e no anacronismo.

O presente trabalho é o primeiro ao investigar a figura de John William Cooke dentro da academia brasileira, se colocando como um pioneiro estudo sobre as vertentes revolucionárias e marxistas no interior do Peronismo, principalmente sendo abordada de uma perspectiva marxista da história. Na Argentina os primeiros trabalhos em torno de Cooke se remontam a compilação das primeiras "*Obras Completas*" organizadas por Alicia Eguren entre 1971-1972, trabalho que foi crucial para a continuidade dos estudos dos textos cookianos entre as organizações políticas peronistas e de militantes de base ao longo dos anos posteriores. Mesmo com o apagamento de sua figura no posterior processo de redemocratização (1983), Cooke ainda que pouco lembrado entre as figuras do Peronismo desde então, nunca deixou de ser lido, e grande parte desse feito se deve também ao trabalho mais recente realizado por Eduardo Duhalde (1932-2012) que militou ao lado de Cooke e reorganizou suas "*Obras Completas*", que foram relançadas em 2008 em 5 Tomos, onde Duhalde recuperou inúmeros textos inéditos de Cooke.

Na preservação da memória e das contribuições político-teóricas de Cooke ocuparam um papel importante trabalhos redigidos por militantes históricos da Esquerda Peronista como as biografias escritas por Norberto Galasso "*Cooke: de Perón al Che*" (1997) e Ernesto Goldar "*John*

15 CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Héctor Pérez, "Os Métodos da História", Rio de Janeiro: Graal,1979, pp.63-67.
16 RAMOS, Alberto Guerreiro, "Notas para un estudio crítico de la sociología en Brasil", In: BRASIL, Antonio e BRINGEL, Breno (org.), "Antología del pensamiento crítico brasileño contemporáneo", Buenos Aires: CLACSO, 2018, pp.33-45.

William Cooke y el peronismo revolucionário" (1983), no qual são trabalhos imprescindíveis para a leitura de trajetória política de Cooke, porém repletos de ficções orientadoras de determinados agrupamentos políticos e leituras oficiais da história do Peronismo, e que portanto devem ser lidos com determinados cuidados críticos. Se soma a uma recuperação pública da figura de Cooke o excelente documentário "*Alicia & John, el peronismo olvidado*" (2009)[17] de direção de Carlos Castro e que conta com inúmeros depoimentos de militantes e familiares que conviveram com Eguren e Cooke e traça uma perspectiva de um projeto peronista revolucionário no casal que não foi retomado pelas gerações peronistas posteriores aos anos 1970. No filme Cooke aparece como uma sombra que incomoda as perspectivas reformistas e conciliadoras no interior do Peronismo, que é indesejável de ser lembrada, ou até mesmo indigesta.

Para além da perspectiva do "esquecimento" ou da não retomada, esteve a perspectiva da "heresia", esse é o aporte do historiador Miguel Mazzeo que se dedica desde os anos 1990 a um estudo sistemático da vida e obra de John William Cooke, organizando trabalhos coletivos como "*Cooke, de vuelta (el gran descartado de la história argentina)*" (1999), compilação de textos inéditos como "*John William Cooke, Textos Traspapelados (1957-1961)*" (2000), além da mais recente coletânea de ensaios "*El Hereje. Apuntes sobre John William Cooke*" (2016). A tese fundamental de Mazzeo sobre Cooke é que a junção entre Peronismo e Marxismo o transformou num "herege de duas igrejas", anômalo frente a normalidade burocrática e eloquente demais frentes aos dogmáticos tanto em parte de algumas tradições marxistas e quanto da ortodoxia nacionalista. Mazzeo sem dúvida consiste hoje na principal autoridade dos estudos sobre a obra e trajetória de Cooke, sem esquecer obviamente de Roberto Baschetti, sociólogo e militante histórico do Peronismo que organizou inúmeros livros sobre militantes, episódios e documentos da Resistência Peronista, e teve o trabalho de catalogar todas as publicações de Cooke. A presente pesquisa também conta com documentos do arquivo pessoal de Baschetti, a qual tive acesso graças ao intermédio do professor Dr. André Queiroz e a gentiliza de Baschetti que me acolheu em sua casa

17 "Alicia & John, el peronismo olvidado", Direção de Carlos Castro: Argentina, 2009, 90 min.

para o trabalho de investigação.

Dos trabalhos mais recentes destacamos o estudo minucioso de Aritz Recalde sobre as correspondências entre Cooke-Perón "*El pensamiento de John William Cooke en las cartas a Perón, 1956-1966*" (2009) e a biografia de "*John William Cooke. La Mano Izquierda de Perón*" de Daniel Sorin, que traz uma abordagem mais próxima da novela histórica que da biografia política, e se configura numa fonte bibliográfica de segundo plano, ainda que interessante para conhecer o personagem. Além de inúmeros trabalhos no âmbito acadêmico que se enfocam em temáticas muito específicas em torno da trajetória de Cooke como as teses de Melina Adelchanow sobre o revisionismo histórico na obra e discursos de Cooke intitulada "*John Wiliiam Cooke y su visión del pasado argentino. Reflexiones entre la historia y la política*" (2005) e o trabalho de Cristian Leonardo Gaude sobre a ação parlamentar de Cooke intitulada "*El peronismo republicano: John William Cooke en el Parlamento Nacional*", dois trabalhos que em última instância enfocam exclusivamente numa fase reformista da trajetória de Cooke.

Nosso trabalho se debruça sob os arquivos de John William Cooke e Alicia Eguren localizado na Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina). Arquivo que foi preservado por Carlos Lafforgue, militante e quadro político peronista que foi íntimo colaborador político e intelectual de Cooke e Eguren, preservando essa documentação durante um largo período de clandestinidades e perseguições políticas, concedendo à Biblioteca Nacional Argentina em 2016 com permissão de Pedro Gustavo Catella, filho de Alicia Eguren e seu único herdeiro. Tal arquivo conta com 25 caixas de material, na maior parte inédito, entre manuscritos de artigos e estudos, informes políticos, correspondências políticas e pessoais, documentos pessoais e partidários e memorabilia, e que tive oportunidade de trabalhar durante o primeiro semestre de 2020.

Ademais, foi consultado inúmeros documentos no *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas* (CEDINCI), também localizado em Buenos Aires, onde além de ter acesso a um pequeno arquivo pessoal de John William Cooke referente a

correspondências e informes do primeiro período da Resistência Peronista (1955-1959). No CEDINCI tive acesso ainda a coleções de revistas e dezenas de jornais de diversos agrupamentos políticos peronistas e da esquerda marxista. E como já citado ainda tive a oportunidade de pesquisar no arquivo pessoal de Roberto Baschetti, que é um dos mais destacados pesquisadores da história do peronismo e do período histórico conhecido como Resistência Peronista (1955-1973), autor e organizador de dezenas de livros sobre o tema, em destaque a obra "*Documentos de La Resistência Peronista*" em 7 tomos. Em sua casa e acervo pessoal localizado no conurbano bonaerense, tive acesso a inúmeras caixas de arquivo contendo recortes de imprensa, manuscritos e correspondências de John William Cooke e outros militantes e dirigentes do peronismo revolucionário e da esquerda nacional como Hernandéz Arregui, Rodolfo Puiggrós, Abelardo Ramos, entre outros.

O presente trabalho se configura na primeira parte de um trabalho mais logo que será prosseguido pelo projeto de tese doutoral "*Alicia Eguren e John William Cooke: Resistência Peronista, Libertação Nacional e Socialismo na Argentina (1955-1977)*", que abarcará a figura de Alicia Eguren, no qual durante as pesquisas nos arquivos do Fundo Eguren-Cooke se averiguou que seria indivisível as formulações e trajetórias de Cooke das de Alicia Eguren a partir de 1955, onde uma de nossas hipóteses consiste justamente que Eguren foi uma continuadora e desenvolvedora da obra cookiana após sua morte em 1968. Na dissertação nos atemos portanto até o período de 1955, recorte cronológico alias que é o menos explorado em biografias e pesquisas em torno de Cooke por ser um dos que possuem fontes primárias mais escassas, além de não estar situado os episódios históricos mais conhecidos da trajetória política e obra teórica de Cooke, ou seja, anterior a ser delegado pessoal de Perón ou ter participado da resistência de invasão mercenária na Baía de Cochinos em Cuba (1961) e ter colaborado politicamente com Guevara e Fidel Castro.

O trabalho se estrutura em três capítulos que podem ser lidos de diversos modos e formas: 1) Em sua estrutura organizada pelo autor que segue uma sequência cronológica a partir da periodicidade histórica da Argentina e da trajetória de John William Cooke; 2) pode ser lido em

outras ordens de acordo com o interesse temático do leitor sem prejuízo da totalidade. Ademais, o trabalho pode ter sua leitura encarada por quatro chaves de acordo o interesse principal do leitor: a) como uma biografia política de John William Cooke circunscrita ao período de 1943-1955; b) uma história política do primeiro peronismo (1945-1955); c) uma história das ideias do marxismo e do pensamento nacional na Argentina no lapso temporal entre os golpes de 1930 e de 1955; d) como um estudo histórico de conjuntura das lutas de classes, da econômica e da geopolítica Argentina e da América Latina entre os anos 1930 até meados dos anos 1950.

O primeiro capítulo se divide em duas partes: A primeira busca de forma breve recuperar em Marx suas múltiplas percepções da questão nacional, como elemento embasador de uma concepção marxista não-eurocêntrica e formulada desde a realidade dos países dependentes, coloniais e semicoloniais. O segundo ponto traça um duplo panorama: do contexto histórico econômico-social que possibilita o surgimento do Peronismo como fenômeno político *sui generis* latino-americano e como decorrência se apresenta alguns apontamentos para pensar a formação intelectual de John William Cooke e a passagem de suas visões liberais de juventude para o pensamento nacionalista e anti-imperialista.

O segundo capítulo centra em investigar as interpretações do passado histórico argentino nos discursos e textos parlamentares de Cooke durante o período que ocupou o cargo de Deputado Nacional (1946-1952). Dessa forma, se almeja compreender como através do revisionismo histórico Cooke interpretou o processo de liberação nacional como uma luta de longa duração no qual sua dinâmica está repleta de movimentos de interrupções e continuidades não lineares. Na segunda parte do capítulo exploramos o episódio da expropriação do jornal *La Prensa* (1951), principal veículo de comunicação opositor ao governo Perón, e como Cooke encabeçou o encapamento junto a Eva Perón na linha de frente da justificação da expropriação e posterior concessão do jornal *La Prensa* à CGT e ao Sindicato de Vendedores de Diarios, Revistas y Afines. Para nós os discursos e propostas de Cooke sobre o tema possuía perspectivas semelhantes as que Lenin teve nos seus

escritos sobre imprensa e liberdade de imprensa.

O capítulo terceiro e último se debruça sob a atuação de Cooke como diretor do semanário *De Frente* (1952-1955) e suas leituras sobre as claudicações e contradições que atingiam o governo peronista no seu segundo mandato. Através dos escritos de Cooke em *De Frente* é possível ler ainda suas visões de conjuntura latino-americana no contexto da Revolução Boliviana em 1952, do suicídio de Vargas em 1954 e do golpe na Guatemala também em 1954, onde fica nítido uma visão mais acentuada do marxismo em suas leituras políticas. O capítulo termina explorando a participação de Cooke na resistência aos movimentos golpistas de 16 de junho e 19 de setembro de 1955 que levaram a queda de Perón e a instauração da ditadura autointitulada como *Revolución Libertadora.* Nas últimas páginas se aponta sinteticamente os direcionamentos políticos e teóricos de Cooke após o golpe de Estado de 1955.

Ademais, os três capítulos podem ser divididos por ênfase em cada uma das três fontes compõe o pensamento de Cooke: no primeiro capítulo o marxismo e alguns apontamentos para pensar suas vertentes não-colonizadas, criativas e não copiadas segundo as particularidades da realidade concreta em que se elabora; no segundo capítulo há uma ênfase no revisionismo histórico argentino, corrente historiográfica pouco conhecida no Brasil, assim como determinados episódios que são reivindicados nas suas diversas construções do ideário nacional de acordo as suas subvertentes; Por último, no terceiro capítulo se aborda uma análise sobre os nacionalismos latino-americanos dos inúmeros projetos que convulsionaram o panorama regional durante os anos 1940 e 1950 e onde se discute através dos artigos de Cooke seus esgotamentos e limites históricos correlacionado a nova dinâmica do capitalismo global e os interesses do imperialismo estadunidense.

Ao longo dessa pesquisa trabalhamos com inúmeros tipos de materiais como jornais de grande circulação e jornais vinculados a partidos políticos, correspondências, manuscritos, revistas de variedades, teóricas e partidárias, informes, relatórios de serviços de inteligência

desclassificados, fontes cinematográficas documentais e ficcionais, no qual para um diverso leque de fontes cada uma foi trabalhada sob a metodologia mais adequada e sempre cruzada com fontes de outros tipos e origem. Infelizmente devido a pandemia de COVID-19 não podemos ter acesso a alguns materiais como a revista *Mondo Peronista* e o periódico *Democracia,* nem conseguir levar até o final a checagem do Fundo Eguren-Cooke, que esperamos completar na continuidade da tese doutoral, ou mesmo ter acesso aos 95 números do semanário *De Frente* que se encontram espaçados em vários arquivos particulares e públicos. Deixamos aqui nosso pesar pelos familiares e amigos dos mais de 350 mil falecidos por COVID no Brasil até o momento em que se fecha essa dissertação, vítimas da barbárie neoliberal.

Capítulo 1:

A concepção de um Gigante Invertebrado (1930-1945)

1.1 Para um marxismo não colonizado e eurocêntrico: Marx e a questão nacional

> "El único nacionalismo auténtico es el que busque liberarnos de la servidumbre real. Ese es el nacionalismo de la clase obrera y demás sectores populares, y por eso la liberación de la Patria y la revolución social son una misma cosa, de la misma manera oligarquía y semicolonia son también lo mismo". (John William Cooke, "El peronismo y la Revolución Cubana", 1961)

"*Se vocês removerem o Exército Britânico amanhã e hastearam a bandeira verde sobre o Castelo de Dublin a não ser que vocês organizem uma república socialista seus esforços terão sido em vão*". Demian personagem do filme *The Wind that Shakes the Barley* (2006)[18] cita James Connolly[19] (líder da luta de libertação nacional irlandesa) enquanto divide sua cela com o maquinista Dan, na véspera de serem fuzilados juntos a outros militantes do Irish Republican Army (IRA). Dan completa a cita de Connolly "*A Inglaterra ainda governaria você. Ela governaria você através de seus capitalistas, de seus proprietários, de seus financiadores, de toda a gama de instituições comerciais e individualistas*"[20].

O socialismo nacionalista de Connolly parecia navegar na contracorrente do lema de Marx e Engels no *Manifesto Comunista* onde proclamavam que os "*proletários não tem pátria*"[21],

18 "The Wind That Shakes the Barley", Direção de Ken Loach: Irlanda/Inglaterra/Alemanha/Italia, 2006, 127 min, Renomeado no Brasil como "Ventos da Liberdade", a cena citada se refere aos minutos 42 e 43 da película.

19 James Connolly (1868-1916) foi um líder nacionalista e socialista da causa da independência irlandesa, além de um dos criadores do Exército Civil Irlandês foi histórico dirigente do Partido Republicano Socialista Irlandês, e inspirou a formação futura do IRA em 1919 e outros agrupamentos revolucionários pelo direito a autodeterminação dos povos em regiões como a Galícia e no País Basco, além de ter despertado profunda admiração em revolucionários como V.I. Lênin.

20 A sentença completa e original é: "If you remove the English army to-morrow and hoist the green flag over Dublin Castle, unless you set about the organisation of the Socialist Republic your efforts would be in vain. England would still rule you. She would rule you through her capitalists, through her landlords, through her financiers, through the whole array of commercial and individualist institutions she has planted in this country and watered with the tears of our mothers and the blood of our martyrs." In: CONNOLLY, James, "Socialism and Nationalism" (1897) disponível em: https://www.marxists.org/archive/connolly/1897/01/socnat.htm ; acesso em 27/06/2020.

21 Assim como a sentença "A religião é o ópio do povo" a frase "os proletários não tem pátria" geralmente é deslocada da integridade de seu texto, vejamos como se completa o parágrafo: "Los obreros no tienen patria. No se les puede arrebatar lo que no poseen. Mas, por cuanto el proletariado debe en primer lugar conquistar el poder político, elevarse a la condición de clase nacional, constituirse en nación, todavía es nacional, aunque de ninguna manera en el sentido

antecipando e influenciando os escritos de Lenin sobre a autodeterminação dos povos. Connolly considerava que a luta de independência irlandesa sem uma organização da sociedade em bases socialistas, dificilmente ultrapassaria os limites da formalidade jurídica no qual o domínio econômico inglês continuaria prevalecendo em formas neocoloniais ou dependentes. Desse modo, seria compreensível em Connolly que o nacionalismo instrumento ideológico fundamental da formação dos Estados modernos europeus revertia seus efeitos nas nações subjugadas por outras, criando uma possibilidade libertadora, no qual o direito pela existência e o reconhecimento pleno de sua humanidade seria conquistado através de um processo de libertação de caráter nacional que abriria a brecha para uma revolução social.

E como se coliga a questão nacional e a revolução social no marxismo? Não seria Marx um autor eurocêntrico e que nega o conteúdo patriótico nos processos revolucionários dirigidos pela classe trabalhadora? O Internacionalismo proletário não teria como uma de suas tarefas estratégicas a eliminação dos antagonismos nacionais?

Como sinaliza José Aricó houve pelo menos 3 fases distintas do pensamento de Marx no que se refere a questão nacional. É correto segundo a leitura crítica de Aricó que dentre essas três fases, a primeira que é situada entre 1847 e 1856 (fim da Guerra da Crimeia)[22] Marx combina um repúdio moral aos crimes do colonialismo, ao mesmo tempo que realiza uma justificação teórica do fenômeno, como se o colonialismo tivesse um papel progressista na História, vejamos.

Em 1853 Marx escreveu uma série de artigos para o jornal *New York Daily Tribune*[23] sobre a dominação britânica na Índia, além de artigos sobre China e Pérsia. Nesses artigos é possível ver um Marx que evoca traços positivos no livre-cambismo como elemento pujante da ampliação do mercado mundial e logo na formação do proletariado como classe universal: "*La liberdad*

burgués. El aislamiento nacional y los antagonismos entre los pueblos desaparecen de día en día con el desarrollo de la burguesía, la libertad de comercio y el mercado mundial, con la uniformidad de la producción industrial y las condiciones de existencia que le corresponden." MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, "Manifiesto del Partido Comunista", Cidade do México (D.F): Partido Comunista de México, 2014, p.34.

22 ARICÓ, José, "A modo de Introducción" In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, "Materiales para la história de América Latina", Córdoba: Cuardenos de Pasado y Presente,1972, p.7

23 Marx colaborou com o jornal estadunidense New York Daily Tribune entre 1848 e 1862, publicando cerca de 350 artigos, cujo maior parte é sobre comércio britânico, China, Índia, Rússia e EUA.

comercial aceleraba la revolución social"[24], assinalou Aricó. Nesse contexto a consigna de Marx "proletários do mundo uni-vos" estava relacionada aos países que tinha proletários, portanto sequer válida para todos as regiões da Europa daquele tempo.

Voltando aos artigos sobre Índia há de fato em Marx o que Edward Said chama de "Orientalismo"[25], marcada por uma visão romântica (exotérica) das sociedades não-ocidentais[26]. Para Marx naquela conjuntura a Inglaterra através da Companhia das Índias Orientais possuía uma missão destruidora e ao mesmo regeneradora[27], onde os colonos ingleses conduziriam a Índia à condição de civilidade ocidental. Vejamos um exemplo do "orientalismo" em Marx, contido nesse recorte temporal estabelecido Aricó:

> Ora, por mais triste que seja para o sentimento humano testemunhar estas miríades de organizações sociais industriosas, patriarcais e inofensivas desorganizadas e dissolvidas nas suas unidades [constitutivas], atiradas para um mar de sofrimentos, e os seus membros individuais a perderem ao mesmo tempo a sua antiga forma de civilização e os seus hereditários meios de subsistência, não podemos esquecer que estas idílicas comunidades aldeãs, por muito inofensivas que possam parecer, foram sempre o sólido alicerce do despotismo oriental, confinaram o espírito humano ao quadro mais estreito possível, fazendo dele o instrumento dócil da superstição, escravizando-o sob o peso de regras tradicionais, privando-o de toda a grandeza e de toda a energia histórica. Não podemos esquecer o egoísmo bárbaro que, concentrando-se nalgum mísero bocado de terra, foi calmamente testemunha da ruína de impérios, do perpetrar de crueldades sem nome, do massacre da população de grandes cidades, sem lhes dedicar mais

24 ARICÓ, José, Op.Cit (1972), p.7.
25 Said define o Orientalismo como "um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o "Oriente" e (na maior parte do tempo) o "Ocidente": SAID, Edward, "O Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente", São Paulo: Companhia das Letras, 2003,p.16.
26 Não sabemos se por desconhecimento ou intencionalidade Said não examina nenhum texto de Marx posterior à 1857 onde o pensador alemão promove uma profunda reformulação em torno da questão nacional, da questão racial e das sociedades não-ocidentais, que como veremos por diante permitem retirar Marx do rol dos "orientalistas".
27 "A Inglaterra tem uma dupla missão a alcançar na Índia: uma destrutiva, outra regeneradora - aniquilação da velha sociedade asiática e a instalação dos fundamentos materiais da sociedade ocidental na Ásia.": MARX, Karl, "Os resultados eventuais da Dominação Britânica na Índia" (1853), disponível em: https://www.marxists.org/portugues/marx/1853/07/22.htm ; acesso em: 07/07/2020.

> consideração do que aos acontecimentos naturais, [sendo, afinal,] ele próprio presa indefesa de qualquer agressor que se dignasse dar por ele. Não podemos esquecer que esta vida indigna, estagnada e vegetativa, que esta espécie de existência passiva, desencadeava, por outro lado, em contrapartida, forças de destruição selvagens, sem objetivos e sem limites, e tornavam o próprio assassínio um rito religioso no Indostão. Não podemos esquecer que estas pequenas comunidades estavam contaminadas por distinções de casta e pela escravatura, que subjugavam o homem às circunstâncias exteriores em vez de o elevarem a senhor das circunstâncias, que transformavam um estádio social em auto-desenvolvimento num destino natural nunca mutável e ocasionavam, assim, um culto da natureza brutalizador, que exibia a sua degradação no facto de o homem, o senhor da natureza, cair de joelhos em adoração de Kanuman, o macaco, e Sabbala, a vaca.[28]

A análise de Marx nesse contexto além de marcada por uma acentuada presença da dualidade "civilização" e "barbárie", onde a categoria "civilização" aparece no mesmo sentido aplicado por Fourier como sinônimo do estágio histórico correspondente a sociedade burguesa, enquanto os conceitos de "selvagismo" e "barbárie" aparecem como o equivalente histórico do pré-capitalismo (conceito de questionável utilização para sociedades não-europeias). A caracterização de Marx sobre a Índia anterior ao aparecimento do livro "*A Sociedade Antiga*" (1877) do antropólogo Lewis Morgan ainda contém traços da elaboração mais conservadora de Hegel, as concepções de "povos sem história", estagnação e de fatalidade histórica[29].

> A sociedade indiana não tem qualquer história, pelo menos história conhecida. O que chamamos de história não é a história dos invasores sucessivos que fundaram seus impérios sobre a base passiva desta sociedade imóvel e sem resistência. A questão não é, portanto, a de saber se os ingleses têm direito de conquistar a Índia,

28 MARX, Karl, "A dominação Britânica na Índia", In: MARX, Karl, "Obras Escolhidas, Tomo I", Lisboa/Moscou: Avante/Progresso, 1982, p.513.

29 Para Fernández Retamar com a aparição do livro de Morgan, Marx e Engels vão modificar seu entendimento do conceito de "civilização", para Morgan "la 'civilización' se extiende desde la invención del alfabeto fonético y el empleo de la escritura hasta el tiempo presente".: RETAMAR, Roberto Fernández, "Algunos usos de civilización y barbarie", Havana: Ocean Sur, 2013, p.122.

> mas se devemos preferir a Índia conquistada pelos turcos, pelos persas, pelos russos, à Índia conquistada pelos britânicos.[30]

Além da presença do já citado progressismo histórico como desencadeamento da dualidade "civilização e barbárie" através da crença do desenvolvimento das forças produtivas na Índia a partir da dominação britânica, os aspectos europeístas de Hegel aparecem como substrato cultural vivo. Ao inverter a lógica do historicismo, da História como uma sucessão de fatos acumulativos e lineares, Marx avança na direção de construção do saber histórico como ciência, ao subordinar o estudo do passado ao ponto de partida das indagações que se levantam no "tempo presente", ou seja que o estudo do processo histórico somente é plenamente possível na medida em que é realizado as potencialidades de seus efeitos e desdobramentos, onde o presente se estabelece como a síntese do processo: "anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco".

Na contradição desse avanço de sistematização para um estudo dialético e científico da História, Marx em processo de suas construções enxergava as formas ulteriores inglesas como os possíveis resultados do colonialismo na Índia, parecia Marx ainda não identificar as particularidades da formação social indiana e os efeitos particulares de sua inserção subalterna no mercado mundial através da violência neocolonial. A equação se simplificava na destruição do "selvagismo" e da "barbárie" (pré-capitalistas) pela "civilização" burguesa, e como veremos muitos marxistas da época da II Internacional (e em alguns casos se estendendo pelos PC's europeus e pelo marxismo ocidental) se apegaram aos escritos de Marx desse período ou os ressuscitaram de forma oportuna acabando por fantasiar o marxismo em apologia do colonialismo, do fatalismo do processo civilizatório e de uma teoria da modernização.

> Eu sei que a oligarquia manufatureira inglesa não deseja dotar a Índia de estradas de ferro senão na intenção exclusiva de tirar-lhe a menores custos o algodão e outras matérias primas para suas manufaturas. Mas uma vez que tenha introduzido as máquinas como meio de locomoção em um país que possui o ferro e o carvão,

30 MARX, Karl, "Os resultados eventuais da Dominação Britânica na Índia" (1853), disponível em: https://www.marxists.org/portugues/marx/1853/07/22.htm ; acesso em: 07/07/2020.

> torna-se incapaz de mantê-los excluídos da fabricação. Não se pode manter uma rede de estradas de ferro num imenso país, sem introduzir os processos industriais necessários para satisfazer as necessidades imediatas e correntes da locomoção por via férrea, e daí deverá desenvolver-se também a aplicação de máquinas nos ramos da indústria sem relação direta com as estradas de ferro. Portanto, as estradas de ferro tornar-se-ão na Índia os arautos da indústria moderna. O que é ainda mais certo é que os hindus são, como admitem as próprias autoridades britânicas, particularmente dotados para se adaptar a um trabalho inteiramente novo e adquirir o requerido conhecimento das máquinas. Ampla prova nos é dada pelas capacidades e habilidade dos mecânicos indígenas, na Moeda de Calcutá, empregados há anos fazendo funcionar a maquinaria a vapor, e pelos indígenas manuseando diversos mecanismos a vapor nos distritos carboníferos de Hardwar, além de outros exemplos. O próprio Mister Campbell, que é tão influenciado pelos preconceitos da Companhia das Índias, é obrigado a reconhecer "que a grande massa do povo indiano possui uma grande energia industrial, que ela é dotada para acumular capital e destacada por um espírito de grande clareza matemática e de disposição para o cálculo e as ciências exatas". Seu intelecto, diz ele, é excelente.[31]

O interessante que nesse mesmo ano de 1853 nos artigos de Marx sobre China, o pensador alemão mostra uma visão muito mais complexa e nada caricatural, ainda que marcada por traços "orientalistas" e logo eurocentristas. Em seu artigo a "*Revolução na China e na Europa*"[32] também publicada no *New York Daily Tribune*. Marx avaliava os efeitos da I Guerra do Ópio (1839-1842)[33]

---

31 Idem.

32 MARX, Karl, "Revolução na China e na Europa", In: Verinotio - Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, Ano XII, Abril de 2017, v. 23 . n. 1, pp.343-350.

33 As duas Guerras do Ópio foram conflitos travado entre o Império Quing e o Império Inglês, entre 1839-1842 e 1856-1860, onde a Inglaterra visava a abertura comercial da China (que possuía uma postura protecionista até então), sobretudo reivindicando o livre comércio do ópio no interior da China, tráfico que ao ser introduzido na China reverteu a balança comercial entre britânicos e chineses, onde até então os ingleses eram deficitários perante o Império chinês. Como um dos resultados da Guerra do Ópio está a concessão de Hong Kong ao domínio inglês, situação que perdurou até 1997 quando retornou Hong Kong à República Popular da China. Ver: MONIZ BANDEIRA, Egas, "China and the Globalisation of Constitutions: Constitutional Thought in the Qing Empire (1838–1911)", disponível em: https://www.academia.edu/40840271/China_and_the_Globalisation_of_Constitutions_Constitutional_Thought_in_the_Qing_Empire_1838_1911, acesso em 07/07/2020.

e do início da Revolução Taiping (1851-1864)[34] considerando que a Revolução na China teria implicações globais devido à dependência que a Inglaterra e outros países europeus passaram a ter do acesso as mercadorias produzidas no Oriente, como o chá, a seda, a porcelana, o milho, o trigo e o centeio numa condição onde a China se constituía como espaço vital global da produção de *commodities*, além do gigantesco montante do comércio do ópio e domínio estratégico portuário do Cantão, Xangai, Xiamen, Liampó e Fuzho pelos britânicos. A potencialidade das implicações de uma Revolução na China forneceria condições objetivas para a própria Revolução na Europa, provocadas por uma grande crise do capital. Desse modo, a "Periferia" daria as condições revolucionárias para o "Centro" e não o contrário.

Posteriormente em "*O Capital*" (1867), mas especificamente no capítulo sobre o "Fetiche da Mercadoria" Marx retoma seu reconhecimento e entusiasmo pelo processo revolucionário na China, ao comparar a rebelião anticolonial e antidinástica liderada por Hong Xiuquan com a imobilidade do movimento revolucionário europeu após as derrotas dos movimentos de 1848, diria: *No entanto, a mesa continua sendo madeira, uma coisa sensível e banal. Mas tão logo aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa sensível-suprassensível. Ela não só se mantém com os pés no chão, mas põe-se de cabeça para baixo diante de todas as outras mercadorias, e em sua cabeça de madeira nascem minhocas que nos assombram muito mais do que se ela começasse a dançar por vontade própria*[35]. A citação aparentemente desconexa de uma relação entre o movimento revolucionário europeu e a guerra anticolonial na China, é explicada por Marx na nota de rodapé da primeira edição de "Capital", situando Marx que depois do fracasso dos movimentos de 1848, a Europa se voltava para uma proximidade ao espiritismo e ao idealismo, particularmente

34 A Rebelião Taiping (1851-1864) foi uma guerra de caráter anticolonial liderado pelo chefe messiânico Hong Xiuquan, que se proclamou irmão de Jesus Cristo e almejava formar um governo de tipo de modernizante ao mesmo tempo influenciado por aspectos igualitários do cristianismo primitivo, proclamando o Reino da Paz Celestial em 1851 após dominar com seus seguidores a região do Cantão. Contra as forças Hong Xiuquan se uniram o Império Quing, o Império Britânico e a França, no processo desse conflito bélico se calcula a morte de mais 30 milhões de chineses, se configurando no segundo maior conflito bélico da história somente superado pela II Guerra Mundial. Ver: WAGNER, Rudolf, "Understanding Taiping Christian China: Anology, Interest and Policy", In: KOSCHORKE, Klaus (org.), "Christen und Gewürze: Konfrontation und Interaktion kolonialer und indigener Christentumsvarianten", Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht in Gottingen, 1998, pp.132-157.

35 MARX, Karl, "O Capital. Crítica da Economia Política, Livro I" São Paulo: Boitempo, 2011, pp.176-177.

pelo entusiasmo da prática com o "tabuleiro Ouija"[36]. Enquanto no Oriente: "*Vale lembrar que a China e as mesas começaram a dançar quando todo o resto do mundo ainda parecia imóvel – pour encourager les autres [para encorajar os outros].*"[37]

Dentro desse primeiro período (1847-1856) apontado por Aricó aparecem também os polêmicos artigos de Marx sobre a Guerra expansionista dos EUA contra o México[38]. Escritos esses que apontam no pensamento de Marx uma visão progressista e um vislumbre com o desenvolvimento dos EUA, com o seu crescimento e densidade populacional, com a integração territorial promovida pelas ferrovias e da circulação de mercadorias pelos navios a vapor. "*Realmente, se puede decir que el mundo comienza a ser redondo, por vez primera, desde que existe la necesidad de estos viajes oceánicos universales de vapores.*"[39], admiram Marx e Engels o desenvolvimento da modernidade capitalista[40].

Aricó ainda apontava mais duas fases no pensamento de Marx sobre a questão nacional. De 1856 até 1864 (fundação da I Internacional): Uma fase de transição, onde haveria uma revisão no pensamento de Marx sobre a relação entre as potenciais industriais e as regiões coloniais e semicoloniais e o reconhecimento do direito desses povos em resistirem à dominação externa e outra fase de 1864 até 1883 (morte de Marx), onde Aricó exemplifica novamente a questão nacional em Irlanda, situando que em 1848 Marx defendia a aliança entre os povos de Irlanda e Grã-Bretanha (Carta da Associação Democrática de Bruxelas) e já em 1867 considera inevitável a

36 Jogo de mesa necromântico, ou seja, que visa a comunicação com espíritos e práticas de levitação de objetos. A prática ganhou extrema popularidade nos EUA e na Europa depois de um episódio ocorrido em 1848 em Nova Iorque, quando as irmãs Fox (Kate, Leah e Margareth) supostamente teriam se comunicado através do jogo com um ex-morador da casa em que viviam, "revelando" um homicídio ocorrido no local.
37 MARX, Karl, Op. Cit (2011) p.891.
38 Ver: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, "Materiales para la história de América Latina", Córdoba: Cuardenos de Pasado y Presente,1972, pp.181-226. Não mencionamos aqui o célebre verbete de Marx sobre Simón Bolívar, intitulado "Bolívar y Ponte", cremos que essa é uma discussão que foi levada a um nível mais elevado do exame de suas contradições no livro de José Aricó "Marx y la América Latina" (1980), traduzido para o português pela editora Paz e Terra em 1982.
39 MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, "El oro californiano, canales en América Central", In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, "Materiales para la história de América Latina", Córdoba: Cuardenos de Pasado y Presente,1972, p.196.
40 Para aprofundar a questão da modernidade em Marx ver: KOHAN, Nestor, "Marx en su (Tercer) Mundo: Hacia un socialismo no colonizado", La Habana: Centro de Investigación y desarollo de cultura cubana Juan Marinello, 2003, pp.237-243; HEINRICH, Michael, "Karl Marx e o nascimento da modernidade, biografia e desenvolvido de sua obra. Volume I, 1818-1841", São Paulo: Boitempo, 2018 e BERMAN, Marshall, "Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade", São Paulo: Companhia das Letras, 2005,pp.99-147.

independência irlandesa e defende um programa para a Irlanda, com conteúdo nitidamente de soberania e autodeterminação nacional[41]:

> O que os irlandeses precisam é: 1. Autogoverno e independência da Inglaterra; 2. Revolução Agrária: com a melhor intenção do mundo, os ingleses não podem dar-lhes os meios legais de fazer isso por si mesmos; 3. Tarifas protecionistas contra a Inglaterra.[42].

O filósofo argentino Nestor Kohan resgata um Marx que a partir de 1857-58 (*Grundrisse*) realiza uma ruptura de diversas concepções que formam seu pensamento em três sentidos.[43] A primeira em nível filosófico, a segunda em nível científico e a última no nível político. Na dimensão filosófica, Marx revisaria o conceito de "progresso" e passaria a rechaçar a ideia hegeliana de "povos sem história". No segundo plano, Marx através dos seus estudos sobre o modo de produção asiático foi levado a um questionamento da dualidade "barbárie e civilização", de "sistema arcaico" e de "primitivismo". Enquanto, no último plano Kohan resgata um Marx que se volta ao "descobrimento" da questão nacional e colonial, passando a considerar a subjetividade do papel revolucionário do campesinato nos seus estudos sobre Rússia e as colônias britânicas, abandonando o eurocentrismo juvenil.[44].

41ARICÓ, José, Op.Cit (1972), pp.7-8.

42 MARX, Apud: ANDERSON, Kevin, "Marx nas margens: Nacionalismo, Etnia e sociedades não ocidentais", São Paulo: Boitempo, 2019, p.203.

43 Kohan se diferencia de Althusser ao criticar a dicotomia entre jovem e velho Marx (ou corte epistemológico) presente na obra do filósofo francês, que separa um "Marx humanista" de um "Marx científico". Kohan analisando "O Capital" de Marx verifica que categorias como alienação e essência humana, assim como humanismo filosófico permeiam toda a obra do pensador alemão, portanto não existiriam "dois Marx", ainda que houvessem rupturas e viradas: KOHAN, Nestor, "Marx en su (Tercer) Mundo: Hacia um socialismo no colonizado", La Habana: Centro de Investigación y desarollo de cultura cubana Juan Marinello, 2003, p.258. Domenico Losurdo criticaria Althusser justamente a retirada do humanismo no Marxismo: "em Althusser, essa homenagem prestada à revolução anticolonialista mundial em curso no momento é minada por uma plataforma teórica sustentada pelo antihumanismo, o que impede a compreensão, das lutas de classes que, bem longe de terem uma dimensão meramente econômica, são lutas pelo reconhecimento. Isso vale sobretudo para as lutas dos povos coloniais ou de origem colonial, em detrimento dos quais a carga de desumanização contida no sistema capitalista-imperialista se manifesta de maneira particularmente brutal. Eis, porque, ao longo da história contemporânea, as grandes provas de força brutal entre abolicionismo e escravismo, entre anticolonialismo e colonialismo, assistiram ao enfrentamento entre humanismo e antihumanismo." LOSURSO, Domenico, "O Marxismo Ocidental: Como Nasceu, como morreu, como pode renascer", São Paulo: Boitempo, 2018, p.79.

44 KOHAN, Nestor, Op. Cit (2003), pp.253-254.

Dos três níveis de suprassunção (*aufhebung*) no pensamento de Marx apontados por Kohan a que nos interessa fundamentalmente nesse trabalho é o do nível histórico e a reformulação da questão nacional e colonial neste nível, que se pode traduzir no pensamento marxiano a respeito do capitalismo que transborda a Europa e se configura como um sistema-mundo com múltiplas determinações desniveladas em polos de desenvolvimento desiguais que se integram[45].

A reformulação histórica de Marx durante os anos 1850 transmuta em alguma medida numa análise mais positiva das sociedades não-ocidentais como Índia, China e Rússia o levando a reconsiderar o progressismo contido no colonialismo. Essa mudança na investigação de Marx sobre as sociedades pré-capitalistas, o "despotismo oriental" e o modo de produção asiático se modificavam sob a influência de processos de profunda envergadura nessas sociedades orientais: Nos mesmos anos em que Marx redigia a primeira versão do "*Capital*" conhecido como "*Grundrisse"* (1857-58) ocorria a Rebelião dos Cipaios[46] na Índia e a já citada Revolução Taiping na China, ambas insurreições anticoloniais de largo alcance, que custaram milhões de vidas e abalaram o domínio britânico na Ásia, mas que eufemisticamente são chamadas de "revoltas" ou "rebeliões" pela historiografia ocidental e não de guerras ou revoluções anticoloniais.

Nos *Grundrisse*[47] e nos *Manuscritos de 1861-63*[48], diferentemente dos escritos dos artigos de 1853 sobre Índia e China no *New York Daily Tribune,* Marx passa a considerar que a penetração do colonialismo das Companhias Britânicas das Índias Orientais não levavam ao desenvolvimento do capitalismo, mas o que ocorreu em sua observação foi que as velhas formas comunais se

45 A relação a que nos referimos aqui ganhou diversas tipificações dualistas tanto na literatura marxista como na literatura da economia política em geral: imperialismo e dependência; imperialismo e neocolonialismo; centro e periferia, metrópole e periferia. Ao largo desse trabalho optaremos metodologicamente pelas categorias imperialismo, dependência e sistema-mundo para expressar tais relações, tendo como base as formulações da teoria marxista da dependência formulada por Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos e a teoria marxista do imperialismo de V.I. Lênin.

46 A Rebelião dos Cipaios (1857-1858) foi uma guerra anticolonial contra o domínio da Companhia Britânica das Índias Orientais. Os cipaios eram militares indianos que serviam ao domínio britânico, que ao produzir o levante contra os colonos buscaram conduzir o Imperador Baadur Xá II a chefia plena da Índia. A derrota da rebelião encerrou o período da Índia como domínio empresarial da Companhia Britânica das Índias Orientais, passando a condição de colônia direta da coroa britânica.

47 MARX, Karl "Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política", São Paulo: Boitempo, 2011.

48 MARX, Karl, "Para Crítica da Economia Política – Manuscritos de 1861-1863: Cadernos de I a V", São Paulo: Autêntica, 2010.

desintegraram sem mesmo dar lugar a uma subsunção formal ao capital, tornando essas formações sociais ainda mais distantes de qualquer tipo de desenvolvimento de um modo de produção capitalista. Marx não estaria por formular a teoria do imperialismo, que como sabemos é uma fase superior do capitalismo da prevalência monopólica através da formação do capital financeiro que surgiu historicamente entre os anos 1870-1880, porém apareciam *in nuce* formulações preliminares para a teoria do elo mais fraco e da dependência, essas subsequentes a teoria leninista do imperialismo.

> Trata-se mais de uma forma que torna o trabalho estéril, que o coloca sob as mais desfavoráveis condições econômicas, que combina exploração capitalista sem um modo de produção capitalista, um modo de produção com pequenas propriedades independentes sobre os instrumentos de trabalho sem as vantagens que esse modo de produção oferece às condições menos desenvolvidas. Aqui, na verdade, os meios de produção deixaram de pertencer ao produtor com pequenas propriedades independentes sobre os instrumentos de trabalho sem as vantagens que esse modo de produção oferece às condições menos desenvolvidas. Aqui, na verdade, os meios de produção deixaram de pertencer ao produtor, mas estão nominalmente subsumidos a ele, e o modo de produção mantém as mesmas relações entre pequenos empreendimentos independentes, exceto pelo fato de que as relações estão em ruínas.[49]

E o encantamento de Marx perante o progresso modernizante ocorrido nos EUA, que aparecem em seus textos dos anos 1850, é em "*O Capital*" modificado para uma análise onde se observa que o processo de acumulação capitalista nos EUA, mesmo no período anterior a sua independência só foi possível desde uma política de extermínio dos povos originais, além de que anteriormente em 1861 Marx já havia reconsiderado a invasão do México pelos EUA como "*uma*

49 MARX, Apud: ANDERSON, Kevin, "Marx nas margens: Nacionalismo, Etnia e sociedades não ocidentais", São Paulo: Boitempo, 2019, p.250.

manifestação mais da política expansionista do bloco escravocrata sulista"[50], Diria Marx em "*O Capital*" reconsiderando a formação social estadunidense:

> Tampouco nas colônias propriamente ditas se desmentia o caráter cristão da acumulação primitiva. Esses austeros e virtuosos protestantes, os puritanos da Nova Inglaterra, estabeleceram em 1703, por decisão de sua assembly [assembleia], um prêmio de £40 para cada escalpo indígena e cada pele-vermelha capturado; em 1720, um prêmio de £100 para cada escalpo; em 1744, depois de Massachusetts Bay ter declarado certa tribo como rebelde, os seguintes preços: £100 da nova moeda para o escalpo masculino, a partir de 12 anos de idade; £105 para prisioneiros masculinos, £50 para mulheres e crianças capturadas, £50 para escalpos de mulheres e crianças! Algumas décadas mais tarde, o sistema colonial vingou-se nos descendentes – que nesse ínterim haviam se tornado rebeldes – dos piedosos pilgrim fathers [pais pelegrinos]. Com incentivo e pagamento inglês, foram mortos a golpes de tomahawk. O Parlamento britânico declarou os cães de caça e o escalpelamento como "meios que Deus e a Natureza puseram em suas mãos".[51]

Como sinaliza Kohan as suprassunções contida no pensamento de Marx desde o fim dos anos 1850 permitem formular algumas questões centrais das problemáticas dos movimentos revolucionários e populares do século XX:

> 1) que no existe una lógica histórica universal al margen de la lucha de clases; 2) que no corresponde a un sujeto autocentrado y privilegiado – el proletariado europeu, urbano y moderno – la responsabilidad de conducir el motor de la história universal, sino que ese sujeto está en realidad conformado también por la lucha de clases de liberación nacional y social de los pueblos periféricos sumetidos y; 3) que el sistema mundial de dominación capitalista solamente puede reproducirse a condición de mantener la explotación y la opresión tanto en el capitalismo central

50 ARICÓ, José, "Marx e a América Latina", Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, pp.34-35,
51 MARX, Karl, Op.Cit (2011), p.799.

> como en su periferia, es que puede entonces terminar de completar las líneas diretrices de aquel inicial programa de investigación esbozado y adelantado de 1845.[52]

O historiador e filósofo da história Domenico Losurdo estabeleceu uma conexão entre o marxismo e questão nacional e colonial que para nós é fundamental. Para Losurdo somente se pode aprender plenamente o sentido em que foi forjado o materialismo histórico e dialético se resgatado que essa ciência foi permitida sob o pressuposto de duas revoluções que marcam o nascimento da era contemporânea: A primeira é a Revolução Industrial, que remete a formação do mercado mundial, ao expansionismo colonial e a acumulação capitalista originária, a segunda é a Revolução Francesa, cujo ápice para o filósofo da História italiano se realiza no processo revolucionário no Haití e consequentemente na abolição da escravidão na Convenção Jacobina, ambas revoluções não tem uma dimensão exclusivamente europeia para Losurdo, e são justamente essas expressões concretas que fundamentam a criação do materialismo histórico[53].

O sociólogo estadunidense Kevin Anderson[54] sinaliza que é na questão irlandesa que Marx melhor consegue entrelaçar os conceitos de classe, nacionalidade, etnia e raça. Marx via na Irlanda uma forte oposição ao capitalismo global no qual a hegemonia se encontrava na Inglaterra. Em "*O Capital. Crítica da Economia Política"* (1867) dedicou um tópico sobre a Irlanda dentro da problemática da "lei de geral de acumulação capitalista", onde explicitamente a preocupação com a opressão racial ia além de sua solidariedade com os trabalhadores irlandeses e se remetia à questão negra nos EUA[55] e na América Latina: *o trabalho não pode se emancipar na pele branca onde na pele negra ele é marcado à ferro*[56]. Marx comparava que o racismo do inglês com o irlandês tinha efeito semelhante ao do trabalhador branco estadunidense com o negro norte-americano, de modo

52 KOHAN, Nestor, Op. Cit (2003), p.267.
53 LOSURSO, Op.Cit (2018), p.83.
54 ANDERSON, Kevin, Op. Cit (2019), p.185.
55 Ver em especial a carta de Marx à Abraham Lincoln: MARX, Karl, "A Abraham Lincoln, Presidente dos Estados Unidos da América" (1864), disponível em: https://www.marxists.org/portugues/marx/1864/11/29.htm , acesso em: 08/07/2020.
56 MARX, Karl. "O Capital. Crítica da Economia Política, Livro I: O processo de produção do capital", São Paulo: Boitempo, 2011, p. 372.

que o desenvolvimento da classe trabalhadora inglesa se desdobrava numa estratificação étnica, pois a opressão da Inglaterra sob a Irlanda possuía uma dupla dimensão no qual ambas se complementavam numa unidade dialética de discriminação nacional: o fornecimento de carne e lã barata ao mercado inglês e o fornecimento de mão de obra barata para as fábricas inglesas, como expresso no "Comunicado Confidencial do Conselho Geral"[57].

> E o mais importante de tudo! Todos como centros industriais e comerciais na Inglaterra agora têm uma classe trabalhadora dividida em dois campos hostis, proletários ingleses e proletários irlandeses. O trabalhador inglês comum odeia o trabalhador irlandês como um concorrente que rebaixa seu padrão de vida. Em relação ao trabalhador irlandês, ele se sente um membro da nação dominante e, portanto, se torna uma ferramenta de seus aristocratas e capitalistas contra a Irlanda, fortalecendo assim a dominação sobre si mesmo. Ele nutre preconceitos religiosos, sociais e nacionais contra si. Sua atitude em relação a si mesmo é mais ou menos a dos brancos pobres para com os *niggers* nos antigos estados escravistas da União Americana. O irlandês lhe paga de volta com juros em seu próprio dinheiro. Ele vê no trabalhador inglês o cúmplice e a ferramenta estúpida do domínio inglês na Irlanda. Esse antagonismo é mantido artificialmente vivo e intensificado pela imprensa, pelo púlpito, pelos jornais satíricos, enfim, por todos os meios à disposição da classe dominante. Esse antagonismo é o segredo da impotência da classe trabalhadora inglesa, apesar de sua organização. É o segredo da manutenção do poder da classe capitalista. E esta última tem plena consciência disso.[58]

Marx migrava a uma posição que iria se acentuar com a derrota da Comuna de Paris em que atenuava suas ilusões com a centralidade do proletariado europeu no processo revolucionário socialista, jogando suas expectativas para os povos dos países coloniais e dependentes. É importante

57 Se refere a um documento que data de janeiro de 1870 redigido por Marx em críticas a Bakunin remetido ao Conselho Geral da Primeira Internacional. Bakunin criticava a centralização da direção da Internacional em Londres e o apoio de Marx as causas nacionais como a autodeterminação irlandesa e polonesa.
58 MARX, Apud: ANDERSON, Kevin, Op.Cit (2019), pp.228-229.

levar em consideração a influência que os acontecimentos históricos influem nas reconsiderações das formulações marxianas. Nessa conjuntura se acentuava a formação de setores da aristocracia operária e como sinalizou no interior do proletariado inglês se desenvolvia acentuadamente uma estratificação racializada, onde o operário inglês passava a se colocar como tributário da espoliação colonial na Irlanda, replicando socialmente o racismo nos meios proletários e nas unidades de reprodução social. Marx estabelece logo um raciocínio que o conduz a uma "fenomenologia do subdesenvolvimento", expondo o caráter fundamental da acumulação dependente como funcional ao país metropolitano, o apêndice agrário da Irlanda contribuía a reprodução da dependência a Inglaterra sob três vértices: o atendimento de matérias-primas necessárias ao abastecimento da indústria inglesa, o fornecimento da mão de obra mais barata possível flutuando entre a população ativa e o lumpesinato e o esmagamento da possibilidade do desenvolvimento de uma indústria autônoma através da prática do livre-câmbio desigual[59].

Muito além da condenação moral ao racismo que fundamentava a exploração do proletário irlandês pela burguesia inglesa, como já foi demonstrado Marx desde os anos 1860 passa a uma condição militante da Revolução Irlandesa com nítida demonstração favorável à autodeterminação nacional, não em sentido abstrato "pelo direito de qualquer região se separar do Estado que pertence por questão de diferenças de identidade". Marx ia além pois enxergava no nacionalismo irlandês um elemento histórico que alavancaria a revolução proletária internacional, inclusive dentro da própria Inglaterra onde golpearia a oligarquia latifundiária. De modo que o pensador alemão se engajou

59 ARICÓ, José, Op. Cit (1982), pp.53-55.

profundamente junto a sua filha Jenny[60] e com Engels[61] na luta pela libertação dos presos políticos fenianos[62].

Assim como Hernandez Arregui assinalou que "*El nacionalismo adquiere connotaciones irreductiblemente contrarias según las clases que lo proclaman o rechazan*"[63]. A reconsideração de Marx sobre a questão nacional na Irlanda está condicionada diretamente à capacidade do pensador alemão em acompanhar as mudanças nas correlações das lutas de classes naquele país e assim reavaliar seu próprio pensamento constantemente. Não se tratava de Marx defender a autodeterminação nacional em absoluto e abstrato, a defesa da proposta da emancipação nacional estava diretamente condicionada as consequências que o fenômeno poderia produzir, ou seja, se seus efeitos seriam progressivos ou reacionários perante ao movimento da revolução social e de superação do capitalismo, o fundamental na defesa da autodeterminação não se encontra em Marx na forma de luta (método empregado) ou nas forças sociais que a dirigem e compõem a luta, mas fundamentalmente no papel histórico que essa luta vai desempenhar, podendo uma causa justa do ponto de vista particular (endógeno) contribuir a um movimento regressivo a nível da composição internacional da luta e vice-versa dependendo da situação política e histórica a ser avaliada.

Se no início do século XX o movimento de independência da Irlanda era liderada por católicos donos de terra, certamente a Grande Fome de 1846-47[64] e os largos processos migratórios,

60 Jenny Marx, filha de K.Marx, foi uma fervorosa militante contra a prisão política dos fenianos escrevendo oito artigos sobre o tema no jornal francês La Marsellaise. Jenny chegou a publicar uma carta inédita do líder feniano O'Donovan sobre sua situação no cárcere. Reportagens que acabaram sendo debatidas no Parlamento inglês, onde o Primeiro-Ministro William Gladstone determinaria em 1870 a soltura dos fenianos com a condição de que deixassem a Grã-Bretanha. Ver: ANDERSON, Kevin, Op.Cit (2019), pp.231-232.

61 Optamos por não explorar os textos de Engels sob a questão irlandesa por suas contribuições ao tema serem mais conhecidas que as de Marx, sobretudo devido ao seu relacionamento afetivo com a revolucionária irlandesa Mary Burns e seu clássico estudo "A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra, segundo as observações do autor e outras fontes autênticas" (1845) ser amplamente difundido.

62 A Irmandade Republicana Irlandesa, advogava da formação de uma República Irlandesa e atuava não somente na Grã-Bretanha, mas em outros países da Europa e principalmente nos EUA (no que se refere a atuação fora dos domínios britânicos), sendo conhecidos como Fenianos em alusão ao personagem da mitologia celta Fionn Mac Cumhaill, personagem orientador na formação da identidade irlandesa.

63 HERNÁNDEZ ARREGUI, Juan José, "Nacionalismo y Liberación: Metropólis y coloniais en la era del imperialismo", Buenos Aires: Cuntrapunto, 1987, p.15.

64 A Grande Fome de 1845-49 causada pela exportação quase que total da produção agrícola irlandesa provocou a morte de cerca 1,5 milhão de irlandeses, numa população de cerca de 8 milhões. Ver: ENGELS, Friedrich, "A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra, segundo as observações do autor e outras fontes autênticas", São Paulo: Boitempo, 2010, pp.303-304; ANDERSON, Kevin, Op.Cit (2019), p.188 e CUMMINS, Ian, "Marx, Engels and National Movements", Londres: Croom Helm, 1980, p.108.

já presenciados por Engels desde "*A Situação da Classe Trabalhadora na Ingleterra*", e retomada no "*Capital*", com a formação da Irmandade Republicana Irlandesa (fenianos) em 1858 e seu programa de insurreição agrária como fundamento da Revolução Social, contando com apoio de uma ampla base popular, a visão de Marx se eleva para além de simples simpatia, para uma posição de defesa da independência da Irlanda como uma das prioridades políticas da Internacional[65]. Carlos Franco em prefácio à Aricó sintetizou algumas formulações fundamentais em Marx da superação de seu "eurocentrismo" a partir da atenção ao caso irlandês, se expandido aos estudos de outras realidades, principalmente não ocidentais.

> a) Rechaço da tentativa de transformar sua teoria da gênese do capitalismo na Europa ocidental em uma teoria histórico-filosófica que prevê os processos de desenvolvimento de todas as sociedades e em qualquer situação histórica em que se encontra (ver carta de 77 à revista russa Otiéchestvienne Zapiski)
>
> b) Reconhecimento do caráter desigual e contraditório do desenvolvimento econômico do mundo ocidental e não ocidental e da interdependência conflitiva dos mesmos. Reconhecimento, portanto, da subordinação do processo de acumulação dos excedentes nos países não europeus com relação aos europeus e do caráter colonial do vínculo político entre eles.
>
> c) Previsão do deslocamento do centro do processo revolucionário do mundo ocidental ao mundo não ocidental e constituição da revolução nacional dos países dependentes condicionados à revolução social dos países europeus.
>
> d) Exame da possibilidade histórica da passagem das sociedades não capitalistas ao socialismo sem necessária passagem pelo estágio capitalista.
>
> e) Identificação, especialmente para o caso da Rússia, de instituições comunitárias camponesas como eixo de passagem de sociedades não capitalistas e socialistas.
>
> f) Percepção dos diferentes sujeitos históricos do movimento revolucionário nas sociedades asiáticas e/ou coloniais (campesinato, intelectuais, pequena burguesia,

65 ANDERSON, Kevin, Op.Cit (2019), pp.190-205.

> classe operária embrionária) em comparação com aqueles das sociedades europeias e capitalistas.
>
> g) Afirmação da natureza distinta das tarefas necessárias à transformação das sociedades asiáticas e/ou coloniais (independência política, revolução agrária, proteção industrial e comercial) em comparação com aquelas a serem realizadas em sociedades europeias e capitalistas.[66]

Aricó ainda salientaria que dentro de uma unidade do pensamento das elaborações teóricas e políticas de Marx e Engels, existiu um quarto período da postulação sob a questão nacional que vai da morte de Marx em 1883 até a morte de Engels em 1895 no qual esse último, sobretudo em cartas à Bebel e Kautsky acaba sustentando uma posição nacional da Alemanha frente ao "barbarismo" russo que pode ser visto como um recuo nas formulações de Marx desde os *Grundrisse*, e que se assemelhariam muito com as posições belicistas da II Internacional em 1914[67], retomando talvez alguns preceitos de "civilização" e "barbárie" que haviam sido superados por Marx. De modo que o progressismo histórico que estava presente nos textos de Marx pelo menos até 1856, são retomados pela II Internacional, em seus manuais de marxismo[68].

Segundo Franco Andreucci[69] o marxismo da II Internacional ao mesmo tempo que expandiu a influência dessa corrente de pensamento a um nível global, optou por uma divulgação calcada no revisionismo sob a interpretação do marxismo adotando uma leitura mecanicista e eclética que mesclava o marxismo com interpretações "darwinistas" (evolucionistas), e mesmo substituindo a dialética hegeliana pelo empiricismo kantiano, aproximando-se ao cientificismo positivista, como no caso de Edward Bernstein, criticado por Lenin no livro "*Materialismo e empiriocriticismo*"[70].

---

66 FRANCO, Carlos, "Prefácio", In: ARICÓ, José. Op.Cit (1982), pp. 22-23.
67 ARICÓ, José, Op.Cit (1972), p.11.
68 Buscamos fugir de duas imagens criadas pelos marxistas ao largo do século XX em que: 1) Engels após a morte de Marx teria simplificado e vulgarizado o pensamento de Marx; 2) Que existe uma unidade perfeita entre o pensamento de Engels e Marx. Adotamos aqui a posição de que há descompassos em algumas elaborações teóricas entre Engels e Marx, porém sem comprometer a complementariedade entre o pensamento dos dois autores no período em que trabalharam conjuntamente (1844-1883).
69 ANDREUCCI, Franco, "A difusão e a vulgarização do marxismo". In: HOBSBAWM, Eric (org.), "História do Marxismo II: o marxismo na época da Segunda Internacional", Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, pp.15-71.
70 LENIN, Vladmir Ilich, "Materialismo y Empiriocriticismo", Barcelona: Grijalbo, 1967.

Como assinalou Álvaro García Linera[71] a II Internacional inaugurou ademais, o chamado etapismo histórico no qual todas as sociedades deveriam invariavelmente passar por cinco estágios históricos: comunidade primitiva, escravismo, feudalismo, capitalismo e socialismo. Desse modo acabava por condenar as regiões coloniais, semicoloniais e dependentes à fatalidade histórica de que somente o desenvolvimento capitalista poderia levar uma futura possibilidade socialista, retornando à justificação teórica do colonialismo, ou mesmo a posição que Marx tinha perante a Irlanda no início dos anos 1850, no qual o processo de libertação dependeria da revolução no país desenvolvido em que a dominava. Linera em seu estudos sobre o "*Caderno Kovalevsky (1879-1882)*"[72] de Marx, observou que o pensador alemão rechaçou de modo veemente a aplicação do uso da categoria "feudalismo" na Índia pelo historiador russo Maksim Kovalevsky, o que permite pensar como Marx possuía desde os *Grundrisse* uma abordagem multilinear e não etapista da história sobre as origens do capitalismo como sistema-mundo[73].

Para exemplificar o quanto a II Internacional regrediu nas elaborações de Marx perante a questão nacional, colonial e racial, tomemos como exemplo o holandês Henri Van Kol[74], durante o Congresso Socialista de Amsterdã em 1904:

> Los países modernos ya no podrán arreglárselas sin regiones que proporcionen ciertas materias primas y productos tropicales indispensables para la industria y las necesidades de la humanidad […]. Por lo tanto, hasta la sociedad socialista del

71 LINERA, Álvaro García, "Introducción al Cuaderno Kovalevsky de Karl Marx", La Paz: Ofensiva Roja, 1989.
72 "En septiembre de 1879, Maksim Kovalevsky, un historiador ruso, le regaló a Marx su libro titulado Obshchinnoe Zemlevladenie (Posesión comunal de la tierra). Marx, que por esos años venía estudiando materiales sobre la existencia de las comunidades campesinas en particular y, en general, materiales sobre las relaciones agrarias, para la redacción del volumen III de El capital, no tardó mucho tiempo en incluir en sus lecturas esta obra de Kovalevsky. Como resultado de su lectura, Marx redactó, entre notas, comentarios y transcripciones, más de ochenta páginas de uno de los cuadernos que, después de su muerte, fueron a parar al Instituto Internacional de Historia Social de Holanda": LINERA, Álvaro García, Op.Cit (1989), p.31. A obra de Kovalevsky está dividida em três partes: 1) A cultura de caça e pesca na América; sobre as formas de controle da terra pelos espanhóis na América; 2) A questão da terra na Índia sob o domínio britânico, anterior a invasão britânica e a organização da terra de outros povos asiáticos; 3) O regime da terra na Argélia sob os árabes e os franceses: idem, p.32.
73 Idem, pp.34-35. Sobre os últimos estudos de Marx e sua percepção sobre as sociedades não-ocidentais e a América Latina ver também: DUSSELL, Enrique, "El último Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana", Ciudad de México (D.F): Siglo XXI, 1990.
74 Henri Van Kol (1852-1925) foi um dirigente socialista holandês, membro do parlamento nacional holandês ao mesmo tempo que trabalhava como engenheiro da Companhia das Índias Orientais Holandesas, liderando expedições de exploração em Bali na Indonésia.

> futuro deberá elaborar su política colonial, reglamentando las relaciones de los países que han alcanzado en la escala de la evolución económica un grado superior al de las razas atrasadas […]. ¿Podemos abandonar la mitad del globo al arbitrio de pueblos que aún no han superado el período de la infancia? […]. La hipótesis de Karl Marx de que ciertos países podrán, al menos parcialmente, obviar el período capitalista en su evolución económica no se ha realizado. Los pueblos primitivos sólo accederán a la civilización pasando por ese calvario. Por lo tanto, nuestro deber consiste en no obstaculizar el desarrollo del capitalismo […]. Nosotros, socialistas libres de todo prejuicio de razas y colores, guardamos en nuestro corazón una esperanza ilimitada en el futuro de las razas llamadas inferiores.[75]

Dentro desse contexto surgiram as primeiras recepções do marxismo na Argentina que encontrou em Juan B. Justo (1865-1928) o primeiro tradutor de "*O Capital*" para o espanhol em 1898, fundando o Partido Socialista três anos antes, com uma visão etapista, evolucionista (nutrida em Spencer) e eurocêntrica, Justo rejeitava a dialética se situando dentro do paradigma empirista de Bernstein na II Internacional, ao mesmo tempo que não se intitulava marxista, apesar de principal difusor de Marx na América Latina no pré-Revolução Bolchevique. Justo foi em sua época um socialista de relevância internacional e preconizava a modernização capitalista da Argentina através do liberalismo econômico, combatendo o nacionalismo industrial e o protecionismo, ainda que naquele momento se carecesse na Argentina de qualquer projeto nacional industrializante, onde o nacionalismo se orientava para o agro e o catolicismo, Justo em seu ecletismo e confusa heterodoxia defendia uma industrialização da agricultura com as divisas obtidas e que protecionismo poderia encarecer o custo de vida dos trabalhadores na cidade, no qual segundo seus cálculos se elevariam os preços dos alimentos[76].

75 VAN KOL, Henri, Apud: LINERA, Álvaro García, Op.Cit (1989), p.36.
76 Ver: TARCUS, Horácio, Op.Cit (2007), pp.365-401; ARICÓ, José, "La hipóteses de Justo. Escritos sobre el socialismo en América Latina", CORTÉS, Martín (org.), "José Aricó: dilemas del marxismo en América Latina: Antologia Esencial", Buenos Aires: CLACSO/Fundación Rosa Luxemburgo, 2018, pp.327-504.

Outras elaborações que repercutiram no movimento político argentino se situam as fusões do marxismo com o positivismo como no caso de José Ingenieros (1877-1925) que foi um dos mais influentes sociólogos e filósofos argentinos do início do século XX e que se localiza como um dos autores de perspectivas mais multilineares e complexas das primeiras páginas do marxismo latino-americano. Ingenieros possuiu ao menos três fases de pensamento que se entrelaçam: 1) Socialista/ Anarquista, onde liderou com Leopoldo Lugones (futuramente precursor do fascismo argentino) a ala mais radicalizada do Partido Socialista entre 1897-1901; 2) Sociólogo biologista reformista, se afastando do anarquismo por contrariedade aos métodos de luta, Ingenieros passa a uma visão mais conservadora onde defende que a forma mais eficiente de chegar ao socialismo é desenvolvendo ao máximo as potencialidades do capitalismo na Argentina, se alinhando conjunturalmente entre 1901-1917 as teses da II Internacional; 3) Nos últimos anos de sua vida Ingenieros se tornaria um impulsionador da fé socialista e da metafísica da experiência, e no escrito "*Los tiempos nuevos*" vai ser um dos primeiros defensores da Revolução Russa e difusores do leninismo na Argentina[77], influenciando não somente a formação de intelectuais marxistas argentinos de grande prestígio como Aníbal Ponce e eventos nacionais como a Reforma Universitária de 1918, mas também na adesão e conversão ao "maximalismo" a nível regional, como no caso do escritor brasileiro Lima Barreto que era leitor e entusiasta das ideias de Ingenieros, principalmente aquelas contidas em "*El Hombre medíocre*" (1913)[78].

Enquanto Ernesto Quesada (1858-1934) buscava no marxismo um antídoto antiliberal, mas que não deveriam passar os limites para uma luta capitalista, onde o enfrentamento ao imperialismo deveria ser realizado pelos pilares da classe operária, da Igreja e do Estado, uma proposta "socialista" mais próxima do Estado bismarckiano, buscando conter a "questão social" e a

77 Ver: INGENIEROS, José, "Obras Completas en 8 tomos", Buenos Aires: Elmer: 1957 ;KOHAN, Nestór, "De Ingenieros Al Che: Ensayos sobre el marxismo argentino y latinoamericano", Buenos Aires: Biblios, 2000, p.30; Ver ainda: AGOSTI, Hector "José Ingenieros. Cidadão da Juventude", São Paulo: Brasiliense, 1947. BAGÚ, Sérgio,"La vida ejemplar de José Ingenieros", Buenos Aires: Eudeba, 1963 e MARIÁTEGUI, José Carlos, "José Ingenieros"In: MARIÁTEGUI, José Carlos, "Do sonho às coisas. Retratos Subversivos, São Paulo: Boitempo, 2005, pp.127-129.
78 BARBOSA, Francisco de Assis, "A vida de Lima Barreto", Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p.261.

"subversão" através da harmonização da contradição entre "capital e trabalho"[79]. Apenas para citar três autores mais influentes nesse campo entre o final do XIX e as duas primeiras décadas do XX argentino, que entre visões mais disruptivas (Ingenieros) e mais conservadoras (Quesada), intermediadas por uma presença liberal (Justo), tinham em comum a rejeição do método dialético, o sincretismo do marxismo com o positivismo e perspectivas etapistas e evolucionistas do processo histórico.

Todas essas formulações no início do século passado, e muitas outras, devem encontrar suas raízes não nos manuais soviéticos, mas nos manuais de marxismo e resumos vulgares da II Internacional que buscavam no marxismo uma explicação da História através de leis gerais "universais", onde situar personagens como Justo e outros intelectuais difusores do marxismo do início do século passado argentino como agentes ou propagandistas do imperialismo como fez Jorge Enea Spilimbergo[80] é a substituição de uma vulgata por outra, a simplificação de um todo mais complexo em torno da recepção e difusão do marxismo dentro de um problema internacional do movimento socialista e de ideias que deveriam ser reelaboradas para ganhar terreno em uma outra realidade, ao mesmo tempo que se demonstra que o marxismo do contexto da II Internacional escorregava a nível mundial por um terreno comum que não gratuitamente despertariam fúria durante a juventude de um dos mais importantes revolucionários e teóricos marxistas asiáticos do século XX:

> Quanto à Segunda Internacional, com representantes como MacDonald, Vandervelde, Henderson, Blum etc., deu apenas alguma atenção a esta questão. Seus líderes não simpatizavam com a luta por autolibertação travada pelos povos coloniais (…) Sob as ordens destes cavalheiros, vilas nativas foram bombardeadas e povos coloniais foram oprimidos da maneira mais cruel e implacável que o mundo pode descrever. Todos sabem que os oportunistas criaram uma política para segregar os trabalhadores brancos dos trabalhadores de cor e que os sindicatos, sob

79 TARCUS, Horácio, Op.Cit (2007), pp.477-483.
80 Ver: SPILIMBERGO, Jorge Enea, "Juan B. Justo y el socialismo cipayo", Buenos Aires: Cayoacán, 1960.

> a influência destes astutos socialistas, não querem admitir trabalhadores de cor diferente em suas fileiras. A política colonial da Segunda Internacional colocou, mais do que qualquer outra coisa, a verdadeira face, nua, desta organização pequeno burguesa. Portanto, até a Revolução de Outubro, teorias socialistas eram consideradas como teorias particularmente reservadas aos Brancos, uma nova ferramenta de trapaça e exploração. Lenin inaugurou uma nova era, verdadeiramente revolucionária, em várias colônias.[81]

Sem dúvida, Lênin foi o principal nome no marxismo em rebelião aos pressupostos revisionistas, etapistas e eurocêntricos da II Internacional, e um formulador teórico que soube retomar as postulações teóricas da questão nacional em Marx atualizando-a em sua teoria marxista do imperialismo e a teoria dos elos mais fracos do imperialismo, onde observou através dessa última teoria o deslocamento do epicentro do processo revolucionário da Europa para as regiões onde se sofria do domínio colonial e imperialista, onde a luta de independência irlandesa e os escritos de Connolly despertaram grande atenção nas formulações leninianas sobre a questão nacional e a autodeterminação dos povos. Assim como Marx, Lenin era atento ao processo revolucionário que ocorria na ilha europeia. Lenin em 1916 redigiria um texto sobre a Rebelião Irlandesa, em que demonstrava seu apoio incondicional a causa, e no contexto era vista como um processo revolucionário incapaz de despertar maiores simpatias no movimento marxista e socialista internacional.

A questão irlandesa era vista pela social-democracia internacional como “anômalas” a tipificação de uma revolução de caráter socialista contida em *Manifesto Comunista* e outros textos e documentos conhecidos da época da I Internacional. Na Irlanda se misturava o nacionalismo, com conteúdo étnico e mesmo religioso. Pronuncia-se Lenin como heresia contra o dogmatismo da II Internacional e suas concepções messiânicas do marxismo:

---

81 HO, Chi Minh, “Lênin e o Oriente” (1926), disponível em: https://www.marxists.org/portugues/ho_chi_minh/1926/01/21.htm ; acesso em: 09/07/2020.

> Imaginar que uma revolução social é concebível sem as revoltas das pequenas nações nas colônias e na Europa, sem as explosões revolucionárias de um setor da pequena-burguesia com todos seus preconceitos, sem um movimento do proletariado politicamente não-consciente e massas semiproletárias contra a opressão de seus latifundiários, da Igreja, e da Monarquia, contra a opressão nacional, etc. – imaginar isso é condenar a revolução social. Então, um exército se enfileira em um local e diz "Nós apoiamos o socialismo", e outro, em outro local qualquer, diz "Apoiamos o Imperialismo", e isso será uma revolução social! Apenas aqueles que têm uma visão tão ridiculamente pedante podem difamar a rebelião irlandesa chamando-a de "putsch".
>
> Quem espera uma revolução social "pura" nunca vai viver para vê-la. Tal pessoa fala tanto de revolução sem entender o que é uma revolução.[82]

Tanto nos escritos de Marx, como de Connolly e de Lenin sobre Irlanda estão contidos a negação do pressuposto tão repetido de que os capitalismos menos desenvolvidos deveriam esperar que a Revolução arrebentasse nos países de capitalismo desenvolvido para poder modificar sua sorte. Nos três autores reside uma demonstração teórica densa, profunda e acidentada de que os processos revolucionários possuem ritmos diferentes de maturação, de acordo com suas formações sociais dentro dos limites nacionais.

E o ano 1919 consiste num marco na luta anticolonial irlandesa pelo início da guerra da civil que duraria até 1921 e retomada em 1922 (após o Tratado Anglo-Irlandês[83]) processo em qual é fundado o Irish Republic Army (IRA). Nesse mesmo ano em 14 de novembro nasce em La Plata (capital da província de Buenos Aires) John William Cooke em uma família de origens irlandesas. Cooke, protagonista desse presente estudo poderia ser objeto de uma vinculação determinista de sua

82 LÊNIN, Vladmir Ilich, "A Rebelião Irlandesa de 1916", disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/10/91.htm; acesso em: 27/06/2020.
83 Resultado da guerra nacional irlandesa empreendida contra o domínio inglês, o Tratado Anglo-Irlandês foi um processo de capitulação de parte dos nacionalistas irlandeses, que elevou a Irlanda a condição de Estado Livre permanente na Grã-Bretanha, ainda separando a Irlanda do Norte desse Estado Livre.

ação política revolucionária por essa origem familiar, afinal Rodolfo Walsh e Ernesto Guevara Lynch, entre outros revolucionários argentinos do século XX também encontravam suas raízes genealógicas na Irlanda. Entretanto, seus antecedentes políticos familiares remetem a outros alicerces de entendimento da realidade: o liberalismo e a admiração pela cultura e história inglesa. Na Argentina as principais expressões de nacionalismo na época de seu nascimento se encontravam no fascismo da Liga Patriótica[84] e no revisionismo histórico conservador, com uma visão romântica da formação latifundiária argentina.

A primeira onda do revisionismo iniciada pelo já citado Ernesto Quesada na obra "*La época de Rosas: su verdadero carácter histórico*" (1898) se apoiava num nacionalismo antiliberal, anticosmopolita e anti-imigração, partindo da crítica a um presente materialista e cosmopolita. Tal perspectiva era estimulada principalmente pelas classes dominantes e gerado por situações concretas: o processo de massificação e as grandes imigrações que levavam a reivindicar um passado *criollo* como meio de fortalecer uma identidade nacional[85]. Carlos Ibarguren representante dessa corrente historiográfica fornece em 1922 na Facultad de Filosofía y Letras de Buenos Aires um curso intitulado "*Las dictaduras trascendentales*", que resulta no livro "*Rozas y su época*" onde defende uma vocação *ganadera* da Argentina se opondo aos preceitos liberais e se apoiando numa concepção católica militante, onde se produz a primeira reabilitação de personagens até então "malditos" da história argentina como os caudilhos federais Chacho Peñaloza e Facundo Quiroga[86]. Ibarguren que nutria um entusiasmo pelo modelo de Estado corporativista fascista de Mussolini, com o Golpe de 1930 seria nomeado Interventor Federal na província de Córdoba pelo ditador José Félix Uriburu.

---

84 A Liga Patriótica Argentina fundada em 1918 no contexto dos ecos globais da Revolução Russa, foi um dos primeiros agrupamentos de tipo fascista da América Latina, formada por membros das elites argentinas, essa organização constituiu grupos paramilitares e grupos de choque visando esmagar qualquer tipo de mobilização popular e enfrentar nas ruas comunistas e anarquistas. Ver: RAPALO, María Ester, "Patrones y Obreros. La ofensiva de la clase propietaria, 1918-1930", Buenos.Aires: Siglo XXI, 2012; Ver também o documentário: "Nazion", Direção de Ernesto Ardito e Virna Molina: Argentina, 2011, 110 min.

85 ZUBIZARETA, Ignacio, "Unitários: História de la facción política que diseño la Argentina moderna", Buenos Aires: Sudamericano, 2014, p.43.

86 D'ATRI, Norberto, "Apendice: El Revisionismo histórico y su historiografia" In: JAURETCHE, Arturo, "Problema nacional y revisionismo histórico", Buenos Aires: Corregidor, 2006, p.102.

O nacionalismo argentino do início do século XX se situava à direita das formas de nacionalismo que mencionamos na Irlanda, concepções patrióticas essas que além do plano historiográfico se exprimiram no plano conjuntural em fatos históricos de ampla repressão sobre a classe trabalhadora como a Semana Trágica[87], que ficou conhecida como o primeiro *pogrom* realizado na América Latina e a Patagônia Rebelde[88]. Expressões essas que buscaremos apresentar uma síntese durante a exposição da formação intelectual e política de Cooke em sua juventude nos anos 1930 e 1940 através de um panorama da conjuntura política, econômica e social da Argentina desses anos.

Assim como a questão irlandesa em Marx permite retirar o véu de aspectos do pensador alemão tido como economicista e eurocêntrico, que se abalam ao se expor as diversas nuances de sua elaboração teórica, sendo possível a compreensão de um pensamento multilinear com dimensões temáticas que envolvem o nacionalismo, a questão racial entrelaçado a questão de classe e a estratégia da revolução social, nesse primeiro capítulo buscaremos compreender Cooke também como um pensador multilinear e como a questão nacional ganha diferentes dimensões e perspectiva teóricas e políticas influído por um constante processo de formulação elaborada desde a ação política e a mudança de conjuntura. Elaborações essas que todavia estão interligadas por uma tríade sujeita a constante reformulação na *práxis*: nacionalismo, marxismo e revisionismo histórico.

Se como Lenin afirmou que o pensamento de Marx é constituído por três fontes: filosofia alemã, socialismo francês e economia política inglesa[89], trabalharemos nessa pesquisa que o

87 Ocorrida entre 7 e 14 de janeiro de 1919, o evento histórico conhecido como Semana Trágica. Aconteceu como resposta repressiva de grupos paramilitares da Liga Patriótica Argentina e forças policiais e militares do governo de Yrigoyen frente a greve geral decretada pela Federación Obrera Regional Argentina (FORA) de cunho anarco - sindicalista dentro da conjuntura dos ecos da Revolução Russa, se estimando o assassinato de mais de 800 trabalhadores pela repressão durante a semana. Ver: GODIO, Julio, "La Semana Trágica de enero de 1919", Buenos Aires: Granica, 1973.

88 Os eventos da chamada Patagônia Rebelde foram rebeliões operárias ocorridas entre os anos 1920-1922 na atual Província Patagônica de Santa Cruz, como reflexo do declínio de vida ocorridas após o fim da I Guerra Mundial onde houve uma baixa abrupta da exportação de lãs da Argentina, no qual os donos de terra jogaram os custos da crise sobre os trabalhadores através de processos de demissões em massa e rebaixamento dos salários. Tropas de governo de Yrigoyen mais as forças paramilitares da Liga Patriótica produziram fuzilamento de centenas de grevistas. O episódio em questão foi celebremente tratado na literatura de Osvaldo Bayer "La Patagonia Rebelde", novela histórica publicada em 4 tomos, e transporta ao cinema por Héctor Oliveira "La Patagônia Rebelde", Argentina, 1974, 103 min.

89 LENIN, Vladmir Ilich, "As Três fontes e as Três partes constitutivas do Marxismo" In: LENIN, Vladmir Ilich, "Obras Escolhidas em Seis Tomos, Tomo I", Lisboa: Avante, 1977, pp.35-39.

pensamento de Cooke também possuí três fontes constitutivas: o nacionalismo, o marxismo e o revisionismo histórico. Buscaremos entender as múltiplas nuances dessas três fontes no pensamento de Cooke desde a dialética das lutas de classes na Argentina e como a ação política de Cooke joga constantemente para modificação de sua interpretação teórica calcada nas três fontes citadas, em que uma hora uma prevalecerá sobre a outra, mas que em nenhum momento algumas delas se encontra ausente. Se em Marx a questão nacional é complexa e acidentada, exploremos ao largo dessa pesquisa como a questão nacional e a perspectiva da revolução socialista em Cooke também é complexa e acidentada, para além de imagens traçadas desde ficções orientadoras de determinados movimentos políticos ou interpretações dogmáticas presas na passionalidade com o objeto histórico.

Reafirmamos que o objeto do presente trabalho consiste em buscar as contribuições teóricas e o debate político em Cooke sobre o entrelaçamento entre a questão nacional e o socialismo. Adotaremos em certa medida alguma tonalidade biográfica, devido ao protagonista da dissertação ser um autor e personagem histórico pouco conhecido no Brasil mesmo entre os estudiosos do pensamento político latino-americano. Porém tal trabalho passa por fora de ter qualquer tipo de pretensão de ser uma biografia de John William Cooke, ainda que parte desse trabalho possa ser lido como uma contribuição ao estudo de sua trajetória, o pensador argentino é objeto da pesquisa, assim como o debate da questão nacional desde uma perspectiva marxista e latino-americana. Por isso, optamos por fazer esse exercício inicial de síntese das diversas nuances da questão nacional em Marx, para que daqui adiante se possa pensar o marxismo não desde uma perspectiva eurocêntrica e esterilizada no tempo, mas desde um horizonte criativo e não colonizado, em que buscaremos em Cooke seus aportes.

1.2 – O Antipersonalismo e a Infâmia (1930-1945)

> "La personalidad juega un papel de movilización y dirección en cuanto encarna las más altas virtudes y aspiraciones del pueblo y no se separa de la ruta." (John William Cooke, "Bases para una política cultural revolucionaria", 1965)

Filho de Juan Isaac Cooke[90] e Elzira Lenzi, as origens paternas de John William Cooke remetem ao irlandês Isaac McKim Cooke, marinheiro mercante que imigrou aos EUA[91] na segunda metade do século XIX e viveu na cidade de Baltimore contraindo matrimônio com a panamenha (na época ainda Colômbia) Carmen Arosemena, concebendo Genaro William Cooke que nasceu na Colômbia/Panamá em 1864. Genaro estudou medicina nos EUA, provavelmente em Baltimore onde seus pais viveram, se casando em 5 de agosto de 1890 na Argentina com a portenha María Arelia Luciani y Couso, casal a qual deu origem à Juan Isaac Cooke, pai de John William Cooke[92].

Segundo a biografia escrita por Daniel Sorin, a família Cooke tinha uma posição social mediana e liberal com penetração em locais mais elitizados da sociedade platense da época. Para além de John, o casal Juan Isaac e Elzira tiveram mais 3 filhos: José Luis, Carlos Frederico e Jorge Félix. Juan Isaac era sócio do Jockey Club de La Plata e John William teria praticado basquete no Gimnasia y Esgrima La Plata[93], além de ter como um dos primeiros trabalhos no final dos anos 30 a

90 Juan Isaac Cooke (1895-1957) foi um notório dirigente da Unión Cívica Radical (UCR), onde chegou ocupar o posto de secretário-geral e deputado nacional durante 1938-1943, foi ainda Ministro das Relações Exteriores da Argentina durante o governo Eldemiro Farell (1944-1946), embaixador da Argentina no Brasil entre 1947-1954, já durante os governos de Perón, e posteriormente foi delegado perante a Organização das Nações Unidas (ONU) até a queda de Perón em 1955, quando se exila no Uruguai e lá morre em 1957.

91 Marx descreve o significado do "Fazer a América" para os imigrantes irlandeses durante o século XIX da seguinte forma: "Em 1846, a fome liquidou, na Irlanda, mais de um milhão de pessoas, mas só pobres-diabos. Não acarretou o menor prejuízo à riqueza do país. O êxodo ocorrido nas duas décadas seguintes, e que ainda continua a aumentar, não dizimou, como foi o caso na Guerra dos Trinta Anos, junto com os homens, seus meios de produção. O gênio irlandês inventou um método totalmente novo para transportar, como por obra de encantamento, um povo pobre a uma distância de milhares de milhas do cenário de sua miséria. A cada ano, os emigrantes assentados nos Estados Unidos enviam dinheiro para casa, meios que possibilitam a viagem dos que ficaram para trás. Cada tropa que emigra este ano atrai outra tropa, que emigrará no ano seguinte. Em vez de custar algo à Irlanda, a emigração constitui, assim, um dos ramos mais rentáveis de seus negócios de exportação. Ela é, por fim, um processo sistemático, que não se limita a furar um buraco transitório na massa populacional, mas que dela extrai anualmente um número maior de pessoas do que aquele reposto pelos nascimentos, de modo que o nível populacional absoluto cai a cada ano" In: MARX, Karl, Op Cit (2011) pp.757-758. E na contrariedade desse movimento a emigração para a América fortalecia os EUA como rival emergente da Inglaterra, onde os irlandeses acabavam por acumular alguma riqueza ao se aventurar no Atlântico: "Esse lucrativo método, como tudo o que é bom neste mundo, tem seus inconvenientes. A acumulação de irlandeses na América. O irlandês, desalojado por vacas e ovelhas, reaparece como feniano do outro lado do oceano. E, perante a antiga Rainha do Mar, levanta-se, cada vez mais ameaçadora, a jovem e gigantesca república.", Idem p.784.

92 Para uma árvore genealógica da família Cooke, visitar o sítio Irish Genealogy; disponível em: https://web.archive.org/web/20160402031154/http://irishgenealogy.com.ar/genealogia/C/Cooke/Isaac.php; acesso em: 26/06/2020.

93 Fundado em 3 de junho de 1887, o Gimnasia y Esgrima La Plata era uma espécie de versão platense do clube homônimo fundado em 1880 pela elite do bairro de Palermo na capital do país. O Gimnasia foi entre o final do século XIX e parte do século XX um dos clubes desportivos de maior representatividade e sociabilidade da elite criolla de La Plata. Ver: FRYDENBERG, Julio, "História Social del fútbol: Del amateurismo a la profesionalización", Buenos Aires: Siglo XXI: 2017, pp.45; 288.

cobertura jornalística de partidas futebolísticas dos rivais Estudiantes e Gimnasia no jornal *La Plata*[94].

É comum aparecer em diversos trabalhos biográficos sobre as origens políticas da família Cooke uma suposta anglofilia[95], ou seja, uma propensa admiração pela cultura, história e ideias políticas advindas da Inglaterra e dos EUA, ou mesmo o mito que os Cooke conversavam em inglês em casa. Aqui não temos fontes primárias que nos apontem para uma afirmação de tais questões que para nos são completamente secundárias, os únicos elementos que temos aqui para supor uma anglofilia no pensamento de J.W. Cooke em sua juventude são constantes citações de literatura e história inglesa em cartas, diários, fichamentos e estudos que foram anotados em inglês em seus manuscritos pessoais[96].

Por outro lado, um elemento que para nós é de importante compreensão é a filiação política dos Cooke na corrente antipersonalista da *Unión Cívica Radical* (UCR)[97] dirigida por Marcelo T. de Alvear, caracterizada por uma postura liberal e mais conservadora perante as outras facções da UCR. Além de Juan Isaac Cooke ter sido deputado por essa facção da UCR, John William Cooke foi dirigente da *Unión Universitária Intransigente,* durante o período em que estudou direito na Universidad de La Plata. Ademais o antipersonalismo como sugere sua denominação seria contrário a qualquer tipo de aproximação política com líderes de estirpe caudilha como Perón.

O chamado radicalismo antipersonalista configurava suas bases sobre as contradições internas da *Unión Cívica Radical* nas primeiras décadas do século XX. Como sinaliza David Rock a UCR é um partido que encontra suas origens sociais nas elites latifundiárias com ideias políticas

94 SORIN, Daniel, "John William Cooke: La mano izquierda de Perón", Buenos Aires: Planeta, 2014, pp.230-239.
95 Entre esses trabalhos citamos os já clássicos "John William Cooke: La mano izquierda de Perón" de Daniel Sorin e "Cooke: de Perón al Che" de Norberto Galasso.
96 Nas caixas 8, pastas nº 1e nº3 do Fundo Eguren-Cooke da Biblioteca Nacional Mariano Moreno é possível encontrar fichamentos, poemas e anotações em inglês de Cooke (sem data) porém nada que seja possível afirmar qualquer tipo anglofilia em Cooke.
97 As origens da UCR remontam ao episódio conhecido como Revolución del Parque ou Revolución del 90. Uma rebelião cívico-militar liderada pelo agrupamento Unión Cívica em 26 de julho de 1890 durante a presidência de Julio Argentino Roca. Suas principais lideranças eram Bernardo Irigoyen, Leandro Além, Hypolíto Yrigoyen e Bertolomé Mitre. De composição heterogênea o levante combatia o sistema de fraudes eleitorais, num contexto de grave crise econômica, possuíam pautas moralizantes politicamente os artífices mais radicais da Revolución del Parque formaram UCR encampando a luta pelo sufrágio universal (masculino) e secreto.

mais flexíveis que seus pares de classe, com pautas moralizantes e modernizantes como o sufrágio universal masculino, que foi obtido com a Lei Saenz Peña em 1912, e segundo Joel Horowitz a UCR se tornou na prática o primeiro partido político moderno da Argentina, incorporando a chamada "questão social" em sua plataforma política, onde a eleição presidencial de Yrigoyen em 1916 e sua ascendência sobre a UCR marcou uma guinada do partido na direção de uma organização de massas urbanas com amplo apoio nos setores médios, ao mesmo tempo que no plano eleitoral estabelecia alianças táticas com o sindicalismo revolucionário[98].

Segundo Elena Piñera em sua tese sobre os antipersonalistas, esse setor da UCR se definia como a oposição a ascendência yrigoyenista no partido, que em sua perspectiva estava por centralizar a organização na figura de Yrigoyen, o esvaziando de ideias e princípios. Assim como também se rebelaria contra uma suposta prevalência do comitê nacional localizado em Buenos Aires sob as instâncias provinciais do partido, ou seja, a intromissão de Yrigoyen e seu grupo sob as autonomias partidárias provinciais, além da falta de democracia representativa no partido[99].

O Antipersonalismo nessa perspectiva teria se conformado primeiro como uma tendência interna da UCR por volta de 1916, que visto a ascendência de Yrigoyen sobre o partido vai se organizar como outra organização partidária se apresentando nas eleições de 1928, nas quais foram derrotados pelo próprio Yrigoyen. É necessário levar em consideração que antes da conformação do Antipersonalismo como partido, essa facção esteve na presidência da República entre 1922-1928 com Marcelo Alvear, num período marcado exatamente por uma certa estabilidade política e um lapso temporal de retomada econômica após os anos de crise estrutural e cíclica e aumento geral do custo de vida durante a Primeira Guerra Mundial que interrompeu o período de bonança e acumulação agroexportadora (1880-1914) cujos efeitos recessivos perduraram até 1922, enquanto a conjuntura global da presidência de Alvear favoreceu a uma retomada do emprego que cresceu 33% e da queda do custo de vida em 30%, ao mesmo tempo que os salários aumentaram 69%

98 ROCK, David, "El radicalismo argentino 1890-1930", Buenos Aires: Amorrortu, 1992; HOROWITZ, Joel, "El radicalismo y el movimiento popular (1916-1930)", Buenos Aires: Eudhasa, 2015, pp.30-32.
99 PIÑERA, Elena, "Los radicales antipersonalistas. História de una disidencia. 1916-1943", Tese de doutorado em História. Buenos Aires: Universidad Torcuato Di Tella, 2007, p.6.

diminuindo os conflitos sociais e greves do período anterior, num período marcado por acentuação também das inversões estadunidenses na manufatura[100].

Após a derrota na corrida presidencial de 1928, a UCR Antipersonalista cerrou fileiras com os conspiradores que desencadearam o golpe oligárquico de 1930. Golpe esse que vai esfacelar sua atuação nos níveis provinciais onde muitos antipersonalistas regressaram ao tronco original do partido com sua reorganização em 1931 e outra parte apoiaria o General Augustín Pedro Justo. Alvear se afastaria de Augustín P. Justo posteriormente devido a perseguição política do regime a muitos filiados do radicalismo antipersonalista. Outros setores da mesma facção marchariam junto ao Partido Demócrata Nacional e socialistas independentes e formariam a Concordância para levar Augustín P.Justo à presidência, o que ocorreu em 1932, com os anseios de impedir os avanços das forças populares mobilizadas pelo yrigoyenismo[101].

Desse modo, compreendemos que o antipersonalismo se divide em duas grandes vertentes após 1930: os artipersonalistas dirigidos por Alvear e os antipersonalistas da Concordância (bloco partidário que governaria o país até 1943). Os Cooke se filiam na primeira tendência.

É fundamental aqui para nós traçar um panorama das mudanças estruturais na sociedade argentina no contexto da crise capitalista mundial eclodida em 1929 até o golpe de 1943 para buscar compreender a complexidade da conexão entre 3 elementos: as possibilidades da formação intelectual e política de Cooke; a ação política do antipersonalismo no contexto e a sua falência histórica e alguns elementos para compreensão do surgimento do peronismo e a adesão de Cooke a esse projeto. Sobretudo a chave que nos toca é: como Cooke se converte de um jovem liberal para um nacionalista de forte teor anti-imperialista?

A eclosão da crise mundial de 1929 abalou o modelo das economias agroexportadoras que vislumbravam a ideia de crescimento ilimitado orientado "para fora", tornando necessário a substituição ainda que conjuntural da estrutura econômica e a alteração do padrão de hegemonia na

100 HOROWITZ, Joel, Op.Cit (2015), p.34; ORTIZ, Ricardo, "Historia Económica de la Argentina (1850-1930), Tomo II", Buenos Aires: Editorial Raigal, 1955, pp.220-223.
101 Idem, p.64.

composição do Estado e logo na forma de Estado. Enquanto no Brasil as mesmas oligarquias passaram a ser obrigadas a dividir sua hegemonia com as propostas reformistas da pequena-burguesia tenentista, na Argentina se estabelecia em 1930 uma restauração oligárquica.

O golpe de Estado de 6 de setembro de 1930 sob a condução do General Félix Uriburu (de orientação filo-fascista[102]) no qual foi removido o radical Hipólito Yrigoyen da presidência, deve ser compreendido como um rearranjo das oligarquias rurais para sincronizar o domínio econômico com o domínio político sob a hegemonia dos grandes donos de terra e gado, no marco das particularidades da crise do Capital na Argentina e na América Latina.

O período entre guerras tornou necessário por parte dos países imperialistas um maior domínio da geopolítica do petróleo. Naquele contexto o México já estava envolto aos antecedentes nacionalistas que culminariam na nacionalização do petróleo por Lázaro Cárdenas em 1936 e os EUA tinha difícil penetração na exploração de petróleo do Oriente Médio dominado pelas empresas e o colonialismo britânico. Nessa conjuntura os conglomerados estadunidenses como a Standard Oil of New Jersey passaram a mirar para a América do Sul como território prioritário para a exploração de petróleo de modo que os investimentos em pesquisa e extração aumentavam gradativamente desde 1919 em países como Venezuela, Colômbia, Brasil, Bolívia, Peru e a Argentina[103].

Enquanto a empresa anglo-neerlandesa Royal Dutch Shell levava a Venezuela a condição de segunda maior produtora de petróleo do mundo após as descobertas dos campos petrolíferos do Lago de Maracaibo, na Argentina Yrigoyen não apenas havia criado a Yacimientos Petrolíferos Fiscales (YPF), primeira empresa estatal do petróleo de um país não socialista, como ainda pactuava acordos comerciais com a firma soviética Iuyamtorg.

A questão do monopólio estatal do petróleo não explica integralmente as razões envoltas ao golpe de 1930, mas fornece elementos da geopolítica dos interesses internacionais coligados com

102 José Félix Benedito Uriburo (1868-1932) almejava com o golpe de 1930 transformar o Estado argentino num Estado de tipo corporativista seguindo o modelo Benito Mussolini na Itália. Durante sua presidência dissolveu o Congresso e interviu nas 14 províncias do país. Numa eleição marcada por fraudes entregou o posto de presidente a Augustín P.Justo em fevereiro de 1932, pouco meses antes de morrer câncer de estômago em Paris.
103 SOLBERG, Carl, “Oil and nationalism in Argentina: a history”, Stanford: Stanford University Press, 1979, p.211.

setores das forças armadas e que contou com apoio de governadores de províncias como Joaquín Corvalán em Salta e Benjamín Villafañe em Jujuy, ambos radicais antipersonalistas que eram contrários ao monopólio estatal do petróleo temendo a ascendência de Buenos Aires sobre as demais provinciais na concentração das divisas das atividades petroleiras.

Ademais Yrigoyen tomava medidas cada vez mais antiestadunidenses desde que havia assumido seu segundo mandato (1928), sobretudo devido à rivalidade no setor da carne. Medidas que com a eclosão da crise mundial em 1929 conduziram o país a queda das exportações e a retirada de investimentos norte-americanos afetando os setores marítimos e ferroviários[104]. Além disso eram mobilizados os setores médios portenhos e filo-fascistas no interior das forças armadas em reação a iniciativas reformistas de inclusão social como o direito a greve, a elaboração de um código do trabalho, as leis de aposentadoria para empregados públicos e de empresas privadas de serviços públicos (n.º 11.110); de proteção aos menores (n.º 10.903) e da função social da propriedade privada, conhecida como lei de alugueis (n.º 11.156), ainda que em contradição com a repressão que arrebentava sobre a classe trabalhadora como nos casos já citados da Semana Trágica, Patagônia Rebelde, entre outros episódios.

Ao mesmo tempo a questão geopolítica real e dos interesses não pode deixar de ser levada em consideração, pois justamente nesse mesmo período surgiram diversos conflitos na região no qual a questão estratégica passava pelo domínio do petróleo, sendo a Guerra do Chaco (1932-35)[105] sua principal expressão.

> ...muitos dos ministros de Uriburu serviam às companhias estrangeiras como consultores jurídicos e admitiu que bem podia ser verdade que elas utilizassem suborno ou outros meios para lançar militares contra Yrigoyen. De fato, o primeiro-ministro de Interior do governo Uriburu (1930-1932) foi Matias Sanchez

104 ROMERO, Luís Alberto, "História Contemporânea da Argentina", Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, pp.60-61.
105 A Guerra do Chaco (1932-1935) foi um conflito bélico produzido entre os dois países mais pobres da América do Sul: Paraguai e Bolívia em torno das disputas em torno do controle territorial do Chaco, segundo o qual pesquisadores da Standart Oil of New Jersey (trust norte-americano) e da Royal Dutch Schell (trust anglo-neerlandês) vislumbravam grandes potencialidades de extração de petróleo. A vitória do Paraguai, além de arrancar o território do Chaco boliviano, sedimentou um sistema político calcado nas forças armadas que imperou durante todo o século XX. Ver: CHIAVENATO, Julio José, "A Guerra do Chaco ('leia-se petróleo',)", São Paulo: Brasiliense, 1980.

> Sorondo, consultor jurídico da Standard Oil, o ministro da educação pública Ernesto Padilha, tinha vinculações com a WICO, subsidiária da Standard Oil, e vários outros, como Ernesto Bosh (Relações Exteriores), Octávio S.Pico (Obras Públicas) e Horácio Beccar Varela (Agricultura) foram ou ainda eram empregados de companhias petrolíferas da Grã-Bretanha. As personalidades vinculadas ao petróleo efetivamente gravitavam em torno do governo Uriburu, como dos posteriores.[106]

A crise do capital ao romper o modelo de crescimento "para fora" (primário-exportador) abriu dois caminhos possíveis as classes dominantes na Argentina: 1) Condenar a economia a uma paralisação formal através da redução da oferta global, esperando uma conjuntura mais favorável para ampliar sua participação no mercado mundial; 2) reduzir as importações as substituindo pela ampliação da produção local. A segunda medida é a opção adotada de forma quase unânime entre os setores produtivos dos países latino-americanos com relativa importância na exportação de mercadorias primárias no comércio mundial (Argentina, Brasil e México).

Segundo Murmis e Portantiero[107] com o Golpe de 1930 a Argentina passa a ter uma configuração de alianças de classes entre latifúndio e indústria incipiente baseada no projeto de crescimento pela substituição de importações, aliança que sob a hegemonia dos chamados setores "oligárquicos" permitem a expansão de grupos manufatureiros devido à perda substancial de seu mercado internacional, ou seja, se direcionando a um "desenvolvimento industrial, sem revolução industrial", processo baseado na indústria leve e produtora de bens não duráveis.

Essa política econômica do início dos 1930 é marcada pelo escasso interesse do incremento do capital constante no montante da composição orgânica de capital. A ideia consistia em render o máximo com a capacidade industrial já instalada no pré-29[108], aumentando apenas o contingente de

106 MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, "Brasil, Argentina, Estados Unidos: Conflitos e integração na América do Sul (da Tríplice Aliança ao Mercosul), 1870-2007", Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, pp.178-179.
107 MURMIS, Miguel e PORTANTIERO, Juan Carlos, "Estudos sobre as origens do peronismo", São Paulo: Brasiliense, 1973, p.15.
108 A indústria argentina do pré-1929 era principalmente para a transformação do setor primário, sobretudo na indústria frigorífico que contavam grandes e modernas unidades produtivas porém com um capital variável que dependia da sazonalidade da disponibilidade de emprego dos trabalhadores na pecuária, que migravam às fabricas quando carecia

capital variável. Essa incipiente industrialização para o mercado interno permite ao setor "oligárquico" que havia retomado a hegemonia do Estado com o golpe contra Yrigoyen reajustar seu processo de acumulação aos novos termos impostos pelo comércio internacional, de modo que fosse possível baixar as importações ao nível das exportações[109], promovendo a repulsão de trabalhadores do campo com criação de uma superpopulação relativa latente[110] nas grandes cidades, sobretudo Buenos Aires no qual sua população passa a representar 30,1 % dos habitantes do país em 1947[111]. Esses pilares de princípios básicos são os quais agem as classes dominantes com a abertura do período histórico conhecido com Década Infame[112] (1930-1943).

É importante sinalizar que ainda que os antipersonalistas tivessem apoiado a queda Yrigoyen, eles mesmos acabaram sendo vítimas da perseguição política desencadeada por Uriburo, sendo Alvear deportado da Argentina em 1931 e deixando a presidência do partido para os antipersonalistas Vicente C. Gallo e Fernando Saguier. Nas eleições convocadas para 1932, os radicais se dividiram entre a candidatura de Alvear, com apoio dos yrigoyenistas e a candidatura de Gallo, que não apresentava nenhum tipo de objeção do governo de facto. Desse impasse resultou o retorno à tática da abstenção eleitoral, que foi comum no período anterior a Lei Saenz Peña e que

---

postos de trabalho no campo. Ainda nos 1920 houve uma crescente mecanização do campo, industrializando o setor e empurrando trabalhadores rurais para os principais centros, principalmente Buenos Aires que tinha até então uma superpopulação flutuante rumando à uma superpopulação estagnada. Ver: HOROWITZ, Joel, Op.Cit (2015), p.26.

109 MURMIS, Miguel e PORTANTIERO, Juan Carlos, Op. Cit, pp.18-19.

110 Aqui nos referimos ao conceito de superpopulação relativa latente em Marx: "Assim que a produção capitalista se apodera da agricultura, ou de acordo com o grau em que se tenha apoderado dela, a demanda de população trabalhadora rural decresce em termos absolutos na mesma proporção em que aumenta a acumulação do capital em funcionamento nessa esfera, e isso sem que a repulsão desses trabalhadores seja complementada por uma maior atração, como ocorre na indústria não agrícola. Uma parte da população rural se encontra, por isso, continuamente em vias de se transferir para o proletariado urbano ou manufatureiro, e à espreita de circunstâncias favoráveis a essa metamorfose. (Manufatureiro, aqui, no sentido de toda a indústria não agrícola Essa fonte da superpopulação relativa flui, portanto, continuamente, mas seu fluxo constante para as cidades pressupõe a existência, no próprio campo, de uma contínua superpopulação latente, cujo volume só se torna visível a partir do momento em que os canais de escoamento se abrem, excepcionalmente, em toda sua amplitude. O trabalhador rural é, por isso, reduzido ao salário mínimo e está sempre com um pé no lodaçal do pauperismo.": MARX, Karl, "O Capital:Crítica da Economia Política, Livro I" São Paulo: Boitempo, 2011, p.701.

111 CEPAL, "Algunas reflexiones sobre el desarrollo regional, a proposito del caso argentino.", Nova Iorque: ONU, 1973, p.1

112 O termo Década Infame para se referir ao período histórico argentino entre os anos 1930-1943 foi cunhado pelo jornalista e historiador nacionalista José Luís Torre para descrever um momento histórico da argentina fundamentado pela fraude eleitoral sistemática, desnacionalização dos setores estratégicos da economia, submissão aos capitais ingleses e estadunidenses e Estado hegemonizado pelas oligarquias latifundiárias.

seria novamente adotada até 1934, garantindo algum nível de unidade entre os radicais, porém sacramentando o General Justo na presidência até 1938.

Durante o governo de Auguntin P.Justo foi assinado o chamado Pacto Roca-Runciman, tratado que assim como os célebres empréstimos solicitados por Bernardino Rivadavia ao Baring Brothers em 1824[113] vai marcar os debates sobre os projetos de nação ao longo do século XX, em ambos os acordos figuram a contraposição entre críticos e defensores, entre soberania nacional x "entreguismo".

Assinado em 1º de maio de 1933 entre o vice-presidente da Argentina Julio Argentino Roca (filho do ex-presidente com mesmo nome), assessorado por Raul Prebisch e Walter Runciman, encarregado de negócios da coroa britânica. Roca-Runciman foi uma saída encontrada pelos pecuaristas argentinos perante a drástica perda de mercado externo após a Conferência de Ottawa (1932), onde o Império Britânico passava a dar preferência a importação de mercadorias primárias as suas colônias, ex-colônias e domínios autônomos (Commonwealth), restringindo a importação de países terceiros, passando a rejeitar o livre cambismo que havia aberto as condições para regiões inteiras de Ásia, África e América Latina estarem sob o domínio colonial ou em relação de dependência ao imperialismo inglês.

O Pacto Roca-Runciman garantiu que o Reino Unido não imporia restrições as importações da carne bovina refrigerada argentina, em contraposição o governo argentino cedia 85% das licenças de importações da carne argentina ao governo britânico, consolidando um *trust* inglês sobre o principal setor de exportação do mercado argentino. Além disso, o governo argentino ficava comprometido em não impor novos impostos as mercadorias britânicas, nem aumentar as existentes, assim como ficavam abolidos os impostos sobre mercadorias primordiais a sua

113 Em 1824 sob a presidência de Bernardino Rivadavia (Partido Unitário) foi realizado o primeiro empréstimo estrangeiro da história da Argentina. O banco bretão Baring Brothers emprestou 1 milhão de libras esterlinas ao governo argentino, no qual apenas 70% foram efetivados, o banco estrangeiro descontou antecipadamente o serviço de duas anuidades, de modo que o país só recebeu 570.000 libras. Para Scalabrini Ortíz o primeiro empréstimo inglês à Argentina não se tratou nada mais que um empréstimo de desbloqueio, uma forma de transportar permanente os lucros obtidos pelos comerciantes ingleses no Rio da Prata: SCALABRINI ORTÍZ, Raúl "Política Britânica no Rio da Prata", Florianópolis: Insular: 2014, pp.96-129.

incipiente indústria, como o carvão. Roca-Runciman foi a definição da hegemonia dos setores agrários no Estado após 1930, acentuando o intercâmbio desigual[114] característico das relações de troca entre Argentina e Grã-Bretanha. O historiador revisionista e nacionalista Arturo Jauretche apelidaria naquele contexto o Pacto Roca-Runciman e demais concessões ao capital estrangeiro de *estatuto legal del coloniaje*[115].

Segundo Murmis e Portantiero até a eclosão da II Guerra Mundial não havia fraturas significativas de interesses entre as frações industriais na Argentina (pequenos e médios) e ao mesmo tempo que esse setor econômico não possuía força para impor seus interesses frentes as oligarquias agrárias. Essa situação se modificará gradativamente com a expansão industrial aberta desde 1935, acentuando ainda mais as fissuras internas entre os industriais sob os anos do peronismo (1946-1955), devido a conexão cada vez mais gradativa de parte desse setor com o capital financeiro internacional, tal como já se sustentava o setor agrário, que se entendia como o setor dinâmico da economia argentina, enquanto a indústria deveria se reter como um setor econômico complementar nessa visão oligárquica.

---

114 Marini define o intercâmbio desigual da seguinte forma: "Teoricamente, o intercâmbio de mercadorias exprime a troca de equivalentes, cujo valor se determina pela quantidade de trabalho socialmente necessário que as mercadorias incorporam. Na prática se observam diferentes mecanismos que permitem realizar transferências de valor, passando por cima das leis de intercâmbio e que se expressam na maneira como se fixam os preços de mercado e os preços de produção das mercadorias (…) É assim como, por efeito de uma maior produtividade do trabalho, uma nação pode apresentar preços de produção inferiores a seus concorrentes, sem por isso baixar significativamente os preços de mercado que as condições de produção destes contribuem a fixar. Isto se expressa, para a nação favorecida, em um lucro extraordinário, similar ao que constatamos ao examinar de que maneira se apropriam os capitais individuais do fruto da produtividade do trabalho. É natural que o fenômeno se apresente sobretudo a nível da concorrência entre nações industriais e menos entre as que produzem bens primários, já que é entre as primeiras que as leis capitalistas de intercâmbio se exercem de maneira plena; isto não quer dizer que não se verifique também entre estas últimas principalmente quando se desenvolvem ali as relações capitalistas de produção. No segundo caso- transações entre nações que intercambiam distintos tipos de mercadorias, como manufaturas e matérias-primas – o mero fato de que umas produzem bens que as demais não produzem, ou não o podem fazer com a mesma facilidade, permite que as primeiras eludam a lei do valor, isto é, vendam seus produtos a preços superiores a seu valor, configurando assim um intercâmbio desigual. Isto implica que as nações desfavorecidas devem ceder gratuitamente parte do valor que produzem. E que esta cessão ou transferência se acentue em favor daquele país que lhes vende mercadorias a um preço de produção mais baixo, em virtude de sua maior produtividade. Neste último caso, a transferência de valor é dupla, mesmo se não necessariamente apareça assim para a nação que transfere valor, já que seus diferentes provedores podem vender todos a um mesmo preço, sem prejuízo de que os lucros se distribuam desigualmente entre eles e que a maior parte do valor cedido se concentre em mãos do país de produtividade mais alta."MARINI, Ruy Mauro, "Dialética da Dependência" In: SADER, Emir (org.) "Dialética da Dependência, uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini", Petrópolis/Buenos Aires: Vozes/CLACSO 2000, pp.120-121.

115 JAURETCHE, Arturo, "F.O.R.J.A y la Década Infame", Buenos Aires: A.Peña Lillo, 1976, p.58.

No setor agrário por outro lado a divisão de interesses pela orientação de Estado já era fraturado anteriormente ao golpe de 1930. Enquanto os agricultores "criadores" (voltados para o mercado interno) apoiavam a orientação nacionalista de Yrigoyen, os setores "invernistas" (que vendiam diretamente aos frigoríficos) respaldavam toda a movimentação golpista, esses últimos se favoreceram economicamente com o Roca-Runciman, garantindo a compra de suas mercadorias, e hegemonizando a Sociedade Rural Argentina. A fórmula consolidava um monopólio interno dos grandes ganadeiros em consórcio com os *trusts* ingleses, ou seja, os chamados "invernistas" se convertiam mais propriamente num elo da dependência imperialista do que em algo que poderia se enquadrar numa chamada "burguesia nacional agrária"

A grande voz e isolada em favor dos pequenos e médios pecuaristas em rebelião ao Roca-Runciman foi o senador santafesino Lisandro de La Torre (do Partido Democráta Progresista[116]) que se engajou para a realização de uma comissão de investigação do comércio de carnes na Argentina, reclamando das práticas monopolistas, dos preços baixos pagos aos pequenos produtores, das evasões de impostos e da resistência dos frigoríficos as investigações[117]. Não gratuitamente anos mais tarde em sua homenagem o Frigórico Nacional (estatal) seria rebatizado com seu nome, durante o primeiro governo de Perón[118].

De acordo com Di Tella e Zymelman[119] 50% do capital industrial na Argentina estava sob o controle de empresas estrangeiras em 1938 o capital estrangeiro dominava não só os frigoríficos, mas as usinas elétricas, as companhias de gás, de cimento, do setor automotivo, da borracha, da

116 Fundado em 1914 por Lisandro de La Torre o Partido Democráta Progresista foi fruto de conflitos internos dentro da UCR em Santa Fé, nele militaram no período da Década Infame historiadores revisionistas como Carlos Ibarguren e José Maria Rosa. A perspectiva protecionista de Lisandro de La Torre seria criticada pelos forjistas por que na visão desses os democratas progressistas não conseguiam observar a integridade do processo de espoliação internacional para além do setor das carnes.

117 ROMERO, Luis Alberto, Op.Cit (2006), p,74.

118 Fundada em 1923 durante o governo do radicalista antipersonalista Marcelo T. Alvear no bairro de Mataderos (na época Nueva Chicago) na zona oeste de Buenos Aires como Frigorifico y Matadero Municipal de Liniers, a empresa visava abastecer o mercado interno da Grande Buenos Aires, escapando dos preços estabelecidos pelos frigoríficos controlados pelos bretões e estadunidenses. Em 1950 sob governo Perón, o Frigorífico foi nacionalizado e recebeu o nome de Lisandro de La Torre. Em 1959 foi privatizado pelo governo de Arturo Frondizi (UCR), após uma encarniçada resistência dos trabalhadores do bairro de Mataderos que ocuparam o Frigorifico no dia 14 de janeiro, episódio dos mais conhecidos da Resistência Peronista, que levou a ditadura do Processo de Reorganização Argentina a demolir o Frigorifico em 1979 visto que era um símbolo do movimento de trabalhadores peronistas.

119 DI TELLA, Guido, e ZYMELMAN, Manuel, "Las etapas del desarrollo económico argentino, Buenos Aires: Eudeba, 1967, p.443.

produção têxtil artificial, e ainda, controlavam grande parte da produção de tabaco, petróleo, fabricação de condutores elétricos, produtos farmacêuticos, aparelhos radiofônicos e etc. Enquanto o setor autóctone da indústria argentina produzia majoritariamente alimentos, bebidas, tabaco e tecidos.

Em 1938 é redigido um projeto econômico que é fundamental para o entendimento do desenvolvimento industrial argentino no período, o Plano Pinedo (aprovado em 1940). Elaborado pelo Ministro da Fazenda Federico Pinedo. O plano visava combater a prática do *dumping* promovido pelas economias centrais no mercado interno argentino, afetando a indústria incipiente local. Além disso o plano visava fornecer créditos do Estado à indústria e renovar a legislação tarifária, atendendo uma demanda da União Industrial Argentina (UIA) que ainda reivindicava a revisão das leis 11.729 e 11.317 que proibia o trabalho de menores, dessa forma visando incorporar crianças e adolescentes ao trabalho fabril. Como parte do pacto de aliança entre latifúndio e indústria o plano ainda garantia compra pelo Estado dos excedentes agrícolas que não encontravam saída.

> O projeto estava absolutamente marcado por uma orientação que tendia para a salvaguarda, em primeira instância, dos interesses dos grandes proprietários rurais. Seu 'radicalismo' residia na percepção de uma defesa adequada desses interesses abrangia, devido às novas circunstâncias mundiais e nacionais, a necessidade de que a indústria não fosse destruída. Desse modo este Plano, que incluía as reivindicações longamente reclamadas pelos industriais e que a UIA saudaria como seu próprio plano, significava, na realidade, uma lúcida tentativa de reforço da hegemonia "oligárquica". Formulando pela elite tradicional, não significava nenhum deslocamento nos centros de decisão econômica social ou política.[120]

Como alternativa ao Pacto articulado entre indústria e pecuaristas, harmonizada pelo Estado o principal partido de oposição ao governo, a Unión Cívica Radical (UCR) defendia a

120 DI TELLA, Guido, e ZYMELMAN, Manuel, "Las etapas del desarrollo económico argentino, Buenos Aires: Eudeba, 1967, p.443.

formação de uma outra aliança de classes, calcada entre os setores agrários subordinados e os setores médios urbanos, esses últimos muito mais ligados ao setor de serviços do que a indústria, camadas médias essas mais consumidoras que produtoras. Desse modo, a principal força de oposição defendia o crédito a pequena propriedade e não uma política alternativa de industrialização. Posição diferente do Partido Comunista que sustentava abertamente uma campanha pela industrialização do país em prol do desenvolvimento do capitalismo no país "semicolonial", enquanto os próprios industriais tinham imensas dificuldades de elaborar um projeto "autônomo" de industrialização diferente do pactuado pelo Estado com os pecuaristas[121].

Com iniciativas como o Plano Pinedo que favoreceu a um crescimento da indústria em média de 53,7% no período de 1937-1946[122], houve um consequente crescimento do proletariado urbano e certa autonomização das Forças Armadas em relação ao que foi formulado pelo Estado, comprometendo a situação da aliança de classes em meados dos anos 1940, passando os militares a adotar a doutrina da "Nação em Armas". A premissa dessa concepção consistia que as maiores chances de potenciais conflitos eram com inimigos externos em suas fronteiras geográficas, desse modo pregavam da autossuficiência econômica, proteção da indústria nacional e propulsão da indústria pesada. O pressuposto consistia que não havia defesa nacional sem indústria própria. Essa base industrial não implicava somente no crescimento econômico, mas também na ação do Estado sobre as decisões básicas de inversão do capital[123].

Em 1964 o historiador trotskista Milcíades Peña (1933-1965) editava a primeira edição da importante revista *Fichas de Investigación Económica y Social*, sob o pseudônimo Victor Testa assinava o polêmico e extenso dossiê *La Evolución industrial en la Argentina*. Nesse trabalho Peña trazia algumas considerações sobre a política econômica da Década Infame onde definia o processo ocorrida como uma "pseudoindustrialização" devido as seguintes características do período:

121 Idem, p39.
122 PEÑA, Milcíades, "La Evolución industrial em la Argentina", In: FICHAS DE INVESTIGACIÓN ECONÓMICA Y SOCIAL, Número especial dedicado a la Evolución industrial y la clase empresária Argentina, ano 1, nº1, 1964, p.8.
123 PORTANTIERO, Juan Carlos, "Clases dominantes y crisis en la Argentina actual"In: Pasado y Presente (Nueva série), Ano IV, nº1, abril-junho de 1973, p.49.

A) não investe na composição técnica do capital; b) não se desenvolve a indústria de base; c) ainda que a produtividade do trabalho aumentasse, os custos elevados de produção baixavam a eficiência; d) o incremento da produção dos meios de produção é inferior ao crescimento dos bens de consumo; e) a agricultura não incorporava tecnologia. Para Peña outra debilidade fundamental se encontrava principalmente nos setores de petróleo e carvão que se mantiveram estagnados entre 1937-54, ou seja, na incapacidade de desenvolver uma indústria de base e uma indústria de máquinas que fazem máquinas[124].

Peña combatia a concepção que o desenvolvimento industrial num país subdesenvolvido diminuía a importância da necessidade de importações. Para Peña, o resultado seria justamente o inverso: o aumento da dependência externa devido à necessidade de importar cada vez mais maquinaria e tecnologia estrangeira, sobretudo incorporando capital constante obsoletos dos países imperialistas[125]. A burguesia industrial local passa a operar como agente da penetração do capital estrangeiro na Argentina e não desenvolvedora de um "capitalismo autônomo"[126].

A hipótese de Peña encontra respaldo em alguma medida nas postulações de Murmis e Portantiero[127], no que tange que o intercâmbio desigual promovido entre em Grã-Bretanha e Argentina ainda que por um lado favoreça o crescimento da indústria leve, ao mesmo tempo indiretamente favorecia uma maior penetração do capital norte-americano fundamentando as bases para uma transição da dependência inglesa para a dependência estadunidense, através da transferência de créditos e aparatos tecnológicos obsoletos na matriz de origem.

Justamente em 1935 ano em que começa a se desenvolver mais rapidamente a indústria na Argentina, e na tendência da lei geral de acumulação se desenvolve a concentração de miséria para uma imensa parte da população, onde cada vez mais os recursos estratégicos do país se encontram desnacionalizados (ferrovias, petróleo, frigoríficos e etc) nasce um dos grupos intelectuais argentinos dos mais notórios e influentes na política do país no século XX, o grupo *Fuerza de*

124 PEÑA, Milcíades, Op.Cit (1964) pp.33-36.
125 Idem, pp.36-44.
126 Idem, pp. 70-77.
127 MURMIS, Miguel e PORTANTIERO, Juan Carlos, Op. Cit, 1973, p.18.

Orientación Radical de la Joven Argentina, mais conhecida pela sigla F.O.R.J.A que atuou de 1935 até 1945, quando se dissolveu após os acontecimentos de 17 de outubro desse ano.

Reivindicando a tradição nacionalista da vertente yrigoyenista da UCR, jovens intelectuais como Arturo Jauretche, Luis Dellepiane e Scalabrini Ortíz, se dedicam a investigar sobre temas em torno do anti-imperialismo, a nacionalização dos setores estratégicos argentinos, a crítica e enfrentamento a fraude eleitoral, as políticas oligárquicas primário-exportadoras, a crítica ao liberalismo historiográfico e ao colonialismo cultural.

Ainda que sob um viés ensaístico o grupo F.O.R.J.A publicaria clássicos fundamentais do pensamento nacional argentino que ajudariam a fundamentar traços ideológicos e de princípios do peronismo anos mais tarde. Obras como "*Política británica en el Río de la Plata*" (1936), "L*os ferrocarriles, factor primordial de la independencia nacional*" (1937) "*El petróleo argentino" (1938)* de Scalabrini Ortiz *ou os "Cuadernos de F.O.R.J.A*", publicados entre 1936-1942, agindo inclusive no plano cultural através do cinema, da poesia, do tango e da milonga de Homero Manzi[128].

As ideias da F.O.R.J.A ocuparão um papel central no pensamento de Cooke entre os anos 1943 até sua morte, alicerçando bases fundamentais de suas concepções do nacional e de sua leitura histórica da realidade Argentina. O surgimento da F.O.R.J.A deve ser pensada sob dois eventos no interior do radicalismo: 1) O fracasso dos levantes yrigoyenistas de 1932 e 1933, no qual o primeiro se tratou de um intento cívico-militar impulsionados pelo tenente-coronel Atilio Catáneo e o segundo mais conhecido como Levante del Paso de los Libres, organizado pelo tenente-coronel Roberto Bosch, no qual o próprio Arturo Jauretche foi um dos artífices; 2) A convenção da UCR de 1934-35 que na prática reconheceu a legitimidade do sistema político promovido pelo governo de facto, onde a direção da UCR levanta a abstenção eleitoral e decide participar do pleito.

128 Em ocasião da morte da Homero Manzi em 1951, Cooke dirigia no Congresso Nacional uma sessão solene em homenagem a Manzi, no qual Cooke qualificava que esse deu aporte inigualáveis ao tango, à milonga. à poesia e ao cinema argentino: COOKE, John William Cooke, "Homenaje: A la Memória de Don Homero Manzi", In: COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Acción parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007, pp.404-407.

Os militantes que formariam a F.O.R.J.A num período que antecede sua constituição (1930-1934) não encontravam nenhum tipo de obstáculo para apoiar a Alvear na frente do partido como elemento unificador. Entrando em conflito com os setores majoritários do partido ao desencadearem as ações armadas para enfrentar o golpe, passaram a caminhar desde então na constituição de uma organização política de novo tipo, que não consiste em um novo partido (visto que continuaram evocando a tradição radical), tampouco participam de eleições ou formam um agrupamento político-militar. A ação política da F.O.R.J.A se desencadeia pela movimentação cultural e propagandístico, através de atos de rua, jornais, revistas, panfletos, sobretudo através de seus "*Cuadernos*" atingindo em cheio o alvo de parte da juventude intelectualizada incomodada com a acentuação da dependência econômica e da fraude política.

Desse modo, o meio em que a F.O.R.J.A melhor desempenhou a propagação de suas ideias foram os meios universitários, em particular as universidades de Buenos Aires e a de La Plata (onde Cooke se graduava em Direito desde 1938), instituindo a *Organización Universitaria Forjista* (O.U.F.), elegendo em 1939 José Capelli para a presidência da *Federación Universitaria Argentina*[129].

O pensamento da F.O.R.J.A era calcado num duplo enfoque: nacional e latino-americano. Reivindicando as pautas históricas da Reforma Universitária de 1918[130], um yrigoyenismo recortado em seus aspectos mais nacionalistas, as ideias de união latino-americana em Manuel Ugarte[131] e Haya de La Torre[132], junto às reivindicações das tradições federalistas anteriores a Batalha de

129 GIMÉNEZ, Sebastían, "FORJA revisitada: La Fuerza Orientadora Radical de la Joven Argentina y su programa político e intelectual (1935-1945)" Sociohistórico, nº31, 2013. In: Memoria Académica. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.5746/pr.5746.pdf, pp.11-15.

130 A Reforma Universitária de 1918 teve como epicentro a Universidad Nacional de Córdoba, onde os estudantes desde uma perspectiva latino-americana conquistaram a democracia direta nos cargos de direção, liberdade de cátedra, acesso universalizado, pautas que se expandiram por diversos países da América Latina como Cuba, México, Venezuela e Colômbia.

131 Manuel Baldomero Ugarte (1875-1951) foi dirigente do Partido Socialista da Argentina, intelectual de influência por toda a América Latina militou elaborou uma larga obra teórica em torno da necessidade da unidade latino-americana e do anti-imperialistmo.

132 Víctor Raúl Haya de la Torre (1895-1979), intelectual marxista peruano, foi o fundador da Alianza Popular Revolucionária Americana (APRA) partido de cunho socialista-reformista de mais larga duração no Peru. Haya de la Torre defendia a integração e unidade latino-americana e foi conhecido por polêmicas intelectuais com José Carlos Mariátegui e outros intelectuais marxistas-leninistas.

Caseros[133]. Uma boa síntese das bases do pensamento forjista se encontra em Hernandéz Arregui, vejamos:

> F.O.R.J.A., cuyo significado era Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina, ya en la sigla descubre sus orígenes. Fue un movimiento ideológico surgido de la crisis de la UCR acelerada a raíz de la muerte de Hipólito Yrigoyen. Los rasgos tipificadores del movimiento son los siguientes: 1º) Un retorno a la doctrina nacionalista aunque vacilante de Yrigoyen filiada, en el orden de las conexiones históricas, a las antiguas tradiciones federalistas del país anteriores a 1852. 2º) Retoma en su contenido originario, los postulados ideológicos de la Reforma Universitaria de 1918. 3º) Su pensamiento no muestra influencias europeas. Es enteramente argentino por su enraizamiento con el doctrinarismo de Yrigoyen, e hispanoamericano bajo la influencia de Manuel Ugarte y Raúl Haya de la Torre y el aprismo peruano. 4º) Sostiene la tesis de la revolución hispanoamericana en general y argentina en particular asentada en las masas populares. 5º) Es un movimiento ideológico de la clase media universitaria de Buenos Aires, en sus capas menos acomodadas, con posteriores ramificaciones en el interior del país. 6º) En su posición antiimperialista enfrenta tanto a Gran Bretaña como a EE.UU., en un doble enfoque nacional y latinoamericano. La idea de FORJA fue lanzada por Arturo Jauretche y antecedida por conversaciones con viejos luchadores del radicalismo como Manuel Ortiz Pereyra, Gabriel del Mazo, Juan B. Fleitas, Homero Mancione (Manzi), A. Gutiérrez Diez, etc.[134]

Entre as principais denúncias e combate da F.O.R.J.A ao governo de facto estavam a criação do Banco Central e o Instituto Mobilizador de Inversiones Bancárias; a unificação dos impostos internos; o Tratado de Londres; os sacrifícios impostos ao povo em benefício do capital

133 Batalha de Caseros ocorreu em 3 de fevereiro de 1852, conflito entre as forças de Justo José de Urquiza, governador de Entre Ríos com apoio estratégico do Império do Brasil contra as forças dirigidas por Juan Manuel de Rosas, governador de Buenos Aires, que levou a queda de Rosas depois de ter dirigido a Confederação Argentina desde 1831 até a derrota em Caseros.

134 HERNÁNDEZ ARREGUI, Juan José, “La formación de la consciência nacional (1930-1960), Buenos Aires: Plus Ultra, 1973.

estrangeiro; a política petroleira; as intervenções militares arbitrárias; as restrições de liberdade de opinião; a sujeição de ensino a organismos estrangeiros; a incorporação a Liga das Nações; a supressão de relações com a URSS; entre outras questões[135].

Passemos agora a um singelo exame da situação da classe trabalhadora na Argentina durante a Década Infame, buscando situar em que condições emergem as bases de apoio do Peronismo.

Do processo de industrialização por substituição de importações teria surgido uma nova classe operária, essa possuía características diferentes da classe operária do período entre 1880-1930 (majoritariamente imigrante). A nova classe operária dos anos 1930 e 1940 era produto da repulsão do campo, advinham das províncias mais pobres do país como Catamarca, Santiago del Estero, La Rioja, Corrientes, Jujuy, Tucumán e Missiones[136]. Segundo Daniel James[137]1.368.000 migrantes oriundos do interior compunham o cenário populacional da região metropolitana de Buenos Aires em 1947.

Essa massa de gente humilde oriunda dos diversos rincões argentinos que se fazem operários em Buenos Aires, Rosário, Córdoba modifica o padrão urbano e rompe com o fantasioso sonho idílico com ares "quase" europeus da metrópole portenha que na sua contrariedade faz brotar as *villas misérias*, termo criado na literatura de Bernardo Verbistky[138] para expressar um fenômeno tão latino-americano como as favelas brasileiras, as *barriadas* de Lima, os *cantegriles* uruguaios, as *poblaciones* e *callampas* chilenas. Antes o imigrante genovês, sardenho e basco chamados de "gringos","turcos", "gallegos" habitantes dos *conventillos* que agora cedem passagem aos *cabecitas negras*, aos *descamisados* e seus locais de moradia *villeras*.

135 F.O.R.J.A, "Declaración aprobada en el asamblea constituyente del 29 de junio de 1935", In: JAURETCHE, Arturo, "F.O.R.J.A y la Década Infame", Buenos Aires: A.Peña Lillo, 1976, pp.87-92.
136 CEPAL, Op.Cit, 1973,pp.3-4.
137 JAMES, Daniel, "Resistencia e Intregación: El peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976", Buenos Aires: Siglo XXI, 2006, p.21.
138 O termo "villa miseria" ou simplesmente "villa" passou a ser utilizado com frequência para designar esse tipo de comunidade após a publicação do célebre romance "Villa Miseria también es America" (1966) de Bernardo Verbitsky em 1957. Os moradores das villas são chamados de "villeros", o equivalente ao termo favelado no Brasil.

Essa distinção entre "velhos" e "novos" operários se colocou como uma visão clássica para explicação do surgimento do sindicalismo e da militância peronista, no qual Murmis e Portantiero[139] não discordam das diferenças geracionais e da composição social e de origem desses trabalhadores, porém apesar de estabelecer diferenças, essa não construiria necessariamente no estabelecimento de uma dicotomia política entre as gerações de proletários.

Os antigos operários teriam obtido sua "formação" técnica numa indústria não muito diferente do tipo artesanal, enquanto os "novos" se inseriam já numa etapa da especialização, ou seja, como apêndice da máquina. Suas experiências diferentemente da classe operária do período anterior ao Golpe de 1930 estavam impregnadas de valores de mobilização social pela passagem do campo à grande cidade, pelo seu entendimento mais como pobre do que como classe operária, orientando mais no sentido de sentimento vinculado a um grupo primário (*classe em si*) do que a termos de princípios de *classe para si*.

Se havia diferenças significativas no modo de organização e origens entre esses dois setores da classe operária, havia elementos comuns que os unificava: um processo de acumulação capitalista sem distribuição de renda promovida desde uma industrialização comandada por setores conservadores em um ambiente político marcado pela fraude eleitoral, proscrição de partidos políticos e repressão sobre a organização sindical nos anos 30 e início dos anos 40.

> O pressuposto que se encontra por trás deste enfoque é de que, antes do populismo, desenvolveu-se na sociedade argentina um processo de crescimento capitalista sem intervencionismo social e que esta situação determinou a configuração de um aumento de reivindicações tipicamente operárias, que abarcavam o conjunto da classe trabalhadora, exigências que o sindicalismo tratou de satisfazer sem êxito, até que, entre 1944 e 1946, em decorrência de políticas estatais definidas, essa série reivindicativa foi encontrado solução, o que se traduziu em uma inversão das tendências de distribuição da renda nacional. Sobre esta base, a maioria dos sindicatos – velhos e novos – articula uma política de

139 MURMIS, Miguel e PORTANTIERO, Juan Carlos, Op. Cit, 1973, pp.60-61.

> alianças com um setor do aparelho do Estado, sem abdicar, durante esse processo, reforçando ao contrário – tal como o prova a criação do Partido Laborista – suas pretensões tradicionais de autonomia e de independência ante outros setores.[140]

Desse modo, como demonstram Murmis e Portantiero[141] através de dados junto ao crescimento da indústria na Argentina nos anos 1930, houve um acentuado ascenso da sindicalização no mesmo período desde 1936, onde 369.969 operários se encontravam sindicalizados, enquanto 441.412 trabalhadores eram filiados a sindicatos em 1941.

No interregno de 10 anos que precede o surgimento do Peronismo (1945), as principais cidades argentinas se encontram sobre uma fórmula de desenvolvimento capitalista: aumento da ocupação na indústria, redução dos salários e superexploração da força de trabalho. Nesse período cresce substancialmente também as greves. Outrossim, como demonstram Murmis e Portantiero[142] a maioria se convertem em derrotas ou compromissos:

Ano	Greves Ganhas	Greves Derrotadas	Transformadas em compromisso
1934	2,41%	55,93%	41,66%
1935	55,81%	7,76%	36,18%
1936	14,72%	11,15%	74,07%
1937	8,23%	3,57%	88,20%
1938	11,33%	13,81%	74,68%
1939	18,39%	6,30%	75,31%

Os dados acima demonstram que, pelo menos, desde 1937 há uma tendência a regularidade em acordos entre sindicatos e patrões, que em última instância pende a derrota das reivindicações operárias ou conquistas muito limitadas. Ainda é apontado que enquanto em 1934 cerca de 75,91% das greves eram por reivindicações salariais ao fim desse período em 1939 cerca de 94,77% das greves eram motivados pela reivindicação de caráter meramente economicistas[143].

140 Idem, p.66.
141 Idem, p.67.
142 Idem, p.75.
143 Idem, p.75.

Em 1939 o estouro da guerra e a acentuação da política de industrialização por substituição de importações não é acompanhado por uma melhoria das condições econômicas dos trabalhadores o que faz recrudescer o número de greves pelo menos até 1942. Em 1939 foram 49 greves; em 1940 foram 53 greves, em 1941 foram 54 greves e em 1942 foram 113 greves pelo país, 70 delas por reivindicações salariais, sendo 83,65% delas transformadas em compromisso, 6,07% perdidas e apenas 10,28% ganhas[144].

Segundo Norberto Galasso[145], nesse contexto da eclosão do conflito mundial, Cooke divide suas atividades na direção da *Unión Universitária Intransigente* junto ao trabalho no gabinete de seu pai no Congresso Nacional, onde Juan Isaac Cooke como deputado nacional ratificava o posicionamento adotado por Alvear, socialistas e comunistas em favor da entrada da Argentina na Guerra. Posição essa em conflito com os forjistas que advogavam da neutralidade. Na perspectiva da F.O.R.J.A a guerra se tratava de um conflito entre potências imperialistas fantasiada na dicotomia entre "democracias liberais" e "totalitários", onde no meio se encontrava a Argentina em sua condição de "colônia" explorada pelas potências imperialistas em conflito[146].

Se utilizando da análise de conjuntura de Rodolfo Puiggrós[147] sobre o cenário argentino nas vésperas da eclosão do conflito mundial, é possível ter alguns elementos que permitam compreender que o antipersonalismo já se encontrava em crise de legitimidade perante sua base desde 1938, quando se apresentaram as eleições para renovação presidencial e a UCR de Alvear rechaçou uma aliança ampla de oposição proposta por Lisandro de La Torre do Partido Demócrata Progressista. Durante o processo eleitoral o antipersonalismo se fragmentou novamente, onde Alvear estava na direção da velha sigla, enquanto outros setores passavam a ser representados pela chapa Roberto Ortíz para presidente (antipersonalista) e Ramón Castillo (conservador) que se ofereciam como a continuidade do governo do General Justo.

144 Idem, p.76.
145 GALASSO, Norberto, "Cooke: de Perón al Che", Rosário: Homo Sapiens, 1997, pp.9-14.
146 F.O.R.J.A, "El deber Argentino ante la Guerra", In: JAURETCHE, Arturo, "F.O.R.J.A y la Década Infame", Buenos Aires: A.Peña Lillo, 1976, pp.113-115.
147 PUIGGRÓS, Rodolfo, "História Crítica de los Partidos Políticos Argentinos", Buenos Aires: Argumentos, 1956.

Alvear se situou como candidato de oposição à continuidade do regime, sendo respaldado pelo Partido Comunista e pelo Partido Socialista Obrero (dissidência de esquerda do PS). Nos marcos das teses do VII Congresso da Internacional Comunista (1935) o Partido Comunista passava a política de Frente Nacional Antiimperialista em aliança com os partidos e movimentos nacionalistas reformistas e nacionalistas revolucionários. Para Puiggrós, que na época ainda estava no Partido Comunista, mas que depois do advento do Peronismo e seu apoio tático a esse projeto seria expulso do PC, lutar contra o fascismo num país de tipo "semicolonial" como a Argentina significava enfrentar o imperialismo, no qual Alvear também seria um representante devido a um entusiasmo pela penetração de capitais estadunidenses. A grande dificuldade dos comunistas para Puiggrós consistia na objeção de construir alianças para além dos partidos tradicionais, para Puiggrós, a organização de tipo nacional reformista que o PC deveria se aliar para enfrentar o fascismo se encontrava em F.O.R.J.A e não na UCR de Alvear. O erro de leitura tática do PC para Puiggrós consistiu na invisibilidade que a Frente Nacional Antiimperialista deveria ser construída com os demais setores que encontrassem contradições com o imperialismo estadunidense e inglês, como nos setores nacionais das forças armadas[148].

Nas eleições legislativas de 1937 a UCR obteve a maioria em Buenos Aires, Santa Fé, Córdoba, elegendo pela capital Juan Isaac Cooke como deputado, e ainda sairia vitorioso eleitoralmente com governadores como Amadeo Sabattini em Córdoba. Porém como ensaio geral das eleições presidenciais o governo intercedeu no processo em Buenos Aires e Santa Fé através do uso da "fraude patriótica". Alvear como candidato de "Frente" opositora ao regime claudicou no seu programa reformista, enquanto o PC e socialistas *obreros* propunham uma nacionalização e monopólio estatal dos setores estratégicos, Alvear definia um programa em defesa das "empresas mistas" e "nacionalizações paulatinas"[149], vacilações que ao mesmo tempo que permitiram a candidatura alvearista foram sacadas em proveito do General Justo que cooptou o antipersonalista

148 Idem, pp.454-460
149 Idem, pp. 460-461.

histórico Roberto Ortíz (ex-ministro de Obras Públicas durante a presidência de Alvear) para presidente de continuidade.

A derrota eleitoral de Alvear por meio de fraude e a aceitação do ascenso da chapa Ortiz-Castillo na presidência sem qualquer tipo de convocação à resistência e protesto por parte de Alvear e seus partidários marcou uma falência histórica do antipersonalismo, sendo a proposta da "frente democrática" tragada pelo fisiologismo eleitoral, visto que Alvear atendeu ao chamado de Ortiz na "purificação democrática" das instituições e volta a colaborar com a situação, enquanto persistia a fraude eleitoral sistemática, e Ortiz passava o bastão da presidência para o conservador Castillo, devido ao agravamento de sua condição de saúde provocado pela diabetes, e Alvear em 1942 também chegaria ao óbito, deixando uma vacância de liderança a nível nacional na UCR.

Tal configuração conjuntural torna inviável qualquer tipo de modificação da situação inaugurada em 1930 sem uma ruptura na configuração do Estado. Dentro desses marcos, e a indignação com a fraude sistemática que compreendemos como elementos possíveis da passagem do pensamento de Cooke do liberalismo para uma posição nacionalista que receberia com entusiasmo o golpe de 1943 desencadeado pelo *Grupo de Oficiales Unidos* (GOU).

No dia 4 de junho de 1943 10 mil soldados deixaram o Campo de Mayo e as guarnições situadas no bairro Liniers marcharam sob Buenos Aires no golpe desencadeado pelo grupo de militares conspiradores do GOU e assaltando o poder[150]. Assumiria a presidência primeiro o general Arturo Rawson que com suas intenções de colaborar com aliados na II Guerra durou apenas dois dias na chefia do governo sendo substituído pelo general neutralista Pedro Pablo Ramirez (não reconhecido pelos EUA), que durou no governo até renunciar em 24 de fevereiro de 1944, quando foi substituído pelo general Edelmiro Farrell que cederia as pressões norte-americanas pelo rompimento de relações com o Eixo.

O GOU possuía um caráter militar heterogêneo porém se unificavam pelo cunho de teor nacionalista, antioligárquico, anticomunista e antiliberal. No mais, o fator que acirrava as lutas

150 MONIZ BANDEIRA, Op.Cit (2010), pp.202-2003.

internas tangia fundamentalmente na questão da neutralidade ou partido no conflito bélico mundial, questão que dizia respeito muito além de simpatias com os aliados ou com as forças nazifascistas do Eixo, mas no caráter em que deveria se inserir a Argentina na geopolítica mundial e no mercado internacional. Soma-se para as razões do golpe de 1943 o acirramento da crise política interna e a insustentabilidade do sistema de fraudulento ao início da guerra. A Argentina com a neutralidade na Guerra tentava manter algum nível razoável das exportações (visto que a eclosão da Guerra prejudicou a manutenção dos níveis inaugurados pelo Roca-Runciman em 1933) evitando que seus navios cargueiros fossem torpedeados por submarinos alemães ou italianos. Essa neutralidade ainda favorecia o comércio inglês e seus investimentos na Argentina que somavam cerca de US$ 2,3 bilhões e controlavam recursos naturais e estratégicos como o iodo e o tanino através da Florestal Land, Timber and Railway[151].

Perante o golpe de 4 de junho de 1943 a F.O.R.J.A emitiria a seguinte declaração dando respaldo ao novo governo de facto e a mudança de regime:

> 1º El derrocamiento del "régimen constituye la etapa primera de toda la política de reconstrucción de la nacionalidad y de expresión auténtica de la soberanía.
>
> 2º La implantación de un sistema moral que rija el desenvolvimiento institucional del país y fije la conducta de sus hombres y dirigentes, es principio esencial en que debe asentarse toda posibilidad de creación nacional basada en el genio propio de nuestro pueblo y sus anhelos de emancipación económica y de justicia social.
>
> 3º La imposición progresiva y armónica de un programa de emancipación económica, política y cultural de un país, es demanda sustancial del pueblo para la afirmación de su personalidad histórica y para la participación igualitaria de la Nación Argentina en el libre juego de las relaciones internacionales.
>
> 4º En virtud de tales demandas, F. O. R. J. A declara que contempla con serenidad no exenta de esperanza la constitución de las nuevas autoridades nacionales, en cuanto las mismas surgen de un movimiento que derroca al ‘régimen’ y han

151 Idem, p.206.

> adquirido compromiso de reparar la disolución moral en que se debatía nuestra política y de crear un sistema basado en normas éticas y en claros principios de responsabilidad y soberanía.
>
> ·F.O.R. J. A. considera esenciales a la reparación cardinal del país el cumplimiento del doble compromiso así traducido y ratifica su demanda total de emancipación nacional y de soberanía popular, a cuyos dictados espera no serán indiferentes las personas que constituyen el gobierno revolucionario.
>
> Por la Junta Ejecutiva Nacional:
>
> Arturo Jauretche. Presidente
>
> Oscar Meana, secretario
>
> 4 de junio de 1943.[152]

John William Cooke frente aos acontecimentos de 1943 sofre um processo de dupla atração, uma no nível ideológico aproximando-se das propostas nacionalistas e da concepção histórica da F.O.R.J.A e outra no plano político apoiando o novo governo como uma saída possível a superação do sistema da fraude sistemática. Nesse ano de 1943 Cooke vai conhecer na Universidad de La Plata dois personagens que são de extrema importância para compreender a formação de seu pensamento e se converterão em figuras chaves de uma vertente nacionalista de postura radical frente ao imperialismo (não nos referimos ao radicalismo da UCR): César Marcos e Raúl Lagomarsino.

Segundo Norberto Galasso[153] foi através de um crítico cinematográfico de sobrenome Ferro, que Cooke foi apresentado a César Marcos e Raul Lagomarsino, dois personagens chaves na trajetória de William Cooke, pois além de apresentar ao jovem platense algumas referências do pensamento nacionalista da F.O.R.J.A e do marxismo, estariam com Cooke após o golpe de 1955 no Comando Superior Peronista, organizando a primeira fase da Resistência Peronista.

---

152 F.O.R.J.A, "Declaración de F.O.R.J.A ante los acontecimientos del 4 de junio", In: JAURETCHE, Arturo, "F.O.R.J.A y la Década Infame", Buenos Aires: A.Peña Lillo, 1976, pp. 149-150.
153 GALASSO, Norberto, Op. Cit (1997), pp.12-17.

César Marcos (1907-1987), intelectual autodidata, de origem humilde (trabalhou como fruteiro no Mercado Dorrego na infância e adolescência) não teve qualquer educação formal, porém teria se dedicado aos estudos de literatura, cinema e história (teria também estudado o marxismo por própria iniciativa), e acabaria se tornando um importante crítico cinematográfico e assumiria a secretária do Instituto Cinematográfico del Estado após o golpe de 1943, ainda estaria com Cooke mais tardiamente na elaboração da revista *De Frente* (1954-1955) e como exímio organizador político de fábricas e bairros após o golpe de 1955, rompendo relações com Cooke após o pacto com Frondizi em 1958. Segundo biógrafos, César Marcos foi o primeiro tutor político das leituras nacionalistas, revisionistas e marxistas em Cooke[154].

Raul Lagomarsino[155] também teria sido outro personagem que Cooke conheceu por volta de 1943 e que foi amigo de infância de César Marcos e leitor dos escritos políticos da F.O.R.J.A. Porém temos poucos dados biográficos no período anterior a 1945 sobre Lagomarsino. Sabe-se que foi fabricante de chapéus, e em 1955 também faria parte do Comando Superior Peronista com Cooke e César Marcos.

Outro personagem a que se atribui uma importante influência intelectual em Cooke para posições nacionalistas é o historiador José María Rosa (1906-1991), que foi professor de História de Cooke na Universidad de La Plata[156], dali se forjaria uma relação de amizade entre o historiador e o aluno, no qual seria demonstrado posteriormente ao golpe de 1955, quando Rosa esconde Cooke na sua casa[157]. Em 1938, Rosa estaria entre os fundadores do *Instituto de Investigaciones Históricas Juan Manuel de Rosas* (no qual Rosa seria presidente em várias oportunidades), dedicado a

154 Para um verbete biográfico de César Marcos ver o sítio de Roberto Baschetti, disponível em: http://www.robertobaschetti.com/biografia/m/52.html; acesso em: 24/07/2020. Ver também a Revista Primera Plana, 14 de setembro de 1965.

155 Ver o verbete elaborado por Roberto Baschetti, disponível em: http://www.robertobaschetti.com/biografia/l/11.html, acesso em: 24/07/2020.

156 MAZZEO, Miguel, "Introducción", In: MAZZEO, Miguel (org), "John William Cooke, Textos Traspapelados (1957-1961)", Buenos Aires: La Rosa Blindada, 2000,p.36.

157 Posteriormente, mais exatamente no ano de 1976 José María Rosa buscaria se desvincular da figura de Cooke em suas memórias, provavelmente devido a identificação de JWC com as vertentes revolucionárias do Peronismo e com Cuba Socialista. María Rosa reduziu inclusive o papel de Cooke no movimento peronista ao posto de ex-deputado: "En 1955 escondí en mi casa de Buenos Aires (desde 1945 vivía aquí) a John William Cooke, un peronista perseguido por haber sido diputado. No era amigo mío, sino un projímo y la hidalguía nos obliga a ser hospitaleros.": ROSA, José María, Apud: HERNANDEZ, Pablo, "Conversaciones con José María Rosa", Buenos Aires: Colihue, 1978, p.29.

atividade do revisionismo, inaugurando uma segunda linha dessa tradição historiográfica, de forma mais eclética e com algum aporte anti-imperialista, diferente do caráter mais direitista da primeira geração dos anos 1920 e 1930. César Marcos também teria feito parte do *Instituto de Investigaciones Históricas Juan Manuel de Rosas*, no qual Cooke se filiaria apenas em 1953[158], mas no qual as ideias já começam a pesar em sua visão da história e da realidade argentina desde o início dos anos 1940.

José María Rosa seria posteriormente a 1945 o historiador mais identificado com o peronismo, dedicado a fomentar uma visão histórica que coligasse o passado em figuras como San Martín, Juan Manuel de Rosas e Yrigoyen com Perón. Numa edição de dezembro 1959 do periódico chamado *Mundo Nacionalista* Rosa buscou uma caracterização do revisionismo histórico, definindo essa corrente desde uma perspectiva anti-acadêmica:

> Lo esencial para el revisionismo es concluir con esa patria de los coloniales que nos mantiene atados espiritual -y en consecuencia materialmente- al extranjero. Revisar la historia, es mirarla con ojos argentinos. Por eso con los historiadores, llamémoslos "academicos", no nos podemos entender. Son opuestos nuestros enfoques.[159]

Durante a Década Infame se publicam alguns clássicos do revisionismo histórico que estarão em encontro com a visão argentina formulada por F.O.R.J.A em protesto ao presente histórico vivido. Manuel Gálvez publica "*Vida de don Juan Manuel de Rosas*" (1940), José María Rosa publica "*Defensa y pérdida de nuestra independencia económica*" (1943), Julio Irazusta "V*ida Política de Rosas a través de su correspondencia*" (1941), emulando uma outra visão histórica do passado em contraposição ao liberalismo historiográfico (formulado por Bartolomé Mitre e Vicente López após a Batalha de Pavón[160]), visão essa calcada numa valorização do

158 Cooke se filiou ao Instituto Juan Manuel de Rosas em 5 de setembro de 1953, ficha de filiação em: Fondo Eguren-Cooke, Caixa 1, Pasta 1, Arquivo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno.
159 ROSA, José María, "Política nacional y Revisionismo Histórico", In: Mundo Nacionalista nº3, Buenos Aires: 5 de dezembro de 1959, p.3.
160 A Batalha de Pavón em 17 de setembro de 1861 foi um conflito entre Buenos Aires, que havia se constituído como um Estado isolado das demais províncias do Rio da Prata depois da queda de Juan Manuel de Rosas, contra a Confederação Argentina que possuía a capital na cidade de Paraná, província de Entre Ríos. A vitória de Buenos Aires

caudilhismo federal, sobretudo da figura de Juan Manuel de Rosas e de rechaço ao cosmopolitismo e ao liberalismo.

O período de crise e domínio oligárquico possibilita uma reformulação teórica de diversas matrizes de pensamento crítico, que vão buscar dar conta de formular diagnósticos dos problemas estruturais da Argentina. Entre essas matrizes ideológicas e científicas se encontra o próprio marxismo, e não apenas a historiografia revisionista e o pensamento nacional.

Durante o período da crise global a Argentina recebe intelectuais que buscaram se refugiar de regimes de tipo fascistas como o marxológo e helenista Rodolfo Mondolfo, chefe do Partido Socialista Italiano que migra para Argentina em 1938 e passa a lecionar na Universidad Nacional de Córdoba, publicando na Argentina obras como "El materialismo histórico" (1940) e traduzindo para o espanhol obras anteriores como "*Feuerbach y Marx. La dialéctica y el concepto de la história*" (1936), no qual exerceram grande influência na formação de intelectuais que foram seus alunos como Hernandéz Arregui, nome dos mais importantes do marxismo nacionalista ligado ao Peronismo, que se debruçaria sobre conceitos como a "consciência nacional", sobre a vida cultural e intelectual argentina e os intelectuais da burguesia argentina (Ver "*Imperialismo y Cultura*", 1957) e tido como fundador da chamada *izquierda nacional*.

Entre outros intelectuais marxistas que ocuparam um papel fundamental na elaboração das ideias da época destacamos Aníbal Ponce que havia fundado nos anos 1920 com José Ingenieros a *Revista de Filosofia*, e visitado a URSS nos 1930, publicando a obra "*Educación y lucha de clases*" (1934) de grande influência intelectual no contexto. Apesar de nunca de ter se filiado oficialmente ao Partido Comunista da Argentina sua referência como grande nome do marxismo humanista na América Latina foi primordial na formação de grandes quadros intelectuais do comunismo argentino como Héctor Agosti, introdutor do pensamento e obra de Gramsci na América Latina.

impôs o domínio político da cidade-porto sobre o país que foi unificado depois de mais de 4 décadas de guerras civis, que perdurariam até o fim da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, mesmo com a unificação da República Argentina.

Dentro do PC para além das visões dogmáticas dos irmãos Ghioldi e Victorio Codovilla, destacamos Rodolfo Puiggrós, que seria expulso do PC em 1947 por suas posições favoráveis ao peronismo, mas que durante os anos 1930 as ideias de Aníbal Ponce também ocuparam grande influência. Puiggrós desenvolveu um fecundo trabalho de investigação histórica sob a óptica do materialismo histórico publicando durante a Década Infame obras como "*De la colonia a revolución*" (1940) em suas teses clássicas sobre o caráter feudal da colonização, e outros como as interessantes pesquisas em torno da figura de Mariano Moreno[161] como nos livros "*Mariano Moreno y la revolución democrática argentina*" (1941) e "*El pensamiento de Mariano Moreno*" (1942), além das polêmicas teses que encontravam no federalismo e no rosismo as raízes da oligarquia latifundiária argentina na contramão tanto da perspectiva revisionista quanto do liberalismo histórico, assinaladas em obras como "*Rosas, el pequeño*" (1943).

Compreendemos dessa forma que as três fontes constituintes do pensamento de Cooke estiveram sobre fértil renovação durante a Década Infame, época de formação política e intelectual do protagonista do presente trabalho. Onde a crise do capital e o Estado oligárquico calcado na fraude possibilitou na sua contradição uma suprassunção no plano das ideias tanto no que se refere as concepções do nacional, como das visões históricas e no marxismo.

Esse caldo intelectual do ambiente que pesa a influenciar Cooke sob o contato com César Marcos, Raul Lagomarsino e José Mária Rosa, somados aos eventos de 1943 e a falência histórica do antipersonalismo em andamento desde 1937, nos permitem compreender a transição do pensamento de Cooke de um liberalismo herdado de seu pai para uma posição nacionalista anti-

161 Mariano Moreno (1778-1811) foi secretário da Primera Junta, primeiro governo autóctone surgido no Vice-Reinado da Prata, resultado da chamada Revolución de 25 de Mayo de 1810. Moreno foi um advogado e jornalista liberal, tendo traduzido para o espanhol o "Contrato Social" de Rousseau, onde suprimiu as partes de crítica a Igreja, e também traduziu a Constituição dos EUA, onde suprimiu as partes referentes ao direito a escravidão. Já no final do século XIX, surgiu um texto de sua autoria chamado "Plan de Operaciones" encontrado por Eduardo Madero no Archivo General de las Índias, um plano com programa radical para a conquista da independência, incluindo um programa econômico de desenvolvimento autônomo e a defesa de confiscos e castigos sobre os realistas espanhóis. Para uma síntese das ideias de Moreno ver: SCHUMWAY, "La Invención de la Argentina: La História de Una Ideia", Buenos Aires: Booket, 2015, pp.45-66; para uma biografia de Moreno, além dos já trabalhos citados de Puiggrós, ver seu único livro escrito durante o primeiro peronismo: PUIGGRÓS, Rodolfo, "La época de Mariano Moreno" Buenos Aires: Sophos, 1949; das mais recentes biografias se destaca a de GOLDMAN, Noemí, "Mariano Moreno: De reformista a insurgente", Buenos Aires: Edhasa, 2016, que retoma a hipótese que o Plan de Operaciones se trata de um texto apócrifo.

imperialista, em que o marxismo já se evidencia como ferramenta analítica e que com o advento do peronismo como força política em 1945, a adesão a esse projeto será praticamente uma consequência da suprassunção provocada em seu pensamento durante o início dos anos 1940.

As primeiras fontes que nos apontam sob a recepção do golpe de 1943 em Cooke já são do período em que ele era deputado nacional. Durante os debates do Congresso Nacional sobre a proposta de reforma constitucional para o ano de 1949, Cooke fazendo da parte Comissão de Assuntos Institucionais realizou no plenário um balanço histórico dos limites e anacronismos da Constituição de 1853 (vigente naquele momento), onde taxava esse texto como "fracassado" e que havia "caducado", atribuindo tal falência ao apoderamento constitucional pelas oligarquias. Cooke realizou um recorrido desde a constituição elaborado por Bernadino Rivadavia em 1826 e seus aspectos excludentes de participação popular e cidadã, e a influência das *Bases* de Alberdi[162], da Constituição Chilena de 1833 e de uma leitura esfacelada da Constituição dos EUA e da Constituição da Califórnia de 1949 mal traduzidas pelo militar venezuelano Gárcía del Sena, que teriam colado no texto constitucional de 1853 a livre navegação dos rios argentinos, entre outras cláusulas de "lesa-pátria", passando pelos avanços reformistas de cunho popular e nacional impulsionadas durante o governo de Yrigoyen interrompidos pelo golpe de 1930, onde para Cooke coube ao golpe de 4 de junho de 1943 interromper o processo de fraude sistemática:

> Vino la revolución, terminó con el fraude y el Ejército Argentino volvió a sus cuarteles con honor. Cualquiera hayan sido los errores que cometieron sus hombres, el hecho es que salió de los cuarteles pare devolver las libertades cívicas, y volvió a ellos cuando cumplió con su misión.[163]

Cooke considerava que o golpe 4 de junho de 1943 ainda que tivesse um caráter de *putsch*, os militares que desempenharam tal golpe o realizaram objetivando devolver as liberdades

162 ALBERDI, Juan Bautista, "Bases y puntos de Partida para la organización política de República Argentina", Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017.
163 COOKE, John William, "Reforma de la Constituición Nacional. Proyecto de Ley", In: COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Accíón parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007, p.175.

democráticas ao povo, processo que foi completado quando as massas libertaram Perón do cárcere em 17 de outubro de 1945 e levaram ao processo eleitoral de 24 de fevereiro de 1946 que conduziu Perón a presidência. Compreendia Cooke que o golpe de 1943 consistia num processo revolucionário de caráter tipicamente americano expressa em valores nacionais radicando os desejos das massas argentinas, não calcado em consignas europeias, mas no processo de lutas de independência da América Espanhola e a luta por "*la reconquista económica, la liberación nacional, el afianzamiento de sus próprios valores espirituales y morales*"[164].

Assumido Farrell em 1944 na presidência[165], o tenente-coronel Juan Domingo Perón que era assistente pessoal de Farrell no Ministério da Guerra passa a ocupar um papel de destaque fundando a Secretaria de Trabalho e Previsão vinculada diretamente a Presidência da República, e nela desempenha a promoção de uma legislação social avançada e articulada com os sindicatos, convocando os dirigentes a redigirem leis trabalhistas a serem executadas pela Secretaria, combinando dirigentes da *Confederación General del Trabajo* (CGT) nº1, membros da CGT nº2 e da *Unión Sindical Argentina* (USA), formulando e promulgando leis importantes como a Lei da Proteção a Maternidade (1944), Lei de Administração Geral de Moradias (1945), Lei de Aprendizagem, aprovando o sistema aposentadoria para empregados do comércio, entre outros avanços. O reconhecimento da classe trabalhadora como ator social, foi acompanhada pela integração social dessa mesma classe tutelada e supervisionada pelo Estado, subordinando o movimento sindical, na qual ascendiam novos líderes atrelados ao novo processo político, formando um monolítico movimento que conjurava os interesses entre governo e classe trabalhadora, sob a conduta do líder político.

164 Idem, p.176.

165 Buscando retornar a participação argentina na comunidade continental Pan-americana Edelmiro Farrell declarou guerra ao eixo nipo-germano-italiano em 27 de março de 1945, quando as tropas do Exército Soviético já estavam a poucos quilômetros de Berlim. Pois ainda que contasse com reconhecimento de Paraguai, Chile e Bolívia, os EUA tinha uma posição recalcitrante em reconhecer o governo da "Revolución del 43" e buscava isolá-la. Enquanto o Brasil de Vargas estava envolto no sistema pan-americano e participava ativamente da Guerra, tinha uma posição dúbia com o governo argentino e buscava cooperações econômicas e comerciais sem desagradar a potência do norte. Ver: MONIZ BANDEIRA, Op.Cit (2010).pp.215-216.

Farrell começava em fevereiro de 1945 preparar a transição para o processo eleitoral e a normalidade democrática, revogando o Estado de sítio em vigência desde o governo de Ramón Castillo, criando o Tribunal Superior Eleitoral, devolvendo a autonomia as universidades, marcando o pleito presidencial para fevereiro de 1946[166].

No contexto da preparação eleitoral um setor da UCR liderada por Hortensio Quijano vai se aproximar da figura Juan Domingo Perón e lhe propõe que seja seu candidato presidencial. Quijano tinha sido colaborador político de Marcelo Alvear, ou seja, antipersonalista liderando um grupo de outros filiados na mesma tradição que receberam positivamente o golpe de 1943 e passaram a se identificar com programa político desempenhado por Perón na Secretaria de Trabalho e Previsão. Nesse grupo de radicais que já podiam ser chamados ex-antipersonalistas estavam Armando Antille, Eduardo Colom, Obdúlio Siri, Alberto Reales e Juan Isaac Cooke, que aceitam cargos no governo Farrell.

Juan Isaac Cooke passa a ocupar o cargo de Ministro das Relações Exteriores do governo Farrell, posto que desempenha entre agosto de 1945 e junho de 1946 e no qual John William Cooke passa a trabalhar como seu secretário no Ministério e a se destacar politicamente. Nessa altura Perón acumula os cargos de vicepresidente, Ministro de Guerra, além da Secretária de Trabalho e Previsão, que apesar de ser o posto político hierarquicamente menos privilegiado era o que lhe fornecia mais destaque entre as massas[167].

Desde uma articulação das direitas argentinas com intensa participação da embaixada dos EUA em Buenos Aires sob a figura do embaixador Spruille Braden começava uma campanha no qual se evocava no fato da Argentina ter passava toda a II Guerra sob o prisma da neutralidade uma propaganda que visava identificar a figura de Perón como nazi-fascista e que deveria ser evitada de ascender à presidência sob qualquer custo. A Embaixada dos EUA teria distribuído através de Braden cerca de US$ 10 milhões para oposição investir em ações de propaganda contra o governo e

166 Idem, pp.216-217.
167 GALASSO, Norberto, Op. Cit (1997), pp.14-15.

a figura de Perón. Segundo Moniz Bandeira em sua investigação em arquivos desclassificados de serviços de inteligência e despachos diplomáticos dos EUA, o First National Bank of Boston teria emprestado somente ao decadente jornal *La Razón* a quantia de 2 milhões de pesos[168].

A investida anti-Perón onde elementos da Marinha e do Exército sob o comando do general e ex-presidente Arturo Rawson ameaçavam se sublevar, acreditando no apoio dos setores médios que em 19 de setembro de 1945 haviam realizado a Marcha de la Constituición y la Libertad, uma manifestação com cerca de 200 mil pessoas que recorreu em Buenos Aires do elitizado bairro da Recoleta até a Plaza del Congreso exigindo a renúncia de Perón de seus cargos. Em 8 de outubro militares ligados ao setor mais direitista do GOU sob o comando do general Eduardo Ávalos exigiram que Farrell demitisse e encarcerasse Perón, quando em 12 de outubro o próprio Perón decide se entregar à prisão, sendo encarcerado na Ilha de Martín García (mesmo local que Yrigoyen foi preso após o golpe de 1930), não sem antes mobilizar a CGT a qual ele havia unificado e exercia liderança. A jogada de Perón em visão das eleições marcadas para fevereiro de 1946 consistia em deixar ser preso para mobilizar a classe trabalhadora em seu favor e também mobilizar parte dos militares que com astúcia perceberiam que seu prestígio depois de tantos golpes seria se afastar das oligarquias rurais e se aliar aos trabalhadores[169].

Em 17 de outubro de 1945 o Peronismo obteria sua certidão de nascimento quando coordenado desde a CGT somado a massa de trabalhadores espontâneos que chegavam próximo de 300 mil pessoas, começaram a paralisar os serviços, fechar o comércio e marchar sobre o centro de Buenos Aires exigindo a liberdade de Perón. Perante a tamanha força demonstrada pelas massas Farrell e os militares tiveram que ceder e devolver Perón sob condições em que seria produzida uma ruptura da história política, social e cultural da Argentina com a emergência de um fenômeno político *sui generis* na América Latina: O Justicialismo, ancorado nos princípios de soberania nacional, a independência econômica e justiça social.

168 MONIZ BANDEIRA, Op.Cit (2010).pp. 218-219.
169 Idem, pp.219-221.

A F.O.R.J.A perante os acontecimentos do 17 de outubro (que seria batizado na tradição política peronista como *Día de la Lealtad*) dissolveria suas atividades e se integraria ao novo movimento surgido, que no primeiro momento se organizaria através do Partido Laborista:

> DISOLUCION DE F.O.R.J.A.
>
> 15 de diciembre de 1945
>
> La Asamblea General de F.O.R.J.A.:
>
> Considerando:
>
> 1º - La resolución de la misma, de fecha 17 de octubre de 1945, en solidaridad con el movimiento popular de esa jornada y las siguientes.
>
> 2º - La identidad de la grao mayoría de sus miembrm con el pensamlerlto y la acción popular en marclha y su incorporación al mismo.
>
> Declara:
>
> 1º Que el pensamiento y las finalidades perseguidas al crearse F.O.R.J.A. están cumplidos al definirse un movimiento popular en condiciones políticas y sociales que son la expresión colectiva de una voluntad nacional de realización cuya carencia de sostén político inotivó la formación de F.O. R. J. A . ante su abandono por el radicalismo.
>
> Y resuelve:
>
> La disolución de F. O. R . J . A. dejando en libertad de acción a sus afiliados.
>
> Firmado:
>
> Arturo Jauretche. presidente
>
> Varío Aleuandro, secretario de la asamblea[170]

Enquanto o grupo de radicais que já haviam rompido com o antipersonalismo e se aproximado de Perón desde 1944, liderados por Hortensio Quijano e do qual Juan Isaac Cooke e John William Cooke faziam parte, formariam após os eventos de 17 de outubro uma nova facção da UCR chamada Junta Renovadora e que comporia chapa com Perón para a presidência, junto ao

170 F.O.R.J.A, "Disolución de F..O.R.J.A", In: JAURETCHE, Arturo, "F.O.R.J.A y la Década Infame", Buenos Aires: A.Peña Lillo, 1976, p.177.

Partido Laborista e ao *Partido Independiente* (cisão conservadora), forças que junto a outras minoritárias se fundiriam em 1947 sob a sigla Partido Justicialista.

As manobras de Braden e da direita oligárquica não somente não cessariam como se intensificariam, quando se forma a *Unión Democrática* que aglutinaria a Unión Cívica Radical (com exceção da Junta Renovadora e da maioria dos forjistas), o Partido Demócrata Progresista, o Partido Socialista e o Partido Comunista, no que consistiria no "pecado original" dos comunistas, e passaria a ser representado numa das ficções orientadoras do Peronismo[171]: a do PC como um partido coligado aos interesses oligárquicos, desde o equívoco da direção comunista, sublinhada pela publicação do livro do secretário-geral Victorio Codovilla "*Batir al Nazi-Peronismo*"[172].

Nas vésperas do pleito presidencial ser realizado entre as chapas Perón-Quijano x Tamborini-Mosca (ambos da UCR) o Departamento de Estado norte-americano publica o *Blue Book on Argentina*[173], um livro que "comprovaria" as ligações dos militares do GOU com o nazi-fascismo. Um memorando que possuía como estratégia caso a vitória de Perón fosse inevitável torná-lo desprestigiado no cenário político internacional, obstaculizando o reconhecimento de sua vitória eleitoral, buscando Braden domesticar geopoliticamente a Argentina e trazê-la para seu "hemisfério privado"[174], visto que o programa político de Perón almejava uma política externa independente, altiva e soberana, um programa de nacionalização de setores estratégicos da economia e uma proposta de integração regional.

A astúcia de Perón consistiu em usar o apoio aberto de Braden a *Unión Democrática* a seu favor, criando o lema "*Braden o Perón*" exploraria no pleito eleitoral a contradição em que os marxistas, incluindo os comunistas identificavam como fundamental da sociedade argentina da época "nação x imperialismo", identificando a oposição como um braço do imperialismo na

171 Como exemplos de retratos dessa ficção orientadora dos peronistas perante os comunistas ver os documentários: "La Hora de los Hornos, Parte II", Direção de Fernando Solanas: Argentina, 1968, 110 min; "Perón, Sinfónia del sentimiento" Direção de Leonardo Favio: Argentina, 1999, 346 min.
172 CODOVILLA, Victorio, "Batir al nazi-peronismo para abrir una era de libertad y progreso", Buenos Aires: Anteo, 1946.
173 MEMORANDUM OF THE UNITED STATES GOVERNMENT, "Blue Book on Argentina: Consultation among the American Republics with respect to the Argentine Situation", New York: Greenberg Publisher, 1946.
174 MONIZ BANDEIRA, Op.Cit (2010).p.227.

Argentina, e sua própria chapa como representante do povo e dos interesses argentinos, vencendo Perón as eleições com 56 % dos votos (2.734.386) contra 44% (1.207.155) da *Unión Democrática*, nas primeiras eleições sem fraude na Argentina desde 1928. Perón governaria com a maioria do Congresso: 102 parlamentares do total de 158, tendo a UCR-Junta Renovadora conquistado 37 dessas cadeiras[175].

Na renovação para o Congresso Nacional, John William Cooke seria eleito Deputado Nacional pela UCR-Junta Renovadora com apenas 26 anos, representando a Capital Federal e seu pai Juan Isaac Cooke passaria a ocupar o cargo de Embaixador da Argentina no Brasil.

175 CONGRESO DE LA NACIÓN,"Nomina de diputados de la nación por distrito electoral: periodo 1854-1991" ,Buenos Aires: Cámara de Diputados de la Nación, Secretaria Parlamentaria, Dirección de Archivo, Publicaciones y Museo, Subdirección de Publicaciones e Investigaciones Históricas, 1991.

Capítulo 2:

Um rebelde no C*ongreso de La Nación*: anti-imperialismo e revisão histórica (1946-1951)

2.1 Ação parlamentária, anti-imperialismo e revisionismo histórico

> "La cabeza del Chacho asesinado simboliza a la clase dominante argentina mucho mejor que las mármoles con que ella se ha idealizado" (John William Cooke, "Peronismo y Revolución",1971)

Como sinaliza Theotonio dos Santos, desde o fim da II Guerra Mundial a economia global viveu um intenso processo de integração monopólica, onde o Capital estadunidense se tornou a fonte de reorganização estrutural não só da Europa, devastada pelo conflito mundial, mas também da Ásia, do Oriente Médio e da América Latina, como forma de frear a possibilidade de avanço da revolução comunista e dos processos de libertação nacional.

Com uma economia em crise, devido a cessão dos estímulos de guerra, os EUA passaram a liberar seus capitais a outras partes do globo, focando na industrialização de países que tinham um relativo parque industrial interior forjado no período de 1929-1945 (Argentina, Brasil, México, Chile, Uruguai e Colômbia), investindo ainda em outro grupo de países relativo a extração de recursos naturais fundamentais para a nova fase de acumulação como a Venezuela e o Peru, fontes imprescindíveis de petróleo e minerais, além de transferir os capitais do setor agrícola para a América Central e Caribe, incrementando o comércio e serviços públicos dessa região[176].

Desse modo, pensar uma imagem dos capitais-imperialistas vinculados exclusivamente ao latifúndio agroexportador é desde então anacrônico. Capital estrangeiro e industrialização se associam e vivem uma só realidade, enquanto o setor primário-exportador sofreu de deterioração dos preços com a substituição progressiva das matérias-primas por sintéticos (consequência do avanço científico-técnico acumulado durante o conflito mundial)[177]. Esse novo dinamismo da

176 SANTOS, Theotonio, "Socialismo ou fascismo: O novo caráter da dependência e o dilema latino-americano", Florianopólis: Insular, 2018, pp.37-43.
177 Idem, p.67.

economia regional latino-americano integrada no sistema capitalista global foi categorizado por Theotonio dos Santos como Processo de Integração Monopólica, no qual após o fim da II Guerra os EUA passam a condição hegemônica no sistema capitalista, apoiada na grande empresa monopólica e conglomerada.

Perón assume a presidência perante essa nova fase do imperialismo, onde se completava o processo de transferência da dependência da Inglaterra para os EUA. Ao mesmo que a URSS ainda que destruída pelas agressões nazistas, tendo sofrido a baixa de 27 milhões de vidas durante o conflito, ampliou sua zona de influência geopolítica da Eurásia até a Alemanha, que se estenderia ainda mais com as Revoluções Chinesa e Coreana em curso, emergindo dessa situação uma nova mundialização bipolarizada por projetos antagônicos de sociedade, política, cultura e economia que configuraria na chamada Guerra Fria (1947-1991).

Levando em consideração o contexto global, localiza-se que entre os principais problemas em que assentam o governo de Perón em seu início está a dificuldade de encontrar seu espaço de atuação geopolítica a nível regional e global. Desse modo, começaremos a análise da atuação parlamentar de John William Cooke desde o ponto de vista em que se situa o governo de Perón frente aos novos órgãos de integração geopolítica que surgem no contexto (1945-1951) como o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) e a Organização dos Estados Americanos (OEA), investigando desde os debates e exposições parlamentares de Cooke[178], uma definição no período de sua concepção de soberania nacional e anti-imperialismo, permeado pela sua visão revisionista da história argentina, ao mesmo modo que buscaremos investigar de forma breve as próprias concepções de Terceira Posição em Perón e Cooke.

178 Não buscaremos nesse presente tópico esgotar a discussão sobre a atuação parlamentar de John William Cooke pelo fato do trabalho ter o recorte na questão nacional e o marxismo de Cooke. Desse modo, limitamos a análise de seu período parlamentar em algumas poucas exposições de Cooke que permitam pensar o tema da pesquisa. Para um aprofundamento da atuação parlamentar de Cooke ver: COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Acción parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007; CHÁVEZ, Fermín, "John William Cooke: el diputado y el político", Buenos Aires: Círculo de Legisladores de la Nación Argentina, 1998; GAUDE, Cristian Leonardo, "El peronismo republicano: John William Cooke en el Parlamento Nacional", Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2015.

Perón herdou algumas questões diplomáticas de primeiro plano, como as chamadas Atas de Chapultepec, assinadas ainda no governo Farrell. O famoso acordo pan-americano firmado em 6 de março de 1945 no Castelo de Chapultepec na Cidade do México (ainda durante o conflito bélico mundial), configurou como um marco regional da atualização da Doutrina Monroe para a América Latina e no plano doméstico argentino como a acentuação de um período de contencioso diplomático com os EUA que duraria todo o primeiro peronismo (1946-1955), marcado por conflitos e concessões.

As Atas de Chapultepec foram o resultado da convocação por parte dos Estados Unidos aos países da América Latina e Caribe para a Conferência Interamericana sobre os problemas da Guerra e da Paz entre os dias 21 de fevereiro e 8 de março de 1945 sob o pretexto da necessidade de uma defesa mútua continental em caso de ataques das potências do Eixo, isso quando as forças nazi-nipo-fascistas já se encontravam encurraladas e praticamente esmagadas pelos Aliados. As atas ganhariam a assinatura de Farrell somente em 27 de março, quando a Argentina declarou Guerra ao Eixo visando se integrar futuramente as Nações Unidas (que seria fundada em 24 de outubro de 1945) e retomar relações diplomáticas com os EUA e Grã-Bretanha. Por parte dos EUA com as Atas de Chapultepec almejava-se formar um sistema militar de "Assistência Recíproca e de Solidariedade Americana"[179].

Buscando manter o reconhecimento do governo argentino no sistema pan-americano Perón ratificaria as Atas de Chapultepec no Congresso e no Senado como projeto de lei em agosto de 1946. Cooke no Congresso iniciaria sua trajetória dentro do Peronismo já como um rebelde, se posicionando impetuosamente contra a ratificação das Atas expondo suas contradições, e rechaçando também a Carta das Nações Unidas. "*Estas actas, a mi juicio, aun con el caráter que certamente (...) son una malla sútil, por lo cual nosotros nos veremos desde ya enrolados en una guerra que se nos viene anunciando y prediciendo, sin tener siquiera la faculdad de analizar si la*

179 RAPPORT, Mario e SPIGUEL, Claudio, "De Chapultepec a las Naciones Unidas. La política de Washington y el caso argentino", disponível em: http://www.anu-ar.org/notas/agora/2018/de-chapultepec-a-las-naciones-unidas.html; acesso em: 05/08/2020.

causa que defendemos es justa o injusta, porque tomamos partido sobre la base de los pactos regionales, fundados en motivos geográficos y no morales"[180]. Cooke identificava que a Argentina não poderia consistir num perigo a segurança regional se simplesmente não ratificasse as atas impostas de forma unilateral pelo governo norte-americano, fundamentando seu voto contra a firmação das atas alertando sobre o perigo à soberania nacional que significaria para os países da América Latina orbitarem ao redor da superpotência do norte. Ao mesmo tempo, Cooke não caia em uma posição sectária em relação ao governo e ao bloco político parlamentar que ele mesmo dirigia, realizava uma atuação que mesclava independência política com compromisso ideológico.

> (…) pienso que esas actas, consideradas en su conjunto y la Carta de las Naciones Unidas con ellas, importan una mengua para nuestra soberania. Y basta esa mengua, aunque fuese mínima, para que ese solo hecho gravite en mi espiritu en forma tal que me impida dar un voto positivo, no obstante la profunda solidaridad que guardo en otros asuntos con los compañeros de mi sector. Han de comprender ellos mejor que nadie mi oposición; ellos creen defender de una manera la soberania y yo creo defender de outra. Somos simples detentatores de la soberanía, que no nos pertenece; la hemos recebido de quienes la ganaron en la gesta de Mayo y en outros campos de batalla y debemos mantenerla para transmitirla intacta a las generaciones sucesivas.[181]

As Atas de Chapultepec foram aprovadas em 30 de agosto de 1946, com abstenção da UCR, a questão de um sistema de defesa pan-americano seria desenvolvido para um tratado militar a ser discutido na Conferência Pan-americana do Rio Janeiro em 1947. Tal reunião colocava a Argentina numa encruzilhada geopolítica já que a criação de um organismo hemisférico de segurança respaldaria intervenções unilaterais dos EUA em qualquer parte da América Latina, ao mesmo

180 COOKE, John William, "Discusion: Acta de Chapultepec y identiificación de la carta de las naciones Unidas": In:COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Accíón parlamentaria, Obras Completas, Tomo I", Buenos Aires: Colihue, 2007, p.97.
181 Idem, p.98.

tempo em que sua relação econômica dependia da participação e reconhecimento da comunidade de Estados americanos.

Nessa mesma conjuntura Perón anunciava em um discurso intitulado como "*Por la Paz en el mundo*" (1947) a chamada "Terceira Posição" decorrente da eclosão da Guerra Fria, onde Perón convocava o mundo a uma era de cooperação econômica e de paz mundial, deixando de lado os antagonismos ideológicos, propondo a: igualdade jurídica dos Estados soberanos; a fraternidade e cooperação política e econômica como forma de aproximar as nações; a amizade com todos os povos do mundo, sem inclinar-se a hegemonias de esquerda ou direita e servir a humanidade pelo desejo de paz interna e internacional; e aderir aos princípios pacifistas. Por fim, mantendo equidistância do que considerava os "dois imperialismos" (estadunidense e soviético)[182].

A Conferência do Rio em 1947 engendrava uma possibilidade de Perón propagandear para os países latino-americanos sua Terceira Posição. Perón havia retomado relações com a URSS em 1946 e também legalizado o Partido Comunista de La Argentina e pretendia usar-se disso como barganha durante a Conferência do Rio, onde a delegação argentina representada pelo Ministro das Relações Exteriores Juan Atilio Bramuglia e o vice-chanceler Enrique Corominas (que ocupou o lugar mais destacado da delegação durante o encontro), buscavam dobrar os EUA expondo suas condições de assinar o TIAR, onde defenderam que a melhor proposição para o enfrentamento do comunista na América Latina seria o desenvolvimento das estruturas econômicas, objetivando fazer os EUA comprometer-se com um "Plano Marshall para a América Latina"[183]. Tentar arrancar tal compromisso econômico dos EUA era crucial na visão do governo peronista, sobretudo devido a condição retardatária que ficou a Argentina no pós-Segunda Guerra, porque diferente do Brasil não conseguiu desenvolver uma indústria de base durante o conflito.

182 CHÁVEZ, Fermin, "Julio de 1947 nacia la Tercera Posición de Juan Perón", disponível em: https://nacionalypopular.com/2008/07/07/julio-de-1947-nacia-la-tercera-posicion-de-juan-peron/ ; acesso em: 07/08/2020.
183 MORGENFELD, Leandro Ariel, "Del TIAR a la OEA: Argentina, Estados Unidos y el sistema interamericano", Monterrey: CONfines, agosto-dezembro de 2010, p.21.

Ademais, Bramuglia e Corominas buscaram na Conferência do Rio arrancar dos EUA o compromisso pelo reconhecimento da soberania argentina sobre as Ilhas Malvinas, Geórgias del Sur, Sandwich del Sur e o Antártico Argentino. Ainda tentaram conquistar na Carta que daria origem ao TIAR, uma cláusula de repúdio a Guerra, a eliminação do termo "ameaça de agressão", além de que a Carta do TIAR deveria fazer referência a Carta das Nações Unidas, posição que teve apoio de Bolívia, Paraguai, Perú e Venezuela, esse último muito devido as suas pretensões históricas à incorporação da Guiana Essequibo[184] ao seu território[185]. O TIAR foi aprovado como um sistema que em tese afirmaria que um ataque a qualquer região das Américas seria encarado como um problema de todo o hemisfério, mecanismo que o governo da última ditadura na Argentina tentou ativar de forma inútil na Guerra pela recuperação das Malvinas em 1982, pois entre a OTAN (no qual a Grã-Bretanha faz parte) e o TIAR, os EUA manteriam sua prevalência ao primeiro.

Tampouco o "Plano Marshall para a América Latina" veio da Conferência do Rio, buscando a deleção argentina na Conferência de Bogotá em 1948 (que deu origem a Organização dos Estados Americanos) firmar tal compromisso econômico por parte dos EUA, pois Marshall chefe da delegação estadunidense na Conferência do Rio driblou a delegação Argentina sob a alegação que tal conferência tinha objetivo exclusivo discutir o sistema de defesa americano, enquanto as questões econômicas ficariam pra Bogotá[186]. A IX Conferencia Pan-americana começou em 30 de março e se estendeu até 2 de maio de 1948 em Bogotá. No dia 9 de abril foi assassinado o líder nacionalista Jorge Gaitan[187] do Parido Liberal desencadeando uma rebelião popular conhecida como

184 A Região de Essequibo que compreende a maior parte do atual território da Guiana (ex-colônia Inglesa), fazia parte da Capitania Geral da Venezuela com sua criação em 1777, passando ao domínio da ocupação britânica desde 1814, em 1831 incorporada a Guiana Britânica. Ademais a região é rica em ouro, urânio, bauxita, além das fontes de petróleo atualmente explorado principalmente pela companhia estadunidense Exxon Mobil, e do potencial hidrelétrico.

185 MORGENFELD, Leandro Ariel, Op.Cit (2010) p.25.

186 Idem, p.28.

187 Jorge Eliércer Gaitán (1903-1948) foi um político nacionalista colombiano, que apesar de pertencer ao Partido Liberal, compartilhava de concepções marxistas sobre a realidade colombiana, publicando em 1924 sua tese de Doutor em Direito e Ciências Políticas (Universidad Nacional de Colombia) sobre o título "Las ideas socialistas en Colombia". Sendo principal congressista a denunciar e combater o massacre promovido pela United Fruit contra trabalhadores bananeiros no departamento de Magdalena em 1929, conhecido como o "Masacre de las bananeras", fundando em 1933 a Unión Nacional de Izquierda Revolucionária (UNIR) se integrando como ala do Partido Liberal, sigla a qual Gaitan se elegeu prefeito de Bogotá entre 1936-37, desempenhando importantes reformas sociais. Quando candidato à presidência da Colômbia com um programa nacionalista popular com tendências socialistas foi assassinado em 9 de abril de 1948 através da Operação Pantomina elaborada pela CIA durante a IX Conferência Pan-americana, buscando implantar o alarde do perigo da sublevação comunista no hemisfério. Ver o filme: "9 de abril de 1948", Direção de: María Valencia

Bogotazo[188] que se estendeu ao repúdio a Conferencia e a figura de Laureano Gómez chanceler colombiano filo-fascista e futuro candidato a presidência.

O suposto "Plano Marshall para a América Latina" nunca apareceu, com o Convênio Econômico de Bogotá como sequela da criação da OEA vieram as imposições econômicas dissimuladas através das inversões de capital do Banco Mundial e o oferecimento dos empréstimos espoliativos do FMI:

> El Convenio establecía la necesidad de promover el progreso económico y social en general, por medio del estímulo al ahorro local y al capital extranjero privado. O sea, fomentar la inversión extranjera, lo que en términos concretos implicaba incentivar la radicación de capitales estadounidenses en América Latina, uno de los objetivos de la política exterior de Marshall. Además, se reafirmaba el papel del Fondo Monetario Internacional (FMI) y del Banco Mundial para la cooperación financiera interamericana. Los servicios de estos organismos, controlados por los países centrales, debían ser el complemento de la inversión de capital privado extranjero.[189]

Se a posição peronista nas Conferências do Rio de Janeiro e Bogotá foram majoritariamente derrotadas, sobretudo, levado em consideração o fracasso de um pacote econômico para o desenvolvimento industrial, houve dois efeitos parcialmente positivos na atuação argentina nessas conferências: Primeiro, ter conseguido barrar a criação de um órgão militar permanente pan-

---

Gaitán, Colômbia: 2002, 57 min.

188 O Bogotazo ocorreu como resposta popular a produção do magnicídio de Jorge Gaitan, onde no 9 de abril de 1948 foi desencadeado uma rebelião popular que passou a exigir a renúncia do presidente conservador Mariano Ospina Pérez. Desencadeada a repressão policial se calcula que se tenha produzido até 5mil mortos durante os 3 dias que sucederam. Na data além da IX Conferência Pan-americana, estava sendo promovida a Conferência Latino-americana de Estudantes, no qual uma das lideranças era o jovem cubano Fidel Castro Ruz, estudante de Direito que participou daqueles acontecimentos e que se reuniria com Gaitan naquele dia para um discurso na Praça Bolívar. O Bogotazo desencadeio num largo processo de Guerra Civil na Colômbia, que daria tanto origem ao Pacto Nacional entre Conservadores e Liberais em 1958, quanto a formação de grupos armados camponeses de autodefesa e outros organizados pelo Partido Comunista da Colômbia (PCC), processo, no qual após o bombardeio de 1964 dos grupos de autodefesa aniquilando 70% desses grupos, as forças restantes se reorganizariam nas Fuerzas Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e no Ejército de Liberación Nacional (ELN), enquanto maoistas romperiam com o PCC em 1965, fundando o Partido Comunista da Colombia – Marxista-Leninista (PCC-ML) e desencadeando a Guerra Popular Prolongada. Processo de guerra civil e políticas de Terror de Estado e extermínio por forças paramilitares que persistem até a atualidade.

189 MORGENFELD, Leandro Ariel, Op.Cit (2010), p.38.

americano, que tornaria os EUA um Superestado Militar e condicionaria as Forças Armadas dos demais países do hemisfério a uma posição vassala da potência do Norte, ainda que os EUA soube utilizar os acontecimentos do Bogatazo para desencadear o medo do "totalitarismo comunista" na região, fomentando os elementos para suas intervenções posteriores em Guatemala, Granada, República Dominicana, entre outros países. Perón também soube utilizar-se das Conferências para propagandear sua Terceira Posição entre os países da região, ainda que por tal questão os ânimos entre Argentina e EUA se acirraram, relação que já era não era das melhores desde o governo Farrell.

A assinatura do TIAR e a integração a OEA por Perón foi uma das demonstrações das complexas contradições que carregava a Terceira Posição, no qual os pilares de atuação que o próprio Perón considerava como pendular entre posturas de esquerda e direita, se inauguravam no plano internacional desde a assinatura de atas de caráter anticomunista, ainda que Perón em vista dos acontecimentos do Bogotazo sugeriu ao embaixador estadunidense James Bruce que o comunismo e o perigo constante de guerras civis no hemisfério americano somente poderiam ser enfrentados através de investimentos massivos para combater as mazelas econômicas e sociais[190].

Em 1947 no Centro Universitário Argentino (CUA), John William Cooke pronunciava uma larga conferência sobre as proposições econômicas do governo peronista, usando e abusando de uma revisão histórica a contrapelo, a conferência seria publicada em duas partes na revista "*Hechos e Ideas*"[191]. Nessa interessante comunicação intitulada "*Perspectivas de una economía nacional*", Cooke expunha alguns pontos estratégicos da mudança de configuração do arranjo econômico interno da Argentina com o Peronismo e afirmava seu respaldo a Terceira Posição no plano internacional, posição essa que se sustentava desde dois pilares teóricos: A revisão do passado histórico, afirmando a partir desse exercício o conteúdo nacional do novo governo e o emprego do conceito marxista de Imperialismo tirado de Lênin, não como conceito abstrato que simplificava a

190 Idem, p.43.
191A Revista "Hechos e Ideas" foi um periódico especializado em artigos e debates econômicos que teve duas fases: A primeira como uma revista da UCR entre 1935-1941 (41 números); e uma segunda fase reeditada por peronistas entre 1947-1955 (51 números).

ideia de imperialismo como sinônimo de ingerência estrangeira, como fizeram os revisionistas argentinos de direita dos anos 1920 e 1930[192], mas próximos a definição de imperialismo do eclético economista John Hobson[193].

Preparado e apresentado no segundo semestre de 1946, o Primeiro Plano Quinquenal (1947-1951) foi colocado em prática por Perón em 19 de outubro de 1947. O Plano visava acentuar o processo industrializador argentino, buscando criar uma indústria de base, nacionalizar setores estratégicos como o Banco Central, telefonias e as ferrovias, impulsionar um maciço plano de construção de moradias populares, de usinas hidrelétricas e térmicas, estimular a indústria naval, descentralizar a indústria, criar um sistema financeiro autóctone, coordenar o sistema de serviços e incentivar o consumo interno, ampliar as leis laborais, de segurança social e os direitos trabalhistas no campo, modificar a lei de aduanas, inserir o direito eleitoral para as mulheres, realizar uma nova reforma universitária, entre outras dezenas de pontos[194].

Cooke sinalizava em sua conferência que a Terceira Posição e a independência política dependiam fundamentalmente da soberania econômica. Nesse momento, compactuava com a visão de Perón que haviam duas formas de Capital: um "capital nacional e progressivo", que teria uma função social a cumprir na Comunidade Organizada e um "capital internacional com caráter espoliativo", Cooke citava em sua conferência a definição de Perón sobre a diferença entre essas duas formas de Capital:

> No somos enemigos del capital, aun foráneo, que se dedica a su negócio; pero sí lo somos del capitalismo, aun argentino, que se erige en la oligarquía para dispurtarle a la Nación el derecho de gobernarse por sí, y al Estado el privilégio de

192 Ver como exemplo as obras dos irmãos e revisionistas nacionalistas de direita IZARUSTA, Rodolfo e IZARUSTA, Julio, "La Argentina y el imperialismo británico: los eslabones de una cadena, 1806-1833", Buenos Aires: Editorial Tor, 1934.

193 Para Hobson o Imperialismo não era uma fase da acumulação e do desenvolvimento capitalista em sua fase monopolista e financeira, conclusão que chegou Lenin, para Hobson o Imperialismo era uma Política Econômica (nesse ponto semelhante as definições de Hilferding, Kautsky e Bukharin), que visava superar as crises de "subconsumo" e atender os interesses do capital bancário, e poderia ser enfrentado através de uma regulamentação do sistema financeiro e políticas de distribuição de renda, antecipando e influenciado as futuras proposições keynesianas. Ver: HOBSON, John Atkinson, "Estudios del imperialismo", Madrid: Alianza Editoral, 1981.

194 PRESIDENCIA DE LA NACIÓN, "Plan de Gobierno, 1947-1951, III Tomos", Buenos Aires: Secretaria Tecnica de la Presidencia de La Nación", 1946.

> defender al país contra la igonominia o contra la tración (…) El capitalismo internacional es frío e inhumano; el capital patrimonial de la industria y el comercio representa, a nuestro sentir, la herramienta de trabajo de los hombres de empresa. El capitalismo internacional es instrumento de explotación y el patrimonial lo es de bienestar; el primero representa - por lo tanto – miseria, mientras que el segundo es prosperidad[195].

Ademais, Cooke ia em encontro à visão "terceirista" de Perón no que se referia a equidistância entre os dois polos de disputa de hegemonia ideológica na Guerra Fria, defendendo a necessidade da Argentina desenvolver uma economia nacional com características próprias:

> La necessidad de coexistencia de todas las economias nacionales determina la necesidad de un conjunto de medidas destinadas a adoptar las condiciones de existencia y desarollo de una economía nacional a las condiciones de existencia y de desarrollo de otras economías nacionales. Esta relación ha de contar com nuestro apoyo amplio y generoso, de acuerdo con la caracteristica esencial que informa la política argentina en el orden internacional.[196]

Essa Conferência de Cooke na CUA teve a importância de ser uma de suas primeiras exposições mais largas sobre a realidade argentina. Nela encontramos um exercício de reflexão de presente e passado de forma tautócrona, onde as perspectivas do porvir com Perón assinaladas pelo Plano Quinquenal e a Terceira Posição se assentava na necessidade de rupturas com problemas estruturais engendradas pelas classes dirigentes ao largo do tempo, concomitantemente que atuava na recuperação de meandros históricos interrompidos no processo político, enxergando a causa da soberania nacional como um processo de longa duração. Desse modo, Cooke analisou o presente peronista junto a uma leitura do que recuperou essa política das lutas de independência americana, dos governos Rosas e Yrigoyen e o que buscava superar e rejeitar das heranças oligárquicas liberais

195 PERÓN, Juan Domingo, Apud: COOKE, John William "Perspectivas de una economía nacional, Parte II", In: "Hechos e Ideas: Publicación de Cuestiones Políticas Económicas y Sociales", Ano VII, nº49, Buenos Aires: Abril de 1948, p.207.
196 COOKE, John William "Perspectivas de una economía nacional, Parte II", In: "Hechos e Ideas: Publicación de Cuestiones Políticas Económicas y Sociales", Ano VII, nº49, Buenos Aires: Abril de 1948, p. 201.

de vários períodos como os de Rivadavia, de Mitre, de Sarmiento, de Avellaneda, de Roca e da Década Infame.

Cooke via em Perón a retomada do caráter nacional da estrutura econômica e do sistema político argentino, "estrutura" e "sistema" esses que deveriam ser compreendidos desde os elementos "*naturales, geográficos, etnográficos, psicológicos, políticos, jurídicos y técnicos*"[197]. Elementos esses que seriam os que condessam os fatores fundamentais de produção nacional: "*tierra, capital, trabajo*"[198]. A questão para Cooke é que até aquele momento, a "estrutura" e o "sistema" na Argentina não correspondiam aos fatores estruturantes nacionais citados, mas a um sistema imposto desde fora, pelo Imperialismo, toda a estrutura econômica do país estaria voltada a abastecer os interesses estrangeiros.

> Un país en la situación en que se hallaba el nuestro, nunca podrá liberarse mediante el empleo del mismo mecanismo que lo ha subyugado, en razón de que es, precisamente, el imperialismo dominante el que posee los comandos del sistema, que le ha permitido colocar sus inversiones en países agropecuários para asegurar sus necesidades en matérias-primas, apoderarse de los servicios públicos, de la fuerza motriz, de las comunicaciones y del transporte. Un sistema que ha permitido la posesión por el extranjero de la soberanía de tráfico y la regulación de la producción de la indústria autóctona; un sistema que ha permitido que en textos escolares de ultramar, figuremos encasillados como "domínio virtual" no es nuestro sistema. [199]

E continuava sua exposição situando que as classes dirigentes argentinas ademais de se posicionarem numa condição desigual no mercado mundial pelo atraso das forças produtivas, se muniam de um arcabouço intelectual que para nada serviam para modificar essa situação, pelo contrário, a aprofundavam ao reproduzir mecanicamente a falácia do livre-cambismo que eram tidas pelas oligarquias como enfoques "universais", o que conduzia ao mesmo tempo a uma concepção

197 Idem, p. 202.
198 Idem, p.202.
199 Idem, pp.202-203.

de democracia abstrata. As exceções dessas formas de compreensão "universais" e liberais abstratas foram para Cooke os governos de Juan Manuel de Rosas (Confederação Argentina) e de Hipólito Yrigoyen, que teriam sido um dique de contenção para que a Argentina não fosse submetido em suas épocas a uma condição de colônia direta do imperialismo britânico como foram regiões de África e Ásia. Ademais, Cooke qualificava nesse seu período intelectual a formação social argentina como semicolonial, caracterização tão cara ao marxismo da III Internacional (1919-1943)[200]:

> Los países imperialistas son conducidos por clases dirigentes poseedoras de una técnica y un bagaje conceptual, inmensamente superior al que poseen las clases dirigentes de los países economicamente coloniales o semicoloniales – según la clasificación de Lenin – que sólo manejan un arsenal de ideas y conceptos políticos anticuados e inútiles. Es, en cierta forma, una lucha entre quienes combaten con arcos y flechas y quienes combaten con armas de fuego. Mientras los dirigentes imperialistas están en la realidad de los hechos, los dirigentes coloniales siguen poseyendo en el viejo armamento retórico de conceptos que dejaron de ser.[201]

Assim como Marx analisou que o desenvolvimento das ferrovias inglesas na Índia acabaram acentuando a miséria e a rapina daqueles povos sem dar lugar a formas mais desenvolvidas e Lenin observou que as ferrovias imperialistas são um meio de opressões sobre os povos das regiões semicoloniais e coloniais[202], Cooke enxergou o mesmo mecanismo atuando nas

200 Foi durante o 6º Encontro Ampliado da Internacional Comunista (1926) que começa a ser considerada a necessidade de uma estratégia revolucionária diferenciada para a América Latina em relação a África e Ásia, que vai culminar nas primeiras teses formuladas pelo Secretariado Latino-americano da Internacional Comunista sobre as particularidades da região no VI Congresso do Komintern (1928) ainda marcadas por uma latente herança de teor positivista a região latino-americana era caracterizada pelos comunistas como agrária, semifeudal e semicolonial e no ano seguinte durante I Conferência Comunista Sul-americana (1929) se definia o caráter da revolução na América Latina como Democrática Burguesa e Anti-imperialista, no qual a contradição fundamental era entre "Nação x Imperialismo". Tais teses mecanicistas eram decorrentes do atraso das investigações sobre a realidade concreta latino-americana e das germinais elaborações autóctones marxistas na região e que persistiram como hegemônicas no marxismo latino-americanos nas 4 décadas seguintes, esse foi o mesmo período que infelizmente desapareçam fisicamente três das figuras que formulavam propostas das mais originais do comunismo latino-americano: Julio Antonio Mella (1929), José Carlos Mariátegui (1930) e Farabundo Martí (1932). Ver: ARICÓ,José, Op.Cit (1982), p.31; JEIFETS, Victor e SCHELCHKOV, Andrey, "La Internacional Comunista en América Latina: En documentos del archivo de Moscú", Moscou/Santiago de Chile: Acadêmia de Ciências de Rússia – Instituto de História Universal, 2018; PRESTES, Anita Leocádia, "A que herança devem os comunistas renunciar?", In: Oitenta, nº4, Porto Alegre: LP & M, 1980, pp.197-223.

201 COOKE, John William "Perspectivas de una economía nacional, Parte II", In: "Hechos e Ideas: Publicación de Cuestiones Políticas Económicas y Sociales", Ano VII, nº49, Buenos Aires: Abril de 1948, p.203.

202 "A construção de estradas de ferro é aparentemente um empreendimento simples, natural, democrático, cultural, civilizador: assim a apresentam os professores burgueses, pagos para dissimular a escravidão capitalista, como aos

ferrovias argentinas, se utilizando de argumentos ancorados em Scalabrini Ortíz[203], observava que um dos meios mais eficazes para a dominação imperialista consistia na limitação da "soberania do tráfico", ou seja, controlando os canais de comunicações e de circulação de mercadorias e de pessoas. O processo de entrega das ferrovias argentinas consistia para Cooke uma história de subordinação ao capital estrangeiro, salientando que primeira ferrovia foi construída com capitais e força de trabalho argentina, a *Ferrocarril Oeste* (inaugurada em 1862), vendida em 1910 aos britânicos, acompanhada de um processo de venda de terras públicas, e ramais construídos pelo Estado[204]. Ao mesmo tempo que observava que a expansão da malha rodoviária correspondia aos interesses da indústria automotiva estadunidense, ou seja, as opções ferroviárias ou rodoviárias não atendiam as necessidades econômicas endógenas, mas sim a transferência de capitais à Inglaterra e EUA, transformando-se a Argentina em palco da disputa pela hegemonia do capitalismo global entre as duas potências.

> El ferrocarril, en cambio (…) ha ido exclusisavamente a buscar las materias primas que necesitaban las industrias, estaban financiadas, lógicamente, por el mismo grupo que financiaba los ferrocarriles.
>
> ¿Iban a ponerse los ferrocarriles al servicio del progreso del país contra sus proprios intereses? Sin embargo, durante más de cincuenta años se nos ha querido convencer de esta quimera.
>
> Además del ferrocarril, el progreso técnico nos ha traído el camino.
>
> Pero en nuestro país, transformado en lucha de dos imperialismos, tanto el ferrocarril como el camino, libraban en verdad, no una lucha por la prosperidad de

olhos dos filisteus pequeno-burgueses. Na realidade, os múltiplos laços capitalistas, mediante os quais esses empreendimentos se vinculam à propriedade privada dos meios de produção em geral, transformaram essa construção num instrumento de opressão para um bilhão de pessoas (nas colônias e semicolônias), ou seja, mais de metade da população da Terra nos países dependentes e para os escravos assalariados do capital nos países 'civilizados'" : LENIN, Vladmir Ilich, "O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo", Campinas: Unicamp, 2011,p.110.

203 Ver: SCALABRINI ORTÍZ, Raul, "História de los Ferrocariles Argentinos" Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1974; cuja primeira edição é de 1940.

204 COOKE, John William "Perspectivas de una economía nacional, Parte II", In: "Hechos e Ideas: Publicación de Cuestiones Políticas Económicas y Sociales", Ano VII, nº49, Buenos Aires: Abril de 1948, pp.199-200, Ver também: SCHVARZER, Jorge e GÓMEZ, Teresita, "La primera gran empresa de los argentinos: el Ferrocarril del Oeste (1854-1862)", Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2006.

> nuestro territorio, sino un combatente feroz por obtener la primacía y la influencia en esta zona de América.
>
> El motor a explosion, el automóvil, en suma, requería dos cosas: caminos y petróleo. En la guerra mundial por este combustible. Inglaterra había quedado orginariamente rezagada y Estados Unidos se había adelantado. Lo que costó a Inglaterra pornerse a la altura de su rival es la história increíble de la Royal Dutch. Vino la guerra del 14 y Estados Unidos comenzó recién a estender sus capitales a Sud América. Nuestro país comenzó a ser un importante mercado de los productos norteamericanos, especialmente de automotores (…) La lucha estaba, pues, planteada. Un imperialismo poseía automotor y petróleo, el otro, ferrocarril y carbón.[205]

A Terceira Posição para Cooke teria a vantagem de possibilitar que a Argentina localizasse o ponto mais vantajoso a ser ocupado na economia mundial conforme suas características internas e seu desenvolvimento autônomo, sem se submeter a lógica imposta de qualquer país estrangeiro, buscando ao mesmo tempo a convivência com os múltiplos atores da política internacional, pois compreendia que a realidade nacional não é algo dissociado da economia mundial[206].

Em 1948, Cooke fez parte da Comissão de Assuntos Constitucionais[207] no Congresso Nacional realizando uma revisão e modificação da Constituição de 1853 que daria origem a Constituição de 1949 apelidada pelos peronistas de "*El Estatuto Legal de la Liberación*", reforma que seria possível de ser realizada após o Peronismo consolidar a maioria absoluta no Congresso com as eleições legislativas de 1948[208]. Entre os principais pontos da Reforma Constitucional estavam a revisão da questão da naturalização e expulsão de estrangeiros, eleição direta e reeleição

205 COOKE, John William "Perspectivas de una economía nacional, Parte II", In: "Hechos e Ideas: Publicación de Cuestiones Políticas Económicas y Sociales", Ano VII, nº49, Buenos Aires: Abril de 1948, pp.200-201.
206 Idem,p.201.
207 Além de Cooke fizeram parte dessa comissão os deputados Eduardo Colom, José Emilio Visca, Luis Atala, José María Villafañe, Héctor Campóra, entre outros.
208 Durante as eleições legislativas nacionais de 1948, o já unificado Partido Peronista (PP) obteve 56,43% dos votos, obtendo 111 cadeiras no congresso no total de 158, elegendo Héctor José Campora do PP como Presidente do Congresso.

para presidente e vice-presidente, voto feminino, revisão sobre a livre navegação dos rios e fomento dos portos argentinos, reforma do sistema rentístico, reforma judicial, entre outras questões[209].

O estudo dos fundamentos da defesa de Cooke para a modificação constitucional remonta a um interessante arcabouço de suas ideias que nos permitem debruçar sobre as influências do revisionismo histórico argentino na sua visão da realidade nacional. Mesclando apaixonantes exposições do passado histórico para respaldar posições políticas do presente, o revisionismo fundamenta suas perspectivas como fio condutor que costura a narrativa histórica das lutas de classes na longa duração em que um determinado problema do presente não é examinado em Cooke sem um prévio exame de seu fundo histórico.

Cooke em sua longa exposição argumenta historicamente ponto por ponto as alterações no texto constitucional, onde observa essas modificações como uma luta síntese entre posições nacionais e posições oligárquicas/estrangeirizantes. A erudição de Cooke em seu debate parlamentar perpassava além do seu conhecimento sobre o passado argentino, mas também suas leituras sobre as nuances possíveis de comparação com o desenvolvimento das contradições das constituições das principais potências capitalistas, além de rigorosas exposições das miríades jurídicas e suas brechas, somado ao uso constante da ironia tão caro ao estilo de Arturo Jauretche.

Cooke sinalizou que pretendia fazer um balanço da Constituição de 1853 para sustentar onde essa caducou, e não buscando uma simples liquidação da mesma: "*Hay que distinguir entre el fracaso de una parte de la Constituición como instrumento básico de la ordenación jurídica argentina y el fracaso total de la Constituición a causa del apoderamiento – por la oligarquía – de los comandos de la maquinaria del país, desde los que vició, y continuada y permanentemente, todos los principios que afirmaba defender en su vocinglería declamatoria*"[210]. Cooke defendia que a proposta constitucional elaborada em 1948 teria o diferencial de olhar para o interior do país, sem

209 CONVENCIÓN NACIONAL CONSTITUYENTE, "La Constituición de 1949 comentada por sus autores", Buenos Aires: El Coloquio, 1975.
210 COOKE, John William, "Reforma de la Constituición Nacional. Proyecto de Ley", In:COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Acción parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007, p. 167.

buscar modelos importados. Desse modo, expunha algumas contradições nos modelos de democracia de Inglaterra e França que haviam inspirado o texto constitucional vigente.

> El régimen democrático ¿donde lo iban buscan nuestros Constituyentes? ¿ En Europa, donde no exístia voto calificado? ¿ A Inglaterra, el paradigma, la cuna de la libertad y de la democracia, donde no votaban sino los proprietarios y solo algunos de ellos? ¿ Donde en el año 1865, muchos años después de sancionada nuestra Constituición, votaba un solo inglés en cada seis? ¿ Donde en el año 1885 recién se concede el voto más o menos universal, pero con restricciones tales que casi dos millones de ingleses a margen? ¿ Podían acaso acudir a Francia, donde ni siquiera su Constitución Constituyente, revolucionária y contrária a los privilegios, se atrevió a establecer el sufrágio universal, que contó solo con el voto de cinco deputados? En plena época de vigencia de los principios de la Convención revolucionária francesa, las tres quintas partes de los varones estaban privados del sufrágio. ¿Podían tener en vista a Francia, donde en el 1830, poco antes de nuestra Constituición, sobre 25.000.000 ó 30.000.000, lo que se llamaba 'cuerpo legal', es decir, la masa volante, no alcanzaba a 100.000 indivíduos?[211]

Expunha ainda de modo irônico as idiossincrasias das limitações do modelo estadunidense de participação democrática, no qual a inserção no sistema dependia não somente da condição econômica, mas da posição ocupada pelo sujeito na estratificação racial.

> ¿ Podían acudir a los Estados Unidos? No, señor presidente. El sufrágio universal, contra lo que ha sostenido, nunca tuvo popularidad en el seno de la Convención de la Filadelfia, Cualcuiera que sea la teoría que sustente con respecto a la filiación histórica de los derechos de la Declaración de Independencia norteamericana, ya se crea que deriva del pensamiento inglés a través de Locke y otros autores, ya se crea que deriva del Contrato Social de Rosseau lo que es evidente es que esa Convención era recelosa del votos de las grandes multidudes desposeídas. Estados Unidos en el 1830 teóricamante tenía voto popular, pero es necesário llegar hasta

211 Idem, p.170.

> 1869 para que la Constituición, en la enmienda XV, declare que no se puede privar a nadie de su derecho electoral "por razones de raza, color o condición anterior de servidumbre'. No es este lugar procesos internos de otros países, pero el problema racial do voto persiste, agudizado. Así, una parte importante del problema americano gira en torno a saber si los negros son tan ciudadanos como los blancos.[212]

Cooke buscava despir os modelos eurocêntricos de democracia e liberdade, que se apresentavam de forma abstrata pairando acima das classes e como arquétipos "universais". Sua crítica aos modelos de democracia, principalmente a inglesa e a francesa, encontrava apoio nas suas leituras de Marx e Engels, ainda que sem citá-los, por se tratar de uma interferência oral nos debates sobre a reforma constitucional. Entretanto é visível que provavelmente ele apoiou sua exposição em textos como "*A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*" (1845) de Engels.

> En material social, ¿donde mirar? ¿ A Inglaterra, donde Marx e Engels tomaron los ejemplos que dieron bases a sus teorias sobre la situación del proletariado? ¿Donde en 1815 todavía se estaba discutiendo si se reformaban las leyes penales, que aplicaban la marca, la picota, el látigo, es decir, los intrumentos de tortura que nosotros ya habiámos quemado em la plaza pública en 1813? ¿Donde la pena de muerte se aplicaba para más de doscientos delitos, tales como cazar un conejo, cortar un árbol que perteneciese a outro o robar del escaparate de una tienda objetos por valor de más de seis chelines?
>
> ¿O em Francia, donde a cada movimiento revolucionario del siglo XIX seguió una represipon violenta y sanguinaria contra el proletariado, represiones en las que se unían capitalismo y burguesia? ¿ En Estados Unidos, donde muchos años después de la sanción de nuestra Constituición, la ley Sherman se aplicaba a los sindicatos gremiales obreros, equiparándolos a trusts capitalistas?

212 Idem, pp.170-171.

> ¿Y la esclavitud? En Inglaterra subsistió hasta 1863, en que se abolió lentamente previas inmensas indemnizaciones a los dueños de esclavos; en Francia recién se suprimió em la Constituición de 1848; en Estados Unidos recién pudo desaparecer después de la sangrienta guerra de secesión, cuando la fuerza industrial del Norte necesitó de mano de obra.[213]

Ademais, para Cooke a cópia dos modelos de democracia das potências estrangeiras, não se tratava apenas de se inspirar na forma política desses países, ou seja, moldar a forma Estado e as Instituições a imagem desses arquétipos. Tais modelos aplicados mecanicamente a realidade argentina carregavam também um pacote de modos de assentar a estrutura econômica do país, abrindo mão da soberania nacional e engendrando a condição "semicolonial".

> Se había creado en nuestro país una serie de mitos que se ha ido destruyendo después de la revolución. En lo económico nos habían adscrito a terórias liberales pretendidamente universales que, se suponía, tenían vigencia en todas partes del mundo. A su amparo, los derviches fanáticos del librecambio convirtieron a nuestro país en una especie de sociedad anónima con asiento en lejanos países y con empresarios que representaban al mítico capital extranjero. También se nos sostubo creando el absurdo de que democracia política y capitalismo fueran términos de un silogismo y maliciosamente difundido.[214]

Entretanto, Cooke não considerava que Perón foi o primeiro a tentar inaugurar um sistema e uma estrutura de acordo com as características argentinas. Esse personagem para Cooke e para a maioria dos historiadores revisionistas foi Juan Manuel de Rosas, ainda que Cooke buscou se esquivar das constantes acusações de "rosista", dos quais seus adversários se utilizavam para identificar Perón como um "Tirano", alcunha que Rosas recebeu de seus inimigos do Partido

213 Idem, pp.171-172.
214 Idem, p. 176.

Unitário[215], e que Perón herdaria depois do golpe de 1955 e o decreto 4161[216], atualizado pelo epíteto de “tirano prófugo”.

Da mesma forma que Peronismo e Antiperonismo configuram o campo de disputa da produção de sentidos da realidade política argentina das últimas oito décadas, a figura de Rosas é alvo de disputas de significados históricos em torno de idealizações que transitam por imagens antitéticas como as de caudilho popular ou tirano, de líder nacionalista anti-imperialista ou chefe oligárquica dos pecuaristas bonaerenses. Rosas é objeto de múltiplas facetações, no qual o retrato a ser pintado de sua figura acaba sendo na maioria vezes mais um objeto de legitimações ou desvalidações de posicionamentos políticos do tempo presente do autor que se debruça sobre esse personagem do que propriamente uma caracterização da primeira metade do século XIX na Bacia da Prata.

Ao expôr seus posicionamentos sobre a revisão dos estatutos de livre navegação nos rios e fomento dos portos, Cooke demonstra parte importante de seu labor como historiador revisionista, ainda que sinalizasse que não almejava com sua filiação dentro dessa corrente historiográfica substituir determinados próceres por outros, ou forjar ocultamentos e demonizações históricas dos personagens no qual não reivindicava.

> A pesar de mi punto de vista revisionista, nunca he buscado el sentido desctrutivo en la revisión del pasado. Sustituir estatuas por estatuas, no tiene valor alguno, y por eso, casi nunca hago críticas porque sí a hombres del pasado que cometieron errores funestos. De la revisión me interesa desentrañar la línea de la verdadera continuad nacional.[217]

Cooke em sua análise sobre a navegação dos rios fez um recorrido histórico desde a rivalidade entre Espanha e Portugal sobre o predomínio da Bacia do Prata, enxergando tanto o

215 O Partido Unitário liderado pelas figuras de Bernardino Rivadavia, José Mária Paz, Juan Lavalle e Gregorio Aráoz de Lamadrid, defendia um Estado liberal, laico e centralizado a partir da cidade de Buenos Aires.
216 O Partido Unitário liderado pelas figuras de Bernardino Rivadavia, José Mária Paz, Juan Lavalle e Gregorio Aráoz de Lamadrid, defendia um Estado liberal, laico e centralizado a partir da cidade de Buenos Aires.
217 COOKE, John William, “Reforma de la Constituición Nacional. Proyecto de Ley”, In:COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) “Accíón parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ”, Buenos Aires: Colihue, 2007, p.169.

Império Português como o Império do Brasil como apêndices do Império Inglês, visão cara não somente em grande parte da literatura revisionista, mas também em pensadores argentinos do XIX considerados como próceres nacionais como Juan Bautista Alberdi[218]. Seu balanço histórico em torno da disputa pela Banda Oriental (Uruguai) entre as Províncias Unidas do Rio da Prata e o Império do Brasil, e as ingerências de George Canning (Ministro das Relações Exteriores da Grã-Bretanha) no processo que culmina na independência do Uruguai (1828) se apoiam na obra "*Defensa y pérdida de nuestra independencia economíca*" (1943) de seu ex-professor José María Rosa[219].

A interpretação do bloqueio francês no Rio da Prata de 1838-1840 é um dos temas que Cooke melhor demonstra suas identificações com a figura de Rosas como representante da causa da soberania nacional. Cabe aqui uma breve síntese sobre esse conflito diplomático entre a Confederação Argentina e a França e também sobre o sistema político de Rosas para observamos como Cooke sustenta seu revisionismo histórico e sua identificação com Rosas.

Em seu primeiro sistema de governo na Província de Buenos Aires (1829-1832) Rosas estabeleceu uma série de alianças externas que garantiram um pacto de não-agressão e defesa mútua com chefes regionais como Estanilao Lopéz (Santa Fé) e Facundo Quiroga (La Rioja), assim como realizou transferências de capitais para fiscos em apuros para Estados chave do sistema de equilíbrio inter-regional. De modo, que buscou construir um padrão de coerção e força sobre os atores políticos que o cercava, por outro lado, ainda que tenha assumido o governo em 1829 com faculdades extraordinárias não modificou substancialmente a ordem legal estruturada pelo unitário Bernadino Rivadavia[220].

---

218 Ver: ALBERDI, Juan Bautista, "Los intereses argentinos en la guerra del Paraguay con el Brasil: Cartas dirigidas a sus amigos y compatriotas", Paris: Impresión Privada, s/d; ALBERDI, Juan Bautista, "La Guerra del Paraguay", Buenos Aires: Hispanoamericana, 1988; salientando que Cooke não compactua em nenhum momento com as perspectivas racistas e deterministas geográficas de Alberdi em relação ao Brasil.

219 COOKE, John William, "Reforma de la Constituición Nacional. Proyecto de Ley", In:COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Acción parlamentaria, Obras Completas Tomo I", Buenos Aires: Colihue, 2007, p.257.

220 GELMAN, Jorge, "Rosas bajo fuego: Los franceses, Lavalle y la rebelión de los estancieros", Buenos Aires: Sudamericana, 2009, p.30.

A primeira magistratura provincial de Rosas esteve acompanhada de ritos públicos por exaltar a campanha de pacificação da província após a guerra civil desencadeada com o golpe unitário de 1º de dezembro de 1828 e o fuzilamento do governador bonaerense Manuel Dorrego, no qual Rosas passou a ser visto pela opinião pública como o defensor das instituições ultrajadas pelo motim unitário e como único personagem capaz de controlar a situação gerada, sendo conferido então o título de *Restaurador de las Leyes*[221]. Rosas foi reeleito em 1832 a um segundo mandato pela Sala de Governadores, porém sem poderes extraordinários, de modo que não aceitou a reeleição em tais condições, indicando o General Juan Ramón Balcarce para o lugar de substituto.

Se Manuel Dorrego é um personagem em que Rosas vai se autointitular como um continuador de sua obra política, Cooke reivindicou Dorrego nos debates da Reforma Constitucional de 1949, mas sob outro signo, o de defensor do sufrágio universal, incluindo jornaleiros e trabalhadores assalariados, sendo assim contrário ao modelo censitário de Rivadavia e depois ratificado pelos governos liberais que sucederam a Batalha de Pavón (1861)[222]. De modo que Unitários e Federais, não foram Partidos políticos que desde da perspectiva das ideias ficaram circunscritos ao contexto do XIX, mas continuaram ao largo do século XX sendo constantemente apropriados e reapropriados como símbolos de projeto de país, no qual o Unitarismo possuiu as significâncias desde perspectivas que perpassavam pelo liberalismo, o cosmopolitismo e o Estado laico a partir de uma posição de classe das oligarquias e das elites portenhas que viviam em torno da Sociedade Rural[223], porém também em alguma medida foram reivindicados por socialistas,

221 TERNAVASIO, Marcela, "História de la Argentina, 1806-1852", Buenos Aires: Siglo Vienteuno, 2009, p.175.
222 COOKE, John William, "Reforma de la Constituición Nacional. Proyecto de Ley", In:COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Accíón parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007, pp.227-229.
223 A Sociedade Rural Argentina é a principal organização política dos latifundiários pecuaristas argentinos, fundada em 1866 durante a presidência de Baratomé Mitre, foi a principal impulsionadora e beneficiada das chamadas "Campanhas ao Deserto" durante os governos de Julio Argentino Roca, um processo de genocídio dos povos originais ao sul da Argentina, abrindo essas terras como espaços de produção agropecuária. A Sociedade Rural também teve participação em todos os governos conservadores, neoliberais e ditaduras argentinas desde sua fundação, assim participou de inúmeros massacres contra peões, como no episódio da "Patagônia Trágica" (1920-1922): Ver: PASSETTI, Gabriel, "Indígenas e criollos: Política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)", São Paulo: Alameda, 2012; BAYER, Osvaldo, "Los Vengadores de la Patagonia trágica, 4 Tomos", Buenos Aires: Bruguera Argentina, 1984; Ver o também citado filme: "Nazion", Direção de Ernesto Ardito e Virna Molina: Argentina, 2011, 110 min.

comunistas e marxistas não-comunistas como sinônimo de um Partido da modernização e industrialização do Estado-Nação[224].

Por outro lado, o federalismo foi apropriado de formas ainda mais complexas e repleto de significados políticos variados. Levando em consideração que o próprio Partido Federal representava interesses regionais e econômicos diversos que se unificavam no rechaço do predomínio portenho sobre o resto do país[225], o federalismo foi reivindicado ao largo do século XX desde perspectivas nacionais populares como as de Cooke e da F.O.R.J.A até visões românticas de um passado pecuarista, sem a presença de imigrantes, acentuadamente católico e antiliberal como a visão do poeta Leopoldo Lugones[226].

Em 1833 Rosas lançou sua campanha ao "deserto" onde através de um movimento que combinava negociações com uso da força militar, foi exitoso em apaziguar determinados grupos indígenas em rebelião e estabelecer alianças com outros grupos que passaram a engrossar sua base de apoio, os chamados "índios aliados", no qual são concedidos privilégios outorgados desde o governo de Buenos Aires. Rosas também teve o mérito de estabelecer os limites da fronteira sul de Buenos Aires, realizando pactos com grandes e médios proprietários de terra por toda a província que possibilitaram seu regresso ao governo bonaerense em 1835, com plenos poderes. Essa tendência conciliatória de Rosas e a tentativa de evitar retaliações dos federais aos unitários depois

224 ZUBIZARETA, Ignácio, Op. Cit (2014), pp.36-49.

225 Para Eduardo Astesano o federalismo se dividia em três facções: Uma primeira mais radicalizada politicamente se encontrava nas províncias do interior, e baseava sua subsistência na pequena produção camponesa e artesã, defendendo as aduanas interiores e logo combatendo a entrada de manufaturados ingleses. A segunda vertente federal se encontrava nas províncias do litoral, defendia um programa antiportenho de livre navegação, ou seja, livre trânsito de embarcações estrangeiras pelas províncias interiores, de modo que oscilava entre a luta contra o unitarismo e a luta contra o protecionismo. A última vertente federal se baseava nos fazendeiros bonaerenses, é nessa vertente que se encontra as raízes do rosismo. Fundamentados na produção pecuária das campanhas e oposta ao panorama de especulação comercial predominante de Buenos Aires: ASTESANO, Eduardo, "Rosas y la revolución burguesa", In: "Columnas del Nacionalismo Marxista", Ano I, nº3, Buenos Aires: 1º de setembro de 1957, pp.1-5.

226 Leopoldo Lugones (1874-1938) é tido como um dos fundadores do modernismo hispano-americano junto com o nicaraguense Rubén Dario; foi um dos expoentes do nacionalismo católico e das ideias fascistas na Argentina, sendo defensor do modelo corporativista de Estado, com profunda identificação com a figura do ditador José Félix Uriburo que também advogava das mesmas ideias fascistas-corporativistas. Lugones escreveu contos e poesias em que buscavam um passado idílico no federalismo e na cultura gaucha que teria sido perdido com o cosmopolitismo liberal, entre elas "Guerra Gaucha" (1905), "Odas Seculares (1910); a biografia elogiosa do impulsionador do genocídio indígena na Patagônia "Roca" (1938) e obras políticas em que defendiam sua visão corporativista de remodelação da sociedade como "La Pátria Fuerte" (1931), "Política Revolucionária" (1931); "El Estado Equatativo: ensayo sobre la realidad argentina" (1932), tendo se suicidado em 1938 provavelmente desgostoso com os rumos do país, seu filho também chamado Leopoldo Lugones foi chefe de polícia e um exímio torturador, tendo se suicidado em 1971.

da morte de Dorrego, se modifica quando Facundo Quiroga é deposto em La Rioja pelo General Paz em 1830. A partir desse momento Rosas avança para uma política de disciplinação das elites e tentativa de evitar o avanço de seus inimigos.

Rosas tem como premissa que desde o momento da morte de Quiroga, conta com o apoio da maioria da população bonaerense, sobretudo da população rural formada por peões, camponeses e jornaleiros, e com uma importante fração dos *estancieros* que formam o núcleo duro da comunidade política federal. Situação diferente na cidade que conta com a elite ilustrada, com uma população estrangeira relevante ou mesmo de portenhos com comportamento estrangeirizado, ainda que Rosas contasse com um amplo apoio dos setores mais pobres da cidade-porto[227].

A morte de Quiroga em 1835 deixou vago de lideranças regionais nas províncias do interior e a crise foi instaurada. Desde então, Rosas modificou sua forma de fazer política comparada com o primeiro mandato, pactuando um federalismo peculiar em que Buenos Aires passou a ter o encargo de representação em Assuntos Exteriores sem a necessidade de consultar as demais províncias. Rosas constrói um sistema de governo que se expande as demais províncias desde do encargo de representante das Relações Exteriores e de mecanismos de consenso e coerção[228].

Cooke considerava que o governo de Rosas de 1835 se inaugurou sobre o mérito da defesa da soberania nacional através da lei da aduana de 18 de dezembro de 1838 que para ele terminava um largo período de liberalismo econômico, e dava um exemplo de protecionismo que a reforma peronista devia se apoiar, já que como sinalizou também Moniz Bandeira o protecionismo rosista em alguma medida favorecia a defesa da economia local, a indústria doméstica e o artesanato regional contra a penetração das manufaturas europeias[229]. Cooke sinalizava que a lei de aduanas de Rosas e a lei de direito exclusivo de navegação pelos rios do território da Confederação além de

227 GELMAN, Jorge, Op.Cit (2009), p.34.
228 TERNAVASIO, Marcela, Op.Cit (2009), pp.194-198.
229 MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, "A Expansão do Brasil e a Formação dos Estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai (Da colonização à Guerra da Tríplice Aliança)", Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p.108.

defender a economia doméstica, alavancaram o desenvolvimento econômico interno diversificando a agricultura e a produção de mercadorias nas manufaturas artesanais, ou seja, para Cooke Rosas deveria ser um exemplo a ser seguido por Perón na defesa de um projeto de industrialização autóctone e da defesa do território nacional[230].

Na questão do bloqueio francês se somavam inúmeros problemas diplomáticos mal resolvidos: cidadãos franceses no Rio da Prata que preservavam sua nacionalidade, ou seja, que não eram passíveis ao alistamento as milícias eram recrutados forçadamente, reclamando a França de uma indenização de 40 mil pesos por parte da Confederação Argentina por essa aplicar justiça aos franceses em semelhante condição aos argentinos. O diplomata francês Aime Roger, reivindicava desse modo uma igualdade de condições as que tinham os súditos ingleses na Confederação Argentina, somando-se a isso a morte de um cidadão francês acusado de unitário no começo de 1838, acirrando as tensões diplomáticas e fazendo Aime Roger se retirar em Montevidéu e declarar o bloqueio naval em março de 1838[231].Sobre o episódio diria Cooke:

> El minúsculo episódio culminó con el bloqueo del puerto de Buenos Aires, y constituyo el punto de partida de un conflicto de trece años, entre guerras, armisticios, negociaciones. Trece años en que no solo Francia, sino Inglaterra, desde luego Brasil, desde la retaguardía, querrén imponer, en nombre de principios no aceptados por ellos mismos, la libre navegación en el estuário del Plata. Rosas ha de defender la soberanía del país en una lucha que, segun San Martín, era más importante aún que la guerra de la independência contra España.[232]

O bloqueio ao porto de Buenos Aires abre espaço para que se expressem vários descontentamentos de frações dominantes que até então apoiavam Rosas. Em agosto de 1838 ocorre rumores de tentativa de sublevação de chefes militares como o coronel Juan Zelarrayán e o sargento

230 COOKE, John William, “Reforma de la Constituición Nacional. Proyecto de Ley”, In:COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) “Acción parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ”, Buenos Aires: Colihue, 2007, p
231 FRADKIN, Raúl, e GELMAN, Jorge Gelman, “Juan Manuel de Rosas. La construcción de un liderazgo político”, Buenos Aires: Edhasa, 2015, p.215.
232 COOKE, John William, “Reforma de la Constituición Nacional. Proyecto de Ley”, In:COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) “Acción parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ”, Buenos Aires: Colihue, 2007, p.261.

major Manuel Cespédes no sul da província de Buenos Aires, que tentam angariar apoio de outros militares por toda região. Em 29 de outubro de 1839 se levanta no povoado de Dolores um grupo de pecuaristas dissidentes intitulados como *Libres del Sur*, justamente na região onde Rosas tinha seu maior apoio. Ademais o levante do sul possuía a particularidade de suas lideranças não serem advindas do unitarismo, mas eram considerados até então como *buenos federales*, sendo derrotados em 9 de novembro na Batalha de Chascomús sob o comando de Prudencio Rosas (irmão de Juan Manuel de Rosas).

Em agosto de 1840 Juan Lavalle entrou na província de Buenos Aires realizando seu último intento de derrubar Rosas. Lavalle esperava o apoio da população de Buenos Aires que o enxergaria como o "libertador" da "ditadura" Rosas e ainda esperava contar com o suporte da França que bloqueava Buenos Aires. No entanto, naquele momento o governo de Thiers já passava a seguir a linha inglesa de entendimento diplomático com Rosas. Assim como também não chegou o aguardado apoio de Rivera desde o Uruguai. Gelman ainda sinaliza que houve uma tendência dos setores mais humildes da população em apoiar Rosas, enquanto as frações mais abastadas eram cúmplices de Lavalle, ainda que em muitos casos não fossem ativos nos levantes contra Rosas[233].

Contava Rosas com o apoio em instituições criadas por ele como a *Mazorca* (de caráter coercitivo e repressivo) e as Sociedades Africanas (de caráter conciliatório) como fatores de mobilização popular. O que por outro lado acarretou em compromissos militares dos negros com Rosas, fazendo praticamente desaparecer sua população masculina, além de tirar a autonomia das sociedades africanas. Rosas ainda aboliu em 1839 o tráfico de escravos, o que de certa forma também visava melhorar suas relações com a Inglaterra e desgastar a relação com a França.

Rosas enviou representantes diplomáticos a um punhado de países-chave buscando desgastar os franceses, enviou Carlos de Alvear à Washington, Manuel Moreno (irmão de Mariano Moreno) à Londres e Manuel de Sarratea ao Brasil, esse último buscou negociar com o Império Brasileiro condições para obter apoio de desarme de unitários que se instalaram no Rio Grande do

233 GELMAN, Jorge, Op.Cit (2009), p.163.

Sul, assim como enfrentar Rivera no Uruguai. Buscava utilizar ao seu favor das tensões criadas entre o Império do Brasil e o Uruguai desde a eclosão da Revolução Farroupilha que contava com apoio de Rivera, almejando a neutralidade do Brasil no conflito e impedir que navios franceses se abastecerem de munições no Brasil, sendo que o Rio de Janeiro era o principal local onde se encontrava os recursos bélicos navais franceses no Atlântico Sul desde 1826.

O bloqueio francês se desfez em 1840 por uma combinação de elementos, entre elas as derrotas da sublevação de Lavalle e dos *Libres del Sur*, desarmando os principais opositores internos do rosismo, ao mesmo tempo que no campo das relações internacionais, a Confederação Argentina voltaria a diplomacia da paz e neutralidade com potenciais exteriores como Brasil, EUA e Inglaterra, forjando uma situação de paz exterior desde a perspectiva do que Rosas compreendia como prevalência dos interesses internos nos assuntos diplomáticos. Rosas que ainda derrotaria no campo da guerra e da diplomacia o bloqueio Anglo-Francês que enfrentou entre os anos de 1845-1850, episódio que é mais conhecido historiograficamente encerrando o que Cooke considerou como 13 anos de ingerências europeias no Rio da Prata, sendo desse modo compreensível os motivos que Cooke e a maioria dos revisionistas buscaram em Rosas a figura a ser identificada como símbolo da luta pela soberania nacional.

Outro aspecto da elaboração intelectual de Cooke pouco explorado mesmo entre os seus estudiosos argentinos é sua leitura da questão geopolítica presente em todo tempo em sua defesa da soberania nacional. Cooke ao reivindicar o enfrentamento de Rosas aos bloqueios estrangeiros de 1838-40 e 1845-1850 alertava também para o papel estratégico que ocupa a Bacia do Prata para a América do Sul, principalmente para Argentina, Paraguai e Uruguai:

> Nuestro país posee un factor geopolítico que condiciona a toda auténtica política nacional: la cuenca del Bacia de la Plata, sin esta mirada sobre el mapa, nuestra política carecerá siempre de realidad geográfica, es decir, actuará siempre en el vacío (…) Si se toma un mapa de la América del Sur, se observará, como característica más destacada, una línea montañosa a todo su largo, estrechamente

> paralela a la costa del Pacífico y que encierra a un cierto número de repúblicas mientras que todo él inmenso resto deriva naturalmente hacia el Atlántico. A su vez, sobre el océano y adentrándose en la gran masa continental, como únicos puertas del aceso natural, nos encontramos con tres estuarios: el del Orinoco, el del Amazonas, el del Plata. De los tres, el más acesible, el de mejor tráfico, el más navegable, el que se hunde las entrañas del continente, el que abarca en su extensión las naciones más ricas de Sud América, es el del Plata.[234]

Consequentemente a questão da defesa da soberania nacional em Cooke, também haveria que passar pela recuperação das Ilhas Malvinas, assim como buscou defender a delegação peronista nas Conferências Pan-Americanas do Rio de 1947 e de Bogotá de 1948, e a figura de Rosas era invariavelmente posta como fundamento histórico da causa por Cooke. Em sua intromissão ao debate da Lei sobre as Ilhas Malvinas, em 1950, Cooke realizou uma polêmica inserção respaldando os aportes de Rosas sobre a questão nacional, onde direcionou críticas ao deputado Absalón Rojas de Santiago del Estero por esse ter qualificado a política vacilante de Rosas como causante da perda da soberania sobre as Malvinas. Chegando a se sentir o ofendido pelo deputado Rojas considerar que o tratado Arana-Southern[235] (1849, que pôs fim ao bloqueio fim ao bloqueio Anglo-Francês no Rio da Prata) como um acordo que permitiu o domínio bretão sobre as Malvinas:

> El señor diputado Rojas, que no solo no condena sino que aplaude a los argentinos que en esas trágicas cirscunstâncias se aliaron a los extranjetos en guerra contra la Confederación Argentina, no tiene reparos a criticar a Rosas por la supuesta omisión de la reserva.[236]

234 COOKE, John William, "Reforma de la Constituición Nacional. Proyecto de Ley", In:COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Accíón parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007, p. 262.

235 O Tratado Arana-Southern foi firmado em 24 de novembro de 1849 entre o Ministro das Relações Exteriores da Confederação Argentina Felipe Arana e o Embaixador da Grã-Bretanha em Buenos Aires Henry Southern, o tratado suspendia o bloqueio inglês no Rio da Prata após inúmeras derrotas militares e alto custo da manutenção do embargo dos bretões e franceses que bloqueavam o Estuário do Prata e ocupavam a Ilha de Martín Gárcia buscando abrir o tráfico dos Rios Paraná e Uruguai, fundamentais ao comércio europeu com o Paraguai e províncias do interior argentino. O bloqueio foi definitivamente levantando com o tradado com a França em 1850 chamado de Arana-Lepredour.

236 COOKE, John William, "Moción: Nota referente al proyecto de ley sobre las Islas Malvinas", In: COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Accíón parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007, p. 389.

Cooke resgatava que nenhuma das cláusulas do Arana-Southern se referia a entrega das Malvinas por Rosas. O ano desse debate era 1950, que passou a ser chamado de ano Sanmartiniano através do projeto de lei que esteve à frente, em homenagem ao centenário do falecimento de José de San Martín, nesse ponto reside a ligação de três temas: A interpretação de Rosas como reconhecido continuador de San Martín pelo próprio, a defesa do caudilhismo como uma forma política nacional e popular latino-americana e referências abertas à revisionistas que o teriam sido fundamentais para suas visões históricas.

Curioso notar que um ano depois do debate entre Rojas e Cooke sobre as relações de Rosas com a Inglaterra no que se refere a navegação dos rios, o próprio Rojas se tornaria um adepto do revisionismo histórico, notemos o diálogo entre Cooke e Rojas no estabelecimento do ano sanmartiniano:

> El outro día también expliqué com detenimiento que la construcción artificial de la historia argentina no es el producto de una casualidad, sino que responde a un plan perfectamente preconcebido tendiente a llevar al pueblo argentino al sojuzgamiento político, comercial e histórico.
>
> El señor diputado Absalón Rojas, a su vez, se manifestó partidario del revisionismo histórico entendiendo como tal una honesta investigación de la historia argentina. Yo hago fe en su palabra, pero creo que por hábito mental, por ser la posición del doctor Absalón Rojas el producto de una larga elaboración mental hecha em determinado sentido, no es posible que el señor diputado pueda verdaderamente captar el brío que brota del fondo de nuestra história cuando se estudian sus hechos desapasionadamente, porque los documentos que permitirán variar posiciones ya adoptadas en forma definitiva y cristalizada en el señor duputado Rojas, están a la vista y son conocidos.
>
> Sr. Rojas: ¿ Me permite, señor diputado?
>
> Sr. Cooke: Sí, señor diputado.

> Sr. Rojas: Yo creo que en mi caso como en cualquier hombre que use la inteligencia es susceptible de modificar una posición tomada sobre la base de un convencimento sincero. La mejor comprobación la tenemos en el caso de ciudadanos, actuantes políticos, que han tenido una conformación mental determinada, puesto que estaban afiliados a un partido y ahora, lo están en outro partido político. Quiere decir, entonces, que no se forma una manera tan rígida el convencimiento, que se pueda dudar de la capacidad de un cambio, después de un razonamiento y de un conocimiento exhaustivo.[237]

Cooke considerava Rosas um continuador da obra de liberação nacional iniciada por San Martín, respaldando sua posição nas correspondências entre o *Libertador* e o *Restaurador de las Leyes*, e o envio do sabre de San Martín ao chefe da Confederação Argentina[238]. Durante sua defesa para a modificação constitucional que permitiria a reeleição presidencial de Perón, Cooke desenvolveu a ideia do Caudilhismo como o elemento mais autêntico do sistema político argentino. Sendo assim, o Caudilhismo deveria ser considerado desde uma perspectiva positiva, onde o caudilho podia ser compreendido como um personagem síntese dos interesses populares e nacionais, Cooke acreditava que os melhores governos argentinos e que buscaram defender a soberania nacional foram os governos caudilhos, não considerando como caudilhos somente Rosas ou os federais, mas também Yrigoyen e Perón, ambos identificados por seus opositores como continuadores de Rosas, identificação que os revisionistas dos anos 1940 validam porém invertendo essa identificação sob um signo positivo[239].

A postura de Cooke de valorização do Caudilho dentro da identidade política argentino foi um posicionamento de rechaço a modelos importados de organização política, de concepções

237 COOKE, John William, "Instituición del año 1950 como Año Sanmartiniano", In: COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Acción parlamentaria, Obras Completas Tomo I ", Buenos Aires: Colihue, 2007, p.378.
238 Em seu testamento de 1844, San Martín estabeleceu como uma das cláusulas: "[o sabre] será entregue ao General da República Argentina Dom Juan Manuel de Rosas, como uma prova da satisfação que tenho tido, como argentino, ao ver a firmeza que ele teve para manter a honra da República, contra as injustas pretensões dos estrangeiros que tentaram humilhá-la": SAN MARTÍN, José de, Apud: ROCA, Andrea, "A Vida Social de um emblema nacional: O caso do sabre do General San Martín (1778-1850)", In: Mana [online]. 2012, vol.18, n.1, p.124.
239 DONGHI, Túlio Halperin, "El reviosionismo histórico argentino como visión decadentista de la história nacional", Buenos Aires: Siglo XXI, 2006, p.21.

abstratas de forma de governo, de democracia e de ditadura, fundamentando que o essencial nessas caracterizações não podem ser mensurados pelo quanto a aparência dos sistemas políticos se enquadram nos modelos "universais" europeus e estadunidenses, mas sim a que interesses realmente correspondem e representam:

> Nuestro país ofrece, desde el punto de vista político, rasgos próprios que son típicos de nuestra individualidad nacional. El caudillismo es una de ellas. La declamación que hacen contra el caudillismo los que quieren una política "a la europea" en suelo americano, se estrella frente a la realida argentina (por otra parte, esa política "a la europea" suele no funcionar muy eficazmente ni aun en Europa). El hecho es que nuestro mejores gobernantes han sido caudillos "a la criolla". La adhesión a los grandes conductores no es una actitud de sumiso acatamiento – que el argentino repudia como impatible con su concepto de la dignidad – sino que constituye una postura de lealtad hacia aquellos líderes que saben captar el sentir del hijo de la tierra.[240]

Pertinente ainda notar que os combates políticos entre os congressistas sobre os rumos nacionais no Primeiro Peronismo confundiam as esferas parlamentares com entidades que disputavam a produção de significados do passado que almejavam fornecer um sentido orientador e de respaldo para as ações do presente, como o *Instituto Nacional Sanmatiniano* (fundado em 1933) que estava voltado a uma produção de leituras históricas desde uma perspectiva liberal hegemônica até aquele momento e ancorada em Mitre, Vicente López. Sarmiento e Alberdi que se confrontava com o entendimento contra-hegemônico de produção de leituras do passado referenciada no *Instituto de Investigaciones Históricas Juan Manuel de Rosas* de caráter revisionista e eclético em sua composição política, no qual Cooke apesar de se filiar somente em 1953, assumindo a vice-presidência em 1954[241], já pronunciava conferências no Instituto pelo menos desde 1951[242].

240 COOKE, John William, "Reforma de la Constituición Nacional. Proyecto de Ley", In: COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Acción parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007, p. 237.

241 MAZZEO, Miguel, ""El Hereje. Apuntes sobre John William Cooke", Buenos Aires: El Coletivo, 2016, p.66.

242 "El martes 26 de agosto [1951] próximo pasado tuvo lugar la interesante conferencia que el diputado nacional Dr. John William Cooke pronunció en el salón de actos del Instituto con el sugerente título de "Esteban Echeverría,

Recuando à 1949, Cooke realizou no Congresso uma homenagem ao centenário de nascimento Adolfo Saldías (1849-1914), historiador que pode ser considerado como o "primeiro revisionista", visto que foi um discípulo de Mitre, e planejava dar continuidade a obra historiográfica do vencedor Pavón que havia escrito "*Historia de Belgrano y la independencia Argentina*" (1857), pretendendo Saldías escrever a história da "Tirania Rosista" sob o título de "*Historia de Rosas y la tiranía Argentina*". Através de Bernardo Irigoyen (um dos fundadores da UCR), Sáldias pôde entrar em contato com Manuelita (filha de Rosas), e assim ser possibilitado de explorar os arquivos pessoais do "Tirano" no exílio. Nessa documentação de Rosas em Southampton, se deparou com caixas de correspondências com personalidades históricas como San Martín, Alvear, Palmerston, Belzu, Sarratea, Oribe, além de notas diplomáticas, informes enviados a ministros e informes reservados a polícia. Com esse material editou os 3 tomos de sua obra "*História de Rosas y su época*", cujo primeiro tomo saiu em 1881, o segundo em 1884 e o último 1887. Em 1892 modificaria o título da obra para "*História de la Confederación Argentina*", dessa vez em 5 tomos, provavelmente buscando uma maior penetração de seu trabalho ao ocultar o nome de Rosas no título[243], provocando a irá de Mitre que romperia com seu pupilo, por fazer "apologia à Tirania"[244].

Cooke revistava em Saldías três questões: Primeiro, a necessidade de fazer uma leitura crítica do passado, onde o investigador deve rever suas posições caso essas não encontrem respaldo na análise concreta da realidade; Segundo, a reivindicação de uma leitura contra-hegemônica da História, onde qualquer visão consolidada do passado deve ser submetida a questionamentos; Por

radiografía de un mito". El orador fue presentado por el Dr. José María Rosa, quien destacó las relevantes condiciones del joven parlamentario que, desde todas las posiciones en que le ha tocado actuar, ha dado elocuente testimonio de su versación histórica y de sus incorruptibles posiciones revisionistas, puestos de manifiesto numerosas veces en el propio recinto de la Cámara de Diputados…" In: "El Dr. John W. Cooke demostró que Echeverría pudo ser recordado como una buena persona". In: BOLETÍN DEL INSTITUTO JUAN MANUEL DE ROSAS, "El Dr. John W. Cooke demostró que Echeverría pudo ser recordado como una buena persona", Ano IV, Nº 9, Buenos Aires, 18 de setembro de 1951, p. 4.

243 D'ATRI, Norberto, "Apendice: El Revisionismo histórico y su historiografia" In: JAURETCHE, Arturo, "Problema nacional y revisionismo histórico", Buenos Aires: Corregidor, 2006, pp. 96-100.

244 SALDÍAS, Adolfo, "História de la Confederación Argentina: Rozas y su época, Tomo I", Buenos Aires: Félix Lajaune, 1892, p.9.

último, a necessidade de fazer um balanço da História Nacional, buscando entremeter as cadeias desconexas da liberação inconclusa fora dos sistemas eurocêntricos de "valores universais":

> Creemos que nuestro presente y nuestro futuro argentino se encuentran precisamente en el fondo de la história argentina. Nosotros – a diferencia de los integrantes de la oligarquia-, no creemos que todo debe ser importado los hombres, los capitales, las ideas, los dogmas; que las soluciones nacionales se encuentran en la tierra argentina; que la fuerza de la superación de este país está en el hombre de la tierra argentina; en nuestra clase desposeída, que fue despreciada siempre por la oligarquía[245].

Aqui Cooke antecipava alguns aportes semelhantes ao conceito de *colonização pedagógica* que Jauretche inauguraria nos anos 1950 nos seus exames sobre as concepções intelectuais e visões de mundo das classes dominantes e os setores médios[246]. Ressaltando que os dogmas históricos propagados pela oligarquia se completavam com dogmas econômicos, chegando a compreensão que a oligarquia se configura não como uma classe intestina, mas como subproduto do imperialismo, de modo que podemos compreender através do revisionismo de Cooke, que a contradição fundamental que estava em disputava na sociedade argentina se situava entre Nação/Povo x Imperialismo/Oligarquia.

> En el aspecto conceptual la oligarquía intentó siempre emponzoñar la mentalidad argentina con una serie de falsos dogmas, que los llamados grandes de las historias – los fabricantes, además, de una historia "oficial" - han venido repitiendo a través de los tiempos. Nos hablaron de capital extranjero "civilizado y progresista", de la necessidad de que el Estado no tuviese injerencia en las cuestiones econõmicas; y directa o indirectamente representaba, se calificó de "tirano", de "sanguinario", de "antiprogresista", de "bárbaro". Lo mismo se hace ahora con nosotros, con los

245 COOKE, John William, "Homenaje al Dr. Adolfo Saldías", In: COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Accíón parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007, p.375.
246 JAURETCHE, Arturo, "Los profetas del odio y la yapa (La colonización pedagógica)", Buenos Aires: A.Peña Lillo, 1973.

> hombres que estamos seguros, creen en la independencia económica y en la absoluta soberanía argentina.
>
> Los dos términos del silogismo de la oligarquia son perfectamente coherentes: por un lado los dogmas históricos; por el outro los dogmas económicos; detrás de ellos el imperialismo.
>
> Nuestra posición es inversa: creemos que solamente se puede obtener la liberación económica nacional a través de la destrucción de esos dogmas históricos falsamente fabricados. Y contra nosotros enplean los mismos recursos: se nos tilda de totalitarios, se dice que somos antidemocráticos. Seríamos totaltarios y antidemocráticos si nosotros, creyendo en la barbarie y en la tirania de algunos hombres, siguiésemos elogiándolos; pero nos proponemos demostrar – y lo hemos conseguido si se estudia el problema objetivamente – donde estaba la verdadera barbarie, dónde estaban las fuerzas del país y donde los enemigos de la nacionalidad[247].

Para Cooke com a inauguração da Terceira Posição e a Doutrina Justicialista se recuperava o fio histórico das lutas de liberação nacional em San Martín, Rosas e Yrigoyen, processo que enxergava como de longa duração, como se o revisionismo tivesse uma leitura de processo atemporal e espacial própria, sintetizada desde a "Posição Nacional", onde entre esses quatro personagens residia a estratégia comum da independência e da soberania, que necessariamente haviam que contrariar os dogmas liberais-oligarquícos copiados mecanicamente desde os países imperialistas.

Porém, como demonstraram Melina Adelchanow e Alberto Círia, Perón naqueles anos estava mais próximo de uma visão de passado dentro perspectiva tradicional liberal que do revisionismo, que continuava ocupando o lugar de uma leitura marginal da História, exemplificado durante as nacionalizações das ferrovias em 1948, onde Perón rebatizou as linhas com nomes de

247 COOKE, John William, "Homenaje al Dr. Adolfo Saldías", In: COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Accíón parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007, p. 376.

próceres como Bartolomé Mitre, Julio Argentino Roca, Justo José de Urquiza e Domingo Faustino Sarmiento, completada pela linha San Martín, parecendo desse modo disputar a simbologia dos mesmos próceres reivindicados pelos governos conservadores e liberais[248].

O revisionismo histórico durante os anos do Primeiro Peronismo (1945-1955) ampliou sua popularidade sobretudo nos meios intelectuais nacionalistas, devido a adesão ao projeto Justicialista não somente pelos revisionistas da F.O.RJ.A, mas também por revisionistas conservadores de direita como Ernesto Palácio e Viciente Sierra[249]. Ainda que Perón não demonstrasse uma identificação com os aportes revisionistas, considerava as elaborações da F.O.R.J.A sobre os problemas estratégicos nacionais. Como sinaliza Halperín Donghi o Peronismo somente passa a ser identificado plenamente com o revisionismo a partir do golpe de 1955, sobretudo pelo estabelecimento da linha de reivindicação histórica Mayo-Caseros-Septiembre pelos golpistas e o próprio revisionismo dar uma guinada à esquerda.

> El gobierno surgido de la revolución que en nombre de todas las tradiciones argentinas (…) había derrocado al peronismo se definía finalmente como continuador de la de Mayo y Caseros; la expresión misma de la "segunda tiranía" empleada por entonces para la etapa que la revolución acababa de cerrar, mostraba que la identificación entre el peronismo y la tradición rosista, sino era clara aún para los adictos al movimiento vencido en 1955, parecía evidente para sus vencedores (…). Así el esfuerzo de revisión histórica gana por primera vez el apoyo no retaceado de un vasto movimiento político[250].

O revisionismo histórico dos 1930-50 apesar de em muitos aspectos estar mais próximo de um gênero literário e ensaístico do que historiográfico acadêmico (o que não resulta em nada depreciativo), trouxe aportes desde a introdução de temáticas que eram consideradas marginais na historiografia, buscando questionar interpretações do passado que eram tidas como irrefutáveis até

248 ADELCHANOW, Melina Natalia, "John William Cooke y su visión del pasado argentino. Reflexiones entre la historia y la política", Buenos Aires: Universidad de Belgrano, 2005, p.13; CIRIA, Alberto, "Política y cultural popular", Buenos Aires: De la Flor, 1983, pp. 282-284
249 DONGHI, Túlio Halperín, Op.Cit (2006), p.30.
250 DONGHI, Túlio Halperín, Apud: MAZZEO, Miguel, Op.Cit (2016), p.254.

aquele momento, e sobretudo pelo aberto compromisso político que orientava sua produção, fazendo da História ferramenta do debate público, da valorização das características nacionais, da politização das massas e de ação sobre o presente através da identificação dos problemas estruturais em perspectiva de longa duração, além do combate as abordagens eurocêntricas de leitura do país.

Ao mesmo tempo há que se levar em consideração que em grande parte de suas exposições do passado, essa corrente esteve mais próxima de realizar anedotas sobre o presente desde temas históricos como a associação de imagem semelhança entre os empréstimos da Baring Brothers por Rivadavia e o Pacto Roca-Runciman do governo de Augustín P. Justo ou entre as formas de Rosas e Perón conduzirem seus sistemas de governo acima das classes através de mecanismos de democracia direta e de ferramentas de disciplinação das elites e de opositores, permeando suas leituras por fortes teores de idealizações do passado e pelo voluntarismo político nas interpretações dos fatos que acabavam por afetar diretamente na objetividade e concretude da rica produção historiográfica e ensaística dessa vertente.

De acordo com Adam Schaff quando se debruçava sobre o constante exercício dos historiadores reescreverem a História "*os períodos de estabilidade, propícios ao sentimento de satisfação do presente, favorecem igualmente o consenso social quanto à imagem tradicional do passado; pelo contrário, nos períodos oposição, quando a estabilidade é abalada, os homens descontentes com o presente são inclinados também a estar também descontentes com o passado; a história é então submetida a uma reinterpretação dos problemas e das dificuldades do presente.*"[251].

E se olharmos para o caso argentino é compreensível que o revisionismo histórico tenha tido dois auges de produção: os anos 1930-1943, onde se buscava as causas da acentuação da dependência ao capital estrangeiro e também formular textos de denúncia, simbolizados sobretudo pela F.O.R.J.A, mas também por historiadores conservadores como José María Rosa e os irmãos Izarusta; existindo um outro ápice de sua produção nos anos 1950-60 durante o processo de elaboração teórica da Resistência Peronista (1955-1973). Por outro lado, Schaff salientava que o

251 SCHAFF, Adam, "História e Verdade", São Paulo: Martins Fontes, 1983, pp .272-273.

presentismo exacerbado pode levar ao rompimento com a própria objetividade histórica. Ainda que as atividades dos historiadores estejam sempre condicionadas às necessidades atuais da vida social, ou seja, as mudanças ocorridas na sociedade implicam invariavelmente mesmo quando não conscientes na produção das ideias e da escrita dos historiadores.

Desse exame, constatamos que essa fase que corresponde a atuação parlamentar de Cooke, o nacionalismo e as leituras revisionistas aparecem com preponderância, porém o marxismo também figura, ainda que mais como ferramenta analítica do que visão de mundo, podendo desse modo caracterizar que Cooke nesse período de 1945-1951 tem uma perspectiva "Democrática Policlassista, Nacional e Anti-imperialista". No tópico seguinte veremos sua batalha mais polêmica durante seu período parlamentar e sua radicalidade anti-imperialista já presente numa questão que continua ocupando papel central entre as forças e governos populares: a democratização da mídia e a questão da "Liberdade de Imprensa x Liberdade de Empresa".

2.2 Cooke, Evita e...Lênin: A expropriação da *Prensa*

> Eva Perón: - Tiene razón Apold[252] sos más comunista que Stalin vos.
>
> Cooke: - Señora, Apold y yo coincidimos en querer cerrar el diario La Prensa, pero el lo quiso hacer porque quiere que el Peronismo sea una dictadura, yo quiero que el Peronismo sea una revolución. Ahora usted me pregunta si no sería una dictadora como dicen sus enemigos. Escúcheme bien señora, si una dictadura hace una revolución se justifica, sino es una revolución, entonces es una dictadura y nada más, apenas eso, lamentablemente eso. (Filme: Eva Perón, 1996)[253]

1951 foi um ano crucial para a história do Peronismo: pela primeira vez na Argentina as

252 Raul Alejandro Apold (1898-1980) foi chefe da Subsecretaria de Imprensa e Difusão entre março de 1949 até sua renúncia em 4 de julho de 1955, foi o principal responsável das peças publicitárias do primeiro peronismo, Apold foi um dos mais notáveis representantes do peronismo de direita, rivalizando suas opiniões com Cooke.

253 A cena é um diálogo ficcional entre Eva Perón e John William Cooke durante um jantar em que articulam a expropriação do jornal La Prensa de ferrenha oposição burguesa ao Peronismo: "Eva Perón", Direção de Juan Carlos Desanzo: Argentina, 1996, minutos 23-25. Não confundir com o filme musical estadunidense "Evita" também de 1996, de direção de Alan Parker, com Madonna no papel de Eva Perón, filme que o cineasta argentino Fernando Solanas qualificou como "elementar e banal" (Folha de SP, 19/02/1997).

mulheres teriam direito ao sufrágio, impulsionadas pela criação do Partido Peronista Feminino de Eva Perón, primeira-dama que aclamada pelas forças populares em um *cabildo abierto* convocado pela CGT, comporia chapa presidencial com Perón no posto de vice-presidenta na célebre fórmula Perón-Perón, até ser obrigada a abdicar da candidatura por pressão dos militares. Foi ainda o ano em que se realizariam as primeiras tentativas de sublevação golpistas contra o governo peronista, assim como o último ano de Cooke como Deputado Nacional.

La Prensa era o principal jornal de oposição ao governo peronista junto com o também oligárquico *La Nación*, fundado por Bartolomé Mitre em 1870, enquanto *La Prensa* representava outra família que compunha as classes dominantes: a família Paz, mais especificamente José Clemente Paz, latifundiário ilustrado que compôs a chamada de Geração de 1880[254], fundando o *La Prensa* em 1869. Nessa última parte do capítulo, buscamos além de apresentar a posição de Cooke em defesa da expropriação de *La Prensa*, onde exporemos a convergência de sua caracterização da impressa monopólica com a reflexão leninista e gramsciana em relação a função política dos jornais, buscamos ainda apresentar uma crítica à leitura liberal da historiadora Sabrina Ajmechet no que se refere a relação as ações de *La Prensa* contra o governo peronista, onde segundo a historiadora "*La Prensa subrayó el papel central de la recuperación de la democracia y de las libertades*."[255]

O diário *La Prensa* se configurou como principal veículo de oposição ao peronismo antes mesmo de sua vitória eleitoral, tomando um sentido de jornal como fração ou em função de um partido orgânico de uma classe social. Desse modo, vejamos *La Prensa*, não somente como jornal

254 A Geração de 1880 (Generación del 80) consistiu no grupo dirigente intelectual e político aristocrático do período histórico conhecido como República Conservadora (1880-1916), resultante do processo de cisões internas do Partido Unitário, após consolidada a unificação do Estado Argentino pelas forças liberais após a queda de Rosas/Batalha de Caseros (1852); Batalha de Pavón (1861) e a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870) onde são sufocadas as últimas rebeliões caudilhas e montoneras como as de Ángel Vicente Peñaloza (em La Rioja), Felipe Varela (em Catamarca) e López Jordan (em Entre Rios) contra a prevalência de Buenos Aires sob as demais províncias. Desse processo se consolidou um sistema político oligárquico liberal hegemonizado pelo Partido Autonomista Nacional que durou até a vitória eleitoral de Hipólito Yrigoyen (1916), nos quais os principais dirigentes foram os presidentes Nicolás Avellaneda e Julio Argentino Roca.

255 AJMECHET, Sabrina, "La Prensa en las elecciones presidenciales de 1951, el actor ausente", In: IX Congreso Nacional de Ciencia Política, Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, agosto de 2009, pp.2-3

orgânico das oligarquias argentinas, mas como órgão central[256] da *Unión Democrática* (UD) durante as eleições de 1946. Como mesmo salienta Ajmechet, durante as eleições de 1946 *La Prensa* era o principal jornal da Argentina, chegando a editar 745.894 cópias por dia[257], veiculando todos os discursos dos presidenciáveis da UD na íntegra, divulgando massivamente os comícios de Tamborini e Mosca com crônicas completas de cada ato, enviando repórteres que acompanhavam passo a passo a campanha dos adversários da chapa peronista[258].

Por outro lado, os nomes de Perón e Quijano na maioria das edições de *La Prensa* sequer eram mencionados, assim como seus comícios e discursos eram completamente ignorados pelo jornal de maior circulação no país, reduzindo-os a caracterização de "continuistas" do Golpe de 1943, "*En cambio, Tamborini y Mosca eran siempre el Dr. Tamborini y el Dr. Mosca.*"[259]. Segundo o historiador Claudio Panella durante as eleições de 1946 *La Prensa* dedicou 90% de suas notícias à UD e apenas 10% à chapa peronista, sendo a maioria dessas notícias de conteúdo pejorativo e não informativo[260]. Enquanto Ajmechet considerava que *La Prensa* possuía um caráter de educador cívico "*siempre buscando ocupar un lugar de tribuna pedagógica, desde donde educar y formar a los lectores*"[261]. O consagrado historiador Félix Luna, de insuspeita filiação ao peronismo ou à esquerda, adjetivou a atuação de *La Prensa* da seguinte forma: "*Desde el punto de vista de la ética periodística, la posición de la prensa independiente fue condenable. El castigo a este sectarismo llegó por sí mismo: la deformación de la realidad fue tan completa que todos, los que escribían y los que leían, llegaron a convencerse de que la imagen presentada era cierta; que la Unión*

256 Lenin define o órgão central como a direção ideológica/teórica do partido revolucionário, no caso de La Prensa utilizamos o conceito de órgão central de maneira ampliada, referindo ao jornal (mídia) como organizador coletivo de uma classe ou de uma de fração de classe no exercício do poder ou com pretensões da tomada do poder; compreendemos o conceito de organizador coletivo em seu sentido leninista do termo: a capacidade de um órgão como o jornal manter a coerência e unidade ideológica, tática e estratégica de um partido (entendendo partido como a organização política orgânica de classe e não em seu sentido formal) em território nacional. Ver: LENIN, Vladmir Ilich, "Que fazer? Questões candentes de nosso movimento", São Paulo: Boitempo, 2020.
257 AJMECHET, Sabrina, "La Prensa, actor en defensa de la democracia y las libertades en las elecciones de 1946, In: III Jornadas de Historia Política del Gran Buenos Aires en el siglo XX, 2008, p.3.
258 AJMECHET, Op.Cit (2009), p.3.
259 AJMECHET, Op.Cit (2008), pp.15-16.
260 PANELLA, Claudio, "El debate parlamentario sobre la expropriación de La Prensa (1951). La intervención de John William Cooke", In: Oficios Terrestes, nº6, La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 1999, p.119.
261 AJMECHET, Op.Cit (2008), p.3

Democrática representaba la arrasadora mayoría del país frente a minúsculas turbas despreciables"[262]. Ademais, *La Prensa* nas vésperas do pleito eleitoral se tornou o principal divulgador do já citado *Blue Book on Argentina* (ver capítulo 1, tópico 1.2) elaborado pelo Departamento de Estado dos EUA, como mesmo sinaliza Ajmechet:

> Si bien el diario apoyó las denuncias hechas por el Departamento de Estado de Estados Unidos, no tomó a ninguna de ellas como novedosa, por lo que en el caso del matutino analizado, la aparición del Libro Azul lo único que hizo fue reforzar el conjunto de ideas que el diario ya había difundido durante toda la campaña.[263]

Assim como depois do pleito eleitoral de 24 de fevereiro de 1946, *La Prensa* proclamou a vitória da UD antes da apuração acompanhando a posição do Departamento de Estado norte-americano. Analisando o mecanismo, já que o próprio Spruille Braden previa ser improvável derrotar Perón nas urnas após os acontecimentos de 17 de outubro de 1945[264], consideramos que a declaração de vitória da UD por *La Prensa* (antes da contagem) consistia em forjar um sentimento de fraude naqueles que depositaram o voto na chapa da UD, e assim criar um clima de instabilidade permanente do governo democraticamente eleito que seria apresentado pelos monopólios midiáticos como "continuísta" da ditadura de 1943, posição que *La Prensa* sustentou até sua expropriação em 1951, ao ponto de sequer colocar como capa a vitória eleitoral de Perón[265].

Devido seu posicionamento intransigente e de feroz oposição ao Peronismo e aos peronistas, o luxuoso edifício-sede de *La Prensa* localizado na Avenida de Mayo, próximo da Plaza de Mayo (principal ponto de comícios políticos de Buenos Aires e onde se localiza a sede do governo) se tornou alvo de rechaço das massas peronistas a cada manifestação política que ocorria na capital portenha.

---

262 LUNA, Félix, Apud.: PANELLA, Claudio, Op.Cit (1999), p.119. Ver: LUNA, Félix, "Crónica de un año decisivo", Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1975, pp. 439-440
263 AJMECHET, Op.Cit (2008), p.9
264 MONIZ BANDEIRA, Op.Cit (2010), pp.225-226.
265 AJMECHET, Op.Cit (2008), pp.28-29.

> A lo largo del gobierno de Perón, La Prensa se había vuelto lugar obligado para desquitar furias por parte de aquellos que apoyaban al gobierno, que luego de cada movilización a Plaza de Mayo se ocupaban de marchar hasta el frente del edificio del diario y apedrearlo o intentar incendiarlo. Por otro lado, cada vez se encontraba más sólo en su oposición.[266]

A ferrenha oposição de *La Prensa* ao Peronismo não consistiu numa novidade na história do diário, que teve uma conduta semelhante perante o governo nacionalista de Hipólito Yrigoyen, assim como se posicionando contra as mais diversas greves operárias desde sua fundação[267], com exceção das greves ferroviárias de 1950-1951[268], principal contencioso enfrentada pelo governo peronista em relação aos trabalhadores, e que visando desgastar a imagem do governo em ano eleitoral (desde a perspectiva prática do jornal) foi apoiada de forma intransigente pelo diário da família Paz, que consistiu justamente no último grande episódio interno coberto por *La Prensa* antes de sua expropriação[269].

Em 18 de janeiro de 1951, dirigentes do Sindicato de Vendedores de Diarios, Revistas y

266 AJMECHET, Op.Cit (2009), p.7.
267 "Desde su fundación y hasta el acceso de la Unión Cívica Radical a la presidencia de la República, el periódico tuvo distintas ópticas para referirse a los sucesivos gobiernos, pero se mostró invariable en dos temas puntuales, a saber: una defensa a ultranza del modelo económico liberal, y una cerrada oposición a todo tipo de derecho o reivindicación de la clase obrera. No extrañó entonces que durante la primera marcha de desocupados de que se tiene noticias, producida en 1897, los manifestantes qui- sieran incendiar sus instalaciones. Ni que en 1919 despidiera a varios empleados que solicitaron mejoras salariales para todos los que trabajaban en la empresa.": PANELLA, Claudio, Op.Cit (1999), p.118.
268 Os ferroviários argentinos desencadearam greves econômicas entre os anos 1950 e 1951, reclamando aumento salarial, visto o decréscimo do poder de compra dos salários que se encontravam estagnados nas empresas ferroviárias que haviam sido estatizadas em 1948, causando conflitos no interior da Union Ferroviaria, entre dirigentes que consideravam as greves como atos que prejudicavam exclusivamente o governo, que montava sistemas de serviços ônibus e de abastecimento a cada greve, e ferroviários que buscavam manter sua autonomia sindical, visto que o ramo dos ferroviários eram um dos melhores estabelecidos e organizados desde antes do surgimento do peronismo, e contava com um considerável contingente de lideranças e militantes filiadas ao comunismo e ao socialismo. Portanto, um setor sindical onde o peronismo não conseguia exercer sua hegemonia plena, gerando uma condição de impasse onde a Unión desses trabalhadores negociava com o Ministério do Trabalho e agia em defesa do governo, e diversas facções sindicalistas (incluindo peronistas) agiam à margem da direção sindical, resultando em intervenções por parte do governo, demissões e prisões (ainda que em quase em sua totalidade fosse anistiada após resolvido o conflito). Ainda que o governo tenha elevado os salários dos ferroviários em 22% em 1950, entre outros benefícios, o movimento grevista retomou com força em janeiro de 1951 exigindo sobretudo o fim da intervenção da CGT e eleições de direção no prazo de 60 dias. A greve foi derrotada principalmente por não encontrar respaldo em outros setores da classe trabalhadora, caindo no isolacionismo, numa conjuntura de crise do capital que se abatia na América Latina, com o esgotamento do modelo de substituição de importações, visto a recuperação das economias europeias com o Plano Marshall, onde o governo peronista encontrou como saída conjuntural a contenção de gastos públicos e dos salários reinvestindo esse capital na ampliação do processo produtivo. Ver: ALDAO, Joaquín, "Las huelgas ferroviarias (1950-1951): Una interna peronista", In:Prohistoria, Año XXI, núm. 29, jun. 2018, pp.93-114.
269 AJMECHET, Op.Cit (2009), p.15.

Afines se reuniram com Eva Perón (que era uma das principais defensoras da expropriação de *La Prensa* devido ao ataques diretos a sua imagem e do presidente, promovidos pelo jornal), reclamando de suas condições de trabalho e do baixo salário frente aos lucros dos proprietários do jornal. Desencadeando um movimento de greve no dia 23 de janeiro que intimava a direção do jornal atender no prazo de 48 horas as demandas por participação de 20% nos ganhos dos classificados e conceder o monopólio de distribuição do jornal aos trabalhadores da empresa.

No dia 26 de janeiro tendo excedido o prazo de negociação, e não sendo atendida as demandas, os jornaleiros cercaram as entradas do prédio do jornal e impediram que a edição do dia fosse as bancas, estendendo a greve por mais um mês. Em 27 de fevereiro, os trabalhadores de *La Prensa* decidiram retomar ao labor (sem as demandas atendidas), acordando entrar no jornal após as 14h, não sem antes realizar uma marcha, quando um grupo armado (ainda não esclarecido suas filiações) disparou contra os trabalhadores matando Roberto Nuñez, operário do setor de expedição, estabelecendo a condição objetiva para desencadear a expropriação do jornal[270].

Em 16 de março os deputados justicialistas abriam a sessão extraordinária para desencadear o projeto de expropriação de *La Prensa*, formando uma Comissão Mista de Intervenção e Investigação ao diário composta por Antonio Benítez, Valerio Rouggier, Victorio Tomannasi, Carlos Días e Juan de la Torre, e pela oposição Arturo Frondizi da UCR (contra a expropriação e em defesa da "liberdade de imprensa"), mais os senadores Luis Cruz, Alberto Durando e Alejandro Giavarini, todos peronistas[271].

Segundo Panella, o conflito entre o governo e *La Prensa* se realizou sobre duas vértices: um fiscal e outro gremial. Da perspectiva fiscal em "*31 de octubre de 1946 un abogado, Eugenio Moraggi, se presentó en la Aduana de Buenos Aires denunciando que los diarios La Prensa y La Nación estaban defraudando al Fisco por imprimir los avisos comerciales de sus ediciones diarias en papel que no había pagado derechos de importación.*"[272]. Sendo que a partir de 1948 o governo

270 PANELLA, Claudio, Op.Cit (1999), p.120.
271 AJMECHET, Op.Cit (2009) p.16.
272 PANELLA, Claudio, Op.Cit (1999), p.119.

peronista passou a restringir o fornecimento de papel aos jornais, devido as dificuldades de importação enfrentada pelo país, fazendo *La Prensa* reduzir seu tamanho de 30 para 16 páginas diárias, consequentemente restringindo a quantidade de classificados, afetando diretamente na arrecadação financeira da empresa, ainda que a venda do diário não somente não fosse prejudicada como foi ampliada, passando da média de 435 mil cópias vendidas aos domingos em 1948 para 550.000 nos domingos de 1950[273]. Enquanto a questão gremial já citamos que foi deflagada numa discussão mais efetiva por parte da CGT e dos congressistas peronistas após a morte do trabalhador Roberto Nuñez e mais 14 operários ficarem feridos no tiroteio de 27 de fevereiro de 1946 nos arredores da sede do jornal.

John Wiliam Cooke no Congresso Nacional conduziu o debate da expropriação de *La Prensa* sobre outro viés político, desde a fundamentação do problema como questão de soberania nacional e através da radicalidade na exposição do problema de fundo do papel da imprensa monopólica em um país subalternizado no sistema mundial capitalista. Em discurso no Congresso em 16 de março de 1951, Cooke expressava suas razões de corte revolucionário na expropriação de *La Prensa*:

> Nosotros estamos contra 'La Prensa' por razones mucho más serias, mucho más fundamentales. Estamos contra 'La Prensa' porque creemos que diarios de esa clase son los que han minado las bases de la nacionalidad; creemos que 'La Prensa' es uno de los obstáculos, como hay muchos otros en el continente, que han impedido o demorado todas las posibilidades de reivindicaciones proletarias en Latinoamérica. Nosotros lo decimos por encima de las contingencias de la comisión investigadora; lo decimos como hombres políticos que expresamos opiniones personales. [274]

Cooke se baseava na atuação que *La Prensa* realizava não somente referente ao governo de

273 Idem, p.120.
274 COOKE, John William, "Discurso pronunciado durante el debate sobre el caso La Prensa en la Cámara de Diputados", In: COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Accíón parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007, p.397.

Perón, como revistava historicamente a atividade do jornal no golpe contra Yrigoyen em 1930, quando desencadeou uma intensa campanha difamatória contra o presidente radical desde 1928, ainda que depois de consolidado o golpe contestasse em algumas matérias os mecanismos de fraudes que funcionavam durante os governos da Década Infame. De acordo com Panella o jornal atuou como um dos principais entusiastas do Tratado Roca-Runciman e do modelo econômico agroexportador focado no intercâmbio desigual com a Grã-Bretanha, justamente nesse período dos anos 1930 *La Prensa* se consolidou como principal jornal do país, desbancando o mitrista *La Nación*, chegando a vender 745.894 em 1º de janeiro de 1935, o que sinaliza que o jornal circulava e agia como formador de opinião para além dos setores médios e das classes dominantes[275], ou seja, fundamentando um senso comum[276], se estabelecendo como uma fábrica de pensamento hegemônico sobre a realidade social da Argentina. Em outros termos, funcionando como um aparelho privado de hegemonia ideológica[277] dominante sobre a totalidade da opinião nacional argentina. O que fundamentava em Cooke uma proposição taxativa da questão do encapamento de

275 PANELLA, Claudio, Op.Cit (1999), pp.118-119.

276 Gramsci considera o senso comum como o "folklore da filosofia", em sua definição "o senso comum não é algo rígido e imóvel, mas se transforma continuamente, enriquecendo-se de noções científicas e opiniões filosóficas introduzidas no costume. O 'senso comum' é o 'folklore' da 'filosofia' e se coloca entre o 'folklore' propriamente dito (isto é, como é entendido) e a filosofia, a ciência,, a economia dos cientistas. O 'senso comum' cria o futuro folklore, isto é, uma fase mais ou menos enrijecida de um certo tempo e lugar" (GRAMSCI, Apud: LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquele (Orgs.) "Dicionário Gramsciano, 1926-1937", São Paulo: Boitempo, 2017, p.722) Podemos considerar desse modo, o "senso comum" como a ideologia mais difundida de um grupo social, além de conotar um caráter conservador a-histórico dessa concepção de mundo hegemônico "é levado a acreditar que aquilo que existe hoje sempre existiu" (GRAMSCI, Apud: Idem, p.723) como são os casos das concepções abstratas de "democracia" e "liberdade de imprensa" que aparecem no léxico liberal como concepções universais, atemporais e vazios de conteúdo de classe "isto é, a concepção de mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais em que se desenvolve a individualidade moral do homem médio" (GRAMSCI, Apud: Idem, p.724).

277 Para além da amplamente difundida concepção clássica de ideologia como sinônimo de uma "falsa consciência", aqui utilizamos a acepção da ideologia e do ideológico como o particular que possuí a pretensão de se universalizar, ocultando relações sociais e históricas e busca apresentar suas idiossincrasias como parte da "natureza humana", ou seja, como expressão superestrutural (ideal) do domínio de classe que representa uma força material, quer dizer, a ideologia é expressão do exercício de uma hegemonia, é uma superestrutura que é estrutura, e uma estrutura que é superestrutura, logo entendemos ideologia de acordo com a seguinte formulação: "As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação." MARX, Karl e ENGELS, "A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas", São Paulo: Boitempo, 2007, p.47. Nesse tópico especificamente sobre La Prensa, o termo ideologia passa longe de sua acepção positiva como elemento organizador de massas (ideologia revolucionária ou progressista).

La Prensa como uma luta de classes no plano das ideias, ou uma melhor, uma batalha de ideias:

> Nosotros estamos con los obreros y estamos contra 'La Prensa', porque 'La Prensa', por supuesto, siempre estará, como lo ha estado hasta ahora, contra los obreros y contra nosotros.[278]

A exposição de Cooke se desdobrava em uma questão que aparece em outros tantos de seus discursos parlamentares (alguns dos quais já exploramos) no que se refere a subordinação das classes dominantes internas ao imperialismo, onde Cooke astutamente articula em uma unidade dialética criativa as contribuições políticas, teóricas, literárias e históricas de F.O.R.J.A com a teoria do Imperialismo onde demonstrava dominar com profundidade o debate clássico do tema em Hobson, Hilferding, Luxemburgo e Lenin, assim como as leis tendenciais de acumulação e concentração de capital em Marx.

Cooke denunciava em sua exposição a demagogia da chamada "liberdade de imprensa", não apenas rebatendo os congressistas contrários a expropriação, mas dissecando as vinculações de *La Prensa* em suas representações de classe e seu vínculo umbilical com os interesses estadunidenses. Outrossim, Cooke desenvolve um eixo de exposição marxista que rompe a barreira da consciência ordinária/ingênua[279] tanto das palavras de ordem ocas do liberalismo, quanto do militantismo prático que toma os fenômenos pela sua aparência, elevando a compreensão do problema dos meios de comunicação ao nível de uma consciência reflexiva, da ação permeada de teoria e dotada do espírito (consciência coletiva) das condições históricas objetivas, o que se chama filosoficamente de *práxis revolucionária*, e que não deve se confundida, reduzida ou vulgarizada como sinônimo de "prática", que se remete justamente ao nível ordinário da *práxis*, o realismo

278 COOKE, John William, "Discurso pronunciado durante el debate sobre el caso La Prensa en la Cámara de Diputados", In: COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Acción parlamentaria, Obras Completas Tomo I, ", Buenos Aires: Colihue, 2007, p.397.

279 Conceituamos a consciência ingênua ou consciência ordinária ao nível da reflexão empiricista, espontânea, instintivo e prático, nos termos que Marx colocou no capítulo XIV do Capital "Na planície, até pequenos montes de terra parecem colinas" (MARX, 2011, p.579). O filósofo hispano-mexicano Adolfo Sanchez Vázquez considerou a categoria dialética de consciência ingênua como "no (…) descargada, por completo, de cierto bagaje teórico, aunque en él las teorías se encuentren desgradas (…) La conciencia ordinaria piensa los actos prácticos, pero no hace de la práxis – como actividad social transformadora – su objeto; no produce – ni puede producir (...) una teória de la práxis." VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez, "Filosofia de la praxis", México, D.F: Juan Grijalbo, 1967, p.18.

ingênuo e ordinário.

Desse modo, Cooke desenvolve uma reflexão semelhante a proposição de Gramsci sobre a função do jornal como partido político, onde o comunista sardo expõe que: "*Muitas vezes, por isso, o Estado-maior intelectual do partido orgânico não pertence a nenhuma de tais frações, mas atua como se fosse uma força diretriz em si, superior aos partidos e por vezes mesmo julgadas como tal pelo público. Esta função pode ser estudada com maior pressão se se parte do ponto de vista de que um jornal (ou um grupo de jornais), uma revista (ou um grupo de revistas) são também 'partidos' ou 'frações de partido' ou 'função de determinados partidos'*"[280]. Cooke não restringe *La Prensa* como um órgão de classe e de veiculador de seus interesses, mas amplia a compreensão do jornal como um poder constituído, um Estado-maior ideológico e econômico, unidade dialética entre estrutura e superestrutura da classe dominante, instrumento de exercício de poder capaz de transformar as necessidades econômicas em pautas políticas:

> Este es el planteo revolucionario con respecto a este problema de La Prensa. Nosotros con los nuestros, La Prensa con los suyos y con sus aliados de dentro y de fuera del país y todos aquellos que, sin estar complicados en las maquinaciones de los diarios capitalistas, creen que están defiendendo los intereses de la prensa libre y de la libertad de prensa.
>
> Esa 'movilización capitalista internacional' a que se refiere al mensaje del poder Ejecutivo (…) es un hecho concreto que notamos a través de todas las cadenas periodisticas, de las agencias noticiosas, de los diarios que están en manos de los propietarios de minas de cobre o de estaño, de las grandes plantaciones, de todas las compañías con ramificaciones imperialistas en América Latina. Lo notamos a través de todas esas organizaciones de tipo internacional que so pretexto de la defensa de principios como la democracia y la libertad, que nos son caros a todos los habitantes de Latinoamérica, están en realidad sirviendo - consciente o

280 GRAMSCI, Antonio, "Obras Escolhidas", São Paulo: Martins Fontes, 1978, p.167.

> inconscientemente – la causa de los auténticos y verdaderos enemigos de la libertad, de la democracia y de Latinoamérica.
>
> Nosotros lo notamos porque evidentemente se ha creado un clima internacional con respecto al problema de La Prensa. Este diario es todo un poder, perfectamente cimentado a través de muchos años de vida. Tanto es un poder que en todo el continente y aun en Europa se han levantado voces de protesta contra el llamado atropello contra La Prensa, e inclusive el señor ayudante de Estado para Asuntos Latinoamericanos, Edward Miller, se ha permitido hacer declaraciones con referencia específicas al caso de La Prensa que, en resumen, dicen lo siguiente: 'que las relaciones argentino-norteamericanas se habían resentido a causa de la actitud del gobierno argentino hacia la huelga que determinó el cierre del diario La Prensa, que como todo el que cree en una prensa libre y como amigo de la Argentina debía sentirse preocupado respecto de la situación de La Prensa y de sus empleados; que la política de su gobierno estaba determinada por la opinión pública norteamericana, que en este caso había reaccionado en tal forma que su gobierno se estaba viendo obligado a disminuir su política de cooperación(…)'
>
> Por lo tanto existe un gran desequilibrio entre el hecho en sí, un conflicto gremial, y su repercusión en el plan internacional en cual se intenta poner en juego el principio de la libertad de prensa y también resultan extrañas estas declaraciones porque luego se aclara oficiosamente que no puede existir intervención de los Estados Unidos para solucionar el conflicto de La Prensa como asimismo que no podrá ser llevado a la próxima Conferencia Panamericana.[281]

Como mesmo demonstra Ajmechet[282], *La Prensa* publicava regularmente artigos em primeira página de colaboradores estadunidenses como Dwight D. Eisenhower, presidente dos EUA (1953-1961) e comandante supremo da OTAN e Cordell Hull, Secretário de Estado norte-americano (1933-1944), que expressavam diretamente os interesses de Estado dos EUA adornados pelo

281 Idem, pp.397-398.
282 AJMECHET, Op.Cit (2009) p.13.

discurso “democrático” e o anticomunismo de Guerra Fria, o que permite vincular *La Prensa* como enclave de difusão dos interesses estadunidenses. Cooke diferente dos demais parlamentares do bloco peronismo que limitavam a questão de *La Prensa* aos temas internos da pequena política[283], deixava explícito as preocupações de Edward Miller encarregado de Assuntos Latino-Americanos do Departamento de Estado dos EUA.

Desse modo, Cooke conectava *La Prensa* como elo de uma cadeia monopolística midiática internacional, vinculando a questão do monopólio midiático ao monopólio do capital financeiro, desde o conceito leninista de integração monopólica[284]. Sendo interessante notar como Cooke costura a unicidade entre as dimensões da grande política[285] e da pequena política, desde a centralidade do conceito marxista de imperialismo, não tratando o imperialismo como “ente abstrato”, uma reificação de relações sociais ou uma ferramenta retórica, mas como uma relação constituída por interesses concretos de pessoas de carne e osso em exercício da dominação de classe

283 Gramsci conceitua a pequena política como a “política do dia a dia, política parlamentar, de corredor e de intrigas (…) A pequena política compreende as questões parciais e cotidianas que se apresenta no interior de uma estrutura já estabelecida em decorrência de lutas pela predominância entre as diversas frações de uma mesma classe política”: GRAMSCI, Apud: LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquele (Orgs), Op. Cit (2017), p.349.

284 Lenin conceitua a integração monopólica em seu tempo (1916) da seguinte forma: “uma particularidade extremamente importante do capitalismo, chegado ao seu mais alto grau de desenvolvimento, é a chamada integração, isto é, a reunião numa única empresa de diferentes ramos da indústria que possam abranger fases sucessivas da elaboração de uma matéria-prima (por exemplo, a fundição do minério de ferro, a transformação do ferro fundido em aço e, em certos casos, a produção de determinados artigos de aço) ou que desempenham um papel auxiliar uns em relação aos outros (por exemplo, a utilização dos resíduos ou dos produtos secundários, a produção de embalagens, etc.).”; Citando Hilferding, o marxista russo expõe as idiossincrasias da integração monopólica: A integração” - diz Hilferding – “elimina as diferenças de conjuntura e garante, também, à empresa combinada uma taxa de lucro mais estável. Em segundo lugar, a integração conduz à eliminação do comércio. Em terceiro lugar, permite o aperfeiçoamento técnico e, por conseguinte, a obtenção de lucros suplementares em comparação com as empresas 'simples' (isto é, não integradas). Em quarto lugar, na luta de concorrência que se desencadeia durante as fortes depressões (dificuldade nos negócios, crise), quando a queda dos preços das matérias-primas não acompanha a baixa dos preços dos artigos manufaturados, ela fortalece a posição da empresa integrada em confronto com a da empresa ‘simples’.” (LENIN, 2011, p.121) E desenvolve mais além: “Já não se trata, de modo algum, da antiga livre concorrência entre patrões dispersos que se não conheciam e que produziam para um mercado desconhecido. A concentração chegou a tal ponto que se pode fazer um inventário aproximado de todas as fontes de matérias-primas (por exemplo, jazigos de minérios de ferro) de um país, e ainda, como veremos, de vários países e de todo o mundo. Não só se realiza este inventário, mas também criam-se associações monopolistas gigantescas que se apoderam das referidas fontes. Efetua-se o cálculo aproximado da capacidade do mercado e estes grupos “partilham” entre si, por contrato. Monopoliza-se a mão de obra qualificada, contratam-se os melhores engenheiros; as vias e meios de comunicação - as linhas férreas na América e as companhias de navegação na Europa e na América – estão nas mãos dos monopólios. O capitalismo, chegado à sua fase imperialista, conduz à socialização integral da produção nos seus mais variados aspectos; arrasta, por assim dizer, os capitalistas, independentemente de sua vontade e sem que disso tenham consciência, para um novo regime social, de transição entre a absoluta liberdade de concorrência e a socialização completa.”: Idem, pp.130-131.

285 Gramsci adjetiva como “grande política”:que: “compreende as questões ligadas à fundação de novos Estados, à luta pela destruição, pela defesa, pela conservação de determinadas estruturas orgânicas econômico-sociais”: GRAMSCI, Apud: LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquele (Orgs), Op. Cit (2017), p.349.

e da acumulação de capital:

> Las empresas periodísticas como la que consideramos hoy están en un mundo de trusts, de cartels, de holdings, de toda forma de integración monopolista. La llamada 'prensa grande' no ha escapado a este proceso: se han ido integrando, concentrando, y al final han venido todos los órganos de opinión de importancia comercial a quedar en manos de pocos propietarios que siempre están vinculados directamente a las altas finanzas y los grandes negocios.
>
> Cuando el señor Miller se preocupa de la situación del diario La Prensa, ¿ en qué concepto, en qué principio se inspira? Si creyéramos por un momento, en que su aplicación es sincera y que verdaderamente está en juego el principio de la libertad de prensa, le diríamos entonces al señor Miller que no necesita trasladarse hasta la República Argentina, pues puede dedicarse a defenderla en su proprio pais, porque está demostrado que el lugar donde menos libertad de prensa existe es en los proprios Estados Unidos.
>
> Supongo que el señor Miller no creerá que la cadena Hearst es una cadena de prensa libre o que la cadena Scripp-Howard con sus diarios y todas sus filiales constituye una expresión del pensamiento libre en materia periodística:
>
> Pero no nos sorprendemos, por que sabemos perfectamente bien qué es lo que se quiere defender a través del diario La Prensa.[286]

Outro ponto importante de resgatar no discurso de Cooke é sua definição do papel das grandes agências de notícias atuantes até os dias atuais como a Reuter, United Press e a Associated Press, que para além de monopólios da fabricação da mercadoria notícia em nível global, se tornam fabricantes de um senso comum generalizado. É pertinente notar como Cooke se utilizava em sua exposição de fontes contidas nos próprios grandes monopólios midiáticos, servindo-se da contradição intraimperialista do debate para reforçar sua argumentação em favor da sustentação de seu posicionamento político, nesse caso se utilizando da revista londrina *The Economist*, semelhante

286 COOKE, John William, "Discurso pronunciado durante el debate sobre el caso La Prensa en la Cámara de Diputados", Obras Completas, Op, Cit (2007), p.399.

ao que Lenin fez em o "*Imperialismo*" (1916), onde o revolucionário russo se utilizou fartamente de fontes oficiais, grandes jornais e revistas e autores prestigiados no mundo dos negócios para fundamentar os elementos concretos de sua proposta teórica.

> El señor Miller tiene algunos ejemplos en su proprio país. Cuando el presidente de la Associated Press, el señor Cooper proclamó la necesidad de defender la libertad internacional de prensa, lo que quería era conservar la libertad de monopolio de su agencia ¿ A quién le van hacer cree que esos periódicos son expresión de la opinión ciudadana, y que dirigen honestamente el pensamiento público? Al mismo tiempo que formulaba esa declaración, en su proprio país lo habían declarado ilegal por haberse comprobado las maniobras tortuosas que la Associated Press realizó para impedir que otras agencias menos poderosas tuvieran acceso a los medios de información.
>
> Se nos podrá decir que es una afirmación que hacemos los peronistas desde aquí, pretendiendo interiorzarnos de cosas de los Estados Unidos. No es así. Una de las publicaciones que gozan de más fe en los propios círculos afectos a este tipo de prensa, como The Economist de Londres decía que a través de estas declaraciones 'se preparaba el camino al dominio mundial de los EE.UU, mediante agencias informativas norteamericanas poderosas desde el punto de vista financiero'. Por supuesto que al mismo tiempo la Associated Press acusó de idéntico delito a la revista The Economist. La verdad es que ambos teían razón. A través de los años ha ido restringiéndose el número de periódicos y formándose las grandes integraciones capitalistas que manejan todos los medios de información, difusión y publicación de noticias escritas. Tanto la Reuter como la Associated Press y la United Press poco menos que una imposibilidad total para actuar a las demás agencias noticiosas, salvo que cuenten con apoyo de gobiernos igualmente poderosos. Una sola de ellas controla 285.000 millas de cable telegráfico contratado especialmente para su explotación monopolista.

> Los vastos capitales que abarcan empresas no pueden moverse a impulsos proprios o ideologías, sino que deben procurar ampliar su esfera de acción y de dominio. La concentración de la industria conduce fatalmente al monopolio, tiende a la expansión y busca ampliar la zona dominada por los monopolios rivales. Es simplemente una ley económica de la sociedad capitalista. De ninguna manera una lucha de ideas.[287]

Assim como no questionamento da concepção "democrática" como um valor abstrato e universal, exposto nos primeiros discursos de Cooke como parlamentar entre 1946-1949, já no fim de seu mandato como deputado é acentuado em Cooke uma descrença com os grandes valores humanísticos que são abstraídos como valores universais em forma de grandes palavras, deslocadas de seu lugar, da história e do conteúdo de classe. Cooke expõe que a operação liberal onde as grandes palavras transformadas em valores abstratos e "universais" esvaziados de suas particularidades sociais, nacionais e históricas se converte numa prática discursiva de defesa do *status quo*, e fornece uma outra definição de liberdade de imprensa, colocando a questão de *La Prensa* e o conteúdo da defesa de Edward Miller em termos de liberdade de empresa, ou liberdade de monopólio econômico e informativo/ideológico, e não de liberdade de imprensa.

> Si fuera exacto que está en juego la libertad de prensa, ninguna voz se levantaría contra este principio fundamental de los derechos humanos; pero esto no es la libertad de prensa. La libertad de prensa es una cosa auténtica, que se está mancillando a través del plan distorsionado que es está siguiendo en este asunto. Nosotros creemos en la libertad de prensa, de la prensa independiente y la ideológica, de la equivocada y de la que está en la verdad; pero en lo que no creemos es en el derecho de estas empresas mercantiles y capitalistas para procurar que los resortes del Estado pongan al servicio de sus intereses cada vez que hay cuestiones gremiales en juego.

287 Idem, pp.399-400.

> ¿Es acaso la libertad de prensa lo que dado lugar a esta declaración del señor Miller? Nosotros afirmamos que no.
>
> Los países de América española han aprendido a través de siglos de sudor y sangre, a desconfiar de aquellas palabras humanistas y justicieras cuando son formuladas por los labios de sus explotadores.
>
> Nosotros sabemos que, para el imperialismo, el principio de la libertad de comercio, el principio de la libertad de concurrencia, el principio de la libre actividad privada y el principio de la libre empresa son todos fantasmas y mitos que a la larga sirven para acentuar cada vez más la desigualdad que ya existe entre países coloniales y semicoloniales.
>
> Desgraciadamente, a través de los procesos históricos de la humanidad, la libertad de prensa, junto con otras libertades que he mencionado, ha venido a constituir un instrumento más de aherrojamiento, de sometimiento de los pueblos coloniales y semicoloniales.
>
> ¡Qué nos vienen a hablar de libertad de prensa! El propósito es querer embaucarmos con una supuesta igualdad jurídico-formal, que es el punto de arranque de la exacerbación de la desigualdad social y económica.[288]

No I Congresso da Internacional Comunista em 1919, em Moscou, Lenin em uma de suas teses sobre a situação revolucionária mundial (principalmente dos Três Continentes não ocidentais) formulou uma consideração sobre a "liberdade de imprensa" como "grande palavra" de instrumento da dominação capitalista a serviço da defesa de uma "democracia pura" (ou abstrata). Para nós essa tese de Lenin encontra a acepção do tema por Cooke, sendo provável que o jovem peronista tenha estudado essas teses. Vejamos:

> La 'libertad de prensa' es igualmente una de las principales consignas de la 'democracia pura'. También en este sentido los obreros saben, y los socialistas de todos los países han reconocido millones de veces, que esta libertad es un engaño mientras las mejores imprentas y las mejores existencias de papel estén acaparadas

288 Idem, pp.398-399.

> por los capitalistas, y mientras subsista el poder del capital sobre la prensa, poder que en todo el mundo es tanto más evidente y cínico cuanto más desarrollados estén la democracia y el régimen republicano, como ocurre, por ejemplo, en Norteamérica. Al objeto de conquistar la igualdad efectiva y la verdadera democracia para los trabajadores, para los obreros y campesinos, es preciso comenzar por privar al capital de la posibilidad, de alquilar escritores, de comprar editoriales y sobornar periódicos, más para esto es necesario derrocar el yugo del capital, derrocar a los explotadores y vencer su resistencia. Los capitalistas han llamado siempre 'libertad' a la libertad de los ricos para lucrar y a la libertad de los obreros para morirse de hambre. Los capitalistas denominan libertad de prensa a la libertad de soborno de la prensa por los ricos, a la libertad de utilizar la riqueza para fabricar y falsear la llamada opinión pública. Los defensores del más inmundo y venal sistema de dominio de los ricos sobre los medios de instrucción de las masas, no hacen sino engañar al pueblo apartarlo con frases en apariencia plausibles y bellas, pero totalmente falacias de la concreta tarea histórica de la liberar a la prensa de su sujeción al capital. La verdadera libertad e igualdad sobrevendrán en el régimen que creen los comunistas, en el cual no existirá la posibilidad de enriquecerse a costa de otros, no existirá la posibilidad objetiva de subordinar ni directa ni indirectamente la prensa al poder del dinero, no habrá obstáculos para que todo trabajador (o grupo de trabajadores, cualquiera que sea su número) tenga y disfrute del mismo derecho a utilizar las imprentas y el papel, que pertenecerán a la sociedad.[289]

La Prensa foi expropriada em 12 de abril de 1951, com 98 votos contra 12 no Congresso Nacional e de forma unânime no Senado[290], onde o peronismo possuía a ampla maioria tanto na câmara baixa e no Senado era hegemonizado plenamente em todas as cadeiras pelos peronistas e seus aliados. *La Prensa* passava as mãos da CGT e do Sindicato de Vendedores de Diarios, Revistas

289 LENIN, Vladmir Ilich, "La 'Libertad de Prensa' del Capitalismo: 8ª Tesis para el I Congreso de la Internacional comunista", In: LENIN, Vladmir Ilich, "La información de clase", México (D.F): Siglo XXI, 1978, pp.175-176.
290 AJMECHET, Op.Cit (2009) p.16.

y Afines, constituindo a nova direção do jornal Martiniano Paso, então redator do órgão peronista *Democracia*, José Espejo (secretário-geral da CGT) que posteriormente ao golpe de 1955, dividiria a cela com Cooke e outros dirigentes peronistas em Rio Gallegos e protagonizaria a famosa fuga até o Chile, e ainda Napoleón Sollazo, líder dos vendedores de jornal, e protagonista da greve contra *La Prensa*[291].

O novo *La Prensa* que manteve sua identidade visual e seus moldes tradicionais de diagramação, passou a ser administrado pela EPASA (Empresa Periodística Argentina S.A.), se tornando desse modo o órgão central dos sindicatos peronistas, invertendo sua lógica de atuação e seu conteúdo de classe. Como sinaliza Panella, o jornal que retomou suas atividades em 19 de novembro de 1951, foi refundado pela central sindical, tomando um discurso de educador coletivo dos trabalhadores peronistas, explicando suas diferenças classistas perante a atuação do antigo jornal oligárquico que desaparecia com sua expropriação:

> El periódico reapareció el lunes 19 de noviembre de 1951 con un título por demás elocuente: "Por decisión de cinco millones de trabajadores reanuda hoy La Prensa sus actividades". En la parte superior izquierda de esta primera página decía "Año I - Nº 1" y en la siguiente su editorial, titulado "La Prensa al servicio del pueblo", anunciaba las características de la nueva etapa: "La Prensa inicia a partir de hoy la misión de servir al pueblo y al país. Su espíritu, ahora argentino, y su destino natural, que es ya inseparable de los destinos de la Patria, la identifican hoy, profundamente, con la verdadera conciencia de la Nación". Continuaba explicando que el diario había dejado de ser "instrumento capitalista de un reducido número de propietarios", para convertirse en "patriótico dominio de más de cinco millones de trabajadores argentinos […] es decir, el sindicalismo justicialista de la Argentina, que aporta su espíritu y su fuerza a la nueva era de este órgano de opinión". Por último, señalaba que se ceñiría a los principios de "objetividad informativa,

291 Idem, p.16.

> honestidad doctrinaria, imparcialidad en el juicio y salvaguarda de los supremos intereses de la nación y del pueblo".[292]

Obviamente, o jornal também se tornou uma tribuna de defesa do governo, apoiando o II Plano Quinquenal (1952-1956), respaldando as reivindicações sindicais e greves coligadas a CGT, porém dando pouco espaço para greves como a dos metalúrgicos em 1954 que entrou em conflito com o governo, jogando o jornal pela posição da conciliação, ora acusando os trabalhadores que se negavam ao acordo de realizarem "complot comunista" (pela forte presença do PC entre os metalúrgicos)[293] que ademais demonstra ainda o forte ranço anticomunista do primeiro peronismo, herdado tanto do caráter heterogêneo e confuso do Golpe de 1943, quanto do "pecado original" dos comunistas por terem participado da UD em 1946.

Ao mesmo tempo que *La Prensa* durante o segundo governo de Perón iniciado em 1952 comprou o enfrentamento com a Igreja que passou a oposição aberta ao governo, através do fomento ao *Partido Demócrata Cristiano* e as movimentações golpistas, após o governo de Perón propor a separação entre Estado e Igreja, a lei do divórcio, a equiparação de filhos dentro e fora do casamento e a supressão do ensino religioso nas escolas públicas, além de proclamar Eva Perón como chefe espiritual da nação após seu precoce falecimento em 1952, aos 33 anos. Além disso, *La Prensa* se tornava veículo de propaganda do Congresso da Produtividade que enfrentou a resistência dos operários não peronistas, divulgando positivamente a política externa peronista, entre outras questões.

La Prensa sobre o domínio da CGT atuou num campo de contradições, do mesmo modo que se estabelecia como o veículo dos interesses nacionais e populares na contraposição não somente ao antigo jornal da família Paz, mas também aos demais jornais burgueses, passou ao compromisso imanente ao governo, assim pendulando entre as funções de veículo de propaganda e de educador coletivo, tomando um novo caráter de jornal em função de um Partido, porém com

292 PANELLA, Claudio, "La experiencia del diario La Prensa", In: Revista Tram[p]as de la comunicación y la cultura, nº72, setembro-outubro de 2012, pp.1-2.
293 Idem, p.8.

conteúdo de classe inverso ao que possuía antes de sua expropriação.

A diferença de *La Prensa*, o mitrista *La Nación*, não foi expropriado, segundo Ajmechet a explicação se daria por esse diário fazer uma oposição mais branda, além do mais que *La Nación* não possuía a mesma massividade que *La Prensa*, tendo uma circulação mais restrita nos setores médios convictamente antiperonistas, enquanto o jornal da família Paz adentrava em todos os setores sociais[294]. E como demonstramos no capítulo anterior ainda Perón não reivindicasse abertamente o caudilhismo federal, a atuação do governo perante a impressa burguesa se assemelha de certa forma uma postura do disciplinamento as elites da época de Juan Manuel de Rosas, *La Prensa* expropriada como exemplo, e *La Nación* enquadrada, ainda que continuasse promovendo a campanha antipopular de forma mais sofisticada.

De fato *La Prensa* ocupava o papel de um jornal educador antes de sua expropriação como afirma Sabrina Ajmechet, mas não como educador "cívico" e "democrático", do modo liberal e abstrato nos termos que coloca a historiadora. Através do exame do discurso de Cooke em defesa da expropriação de *La Prensa*, se visualiza uma outra função educadora que encontra respaldo em formulações anteriores de Lenin e Gramsci, que é o da transformação dos valores de classe dos setores econômicos proprietários e financiadores de *La Prensa* em valores universais, através da fabricação de um senso comum, ou seja, de um folclore filosófico como coloca Gramsci que operava em dupla dimensão: 1) das opiniões e interesses particulares dos setores dominantes transformadas em opinião e interesse geral, mesmo que na contradição aos interesses de classe mais imediatos; 2) do folclore filosófico da "liberdade de imprensa", como roupagem ludibriadora da liberdade de empresa monopólica do ramo comunicacional, e logo do monopólio da fabricação do senso comum.

O folclore filosófico da "liberdade de imprensa" na sua dimensão liberal, retórica e abstrata, pode ser traduzida como a construção de um mito, como sinônimo de uma natureza histórica, o que torna mais complexa a dimensão desse senso comum, já que implica diretamente na interpretação

294 AJMECHET, Op.Cit (2009) p.17.

de outras dimensões do imaginário político, como a concepção da regulação midiática e monopólica como um passo em direção ao horizonte ditatorial ou totalitário. Ajmechet em seus estudos sobre *La Prensa*, ainda que nos traga informações valiosas sobre o tema e demonstre métodos fecundos dos estudos historiográficos sobre imprensa, ao reivindicar implicitamente a condição "cidadã", "educativa" e "democrática" de *La Prensa*, crê ocultar seu liberalismo pelo nível despolitizante de sua exposição desde uma má construída "neutralidade" explanatória que não sai do lugar-comum de conceitos abertos e vagos como "cidadania", "democracia", "imprensa independente" e "liberdade de imprensa" que soa para os minimamente mais atentos como uma defesa dos procedimentos políticos de *La Prensa*, no qual não é necessário esforço algum para desvelar o antiperonismo militante da historiadora colunista de equivalentes históricos de *La Prensa* nos dias atuais, como os meios comunicacionais *Clarín*, *La Nación*, *Infobae* e o ultradireitista *Cadena 3* de Córdoba.

Por outro lado, Cooke em seu discurso sobre a expropriação de *La Prensa* fornece outras duas dimensões do termo liberdade, ambas utilizadas retoricamente no discurso liberal de forma vaga: liberdade de imprensa e liberdade de crítica, no qual Cooke fornece materialidade em suas definições dos termos, e não como Lenin já havia ironizado as mesmas duas palavras de ordem utilizadas em sua época por facções rivais na social-democracia russa "*Essa palavra de ordem é, pelo visto, uma daquelas frasezinhas convencionais que, como os apelidos, se consagram pelo uso e se tornam quase nomes comuns*"[295]. Cooke não crê em uma independência periodística enquanto o veículo é coligado a grandes grupos econômicos: "*Nosotros no creemos que suponer la independencia de esos diarios es un hecho real, constituye una ingenuidad (...) Los proprietarios de los grandes diarios, de las grandes agencias, estan interesadas en sacar su interés a su capital. Sus ideas y principioas – cuando los tienen – se subordinan inexoravelmente a su interés comercial*"[296]. E respalda a liberdade de imprensa, ideológica e de opinião quando a imprensa funciona como tal, como uma tribuna de defesa de ideias, e não como parte do capital monopólico,

295 LENIN, Op.Cit (2020), p.26.
296 COOKE, John William, "Discurso pronunciado durante el debate sobre el caso La Prensa en la Cámara de Diputados", Obras Completas, Tomo I, Op Cit, (2007), p. 401.

tampouco acreditando numa neutralidade jornalística, ou tornando o falso problema como uma questão.

> No se puede confundir prensa libre con la empresa periodística que persigue un negocio. Nosotros tenemos el más profundo respeto por los diarios que a través de nuestra vida nacional han salido a combatir ideas, desde los diarios de los primeros gobiernos, o el dirigido por Manuel Belgrano, pasando por los jocosos periódicos de la época del padre Castañeda, y hasta los de la época de la organización, y se bien con quienes dirigían el país y esos periódicos podemos tener discrepancias ideológicas, es evidente que tomaban la emprensa periodística como una manera de defender su pensamiento. Pero no podemos comparar eso con eses comerciantes que no bien tienen un conflicto con sus obreros que pretenden, a través de todo este movimiento internacional, que el gobierno se ponga al servicio de los propietarios contra los servidores que hacen y han hecho su engrandecimiento.[297]

Cooke em sua fidelidade ao governo peronista e compromisso político e ideológico com o projeto de Perón, não fez com que seu discurso se limitasse a uma defesa *ipsis litteris* das diretrizes governamentais. Retomando o diálogo fictício entre Cooke e Eva Perón, no filme "*Evita*" (1996), a cena do jantar entre ambos nos traz uma dimensão interessante da liberdade crítica em Cooke que de certo modo bate com seu discurso e ação. Entre a representação estereotipada de "El Gordo" Cooke que na cena começa a devorar a refeição servida no luxuoso restaurante sem autorização de Evita, sendo reprendido pela primeira-dama:

> Evita: - Che, no me pediste permiso para empezar.
>
> Cooke: – Tampoco, le pedí permiso para deceir todo lo que dije en el Congreso.
>
> Evita: - No bueno, el permiso fue algo que te pedí yo.

297 Idem, p.401.

> Cooke: – No me dictó las palabras señora, yo elegí los conceptos, el tono, Además no creo que sea bueno pedir permiso a los que mandan, ni siquiera alguien como usted, a quien yo respeto tanto.
>
> Evita: - Tenés una idea rara de respecto vos.
>
> Cooke: – A veces me identifico con la desobediencia, nunca con la sumisión.[298]

O marxismo em Cooke durante seu período como deputado, aparece mais como forma de suporte teórico a suas posições políticas que propriamente como parte assumida de sua concepção de mundo, como ideologia no sentido empregado por Georges Sorel. Sem perder princípios de unidade e compromisso partidário, Cooke agiu por um caminho da liberdade teórica e crítica, elevando as pautas do projeto peronista e seus enfrentamentos políticos para além de um nível prático, atuando pela *práxis.* Seu radicalismo juvenil no sentido de estar filiado ao partido radical passa a um radicalismo pela tomada dos problemas pela raiz desde a reflexão teórica do mundo e da ação permeada de teoria, penetrando a superficialidade da aparência, utilizando-se do marxismo como um microscópio do não observável pelo empírico na realidade política e social.

O discurso de Cooke sobre a expropriação de *La Prensa* consiste em um aporte original desde uma aplicação a uma realidade nacional para uma interpretação marxista do papel da mídia monopólica nos países de capitalismo dependente (ainda que Cooke não usasse essa terminologia na época). Entre os acontecimentos golpista de julho e setembro de 1955, Cooke e *La Prensa* voltariam a estabelecer um vínculo notável de estudo, nos últimos dias do jornal expropriado, já que depois do golpe que derrubaria Perón o jornal seria devolvido a seus antigos proprietários, Cooke no cargo de interventor do Partido Justicialista, se utilizaria do jornal nas mãos da CGT como uma tribuna de enfrentamento ao golpe, questão que abordaremos no próximo capítulo.

298 “Eva Perón”, Direção de Juan Carlos Desanzo: Argentina, 1996, minuto 24.

Capítulo 3:

Cooke *De Frente* as insurgências e contrainsurgências na América Latina (1952-1955)

3.1 - Claudicações do Peronismo, revoluções e contrarrevoluções na América Latina e a revista *De Frente*

> "No hay liberación a precio módico, y yo debería excusarme por repetir semejante lugar común- pero también hay quienes son "extremistas" por transferencia, abogados gratuitos para cualquier exceso que ocurra en tierras lejanas, mientras aquí ni siquiera son capaces de mancharse los zapatos con barro si tienen que caminar unas cuadras para firmar el manifiesto con que periódicamente se autorreivindican como "revolucionarios". En cambio, los que verdaderamente se proponen la revolución, esos no son tan generosos con la sangre ajena y remota. porque no están jugando con abstracciones sino con posibilidades. Sea lo que fuere, el hombre nuevo que se vislumbra en el horizonte." (John William Cooke, "Bases para una política cultural revolucionária", 1965)[299]

Perón se reelegeu presidente por mais seis anos em 11 de novembro de 1951 na chapa com ex-radical Hortensio Quijano (quem faleceria em 1954), obtendo 63,4% dos votos contra 32,28% dos *radicales* Ricardo Balbín (presidente) e Arturo Frondizi (vice), onde o sufrágio das mulheres e o Partido Peronista Feminino fizeram a diferença na ampla margem da vitória oficialista, optando 64% das eleitoras pela candidatura de continuidade.

Na simultânea eleição parlamentar Cooke não teve seu nome incluído pelo Partido Peronista na lista de renovação dos mandatos, e apesar de sua eufórica militância em torno das reformas constitucionais de 1949 e de liderar a bancada peronista no Congresso, Cooke também não foi nomeado entre os redatores da constituinte. Miguel Mazzeo nos fornece uma hipótese onde Cooke se encontrava marginalizado no interior do parlamento, na medida em expunha a

299 COOKE, John William, "Bases para una política cultural revolucionária", In: Rosa Blindada, ano 1, nº6, Buenos Aires: setembro-outubro de 1965, p.21.

radicalidade de suas interpretações dos fatos da vida nacional, contrapondo sua liberdade de crítica ao dogmatismo e o burocratismo generalizado dos parlamentares peronistas.

Segundo Mazzeo, Cooke recordaria pelo "*resto de su vida (...) esa circunstancia como un acto de suma injusticia*"[300]. Em fim de mandato Eva Perón lhe ofereceu o cargo de diretor do diário *Democracia*, um dos órgãos oficiais do Peronismo, convite que recusa para não se submeter a direção de seu desafeto Raúl Apold, chefe da Subsecretaria de Imprensa e Difusão e representante das vertentes filo-fascistas do Peronismo[301]. O escanteio de Cooke pela burocracia parlamentar peronista não seria um caso isolado. De acordo com Galasso. outras figuras de um nacionalismo mais radicalizado oriundos principalmente da F.O.R.J.A também se afastaram de cargos-chave nesse período como Arturo Jauretche que renunciou da presidência do Banco da Província de Buenos Aires, e elementos de esquerda, assumidamente marxistas como Hernandéz Arregui passariam a ser taxados como "infiltrados" e perseguidos pelas frações filo-fascistas e nacionalistas católicos do movimento[302].

Norberto Galasso entende que a atuação parlamentária de Cooke "*se ha caracterizado no sólo por la fundamentación de las posiciones sotenidas, sino por su independencia*"[303]. Tanto Galasso como Mazzeo, coincidem que a mancha no currículo parlamentar de Cooke consistiu em ter votado a favor do ensino religioso obrigatório nas escolas públicas que concedeu um enorme poder ideológico para a Igreja Católica, lei que seria revogada em maio de 1955 entre a crise de ruptura e enfrentamentos abertos entre o Peronismo e a Igreja. Mesmo Cooke nunca teria se convencido plenamente de seu cálculo pragmático, em 1964 em sessão sobre a revisão dos contratos petroleiros firmados com empresas estrangeiras pelo presidente Arturo Frondizi (1958-1962), Cooke como convidado do debate parlamentar, ao comentar sobre o voto em favor do ensino religioso exporia que: "*Fue una decisión basada en las necesidades políticas que entonces tenían*

300 MAZZEO, Miguel, Op.Cit (2016), p.65.
301 Idem, p.65.
302 GALASSO, Norberto, Op.Cit (1997), p. 37.
303 Idem, p.35.

prioridad, pero siempre me quedó la duda de si había procedido en la mejor forma".[304]

Em 1950 Cooke assumiria o cargo de Professor Titular de Economia Política na Facultad de Derecho y Ciencias Sociales da Universidad Nacional de Buenos Aires (hoje Universidad de Buenos Aires – UBA), emprego que tomaria como sua principal atividade após sua seu egresso do parlamento em 1952. Em seus programas letivos até 1955 se debruçou para além dos elementos da Economia Política, em aulas sobre história latino-americana e universal e história econômica social[305]. Cooke ainda passaria a uma atividade mais efetiva no *Instituto de Investigaciones Históricas Juan Manuel de Rosas*, onde seria eleito vice presidente em 1954, encorpando seus estudos de história nacional a partir dos fundamentos do revisionismo histórico argentino.

O ano de 1952 que dava início ao segundo mandato presidencial de Perón e do II Plano Quinquenal, além de primeiro ano de Cooke fora do parlamento, alterou as configurações internas do governo peronista que nos anos seguintes pendularia na indecisão entre uma democracia popular e uma ditadura burocrática[306], cujo marco foi o falecimento de Eva Perón em 26 de março de 1952 (um ano antes do assalto ao quartel Moncada em Cuba). Evita era o principal canal de conexão do governo com os setores mais humildes da classe trabalhadora, que ainda que carecesse de qualquer compreensão teórica revolucionária da realidade concreta, atuava no campo da mobilização popular constrangendo os setores burocráticos e a oposição. Segundo Cooke, Evita era um elemento "*que fomentaba el odio a la oligarquía y actuaba como agitadora de la lucha de clases*"[307], ou como condensou Rodolfo Puiggrós: "*En Evita se dío la síntesis de la espontaneidad y la*

304 COOKE, Apud: MAZZEO, Miguel, Op.Cit (2016), p.62; Ver: COOKE, John William, "Peronismo e Integración, Buenos Aires: Aquarius, 1974, p. 85.
305 Pretendemos retomar em trabalhos futuros o plano docente de Cooke na Faculdade de Direito da UBA, devido a crise sanitária mundial de 2020 causada pelo COVID-19, essa foi uma das documentações que não tivemos acesso circunstancialmente.
306 O conceito de ditadura burocrática foi cunhada pelo marxista alemão Eberhardt Hackerthal para pensar sobretudo a particularidade da forma de Estado de Exceção no Estado Novo brasileiro (1937-1945) como formas de ditaduras que ainda que usassem determinados métodos fascistas não poderiam ser conceituadas como tal pois não se apoiavam no capital monopólico/financeiro, sendo mais um produto das distorções do desenvolvimento capitalismo interno: HACKERTHAL, Eberhardt, "Fascismo y lucha antifascista", En: Nueva Política, nº1, México, D.F: Fondo de Cultura Economica, 1976, pp. 181-186.
307 COOKE, John William, "Apuntes para una crítica del reformismo en la Argentina", In: Pasado y Presente, Ano IV (nueva serie) nº 2/3: julho-setembro de 1973, p. 390.

autoconsciencia"[308] o que tornava sua ação política mais próxima de uma *práxis* revolucionária que do reformismo policlassista, não gratuitamente Evita seria tomada como símbolo da juventude peronista revolucionária nos anos 1960 e 1970[309].

Para além da crise moral que se abriu com a morte de Eva Perón, e do afastamento de figuras como Cooke no parlamento, cedendo espaço aos setores mais burocráticos do Peronismo, o ano de 1952 marcaria o início de uma crise econômica influenciada diretamente por mudanças na correlação econômica global e regional e dos fatores da geopolítica complexa da Guerra Fria no contexto dos primeiros capítulos da Revolução Chinesa, da Guerra da Coreia (iniciada em 1950 e não encerrada formalmente até os dias atuais), da ebulição das lutas de libertação nacional em África e Ásia e de revoluções nacionalistas na América Latina como a Revolução Guatemalteca (1944) e a Revolução Boliviana (1952), além do retorno pela via eleitoral de chefes nacionalistas com interesses contraditórios perante o imperialismo estadunidense como Getúlio Vargas no Brasil (1951) e o General Carlos Ibañez del Campo no Chile (1952).

Por sinal, o retorno de Vargas e Ibañez del Campo nas chefias de Estado dos países vizinhos, consistiu em alento e fôlego ao governo Perón, que encontrava sérias dificuldades de manter sua Terceira Posição isolada continentalmente, principalmente quando as economias europeias passavam a apresentar sinais de recuperação econômica esgotando as possibilidades das burguesias internas sustentarem a orientação industrializante de substituição de importações, encurralando as burguesias latino-americanas que adotaram esse tipo de política nos anos 1930 e 1940 (Argentina, Brasil, México, Chile, Uruguai e Colômbia) a se defrontarem com a concorrência com composições orgânicas do capital mais elevadas e seus mecanismos de pressão financeira que surgiram após o término da II Guerra (Banco Mundial, FMI, GATT, e etc), ou então se sujeitarem a condição de sócios minoritários do capital internacional absorvendo créditos que permitissem sua reprodução ampliada e absorvição de parte dos capitais constantes obsoletos não amortizados.

308 PUIGGRÓS, Rodolfo, "El Peronismo y sus causas", Buenos Aires: Ediciones Cepe, 1972, pp.169-170.
309 Nos anos 1970 os Montoneros, agrupamento político-militar revolucionário Peronista, tomou como um dos seus lemas e cantos de rua "Si Evita viviera sería Montonera", e entre 1975 até 1979 editaram na clandestinidade a revista Evita Montonera, aparecendo irregularmente com 10 mil à 20 mil cópias impressas, contando com 25 números.

Obsoletas perante a velocidade da revolução científico-técnica, porém avançadas e muito proveitosas para as burguesias dos países dependentes.

Para além da tentativa de Pacto ABC (Argentina, Brasil e Chile) que visava uma união aduaneira entre os três países, podendo ainda incorporar outros países do Cone Sul com suas potencialidades enérgicas e riquezas de matérias-primas, como a Bolívia, no qual o presidente Paz Estenssoro possuía antigos vínculos de amizade com os militares do GOU[310]. Pacto esse que foi frustrado sobretudo pelas claudicações de Vargas em formar uma aliança mais sólida com a Argentina por pressão da feroz oposição interna e o exacerbado entusiasmo de Perón que deixou a diplomacia brasileira em saia justa[311]. Encurralado internacionalmente, o governo argentino buscou incrementar suas parcerias comerciais com a URSS e o bloco socialista, empurrado pela inflação, o aumento do desemprego e o descontrole na balança de pagamentos, somados ao pífio equipamento militar enviado pelos EUA após a ratificação do TIAR[312].

O convênio econômico da Argentina com a União Soviética se deu nos marcos da Conferência Econômica de Moscou em abril de 1952 que seria ratificado em fevereiro de 1953 após a entrevista do embaixador argentino Leopoldo Bravo com o Marechal Josef Stalin, onde a URSS se disponibilizava a vender a petróleo e insumos industriais como equipamentos de perfuração

310 MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, "De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina", Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.85.

311 "Antes de viajar para o encontro com o presidente Ibañez, em fevereiro de 1953, Perón concedeu entrevista a um jornal de Santiago — La Nación — em que propôs a 'unidade total e não pela metade', a unidade 'completa e imediata' entre a Argentina e o Chile, acentuando que a 'simples integração econômica' não seria 'suficientemente forte'. Em outras palavras, insinuou que estava disposto a aceitar a incorporação do Chile à Argentina. Tal declaração levantou uma onda de protestos em Santiago, não obstante seu desmentido e os esclarecimentos de Ibañez, e quase provocou o cancelamento de sua viagem. Outrossim, pouco tempo depois, ele incorreu em outro erro de avaliação. Ao firmar com Ibañez a Ata de Santiago, como primeiro passo para a integração entre a Argentina e o Chile, Perón defendeu o restabelecimento do Pacto ABC e adiantou que o Brasil aceitaria aquela proposta, olvidando que Vargas dera apenas um consentimento preliminar e reservado. Seu pronunciamento causou forte impacto. Na condição de ministro das Relações Exteriores, João Neves da Fontoura, que sempre tivera forte desapreço por Perón, declarou à imprensa, sem consultar Vargas, que o Brasil não estava interessado em pactos e ninguém podia falar em seu nome. E Vargas só não o demitiu, imediatamente, a fim de não desencadear uma crise política. Mas, por intermédio do jornalista Geraldo Rocha, diretor de O Mundo (Rio de Janeiro), enviou a Perón uma carta, na qual expôs as dificuldades para concertar o entendimento entre a Argentina, Brasil e Chile, conforme anteriormente combinaram. Perón respondeu que seu 1desejo mais fervoroso' era chegar a um acordo com o Brasil, igual ao que firmara com o Chile, sobre 'bases leais, sinceras, justas e honradas'. Lamentou, entretanto, que a união dos três países não houvesse começado, em 1951, conquanto compreendesse a "difícil situação política", que impedira Vargas de realizar esse projeto, e reafirmou a disposição, bem como a de Ibañez, de celebrar a qualquer momento o acordo com o Brasil, uma vez que percebiam a "necessidade de unirmo-nos, diante de um futuro incerto", e estavam 'persuadidos de que o ano 2000 nos encontrará unidos ou dominados', MONIZ BANDEIRA, Op.Cit (2010), p.174.

312 Idem, p.254.

petrolífera e material ferroviário e comprar excedentes primários argentinos como couro, lã e azeite vegetal com pagamento em dólar ou ouro[313], aproximação econômica essa que implicou numa confusão interna no movimento comunista argentino pelo acercamento de alguns dirigentes do PCA ao Peronismo.

No contexto de proximidade diplomática e comercial entre Argentina e URSS, Cooke seria enviado oficial do governo peronista ao Congresso Mundial dos Povos pela Paz em Viena, em dezembro de 1952[314]. O real estado de alarme que o mundo havia entrado por uma possível guerra nuclear havia sua razão de ser, não somente pelos dois ataques atômicos terroristas propagados pelos EUA contra as populações de Hiroshima e Nagasaki como demonstração de capacidade destrutiva perante os soviéticos[315], mas também pela ameaça de bombardeios nucleares na recém-nascida República Popular da China e contra o povo coreano que a partir do norte visava unificar a península pela bandeira do socialismo juche[316].

Dentro dessas condições o Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e Operários (Kominform) lançou o Movimento Mundial pela Paz, também conhecido como Apelo de Estocolmo, que visava desnuclearizar o cenário mundial, equivalendo as forças bélicas ocidentais com o bloco socialista, o que reside como elemento exógeno de uma breve aproximação de trabalho conjunto dos comunistas argentinos com setores mais à esquerda do Peronismo, onde Cooke sem dúvida era o principal referente, já que resultante dessa nova estratégia do movimento comunista

313 STALIN, Josef, “Una conversación con el Embajador de Argentina Leopoldo Bravo”, disponível em: https://revolutionarydemocracy.org/othlang/stalbravo.htm, acesso em 11/12/2020.
314 A documentação referente a participação de Cooke no Congresso dos Povos para a Paz em Viena, se encontram em: Fondo Eguren-Cooke, Caixa 15, Pasta 41, Arquivo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno.
315 “Às 7 horas da manhã de 1° de novembro de 1952, no Atol de Eniwetok, nas Ilhas Marshall (Oceano Pacífico), os Estados Unidos detonaram a primeira bomba de hidrogênio, com 10,5 megatoneladas, 600 vezes mais poderosa do que as que destruíram Hiroshima e Nagasaki”: MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, “Formação do Império Americano: da Guerra contra a Espanha à guerra contra o Iraque”, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p.138.
316 O socialismo juche é uma aplicação nacional do marxismo-leninismo voltada para a realidade coreana. A doutrina juche elaborada por Kim Il-Sung é uma forma de socialismo de massas e de democracia direta por meio das assembleias populares de acordo as tradições e cultura coreana, baseado na harmonia nacional que garanta o direito a alimentação, saúde, moradia e trabalho a todos os coreanos. Segundo Kim Il-Sung na concepção juche do socialismo: “todo o trabalho ideológico deve ser subordinado aos interesses da revolução coreana.” e “Somente quando nosso povo é educado na história da sua própria luta e suas tradições, pode o seu orgulho nacional ser estimulado e as grandes massas serem despertadas para a luta revolucionária.”: KIM, Il-Sung. “Sobre a Eliminação do Dogmatismo, do Formalismo e o Estabelecimento do Juche no Trabalho Ideológico” (1955), disponível em: https://www.marxists.org/portugues/kim_il_sung/1955/12/28.htm; acesso em 07/03/2021.

internacional os PC's a níveis locais deveriam trabalhar conjuntamente com setores políticos suscetíveis ao antibelicismo, ainda que o Perón apostasse numa 3ª Guerra Mundial para arrancar vantagens do enfrentamento entre os dois blocos e reabrir um outro processo de industrialização por substituição de importações, como interpretava o PCA[317].

Ao contrário do caso brasileiro onde o Movimento pela Paz se transformou numa ampla campanha de massas entre operários urbanos e a população rural, mesmo com o Partido Comunista do Brasil (PCB) na clandestinidade desde 1948[318], na Argentina o Movimento pela Paz teve um caráter mais coligado aos setores intelectuais do PCA e intelectuais e artistas aliados ao partido, sendo os principais responsáveis pela tarefa política a escritora María Rosa Oliver (vinculada ao grupo *Sur* de Victoria Ocampo[319] e Jorge Luís Borges), o jornalista Alfredo Varela e o ensaísta Ernesto Giudici, que presidiu o movimento na Argentina[320].

Ernesto Giudici secretário-geral do Comitê Argentino pela Paz, era um quadro do PCA que despertava algum nível de simpatia entre militantes mais à esquerda do Peronismo e históricos nacionalistas anti-imperialistas como Scalabrini Ortíz, muito devido a sua obra "*Imperialismo inglés y liberación nacional"* (1940)[321] onde defendia que a solidariedade com o Estado operário soviético na luta contra o nazi-fascismo não deveria ocultar que a dominação imperialista na Argentina se expressava principalmente através do imperialismo inglês. Giudici ficou responsável junto com Cooke por chefiar a delegação argentina no Congresso da Paz em Viena, onde coube a

317 Ver as avaliações do PCA sobre as possibilidades de desenvolvimento industrial do projeto peronista em: NUEVA ERA, "Editorial: Ante las elecciones del 25 de abril", nº2, Ano VI, Buenos Aires: março-abril de 1954, p.4; CODOVILLA, Victorio "Perspectivas de Desarrollo de la Situación Política Argentina Despues del Reciente Golpe de Estado", In: NUEVA ERA, nº5, Ano VII: Buenos Aires: outubro-novembro de 1955, pp.5-11.

318 Ver: RIBEIRO, Jayme Fernandes, "Os 'Combatentes da Paz': a participação dos comunistas brasileiros na Campanha pela Proibição das Armas Atômicas (1950)", Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2003.

319 Victoria Ocampo por sinal foi uma das intelectuais mais ativas no Congresso para a Liberdade e Cultura, resposta estadunidense para o Movimento Mundial pela Paz, criada em Berlim Ocidental, também em 1950, o Congresso para a Liberdade e Cultura contou com intelectuais liberais e anticomunistas como Arthur Koestler, Denis de Rougemont, Ignazio Silone, James Burnham, Germán Arciniegas, Guido Piovenne, Arthur Schlesinger, Upton Sinclair e Tennessee Williams. Ocampo criou uma extensa rede de intelectuais latino-americanos em defesa das "instituições democráticas contra o comunismo", Ver: PETRA, Adriana Carmen, "Intelectuales comunistas en la Argentina (1945-1963)", La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2013, pp.192-193; SAUNDERS, Frances Stonor, "La CIA y la Guerra Fría Cultural", Madrid, Editorial Debate, 2001; HERNÁNDEZ ARREGUI, Juan José, "Imperialismo y Cultura", Buenos Aires: Lilio Peña, 2005.

320 PETRA, Adriana Carmen, "Intelectuales comunistas en la Argentina (1945-1963)", La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2013, p.187.

321 GIUDICI, Ernesto, "Imperialismo inglés y liberación nacional", Buenos Aires: Problemas, 1940.

Cooke em seu pronunciamento explicar aos dirigentes dos PC's, Partidos Operários, intelectuais e artistas coligados ao Movimento pela Paz o que era a Terceira Posição Peronista[322].

Essa conjuntura de 1952 foi o mais próximo acercamento do PCA com os peronistas até o golpe de 1955. Se em 1946, a interpretação de Rodolfo Puiggrós do Peronismo como uma revolução democrática burguesa (o que resultou em sua expulsão do PCA), se apoiando ainda nas declarações de Luiz Carlos Prestes (secretário-geral do PCB) em discordância pública com Rodolfo Ghioldi e Victorio Codovilla sobre o caráter do governo de Perón[323], a aproximação de 1952 contagiou de maneira mais genérica os militantes e quadros do PCA desde os marcos endógenos dos acordos comerciais Argentina-URSS e exógenos com o Movimento Mundial pela Paz, passando os comunistas argentinos a uma colaboração de duração efêmera com o governo, principalmente enquanto Codovilla (então secretário-geral do PCA) se encontrava na URSS. A aproximação dos comunistas com o Peronismo pode ser compreendida ainda como uma tentativa de adequação as teses do PCA ao momento do movimento comunista internacional, que passaram das postulações das frentes populares antifascistas para a coexistência pacífica, uma variação readequada da mesma tática policlassista, no qual segundo Cooke qualificava como mais um dos "*zigzags violentos en su*

322 PETRA, Adriana Carmen, Op.Cit (2013), p.208; NUESTRA PALABRA, "J. Cooke, Frontini y Esquivel, delegados argentinos, proclamaron en Viena la pasión antiimperialista de nuestro pueblo y sus deseos de Paz", 23 de dezembro de 1952.

323 Puiggrós foi expulso do PCA logo após ter viajado ao Brasil para realizar uma entrevista não autorizada pela direção do Partido com Luiz Carlos Prestes, o dirigente comunista brasileiro que na época era a figura mais destacada do movimento comunista na América Latina. Prestes compreendia o Peronismo sob uma chave diferente da caracterização "nazifascista" de Codovilla, denunciava a manobras de Spruille Braden na Argentina, e considerava que o Departamento de Estado estadunidense estava estimulando um conflito bélico entre o Brasil de Dutra e a Argentina de Perón, o jornal Clase Obrera órgão Central do MOC passou a publicar constantemente declarações de Prestes sobre o Peronismo que divergiam com a linha do PCA, como essa: "El general Perón ha ganado la voluntad de amplias masas al iniciar la primera de esas políticas y sólo podrá tener el apoyo sólido y creciente del pueblo argentino si la continua hasta llegar a aplicar medidas de fondo que modifiquen la estructura económico-social del país, especialmente si da pasos de importância para terminar con el latifundio y poner los cimentos de una economia sin interferencias extrañas. La tarea no es sencilla. Poderosísimos intereses se mueven em toda América para impedir que los pueblos despierten y hacer que sigan siendo esclavos coloniales. Pero nada detendrá el triunfo de las masas. El gobierno de Perón ha hecho nacer en todo el continente una confianza en las fuerzas emancipadoras del pueblo argentino que lo compromete aun más a llevar hacia la culminación una política antiimperialista y antioligárquica que apenas ha dado los primeros pasos y que a menudo vacila y retrocede. Consideramos previo expresar nuestro repudio a toda tentativa de aprovechar las dificuldades para derrocar el gobierno y decir que no basta negarse a intervenir en conspiraciones, sino que es imprescindible adoptar una linea de conducta que empuje el desarrollo del movimiento eminentemente nacional de nuestro pueblo, en vez de entregarse a la mesquiña tarea de cazar pulgas. (…) : PRESTES, Apud: CLASE OBRERA, " Ano I, nº3, Buenos Aires; 11 de outubro de 1947, p.4

famosa 'linea' táctica" do PCA[324].

Juan José Real secretário de organização do PCA, mesmo personagem que em 1947 esteve entre os dirigentes que determinaram a expulsão de quadros do PCA como Rodolfo Puiggrós e Eduardo Astesano, lideraria em 1952 as bases partidárias para liquidar suas federações e sindicatos operários autônomos organizados pelos comunistas, orientando a se somarem e trabalhar conjuntamente com o CGT, e no lastro deixado no ar pela intentona golpista dos generais Menéndez e Rawson, difundiria as teses da frente popular contra o golpismo, a oligarquia e o imperialismo[325], inclusive passando a considerar o 17 de outubro como "*jornada de lucha contra el imperialismo y la oligarquía*"[326].

A aventura peronista dos comunistas argentinos duraria somente até 1953 quando Codovilla regressa a Argentina por sugestão de Palmiro Togliatti em Roma e expulsa Juan José Real, que se somaria ao *Movimiento Obrero Comunista* (MOC) de Puiggrós e Astesano, fração comunista que apoiava o governo, mas que se reivindicava como um congresso paralelo do PCA[327], advogando da expulsão de Codovilla e Ghioldi (dirigentes mais antipáticos ao Peronismo), no qual Puiggrós os taxava de "infiltrados trotskistas"[328]. Há versões como do historiador soviético Kiva Maidanik onde haveria uma orientação de dirigentes soviéticos para afastar Codovilla da direção do PCA e assim possibilitar um trabalho conjunto dos comunistas com Perón e logo facilitar uma aproximação da URSS com a Argentina, que poderia se transformar no canal de entrada dos soviéticos para relações econômicas e diplomáticas mais sólidas com países latino-americanos[329]. Após a expulsão de Real,

---

324 COOKE, John William, "Los muchos avatares del Partido Comunista Argentino", In: DUHALDE, Eduardo (org), " John William Cooke. Obras Completas, Tomo IV: Artículos, periodísticos, reportajes, cartas y documentos (1947-1959), Buenos Aires: Colihie, 2016 p.65; DE FRENTE, Ano I, nº33, 21 de outubro de 1954.
325 MAZZEO, Miguel, Op.Cit (2016), p.67.
326 FRIEDEMANN, Sergio, "El marxismo peronista de Rodolfo Puiggrós: Una aproximación a la izquierda nacional", Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Gino Germani-UBA, 2014, p.38
327 O MOC existiu entre 1946-1956, quando foi dissolvido para se integrar a Resistência Peronista, esse agrupamento dirigido por Puiggrós nasceu da expulsão de ferroviários que se defrontaram com membros da direção do PCA por defender uma linha de cooperação com os operários peronistas, acusando a falta de democracia e o liquidacionismo na direção do PC. O MOC se chamava originalmente "Movimiento ProCongreso Extraordinario" pretendendo retomar a direção do PCA, passando a denominação MOC em 1949: FRIEDEMANN, Sergio, Op Cit (2014), pp.35-38.
328 Idem, p.37.
329 TARCUS, Horácio (org), Op.Cit (2007), p.558.

o PCA voltaria a antiga caracterização do Peronismo como "nazi-fascismo"[330].

Segundo Miguel Mazzeo foi ainda no Congresso da Paz em Viena que Cooke em contato com Jean-Paul Sartre[331] tomaria a ideia de "*hecho maldito*". Cooke teria se tornado um leitor e estudioso da obra do filósofo francês após conversas com Sartre durante o Congresso, se apropriando da leitura que Sartre realizou da obra de Baudelaire (o poeta maldito), no que resultaria numa frases mais citadas de Cooke e muitas vezes não referenciada a seu autor: "*el peronismo es el hecho maldito del país burgués".* Devido ao marxismo explícito nos discursos cookianos, Perón teria calculado que *El Bebé* seria a pessoa mais adequada para estabelecer contatos com dirigentes dos países socialistas. Em Viena Cooke costurou canais de comunicação do Partido Peronista com dirigentes soviéticos e chineses[332].

Depois de um período um tanto fora da cena política e partidária, onde esteve voltado para as atividades acadêmicas como professor de Economia Política e para os estudos e pesquisas históricas no *Instituto Juan Manuel de Rosas*, Cooke retornava a ser mais visível no cenário político argentino com uma nova roupagem: a de editor. Junto com seu companheiro de longa data, César Marcos, fundou o semanário *De Frente*, no qual sua primeira edição apareceu em 11 de março de 1954 com o lema "*Un testigo insorbonable de la realidad nacional*".

De Frente contou com 95 números, até ser fechada pela ditadura da *Revolución Libertadora* em 9 de janeiro de 1956. Ainda que orientada para a política nacional, latino-americana e internacional, *De Frente* não se restringiu apenas as temáticas político-econômicos. Na visada de

330 O PCA em sua revista "Teórico Política" Nueva Era caracterizaria Juan José Real como subagente do Peronismo e do nacionalismo burguês que "tendía a sembrar la confusión en las filas partidarias sobre la situación económica argentina y sobre la política económica del gobierno peronista, presentando está como una política antiimperialista y antioligárquica.": ALBERDI, Paulino Gonzales, "El año económico 1953 y Perspectivas para 1954", In: Nueva Era, Buenos Aires: Nº1, Ano VI, 1954, p.25. Em um artigo sobre as eleições legislativas de 1954, a linha naziperonista era retomada pela análise dos métodos do governo: "las elleciones fueran preparadas y realizadas por los círculos dirigentes del peronismo a través de la organización de un 'plebiscito', al estilo de los que organizara Mussolini y organiza aún Franco en España, Salazar em Portugal y outros regímenes de tipo corporativista fascista.": NUEVA ERA, "Un punto de Viraje en la Situación Nacional", nº3, Ano VI, , Buenos Aires: maio-junho de 1954, p.1.

331 Não temos informações exatas de que nível se realizou o contato entre Cooke e Sartre, porém é possível encontrar nas agendas telefônicas pessoais de Cooke e Eguren, o contato de Sarte e Simone de Beauvoir, em cadernetas que datam de fins dos anos 1950 até 1973, Ver: Fondo Eguren-Cooke, Caixa 2, Pasta 2, Arquivo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno.

332 MAZZEO, Miguel, Op.Cit (2016), p.67.

atingir um público mais amplo possível, a revista se constituiu nos moldes dos tradicionais periódicos de variedades ocidentais, com sessões de esportes, moda e mulher (no perfil de setor médio e dona de casa), automobilismo, astrologia, enigmas[333], cinema, teatro, música, literatura, e etc, com edições que variavam entre 48 e 52 páginas.

Em seu primeiro editorial afirmava sua independência política: "*Los juicios que emitamos no estarán inspirados por compromisos ni aparcérias de índole alguna. Los avisadores en ningún modo influirán nuestras posiciones ni nuestros enfoques. Vendremos espacio y no nuestra consciencia*"[334], assumindo um posicionamento crítico e de apuramento dos fatos, sem defender a existência de uma "neutralidade jornalística": "*Nos proponemos ser un ágil y ameno reflejo de la actualidad nacional y del mundo a través de planteos objetivos y de jerarquía. Por objetividad entendemos la exposición de los hechos, sin retacear información ni distorcionar conclusiones. Pero eso no implica, necesariamente, que seamos imparciales frente a los problemas. No creemos que pueda existir la imparcialidad periodística.*"[335].

Sua postura "parcial" de abordagem dos assuntos visava ser calcada nas idiossincrasias nacionais e de imersão nos temas e dilemas da realidade latino-americana, para além de pequenas notas de poucas linhas sem rastro dos dramas humanos dos povos que compõe a totalidade político-cultural latino-americana e caribenha, que somente são recordados pela mídia monopolista quando ocorrem golpes de Estado, massacres ou agressões estrangeiras, noticiados quase como resultados de corridas de cavalo ou partidas de futebol das divisões menos atrativas. Cooke ainda criticava o nacionalismo burguês que se desgarra da condição latino-americana e coloca em atrito povos que ao se repelirem através do fomento de rivalidades se tornam pressas débeis da dominação imperialista, propondo uma chamada de unidade regional que remete ao estilo de Manuel Ugarte[336].

---

333 Mazzeo nos fornece uma síntese de alguns temas que aparecem na sessão enigma: "El maleficio de Tutan Kamón", "El vudú", "¿Quién entregó el secreto atómico a Stalin?", "¿Son marcianos Yanquis o Rusos los platos voladores?", aunque también aparecen en esta sección temáticas y tratamientos menos bizarros como, por ejemplo, "Vida de Sandino" e "Interpretación del Encuentro entre San Martín y Bolívar", MAZZEO, Miguel, Op.Cit (2016), p.68.
334 DE FRENTE, "Hablando De Frente", Ano I, nº1, 11 de março de 1954, p.3.
335 Idem.
336 Manuel Baldomero Ugarte (1875-1951) poeta e ensaísta vinculado ao Partido Socialista Argentino foi precursor e expoente de um anti-imperialismo latino-americano romântico. "El porvenir de la América Española" (1910) foi seu

> De Frente está al servicio de esa causa. Sus columnas reflejan los problemas, el sentir y el pensar de los países latinoamericanos. Somos profundamente argentinistas. Y, por eso, americanistas (…) Entendemos que un nacionalismo miope, que no ve más allá de las fronteras argentinas, es un nacionalismo cerril y aborigen, que no sirve a ninguna causa noble. Latinoamérica, continente económico y socialmente "sumergido", sólo podrá salir de su actual situación en la medida en que tome conciencia de la necesidad de unirse y actuar cohesivamente.[337]

As dezenas de edições que compõem a existência da revista *De Frente* por si só poderiam constituir uma dissertação à parte, por isso optamos por enfocar nossa análise em dois eixos de forma breve: 1) a convulsa conjuntura de revoluções e contrarrevoluções na América Latina, enfocando na interpretação de Cooke sobre a Revolução Boliviana de 1952, a agressão imperialista e golpe na Guatemala em 1954 e o suicídio de Vargas; 2) As contradições do segundo governo Perón.

Cooke abria a primeira edição de sua revista voltado ao cenário latino-americano, mais especificamente depositando uma avaliação investigativa e repleta de sacarmos e ironias dos primeiros e cálidos capítulos da Guerra Fria na latitude do Rio Bravo abaixo. *De Frente* foi lançada

---

mais célebre ensaio onde defendeu a unidade regional e criação de uma cultural continental contra os perigos da submissão ao Imperialismo Estadunidense, influenciando diretamente o programa da Reforma Universitária de Córdoba (1918). Entre muitos grupos que colaborou por toda a América Latina como o APRA (Peru), o Partido Nacionalista de Puerto Rico, a Liga contra a Crueldade e a Opressão nas Colônias, o Partido Socialista Obrero (Argentina), se aproximou dos intelectuais da F.O.R.J.A nos 1930, e durante o primeiro peronismo ocupou o posto de Embaixador em México, Nicarágua e Cuba: TARCUS, Horácio, Op.Cit (2007), pp. 666-670; Cooke homenagearia Ugarte em De Frente como intelectual que: "Tuvo la osadía de sostener, en pleno domínio de las oligarquias miopes, que las masas humildes de Latinoamérica serían las protagonistas, tarde o temprano, de la hazaña liberadora del continente explotado. Con el extraordinario mérito de que no concibió la dinámica de las fuerzas sociales con el menguado alcance de los socialistas de principios de siglo, sino que comprendió, el primero, que cualquier impulso revolucionario debía computar a todos los sectores del trabajo por igual. Con lo que se ganó, simultáneamente, el repudio de los que detentaban el poder económico y de los que ejercían la cátedra de un revolucionarismo de menor cuantía, basado en abstracciones de dudoso cientificismo. Ugarte fue un intelectual que no pactó, ni com los poderes dominantes, ni con la traición a lo nacional. Un socialista que concibió al pueblo como un conglomerado real de hombres de carne y hueso, de seres sufrientes y com derecho a un mejor destino. Un americanista que comprendió que la revolución reivindicadora debía computarse en términos continentales. Un patriota que supo que la grandeza de la Nación no debía medirse en los términos contables de balanzas exportadoras. COOKE, John William, "Manuel Ugarte: El coraje solitário", In: DUHALDE, Eduardo (org), " John William Cooke. Obras Completas, Tomo IV: Artículos, periodísticos, reportajes, cartas y documentos (1947-1959), Buenos Aires: Colihie, 2016, pp.69-70; DE FRENTE, Ano I, nº 35, 8 de novembro de 1954.

337 DE FRENTE, "Nota Editorial", Ano I, nº6, 15 de abril de 1954, p.3.

no clima da X Conferência Interamericana em Caracas (1954), em meio ao "disparate" do governo nacionalista de Jacob Arbenz ter expropriado 255 mil acres de propriedade da United Fruit na Guatemala, no qual um dos seus principais acionistas era John Fooster Dulles, chefe do Departamento de Estado dos EUA. A Conferência serviu como um pretexto para meses depois o governo estadunidense desencadear a derrubada do governo nacionalista de Arbenz através de uma operação encoberta (*covert action*), em moldes semelhantes a operação realizada em 1953 no Irã na derrubada Mohammad Mosaddegh[338].

> No hay un solo 'observador' norteamericano que haya pasado por el Caribe – el mar de los piratas y filliburteros – y no haya vuelto a Washington con una idea concreta: la que en los bananales, en los que los guatemaltecos hasta 1944 'morían una vida de desesperanza y miseria infinitas' se está gestando la más espantosa rebelión comunista. De ahí que la banana se singularice como el más eficiente de los vehículos de Marx.
>
> La alianza banano-comunista se inició en 1944, cuando la revolución guatemalteca tiró por la borda al General Ubico, instrumento servil de United Fruit, reina señora de Guatemala de entonces. Antes, la banana era sinónimo de civilización. Su historia de esta América explotada, encarnecida y violentada[339].

Na América Latina entre os 1930-1940 ocorreu um fenômeno peculiar que aponta Moniz Bandeira: "*as ideias nazistas ou fascistas mestiçavam-se por vezes com tendências comunistas ou socialistas e adquiriam uma conotação de esquerda, na medida que se amoldavam a outra*

338 O líder iraniano Mohammad Mosaddegh, foi derrubado através da Operação Ajax, formulada pela CIA e o MI6, após seu governo ter nacionalizado o complexo petrolífero da Anglo-Iranian Oil Company (AIOC): "A CIA e o Secret Intelligence Service (SIS), conhecido como MI6, da Grã-Bretanha, começaram então a conspirar e instrumentalizaram o general Fazlollah Zahedi para derrubar o governo de Mossadeq, que o Tudeh (Partido Comunista) passara a apoiar. A técnica da covert action, cujo codinome fora TP-Ajax, consistiu em promover golpes baixos, como a divulgação de notícias falsas e atentados contra líderes iranianos, perpetrados por agentes da CIA, que se disfarçavam de comunistas, seguidos por manifestação "espontânea" de populares, reclamando o retorno do xá Mohammad Reza Pahlavi, que se autoexilara em Roma. Essa manifestação, em que não faltaram milhares de cartazes com a foto do soberano, previamente preparados, serviu como base para que o general Zahedi, a pretexto de atender aos anseios populares, colocasse as tropas na rua no dia 19 de agosto de 1953, destituísse Mossadeq e instalasse a ditadura no Irã, logo financiada com US$ 5 milhões, para a sua consolidação. Mossadeq foi preso, e os líderes do Tudeh, executados.", MONIZ BANDEIRA, Op.Cit (2016), pp.141-142.

339 DE FRENTE, "Se le ha descubierto un raro sabor Comunista en la Banana", Ano I, nº1, Buenos Aires: 11 de março de 1954, p.5.

realidade, em distintas circunstâncias, e passavam a exprimir anseios de subversão e mudança do status quo"[340]. Esse fenômeno peculiar se expressou principalmente nos casos da *Revolución Febrerista* (1936) no Paraguai, no "socialismo militar" do General Germán Busch na Bolívia (1937-1939), no primeiro governo de Fulgêncio Batista (1940-1944) que chegou a possuir propostas políticas influenciadas pelo governo nacionalizante de Lazaro Cárdenas (1934-1940) no México, contando com apoio dos comunistas cubanos[341], além de Vargas no Brasil que propagava discursos neutralistas e simpáticos ao Eixo buscando arrancar de Roosevelt concessões de créditos para a industrialização de base, negociando paralelamente com a Krupp da Alemanha[342].

Esses governos ainda que contando com protagonistas de estirpe filo-fascistas e que simpatizavam com a implantação de um modelo corporativista de Estado, e em alguns casos, como no Estado Novo brasileiro se utilizassem de métodos semelhantes ao fascismo europeu com seus opositores, acabaram desenvolvendo formas de governo peculiarmente calcado nas contradições internas do capitalismo, gerando conteúdos políticos adversos aos fascismos, como na condição do nacionalismo difuso e heterogêneo do GOU, onde os ultimatos geopolíticos que os EUA despejavam sobre os países latino-americanos, acabaram por semear ingredientes no interior desses elementos de direita que germinaram em expressões anti-imperialistas particulares, confusas e profundamente contraditórias.

O Peronismo não divergiu dessa miscelânea entre a retórica anticomunista isocronicamente a um posicionamento de não submissão na esfera internacional. Cooke em um dos seus escritos mais célebres dos anos 1960, comentaria na contramão dos detratores do peronismo, que sua política original ainda que incorporasse elementos da direita e até mesmos simpáticos ao fascismo, ao analisar seu desempenho concreto não foi somente adversa ao fascismo, como inversa.

> (…) el fascismo es fascismo es una política defensiva de un régimen capitalista amenazado por la revolución social, con la burguesía empavorecida por la

340 MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, Op.Cit (1998), p.69.
341 Não confundir com a ditadura implantada em Cuba após 1952, também sob a presidência de Batista, e derrubada pelo movimento revolucionário liderado por Fidel Castro em 1º de janeiro de 1959.
342 Idem, p.80.

> disolución del orden, la posibilidad del caos. Pero en 1945, aquí no había ninguna burguesía amenazada, ninguna preocupación de las clases dominantes por la existencia de peligros para el orden estabelecido. Fue Perón el que coordinó las fuerzas sociales que no habían desarrollado sin que advirtiese su magnitud, el que dio cohesión y contenido diferenciado a un movimiento de trabajadores (…) Perón no sacó de una galera al proletariado ni inventó las contradicciones: pero las hizo aflorar y dio formas orgánicas de enfrentamiento con la burguesía. Fue todo lo contrario de un líder fascista, porque no apareció para frenas las masas rebeladas sino para plantear la rebeldía, no para apaciguar sino para agitar.[343]

A acusação e caracterização de "fascista" na América Latina voltada para a aparência dos regimes nacionalistas dessa espécie, conduziram a eventos como o enforcamento do presidente Gualberto Villaroel na Bolívia (1946) em um poste de iluminação pública por autoria de mercenários diretamente financiados pelas mineradoras Patiño, Hoschild e Aramayo, que se repetiria como farsa na Líbia em 2011, no assassinato do líder pan-africano Muammar Al-Gadaffi, ou ainda anteriormente em episódios como a deposição de Vargas doze dias após os eventos do 17 de outubro de 1945 na Argentina, que visou não a restauração da democracia no Brasil, mas sim que se formasse um consistente Eixo Buenos Aires-Rio de Janeiro. Cooke em *De Frente* não fugia por completo da miscigenação ideológica do contexto, em um texto entre muitos que não possuem sua assinatura reforçava o prisma de Perón que o combate ao "espectro comunista" deveria se realizar pelo combate as misérias que afligem os povos da América Latina.

> Caracas será una reunión histórica o una charla de café en proporción directa a como se encare y se encamine la solución de este problema. Todas las Américas están resueltas a luchar contra el comunismo. Lo que hay que establecer es como se lucha contra él. Elevando el nivel de vida de los pueblos latinoamericanos – es decir, vacunándolo contra el espejismo marxista – o dejándolos que se contaminen,

343 COOKE, John William, "Peronismo y Revolución: El Peronismo y el golpe de estado. Informe a las bases", Buenos Aires: Granica, 1973, p.105.

> por la miseria, por la desesperanza social para luego encargar a la violencia estéril la cura de lo que se pudo prevenir y evitar.[344]

Posições como essas que não afastavam do viés oficial peronista, permitem pensar que nesse período seu marxismo estava mais para uma ferramenta analítica que para cosmovisão e projeto político. Sua leitura da realidade estava cortada por multilinearidades que perpassam entre a independência crítica e teórica e os discursos condizentes com a perspectiva oficialista. Seu rechaço confuso e parcial ao comunismo naquele período já poderia ser demonstrado em um discurso sobre a "Ley Orgánica de Elecciones Nacionales" em 1951, onde diz: "*¿A dónde van a ir los obreros? ¿Al comunismo? Es decir, a la lucha de clases, a la conquista violenta del poder para establecer la dictadura del proletariado ejercida por la Vanguardia, o sea el Partido Comunista*"[345]. Segundo Mazzeo, a principal confusão que residia no pensamento de Cooke nesse momento era que na doutrina comunista prevalecia o Internacional sobre o Nacional[346].

Podemos ainda compreender que Cooke nesse período entre o fim de seu mandato parlamentar e o golpe de 1955, estava situado num nacionalismo crítico com forte teor latino-americanista, em que o marxismo aparecia como método, porém no qual sua estratégia política advoga por um Estado Nacional forte, estatista, anti-imperialista e que diminuísse drasticamente as desigualdades sociais. Um projeto de capitalismo nacional e autônomo.

Em "*Caracas: Inter Folia Frutus*", reportagem publicada no segundo número de *De Frente*, Cooke expunha o empenho estadunidense na X Conferência Interamericana em ocasionalmente nesse tipo de evento "*transmutar su condición de 'norteamericano' para exhibir como 'panamericanos'*""[347]. A Conferência fazia parte dos planos estadunidenses objetivando criar uma aclimatação regional que possibilitaria pôr em prática a *covert action* PBSUCCESS[348] na

344 DE FRENTE, "A Caracas fué cada Médico con su Librito", Ano I, nº1, Buenos Aires: 11 de março de 1954, p.4.
345 COOKE, John William, "Ley Orgánica de Elecciones Nacionales", In: Obras Completas, Op, Cit (2007), p.413.
346 MAZZEO, Miguel, Op.Cit (2016), p.70.
347 DE FRENTE, "Caracas: Inter Folia Frutus", Ano I, nº2. Buenos Aires: 18 de março de 1954, p.5.
348 A Operação PBSUCCESS consistiu numa operação encoberta (covert action) através do uso de mercenários treinados e assessorados pela CIA em Honduras, sob o comando de Carlos Castillo Armas (general dissidente guatemalteco) junto a forças auxiliares do ditador nicaraguense Anastasio Somoza, armadas pelos EUA, somado ao emprego de métodos de guerras assimétricas, como a guerra psicológica a nível interno e internacional. Cancelada temporariamente, foi posta em prática depois da X Conferência Interamericana (1954). Um relatório da CIA datado de

Guatemala, inspirado no sucesso da Operação Ajax no Irã, cabendo a John Foster Dulles levantar um tensionamento de "ameaça comunista", onde a Guatemala seria a "cabeça de ponte da URSS" na América Central, que ameaçaria os termos da segurança hemisférica estabelecidas no Rio de Janeiro (1947) e Bogotá (1948).

Foster Dulles mesmo foi cauteloso quanto a necessidade de preparar a derrubada de Arbenz, receoso da possibilidade da irradiação de rebeliões antiestadunidenses pela América Central e Caribe, abortando o plano conjunto com o ditador nicaraguense Somoza e o general guatemalteco Carlos Castillo de Armas (exilado em Honduras), para uma invasão direta ao país, ainda em 1953. Enquanto Spruille Braden que havia perdido grande parte de sua reputação por ter falhado na ingerência eleitoral na Argentina em 1946 (envolvido diretamente na fabricação de provas do "nazismo" de Perón na Argentina e Villaroel na Bolívia), advogava de uma intervenção militar direta dos EUA na Guatemala.

O fato que respaldou a Declaração de Caracas, validando a intervenção na Guatemala foi a chegada do navio sueco SS. Alfhem com cerca de 2 mil toneladas de armamento (fuzis e

---

1975 e hoje desclassificado detalha: "In August 1953, the Operations Coordinating Board directed CIA to assume responsability for operations against the Arbenz regime. Appropriate authorization was issued to permit close and prompt cooperation with the Departament of Defense, State and other Government agencies in order to support the Agency in this task. The Plan of operations called for cutting off military aid Guatemala, increasing aid neighbors, exerting diplomatic and economic preassure against Arbenz and attemps to subvert and or defect Army and political leaders, broad scale psychological warfare and paramilitary actions. During the period August through December 1953 a CIA staff was assembled and operational plans were prepared. Following are the specific operational mechanimm utilized by the Agency in the overwall missions against the Arbenz government: a) Paramillitary Operations. Approximately 85 members of the CASTILO Armas group received training in Nicaragua. Thirty were trained in sabotage, six as shock troop leaders and 20 others as support-type ersonnel. Eighty-nine tons of equipment were prepared. The support of this operation was staged inside the borders of Honduras and Nicaragua (…) an estimated 260 men in Honduras and El Salvador for use as shock troops and specialists, outside of the training personnel that had been sent to Nicaragua. b) Air Operations. The planning for providing air operations support was broken down into three hases; i.e. the initial stockpilling of equipment; the delivering of equipment to advance bases by black flight: and the aerial resupply of troops in the field. Thirty days prior to D-day, a fourth phase, fighter support, was initiated. There were approximately 80 missions flown during the 14-29 June 1954 period, by various type aircraft uch as C-47's, F-47's and Cessnas which were used to discharge cargo, distribute ropaganda and staffing and bombing missions. c) Clandestine Comunications. A clandestine radio broadcasting stations was estabiiehed in Nicaragua. The purpose of these broadcasts was to intimidate members of the Communist Party and public officials who were sympathetic to the Communist cause. The radio station, prior to D-day, broadcasted programs on why they were on the air: dramatized examples of Communist tyranny: the ideologies and aims of Liberation Movement and what effect was intended vis-a-vis each individual who was listening: an aggressive program outlining the activities which would ultimately bring down the Communist threat, etc. d) Q Program. The objective was spreading responsability for the operation throughout as Latin American countries as possible in (…) the impact of United States participation. e) Indigenous agent operation training program – This incluied 13 radio operators, incluiing seven residents and six tactical, and cryptographer who were trained in Nicaragua from 6 march – 9 june 1954.": MEMORANDUM, "CIA' Role in the Overthrow of Arbenz",12 May 1975, E2, Impoey CL by: 054574.

metralhadoras) fabricadas na Tchecoslováquia, que serviu como uma "comprovação" que a Guatemala estava guinando para se tornar um "satélite soviético"[349]. Na reunião de Consulta da OEA, 2/3 dos chanceleres da região votaram com os EUA, inclusive o governo de Vargas que acompanhou energicamente a posição que na prática reativava o *Big Stick* e a Doutrina Monroe, onde somente os governos de Argentina e México protestarem contra o intervencionismo e as sanções contra a Guatemala, porém se limitaram a abstenção com receio de represálias dos EUA por um eventual voto negativo[350].

Em outra edição de *De Frente*, Cooke abria duas páginas para Guillermo Toriello (na época, Embaixador guatemalteco nos EUA e ex-Ministro das Relações Exteriores da Guatemala) fornecendo um painel da intrincada situação guatemalteca em suas relações com os EUA, durante a Conferência de Caracas. Toriello demonstrava uma tonalidade discursiva moderada, definindo como tarefas principais da Revolução Guatemalteca a "*Liberación económica, la dignificación del hombre y la justicia social, todo esto mediante el ejercicio efectivo de la democracia representativa*"[351], almejando obviamente passar uma imagem que o governo guatemalteca não tinha o objetivo de implantar um "regime comunista", mas promover reformas modernizantes dentro dos marcos do capitalismo e ampliar as esferas democráticas do Estado e da sociedade. A própria inteligência estadunidense definia Toriello como um homem moderado e que sua escolha como Embaixador nos EUA teria sido uma tolice de Arbenz para harmonizar as relações entre o Império do Norte e o país Centro-americano (*harmonize and improve relations, which are now terrible*)[352].

---

349 "One of the propaganda ploys was fabricate reports of Soviet arms deliveries to Guatemala by submarine, and then arranging to have a CIA planted cache of Soviet arms discovered and publicized. The mythical arms deliveries were superseded by the real thing when a ship carrying 2,000 tons of Czech weapons and ammunition arrived. This shipment created an international furor no provided clinching proof of what had been the main CIA propaganda theme; that Guatemala under Arbenz had become a Soviet satellite": MEMORANDUM, "CIA' Role in the Overthrow of Arbenz",12 May 1975, E2, Impoey CL by: 054574.

350 MONIZ BANDEIRA, Op.Cit (1998), pp.128-135; Ver ainda: OEA, Resolução XCIII, "Declaração de Solidariedade da Integridade Política dos Estados Americanos contra a Intervenção do Comunismo Internacional", X Conferência Interamericana, Caracas: 1-28 de março de 1954.

351 DE FRENTE, "En Reportaje exclusivo, nos habla Toriello", Ano I, nº4. Buenos Aires: 18 de março de 1954, pp.12-13.

352 CIA, Approved For Release 2000/08/27: CIA/RDP78-027771R000500480016-5 – State Dept.desclassification instructions on file.

Em outro artigo Cooke, comentaria o intervencionismo de Foster Dulles em relação a Guatemala, e os ocorridos com a derrubada de Arbenz, realçando a necessidade de não se desguarnecer politicamente e ideologicamente em nenhum momento com o imperialismo, onde a militância anti-imperialista deve ser tomada desde uma postura ininterrupta, cotidiana e prioritária. Cooke equivalia a essência dos métodos do colonialismo clássico com as posturas intervencionistas mais sofisticadas operadas pelos EUA a partir da consolidação de sua hegemonia capitalista no pós-II Guerra, onde a invasão de mercenários na Guatemala para depor Arbenz demonstrava suas semelhanças com a agressão neocolonial clássica. Cooke expressava um alerta que de certa forma remetia ao pensador chileno Francisco Bilbao em sua obra "*La América en Peligro*" (1862) quando lançou a assertiva que *"ciencia, arte, industria, comercio, riqueza, son elementos de barbarie cientifica de la mentira, si la ideia del derecho no se levanta como centro*"[353], pois se é acertado afirmar que o imperialismo estadunidense exerce seu domínio principalmente desde seus mecanismos de extorsão e imposição financeira, por outro lado, nenhum império até então alcançou tal poderio bélico como o complexo industrial-militar norte-americano, no qual a própria manutenção de sua hegemonia global depende do giro da engrenagem de seu aparato destrutivo, e consequentemente de processos de interferência política (e a guerra é uma extensão da política, como assinou Clausewitz) para garantir a continuidade de seu processo de acumulação de seus capitais instalados mundialmente.

> Mr. Dulles ha sido consecuente con su papel histórico y con sus intereses financieros. Igual estricta congruencia debe predominar en el pensamiento y en la acción de los hombres de Latinoamérica.
>
> Hay gente para que resulta tema interesante de conversación el comparar los suaves métodos del colonialismo inglés con la de los procedimientos norteamericanos. O la diferencia entre los modos de operación norteamericanos y soviéticos. Pero aparte que en Kenya y Guatemala ha quedado demonstrado que no es tan grande el

353 BILBAO, Francisco, "La America en Peligro", Buenos Aires: Imprenta y Litografía a vapor, de Bernheim y Boneo, 1862.

> abismo que separa los respectivos modus operandi, el imperialismo no es asunto de cocktail party sino una realidad que hay que combatir todas sus formas. América quiere libertad y no un cambio de dueños.
>
> Nuestro lógico pesimismo fue confirmado por los hechos: la nación guatemalteca fue avasallada por la amalgama Departamento de Estado-United Fruit Company, el gobierno legítimo fue desintegrado y el traidorzuelo de turno se hará de cargo del poder.
>
> En el resto de América va pasando el estado emocional que despertó el atropello y, poco a poco, lo que ayer fue estallido ardoroso se transforma en triste receuerdo. La indignación que vibraba en los espíritus será sustituida por la sensación de importencia. Los que vivieron en esperanzada vigília experimentarán frustación y derrota. Pero no todos. No, los que saben que la militancia antiimperialista es cosa de todos los días y todas las horas. No, los que desechan, por quiméricas, ilusionadas esperanzas en la rápida solución de los problemas fundamentales del Continente. No, los que han comprendido que muchos sucesos dolorosos han de preceder al día de la victoria definitiva en la integración emancipadora de América Latina.
>
> Lo de Guatemala, desgarrador y tremendo como ha sido, solo puede desalentar a los que ignoran la realidad económico-política de la dominación imperial. La causa de nuestro Continente requiere predicadores, no charlatanes de café. Gente templada y resuelta, no espíritus histéricos de menos cuantía.[354]

A convocação feita por Cooke à permanente militância anti-imperialista impactado pelo golpe sobre o povo herdeiro da civilização maya, possuí uma inevitável lembrança do dito por Ernesto Guevara anos depois em Cuba (1964) quando afirmou que "*No se puede confiar en el imperialismo pero ni tantito así*". *De Frente* no mesmo número em que trazia a entrevista com Guillermo Toriello, publicava a denúncia da *Central Obrera Boliviana* (COB) da "traição" de

354 COOKE, John William, "Guatemala avalallada", In: Obras Completas, Tomo IV, Op.Cit (2016), pp.51-52; DE FRENTE, nº18, 8 de julho de 1954.

Wálter Guevara Arce (Ministro das Relações Exteriores da Bolívia) por ter votado a favor da anticomunista Declaração de Caracas, comentava a revista de Cooke que "*No siempre la voz de las cancillerías es la voz de los pueblos. Donde claudican engolados diplomáticos, constelados de condecoraciones, los trabajadores suelen redimir la dignidad nacional*"[355]. Ainda na mesma entrevista citada, Toriello elogiava a postura argentina na X Conferência Interamericana como "*Altamente significativo es que la República Argentina, Méjico y Guatemala no hayan estado de acuerdo con dicha resolución, cuya verdadera finalidad es, en el fondo, facilitar el camino para la intervención colectiva.*"[356].

Nessa conjuntura a Bolívia também foi atravessada por um processo revolucionário agitado pelas massas de trabalhadores mineiros e liderado pela pequena-burguesia militar e intelectual, em maioria filhos de homens vinculados à política boliviana ou de empresários decadentes da oligarquia, que deram origem ao *Movimiento Nacionalista Revolucionário* (MNR), fundado em 1942. Com antecedentes políticos que remetiam ao socialismo militar de Busch e Villaroel, aglutinando socialistas moderados e elementos filo-fascistas, o MNR se transformou em instrumento no qual a classe trabalhadora boliviana (principalmente mineiros) utilizaram como meio para ingressar na política institucional, semelhante ao que ocorreu nos anos 1920 em relação a UCR na Argentina, com o APRA no Peru, e na Venezuela com a Acción Democrática (AD) nos anos 1940.

Entre a Revolução Guatemalteca (1944-1954) e a Revolução Boliviana (1952) se encontra algumas distinções de percurso situados no complexo contexto latino-americano, onde a Argentina Peronista não está como expectadora, mas como palco central desses múltiplos processos nacionalistas que alvoraçaram os anos 1940 e 1950 na *Nuestra América* martiniana ou na *hinterland* para os ianques. A preocupação e atenção de Cooke com esses acontecimentos não era gratuita, entre a investida contra os andinos aymaras, quechuas, guaraníes, monejos e os centro-

355 DE FRENTE, "Bolívia. Traición al Pueblo", Ano I, nº4. Buenos Aires: 18 de março de 1954, p.14.
356 DE FRENTE, "En Reportaje exclusivo, nos habla Toriello", Ano I, nº4. Buenos Aires: 18 de março de 1954, p.13.

americanos ladinos, mayas, xincas e garifunas, o alvo central do imperialismo estadunidense estava apontado nos dois gigantes da América do Sul (Argentina e Brasil). A inteligência norte-americana tinha plena consciência que a principal ameaça a seus interesses no continente americano eram os governos nacionalistas, apesar da histeria anticomunista, sabiam que os comunistas eram pouco numerosos na região, devido as perseguições e proscrições, com grandes capacidades de influência decisiva apenas no Brasil e Guatemala[357].

Na Bolívia, o governo boliviano de Paz Estenssoro já vinha ao mundo encurralado por inúmeras perdas geográficas/geopolíticas herdadas da Guerra do Pacífico (1879-1883), da Guerra do Chaco (1932-1935) e do conflito diplomático com o Brasil (1889-1903)[358], sem acesso ao mar por embargos do Chile e Peru, e incerto de suas relações com o Brasil, que no plano externo apresentava um reacionarismo alinhado a político hemisférica estadunidense pelos ministros João Neves da Fontoura (ex-Ministro de Dutra), procedido por Vicente Rao (simpático da União Democrática Nacional), que pareciam não ter acompanhado o abandono da política de "boa vizinhança" da época de Rooselvet.

De outra forma, a sobrevivência do processo guatemalteca (1944-1954) dependia substancialmente de sua radicalização para sair de sua condição de extremo subdesenvolvimento, passando o governo a limitar as jornadas de trabalho em 48 horas semanais, estabelecendo um Código do Trabalho, permitindo e estimulando o direito a associação sindical e o direito a greve, que mexeram diretamente na taxa de mais-valia extraída pelas empresas estadunidenses instaladas no país, principalmente a United Fruit e a Railway of Central America, processo que se aprofundaria com a reforma agrária promovida a partir de 1952, que implicava na expropriação de

357 "communism should be considered not only as a separate movement but also as a force which exploits and makes articulate nationalistic aspirations and which supplies organizational and directive guidance to all anti-american elements. Althought it is a minority faction throught the area (it is currently a serious problem in Guatemala and possibly developing as a matter of concern in Brazil and other countries), and is outlawed in several places, it possesses the same dangerous pontentialities that mark its existence elsewhere. It's douctrine, which parallels nationalist doctrine in important partiulars, has a particular appeal for intelectuals and workers, with the result that schools and organized labor have been penetrated": DEPARTAMENT OF STATE, Memoradum from Thomas C. Mann to Charles Sawyer, with Attachment, Washington: December 11, 1952. Declassified In: August 9, 1973.

358 Nos referimos ao contencioso entre o Bolívia e Brasil, que incorporou o território do Acre ao Estado Brasileiro.

¾ das terras da United Fruit e se estendia com a nacionalização da Eletric Light and Power, que prestava precários serviços de abastecimento de luz elétrica, trabalhando com equipamentos dos anos 1920.

A United Fruit tinha tamanho poder dentro da Guatemala, que durante a ditadura de Ubico, foi promulgada a lei nº2295 que autorizava o fuzilamento sumário de pessoas que se encontrassem sem permissão dentro de propriedades agrícolas, o que forjou um forte sentimento popular de repúdio ao "imperialismo bananeiro", no qual os principais acionistas eram os irmãos Dulles, que chefiavam o Departamento de Estado e a CIA concomitantemente[359]. Ademais, os comunistas guatemaltecas aderindo uma tática semelhante a outros países da região, adotou o nome de *Partido Guatemalteca del Trabajo* (PGT)[360], objetivando facilitar a penetração entre setores sociais mais amplos, e apesar de pouco numerosos, no PGT se encontrava boa parte dos intelectuais mais preparados do país, passando a exercer forte influência no governo de Arbenz, que legaliza o PGT, e seu secretário-geral José Manuel Fortuny se transforma em um dos conselheiros políticos de Arbenz.

Na Bolívia, o imperialismo ianque adota uma tática diferenciada para uma estratégia não de derrubada (pelo menos não imediata), mas de contenção e readequação do processo revolucionário, almejando evitar que a Revolução passasse a ser dirigida pelos setores mais radicalizados dos mineiros filiados ao MNR e os trotskistas e comunistas que exerciam a direção da COB, e que praticamente haviam estabelecido um co-governo e formado milícias populares. A nacionalização das minas, logo foi sucedida por um processo de indenizações, sufocado pelo controle estrangeiro dos setores de fundições e pela monopolização dos transportes, o modelo de desenvolvimento calcado na poupança interna era impossível de ser segurado por muito tempo, diferente dos países que realizaram um processo industrializante por substituição de importações nos 1930-1940, países

359 MONIZ BANDEIRA, Op.Cit (1998), pp.120-126.
360 Após a dissolução do Komintern em 1943, o Movimento Comunista Internacional adotou uma tática de adotar nomes nacionalizados dos PC's com objetivo de facilitar a vida legal dos partidos e ampliar suas bases de apoio, partidos comunistas como o da Costa Rica adotaram o nome de Vanguardia Popular e em Cuba o PC passou a se chamar Partido Socialista Popular, entre outros.

latino-americanos como Bolívia e Guatemala onde seus setores-chave se encontravam como economia de enclave, impossibilitava-se a inversão dos capitais primário-exportadores na industrialização, necessitando diretamente de capitais estrangeiros para desenvolver as forças produtivas, resultando o processo não em um capitalismo nacional como almejava o MNR, mas numa industrialização anárquica, que aprofundava as contradições do capitalismo dependente e da crise estrutural[361].

A reforma agrária boliviana, por outro lado, distinta da radicalidade e do profundo sentimento anti-imperialista que se irradiou na Guatemala[362], resultou-se numa generalização do minifúndio, produzindo um pequeno-campesinato com interesses individualistas, como assinalou o insigne marxista boliviano René Zavaleta Mercado: "*a burguesia jamais teria podido realizar sua acumulação em condições de paz política se não existisse aquele amplo setor dos pequenos produtores que, ainda que explorados pela via de mercado, todavia se sentiam contentes com o que tinham*"[363]. Diferente da Guatemala, onde o campesinato ocupava a dianteira do respaldo popular ao processo revolucionário, na Bolívia, os setores mais avançados politicamente de sua população estavam na classe operária mineira, que passou a ficar isolada "*por causa do conformismo camponês e porque a pequena-burguesia urbana se havia tornado conservadora*"[364].

Além de conceder-se ao industrialismo coligado aos capitais obsoletos norte-americanos, as forças armadas bolivianas que haviam sido dissolvidas com a tomada de poder em 1952 pelos nacionalistas, foram reorganizadas com "*as armas norte-americanas, os uniformes, e, obviamente, a doutrina norte-americana*"[365], que resultaria num golpe lento e gradual, primeiro com o estancamento do processo revolucionário, depois com o treinamento direto pelos serviços de

361 Ver: BAMBIRRA, Vania, "O capitalismo dependente latino-americano", Florianópolis: Insular, 2019, pp. 164-174.
362 Um informe do Departamento de Estado norte-americano reconhecia que: "There are there basic problems which adversely affect our relations with area: A popular demand in Latin America for imediate reform which produces instabillity, weakness and demagoguery; a great disparity in wealth and power between the United States and Latin American which, aided by old prejudices, keeps alive anti-americanism and stimulates economics nationalism; and comunism, which exploits both of these conditions. These factors are related and inter-acting, and produce or aggravate subsidiary problems.": DEPARTAMENT OF STATE, Memoradum from Thomas C. Mann to Charles Sawyer, with Attachment, Washington: December 11, 1952.
363 MERCADO, René Zavaleta, Op.Cit (1988), p. 64.
364 Idem, p.65.
365 Idem, p.61.

inteligência estadunidenses, inflamando a figura do general René Barrientos, chamado pela revista *Time* de "Steve Canyon dos Andes"[366], se utilizando de setores do lupemproletariado[367] e de dirigentes camponeses para conduzir ao golpe em 1964, instalando uma das mais violentas ditaduras latino-americanas do século XX, responsável junto com a CIA pelo assassinato de Ernesto Guevara. Sobre as vacilações do MNR, a mineira Domitila Barrios de Chungara nos fornece em seu depoimento um panorama do que representou os governos de Paz Estenssoro e Hernán Siles Zuazo para a superexplorada classe operária boliviana:

> A revolução boliviana de 1952 foi um grande acontecimento na história da Bolívia. Foi, realmente, uma conquista popular. Mas qual foi o resultado? Nós, o povo, a classe operária, os camponeses, não estávamos preparados para tomar o poder. E, então, como não entendíamos nada de leis, como não sabíamos como se governa um país, entregamos o poder à pequena burguesia que dizia ser nossa amiga, que dizia estar de acordo com nossos ideais. Tivemos que entregar a um doutor, que era Victor Paz Estenssoro, e as outras pessoas, o governo de nosso país. Eles imediatamente formaram uma nova burguesia, enriqueceram novas pessoas. E eles começaram a socavar a revolução. Hoje, nós, os operários e os camponeses vivemos em piores condições que antes (…)
>
> Naquela época, o MNR governou a Bolívia, primeiro com Paz Estenssoro, depois com Hernán Siles Zuazo e, novamente, Paz Estenssoro. Nós havíamos colocado esse governo no poder, governo que se dizia "nacionalista e revolucionário", mas ele começou a não fazer caso do que o povo dizia e queria. Por exemplo, a indenização das minas foi mal feita, a empresa empobreceu terrivelmente com a

366 Idem, p.62.

367 Marx define o lupemproletariado como: "O sedimento mais baixo da superpopulação relativa habita, por fim, a esfera do pauperismo. Abstraindo dos vagabundos, delinquentes, prostitutas, em suma, do lumpemproletariado propriamente dito, essa camada social é formada por três categorias (…) Em primeiro lugar, os aptos ao trabalho. Basta observar superficialmente as estatísticas do pauperismo inglês para constatar que sua massa engrossa a cada crise e diminui a cada retomada dos negócios (…) Em segundo lugar, os órfãos e os filhos de indigentes. Estes são candidatos ao exército industrial de reserva (…) os degradados, maltrapilhos, incapacitados para o trabalho. Trata-se especialmente de indivíduos que sucumbem por sua imobilidade, causada pela divisão do trabalho, daqueles que ultrapassam a idade normal de um trabalhador e, finalmente, das vítimas da indústria – aleijados, doentes, viúvas etc. –, cujo número aumenta com a maquinaria perigosa, a mineração, as fábricas químicas etc.": MARX, Karl, Op.Cit (2011), pp.702-703.

> indenização e o povo foi enganado. Queríamos também, por exemplo, que se fizesse a fundição de minérios na Bolívia, porque nós temos que transladar o minério das minas, pagar as alfândegas e transportes, levá-lo em barco até a Inglaterra para fundí-lo, levá em barco até os Estados Unidos, para, então, entregá-lo na porta do patrão. Sim, ao fim e ao cabo, somos nós que pagamos tudo isso, pois o dinheiro que se gasta nesse trajeto podia ser reservado para fazer progredir o país e para pagar melhor os trabalhadores. Por isso, os mineiros diziam que uma maneira de acabar com aqueles problemas, seria ter nossos próprios fornos de fundição e vender aqui mesmo as barras de minérios. E não dar, a qualquer preço, aos Estados Unidos.[368]

O cenário contrarrevolucionário na América Latina alvejaria o Brasil em agosto de 1954, não obstante, Vargas ter sido favorável a deposição de Arbenz em junho, a pressão promovida pelos setores midiáticos, políticos e econômicos reacionários e associados ao imperialismo estadunidense resultariam no suicídio do líder gaúcho, barrando a possibilidade de um golpe de Estado naquele momento impossibilitado de ser concretizado pela comoção e revolta popular causada pelo sacrifício do caudilho. Cooke em *De Frente* analisaria esses acontecimentos em três artigos, que ao contrário do que possa suscitar a avaliação do peronista Cooke era criticamente dura.

Em "Brasil. Segundo Acto del Drama", Cooke considerou que o povo brasileiro assistiu os eventos de agosto como expectador, o ponto principal da análise realizada por Cooke, se encontra a letargia de Vargas por ser incapaz de transformar uma revolução política em uma revolução econômico-social, na avaliação de Cooke, Vargas "*Encabezó, una verdadera revolución, pero no supo, no quiso o no pudo darle el contenido que ella requería. El movimiento que lo elevó, por segunda vez, a la suprema magistratura, necesitaba llenarse de contenido social, de acción reordenadora en la distribuición de lo producido, de capacidad reivindicadora de los derechos más elementales del pueblo brasileño. Sin embargo, los trabajadores vieron con desilusión y*

368 CHUNGARA, Domtila Barrios, In: VIEZZER, Moema, "Se me deixem falar. Domitila: depoimento de uma mineira boliviana"São Paulo: Global, 1981, p.44; ´p.59.

desengaño que se sustituían sus esperanzas de reformas sociales con la espuma inoperante de una 'revolucón política', conduciendo hacia el caos a las fuerzas desencadenadas para el triunfo electoral, mientras se mantenía intacto, y en un orden perfecto, todo el aparato de conducción y de control de los sectores reaccionarios y contrarrevolucionarios, instrumentos serviles en manos de los grandes intereses internacionales que gravitan tradicionalmente sobre Brasil como los cuervos sobre la carroña"[369]. Cooke ia no cerne do caráter do segundo governo Vargas que patinava entre o nacional-desenvolvimentismo e o entreguismo, portanto ambíguo, oscilando entre a defesa da soberania e do desenvolvimento nacional e modos de agir da política tradicional, buscando ser conciliador com os piores inimigos de seu projeto.

Cooke examinava o conteúdo político do suicídio de Vargas, como um processo que se desdobrou em efeitos contraditórios, entre a qualidade de elevar a consciência política nacional-popular desde sua Carta-Testamento "*que sacude a trallazos a los consorcios internacionales y sus agentes internos, contribuirá a dar conciencia a ese pueblo. El drama de Brasil sigue su desarrollo, envolviendo en sus espirales de asco y de entrega a los personajillos que actúan en él de comparsas y partiquinos. Como los Lacerda – ex comunista, ex nacional-libertador, ex brasileño y ex ciudadano de esta América*"[370], de mesmo modo que nesse movimento histórico em espiral dialética das contradições e vacilações "*el suicídio del Presidente Vargas no es un hecho, sino un largo proceso de sucesivos 'harakiris' incruentos de concesiones fundamentales irrevocables, de timideces político-sociales que constituían saltos irreparables hacia atrás en el proceso de la revolución*"[371].

O suicídio de Vargas era interpretado por Cooke como sacrifício e autofagia, o seu sacrifício pessoal gerou a agitação popular e mobilização para a conjuntura seguinte de maior

369 COOKE, John William, "Brasil. Segundo Acto del Drama", In: Obras Completas, Tomo IV, Op.Cit (2016), pp.55-56; DE FRENTE, Ano I, nº25, 26 de agosto de 1954.
370 Idem, p.56.
371 COOKE, John William, "Vargas muerto puede hacer la revolución que no hizo en vida", In: Obras Completas, Tomo IV, Op.Cit (2016), p.57; DE FRENTE, Ano I, nº26, 2 de setembro de 1954.

elevação da organização da classe trabalhadora, tanto rural, quanto urbana no Brasil (1954-1964)[372], a sua autofagia, entregou dia pós outro, a direção do Estado a seus inimigos e abriu concessões e buscou conciliações com o imperialismo estadunidense. Cooke expôs em sua análise do processo brasileiro, as inversões de capital norte-americanas nos setores-chave da economia brasileira, sendo uma alerta não muito implícita para o governo de Perón que na conjuntura também realizava concessões as petroleiras dos EUA, não gratuitamente o último de seus artigos sobre o suicídio de Vargas é intitulado: "*El ejemplo del Brasil*".

Cooke demonstrava algum conhecimento da história brasileira para além da conjuntura que estava examinando, citando a influência de João Cândido e do exemplo da Revolta da Chibata sobre a luta por justiça social entre os trabalhadores brasileiros, que chama em seu texto de "marmiteros"[373]. Sua análise das contradições do segundo governo Vargas ganhava uma tonalidade mais rica quando denúncia João Neves da Fontoura como "*abogado de las empresas de las empresas petroleras del grupo Rockfeller, presidente de la Ultragáz S.A- subsdiaria de la Socony Vacuum Oil Co, sigla de la Standard Oil Company of New Jersey*"[374], em outras vértices, as vacilações do governo brasileiro com o Acordo Militar Brasil-EUA (1952), capitaneado pelo mesmo Neves da Fontoura que segundo Cooke está dentro dos típicos acordos bilaterais que forjam amarras sobre os países subdesenvolvidos onde "*el país signatario debe financiar su propia colonización, pagando en moneda nacional a los técnicos enviados a fiscarlizarlo; en segundo, renuncia a su autodeterminación, en matéria de intercambio, ya que debe subordinarlo al 'control extranjero destinado a impedir todo comercio con las naciones que amenazam la seguridad del*

372 Além do expressivo movimento operário que se elevou em nível de organização e luta durante os anos 1950 até o golpe de 1964, em 1958 surgiram as Ligas Camponesas, maior expressão organizativa dos trabalhadores rurais até então, lideradas por Francisco Julião, que fundaria posteriormente o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT). A conjuntura de luta de classes que se abriu com o suicídio de Vargas ganhava um condicionamento concreto de acentuação com medidas adotas pelos governos posteriores que induziram a erosão do poder de compra dos salários, inflação, acumulação capitalista pela poupança forçada. Ver: MARINI, Ruy Mauro, "Dialética do Desenvolvimento Capitalista no Brasil", SADER, Emir (org.) "Dialética da Dependência, uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini", Petrópolis/Buenos Aires: Vozes/CLACSO 2000, pp.11-103.

373 "Los 'marmiteros' identificaron en Getulio Vargas el conductor de una revolución de contenido social com la que soñaban desde los buenos tiempos en que Joao Cándido, el marinero negro que sublevó desde la flota, había sido hundido por los almirantes blancos en un pozo de cal viva", COOKE, John William, "Vargas muerto puede hacer la revolución que no hizo en vida", In: Obras Completas, Tomo IV, Op.Cit (2016), p.58.

374 Idem, p.59.

Hemisferio'; luego se compromete a enviar sus fuerzas armadas a ejecutar 'obligaciones militares que há asumido conforme a tratados multilaterales y bilaterales de los que sean parte los Estados Unidos'. Finalmente cede las materias estratégicas 'primas o semielaboradas que puede haber en los Estados Unidos de Brasil', comprometiéndose la outra parte a 'considerar debidamente las necesidades del consumo interno y las demandas de la exportación de la República"[375]. Como terceiro elemento central da claudicância varguista, Cooke cita o Plano Nacional de Reaparelhamento Econômico, conhecido como Plano Lafer, por ter sido elaborado por Horácio Lafer (Ministro da Fazenda), que excelentemente seria sintetizado em sua essência por Cooke:

> En síntesis es la siguiente: Justiprecia la reconstrucción nacional en 10 000 millones de cruceiros. De ellos, el Brasil debe concurrir con 6000 millones, y los bancos Export-Import Bank y Banco Internacional 4000 millones. La parte brasileña se sacaría del aumento de la renta nacional mediante préstamos internos compulsorio. La parte de los monopolistas se entregaría a los industriales norteamericanos encargados de la fabricación de materiales necesarios para la 'reconstrucción' brasileña, de acuerdo a las recomendaciones de la Misión Knapp. Es decir, expresado de otra manera: Brasil entregaría a las reservas acumuladas por los consorcios, seis mil millones de cruceiros en material manufactura (vagones ferroviarios, por ejemplo) cuya producción nacional es adelantadísima. De essa manera, se mataban, mediante el plan Lafer, dos pájaros de un solo tiro. Se financiaba la producción industrial de los consorcios y se mataba la producción brasileña industrial similar.
>
> Un economista de Sao Paulo demostró, de inmediato, el contenido de extorsión del Plan. En su duración de cinco años, la renta de la Federecíón brasileña superaría los 160 000 millones de cruceiros, pero las remesas al exterior de los intereses y capitales foráneos insumiría más que esa cantidad. La síntesis del Plan Lafer era el dominio total por los monopolios de todas las riquezas del Brasil.[376]

375 Idem, pp.59-60.
376 Idem. p.59.

Cooke identificava os três ligamentos principais do calcanhar de Aquiles das conciliações que deterioravam a sustentabilidade do governo Vargas. Identificava Horácio Lafer, homem da burguesia industrial paulista associada aos capitais norte-americanos e indicado ao Ministério da Fazendo por Ademar de Barros; Neves da Fontoura, presidente da Ultragás e ex-coordenador de campanha de Vargas, em conflito direto com Newton Estillac Leal, Ministro da Guerra, que era contra o Acordo Militar Brasil-EUA, enquanto setores das Forças Armadas que conspiravam contra o presidente formavam a "Cruzada Democrática", que em resposta o nacionalismo de Vargas toma uma dupla orientação de conciliação com o imperialismo lançando a Reforma Ministerial de 1953, demitindo Estilac e colocando no seu lugar o pró-estadunidense Ciro do Espirito Santo Cardoso, ainda nomeando Vicente Rao para o Ministro das Relações Exteriores, figura ainda mais à direita que Neves da Fontoura e simpático a UDN. Preenchendo seu governo de sujeitos que atuavam contra seu projeto nacional, Vargas se demonstrava mais preocupado em salvar seu cargo que enfrentar a oposição e o imperialismo e avançar seu projeto nacional, remete-se aqui ao que René Zavaleta Mercado apontou sobre equívocos recorrentes dos nacionalismos burgueses e dos reformismos latino-americanos, quando analisava a tragédia de Villaroel na Bolívia:

> Os reformadores, em todo caso, não podem ser moderados porque suas reformas, não importa se moderadas ou não, são interpretadas sempre pela classe dominante como uma ameaça total; portanto, é melhor ir mais longe do que se quer ir porque daí se pode-se retroceder até onde se queria chegar. Do contrário, a proposição da mera reforma só pode adquirir o conteúdo de uma provocação sem possibilidades.[377]

Em síntese, Cooke conseguia identificar no governo Vargas a dualidade coexistente entre posições nacional desenvolvimentistas no plano interno que eram corroídas pelas hesitações perante os inimigos internos (setores militares, grande mídia e oposição política) e o imperialismo estadunidense, adotando posturas que buscavam gerar conciliação e compromissos justamente com

377 MERCADO, René Zavaleta, Op Cit (1988), p.32.

os setores que trabalhavam para o derrubar. Ademais, Cooke identificava a nomeação de João Goulart como Ministro do Trabalho, durante a Reforma Ministerial de 1953, responsável pelo aumento de 100% do salário-mínimo, e logo depois demitido como uma busca para "*reconquistar la confianza popular*" que somada as medidas conciliatórias e a ofensiva golpista das classes dominantes e o bombardeio midiático, acabava por resultar em uma "*muralla inexpugnable entre él y el pueblo. Ya solo frente a sus enemigos, vapuleado en la forma más violenta y soez, acusado de delito común y viendo subir paulatinamente a la picota, uno a uno, a todos sus familiares, optó por partirse el corazón. Su drama es el drama de un anhelo revolucionario que ni encontró conductor, ni supo movilizar al pueblo*.[378]". Cooke chegava ao diagnóstico da essência do trabalhismo como governo conciliador, que como Maria Celina D'Araujo em seu trabalho sobre o segundo governo Vargas encontrava a partir do exame histórico o seu fundamento no qual a "*subordinação de todas à sociedade impunha pelo trabalho*" e ademais "*diluía a importância da organização política e reivindicava para a integração de todos, através da mediação do Estado, árbitro supremo dos interesses sociais e único instrumento legítimo para a incorporação e canalização das demandas da sociedade.[379]*". Cooke acabava por substanciar o último governo Vargas desde o seguinte resumo:

> Vargas procuró, es cierto, mejorar las condiciones de vida de las clases humildes, rrealizar algunas nacionalizaciones, frenar la codicia de los consorcios. Pero la vía buscada debía conducirlo, por lógica, al fracaso más absoluto, ya que no se atrevió – no interesa ahora dilucidar por qué razones – a desmontar en forma radical los instrumentos económicos y sociales que servían para la expoliación de la riqueza y el vasallaje de las clases desposeídas. Con el mismo dispositivo manejado por las oligarquías, no se puede llevar a cabo la lucha contra ellas. Eso es axiomático (…) El Dr.Vargas cayó victima de los poderes que él combatió sin vigor, y con los que

378 COOKE, John William, "Vargas muerto puede hacer la revolución que no hizo en vida", In: Obras Completas, Tomo IV, Op.Cit (2016), p.60.
379 D'ARAÚJO, Maria Celina Soares, "O Segundo Governo Vargas, 1951-1954: Democracia, Partidos e Crise Politica", Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.118.

> creyó que podría contemporIzar. En su gesto definitivo, pagó el error con su propia vida, y esto lo reivindica de su equivocada debilidad. Pero está demostrado, una vez más, que las fuerzas de la reacción no perdonan, ni olvidan. Y que los movimientos revolucionarios deben proceder si quieren sobreviveir, con igual inclemencia[380]

As últimas palavras do artigo citado acima, apontavam não ao Palácio do Catete, mas diretamente para a residência presidencial de Palermo, onde Perón também passava a adotar medidas contraditórias encurralado na conjuntura latino-americana contrainsurgente.

Diferente do tempo de bonanças do primeiro período, o segundo mandato presidencial de Perón foram os tempos das "vacas magras", marcado pela crise de divisas, pressionado pelo bloqueio externo, coagido a aderir um maior incremento do capital estrangeiro no arranjo do capitalismo interno para ter acesso a insumos industriais necessários a continuidade do projeto industrializante. Somava-se a tendência decrescente da balança comercial, condicionado pela nova situação mundial do encerramento do ciclo favorável a substituição de importações entre a deflagração do conflito mundial e o período de reorganização do mercado mundial sob nova hegemonia (1935-1950).

A partir de 1950 começa a se consolidar a dependência da Argentina em relação aos EUA, depois de um intermédio transicional de sete anos, iniciado com o golpe de 1943 onde a Argentina possou de relativa autonomia no cenário internacional, com fortes reservas acumuladas durante a II Guerra Mundial e por sua política de substituições de importações. O novo período seria marcado por um forte processo de incorporação de capital constante norte-americano, inaugurando uma nova forma de intercâmbio desigual, não somente pela exportação de mercadorias agropecuárias, mas pela exportação de mercadorias industrializadas para países terceiros (vizinhos principalmente) e a compra não mais de manufaturados, mas de maquinarias. Em *De Frente*, era apresentado um panorama das exportações industriais argentinas:

380 COOKE, John William, "El ejemplo del Brasil", In: Obras Completas, Tomo IV, Op.Cit (2016), pp.61-62; DE FRENTE, Ano I, nº26, 2 de setembro de 1954.

> El presidente de la comisión chilena del Tratado de Unión Económica, ingeniero Guillermo del Pedregal, al término de un viaje a la Argentina, manifestó su sorpresa por el progreso de nuestra industria. En declaraciones que posteriormente formuló a un periodista, señaló que toda la gama de artículos eléctricos y de la construcción podía colocarse en el mercado chileno, a precios que consideraba más beneficiosos, que los de otras precedencias.
>
> Su impresión de entonces quedaba concretada el 19 de febrero último, cuando su país comprometióse a adquirir artículos industriales argentinos de diferente factura, como aparatos eléctricos para el hogar, unidades y equipados de refrigeración, ventiladores, máquinas de coser y escribir, tubos fluorescentes y lámparas incandescentes, pilas, instrumental médico para hospitales, bombas para agua, máquinas de combustión interna, grupos electrógenos, equipos industriales, maquinaria agrícola, vial, agropecuaria y para la construcción, demás de proyectores cinematográficos, faroles a gas de kerosone, armazones para anteojos y drogas de distinta especie.[381]

A mudança qualitativa no modelo exportador e na industrialização da Argentina se realizou na mesma proporção qualitativa da alteração da forma de dependência da Inglaterra para os EUA. O processo de nacionalizações (principalmente das ferrovias) por meio de compra, criou efeitos inesperados na mudança da conjuntura econômica global, decorrente da recuperação europeia e da Guerra na Coreia, onde as reservas acumuladas entre 1935-1948, foram queimadas em 645 milhões de dólares gastos na repatriação das ferrovias, mais US$ 95 milhões na nacionalização da Unión Telefonica e US$ 243 milhões no cancelamento de dívidas externas[382], condenando os planos quinquenais ao "*callejon sin salida*" do incremento de capitais estrangeiros no processo de industrialização.

A ampliação da presença de capitais estadunidenses intentava a criação de uma indústria de

381 DE FRENTE, "Ahora se exporta manufactura", Ano I, nº1, 11 de março de 1954, p.36.
382 BASUALDO, Eduardo, "Los primeros gobiernos peronistas y la consolidacion del pais industrial: exitos y fracasos", Buenos Aires: FLACSO/Página 12, 2004, pp.30-31.

base, porém sacrificava a política nacionalista, que se tornava gradualmente retórica na medida das concessões ao capital estrangeiro. Na contradição Cooke defendia algumas medidas privatizantes do segundo governo peronista. Entretanto, mantendo a defesa irrestrita dos setores estratégicos e serviços públicos nas mãos do Estado:

> El gobierno está dispuesto a devolver a la actividad privada algunas de las empresas que, por diversas causas, fueron oportunamente nacionalizadas. El anuncio de este propósito ha dado motivo a que comenzaran a circular los más contradictorios rumores sobre el alcance que tendría la medida. Eso era de esperar. Pero que sucede que muchos de los rumores son, en realidad, expresión de puntos de vista que se relacionan con planteos fundamentales sobre la estructura del Estado y de la economía argentinos (…) Hay que comenzar por hacer un distingo. Es lógico que muchas industrias vuelvan a depender de la iniciativa privada. No hay razón alguna para que el Estado sea fabricante de cerveza, cultive yerba mate o produzca bicicletas. Esas actividades, si por razones del momento fueran estatizadas, deben volver a manos de empresarios particulares, porque de lo contrario estaríamos en presencia de una socialización parcial, injusta e innecesaria. Pero hay otra amplia esfera de la producción que no puede volver a manos particulares. Dentro de ella, nos referimos concretamente (por haber sido motivo especial de comentarios de circulación) al transporte ferroviario. Y, en general, a los servicios públicos, que están al margen de toda especulación comercial.[383]

Na virada dos 1940 para os 1950 o preço dos *commodities* caíram drasticamente a nível mundial decorrente da oferta global causado pela superprodução norte-americana de mercadorias primárias como cereais e trigo (com maciça mecanização no processo de produção), afetando diretamente países como a Argentina, no qual um dos pilares do processo industrializante de Perón se calcava na chamada "agricultura diversificada" como fontes capazes de gerar divisas a serem

383 COOKE, John William, "Nostálgicos del absurdo", In: Obras Completas, Tomo IV, Op.Cit (2016), p.63; DE FRENTE, Ano I, nº30, 30 de setembro de 1954.

reinvestidas na composição orgânica de capitais industriais. Ademais, se somava o *dumping* intencionalmente direcionado a afetar o governo peronismo propagado pelos EUA, como demonstra o memorando do Departamento de Estado norte-americano redigido por Thomas C. Mann direcionado ao Secretário de Comércio do governo dos EUA, Charles Sawyer:

> In part the dissatisfaction with prices originates in resentment of price policies for essential commodities in the last war and our abrupt termination of purchase contracts after war. They consider that the low prices they received for their products combined with their inability to use until after war when our price controls were removed was a great injustice; hence, they now desire guarantes from us against a decline in purchasing power of dollar reserves which they may acquire in the future (..) Argentina and Guatemala are the two states currently receiving unequal treatment. While our ability to exert leverage is limited, and while no spectaular results may be expected, there is good reason to believe that, continued over a period of time, our refusal to extend favors will create serious problems for the two governments. The present policy is respect of these two countries should be continued until, in the case of Argentina, there is concrete, tangible evidence that the government has ceased, for a period of time adequate to demonstrate its good faith, its propaganda attack on us, its attempts to organize an anti-american labor federation in Latin America; and its attempts to exert preassures on its neighbors; in the case of Guatemala until the government's attitude is one of unqualified opposition to communism, both internal and external (…) Protect the legitimate rights of United States investments in the area, defending them against abuses and discrimination which are the product of extreme nationalism. Our efforts to discharge this duty must take into account that, for the reasons already explained, our bargained power is not unlimited and that foreign governments have, because of their jurisdiction over United States investments within their territories, considerable power to react to our attempts to exert

> preassure. Nevertheless there are many occasions where it is feasible to negotiate for the removal of discriminatory measures on a quid pro quo basis; and where this is not feasible, it is often possible to make.[384]

Se demonstrava que a metodologia dos EUA para retirar o Perón de seu "pátio" não consistia somente em *garrotes*, mas em fornecer *zanahorias*, no qual o governo peronista passava a cometer o equívoco de acreditar que poderia abocanhar concessões maiores, ilusionados por um Plano Marshall latino-americano desde a Conferência do Rio de Janeiro (1947) e pelo exemplo das concessões logradas pelo Brasil na conjuntura da II Guerra Mundial. Se criava uma queda de braços onde a política desenvolvimentista de Perón para continuar sendo desempenhada nos marcos do capitalismo dependente necessitava de capitais estrangeiros, ao mesmo tempo as empresas forâneas se tornavam cada vez mais restringidas de exportar seus lucros, onde a legislação nacionalista limitava as remessas de lucros, e nessa nova conjuntura, tais ganhos eram ainda mais imperiosos para suprir a carência de divisas fundamentais não somente para a política industrial, mas para manter o padrão de direitos sociais e trabalhistas do proletariado argentino[385].

Apesar dos constrangimentos causados pela política nacionalista de Perón, os empresários norte-americanos tomaram a iniciativa de permear ainda com mais profundidade na Argentina, buscando controlar os diversos ramos produtivos do país se valendo da abundância de mão-de-obra e do maior mercado consumidor da América Latina impulsionado pelas medidas do governo peronista que restringiram o pauperismo e a superexploração da força de trabalho.

Desse modo, o capital estadunidense optou por realizar um jogo fleumático com o governo justicialista, onde as concessões já demonstravam desde a celebração da comissão mista Argentina-EUA (1949) em que a Argentina passava a reservar "*30% de sus entradas para utilizarlas en la concesión de divisas para el pago de deudas comerciales con hombres de negocios de Estados*

384 DEPARTAMENT OF STATE, Memoradum from Thomas C. Mann to Charles Sawyer, with Attachment, Washington: December 11, 1952. Declassified In: August 9, 1973.
385 Ver: FRONDIZI, Silvio, "La Realidad Argentina. Ensayo de Interpretacion Sociologica: Tomo I – El Sistema Capitalista", Buenos Aires: Praxis, 1957, pp.183-191.

Unidos"[386]. Em diante, logo em 1950 foram tomadas medidas como a transferência da sede da Swift da Argentina para os EUA, com o propósito a remissão de serviços financeiros, foi concedida a Pan American Airways e a Pinagra o direito de "r*emitir, al tipo de cambio anterior a la desvalorización, las entradas provenientes de ventas hechas en dicho peíodo*"[387], além de acordos para a entrada massiva de filmes estadunidenses, onde os lucros obtidos da bilheteria seriam divididos entre os dois países, tendo o ponto ápice ainda em 1950, com a concessão de créditos de US $ 125 milhões do Banco de Exportação e Importação norte-americano, para que o governo Argentino pudesse sanar suas dívidas com credores privados estadunidenses, onde o débito das dívidas se colocava como condição imposta pelos EUA para a suspensão dos bloqueios econômicos[388].

A orientação fleumática do imperialismo norte-americano, partia de um pressuposto diretamente condicionado que sua campanha aberta anti-peronista, acabava por fortalecer ainda mais o sentimento anti-imperialista e nacionalista do regime justicialista, passando a estimular veladamente a oposição não somente interna, mas regional ao Peronismo:

> Argentina has long been afflicted with an extreme nationalism which has prevented its wholehearted participation in the inter-american system and more recently under Peron is fast becoming totalitarian. Fearing isolation and loss of a position of leadership, in general it is either cooperative or silent in the United Nations and other international meetings, and even adopts a friendly attitude toward certain American investments in its territory; while at the same time carrying out a persistent, organized and government-financed campaign to build up anti-United States sentiment in the hemisphere. Our general lines of policy toward this country are:
>
> a) Avoid direct, official attacks n the Peron regime because this plays into Peron's hands by giving the impression that he is a man of great stature and importance

386 Idem, pp.184-185.
387 Idem, p.187.
388 Idem, pp.187-188.

> and, at the same time, enabling him to pose as the champion of Argentina patriotism and Latin American nationalism.
>
> b) Quietly but firmly encourage and support Argentina's small neighbors in their efforts to the resist Argentine preassures and interventions (e.g the current pressures being exercept on Uruguay.
>
> c) Encourage by covert means anti-Peronism in the other American republics by reminding them of Argentine designs on its neighbors and its attempt to split the inter-american system by creating an Argentine-dominated, anti-United States bloc in South America; and covertly to point out lo Latin Americans that Peronista propaganda furthers the objectives of the Soviet design.
>
> d) Refrain from extending economic assistance (Argentina receives neither Point 4 nor military grants nor is she currently eligible for Export- Import Banks loans).
>
> e) Reply indirectly to Peronista propaganda by controverting Peronista claims on specific issues. (The suggestion made for improving our propaganda in the area would, if implemented, enable us to do this in a much more effective way than is now possible).[389]

O governo peronista passava a adotar orientações que iam direcionando a um afastamento tático de seu projeto original, e no qual os caminhos escolhidos criavam novos obstáculos que atravancavam a retomada da estratégia formulada inicialmente, durante a visita de Milton Eisenhower em 1953, em evento realizado no Teatro Colón, o governo tomava orientações de melhorar as relações Argentina-EUA, anunciava uma reforma agrária lenta e com indenizações vantajosas para buscar um diálogo com a Sociedade Rural e o latifúndio, além da concessão do petróleo argentino a empresas estrangeiras[390]. Soma-se a crise energética que atingia o país, onde as principais empresas estrangeiras boicotavam o fornecimento de petróleo necessário a demanda industrial argentina, acabando por direcionar a concessões da YPF para empresas como Esso (EUA)

389 DEPARTAMENT OF STATE, Memoradum from Thomas C. Mann to Charles Sawyer, with Attachment, Washington: December 11, 1952. Declassified In: August 9, 1973.
390 Ver: NUEVA ERA, "Editorial: A Proposito de la Conciliación Nacional", In: Nueva Era, nº1, Ano V, setembro de 1953, pp.1-8.

e Shell (Inglaterra), através da lei de conversões estrangeiras, o que para o comunista Jaime Fuchs, demonstrava que o governo peronista preferia tomar a orientação de aprofundar a penetração do capital imperialista que desenvolver os termos comerciais bilaterais com a URSS, acordados entre 1951-1953 e que previam a concessão de maquinarias capazes de aumentar a produção autóctone de petróleo na Argentina[391].

Cooke reduziria a questão em outros termos, em seu pensamento multilinear entre a crítica radical fundamentada desde o marxismo e o pensamento nacional, em determinadas situações recuava para uma aproximação ao discurso oficial, aqui voltando a postulação original peronista dos capitais não terem benevolência ou serem execráveis, colocando que o tema da radicação de capitais estrangeiros dependia fundamentalmente da resultante final do processo, podendo ser positivos desde que não atravancassem a soberania nacional:

> La verdad es que los capitales no son ni buenos ni malos. Son sencilla y llanamente 'capital', vale decir, un elemento de la producción, necesario para que la riqueza colectiva rebase el ámbito de lo potencial para asumir formas tangibles y comprobables.
>
> El problema, pues, no reside en el capital en sí, sino en los intereses que exige para radicarse. Sí este interés es meramente económico, la cuestión se reduce al análisis de la tasa exigida. Si el interés es político, el capital que lo exige deja de ser un instrumento de trabajo y del desarrollo económico del país que lo acepta para transformarse en un vehículo de penetración que niega la independencia y la soberanía nacional y, por ende, los derechos económicos de la ciudadania y del trabajo.
>
> El peligo o la ventaja, pues, de la radicalización de capitales extranjeros en América está en el interés que exigen. Si es un interés económico, su aceptación o rechazo debe fundarse en el análisis de las ventajas o desventajas económicas que devienen de su radicación. Si es un interés político, el rechazarlo es no sólo

391 FUCHS, Jaime, "El Petroleo e YPF Corren Peligro", In: Nueva Era, nº1, Ano V, setembro de 1953, pp.11-15.

> mantener la independencia y la soberanía nacional, sino librar de hipotecas ilevantables el porvenir de la nacionalidad.[392]

Como demonstra Basualdo, o capital das 50 maiores empresas argentinas durante o período do primeiro peronismo era 46,9% composto por capitais estrangeiros, 29% pela agricultura diversificada, e somente 24,2% pela burguesia nacional[393]. O Peronismo original teve como uma das suas características trazer para seu projeto nacional, a burguesia oriunda do processo industrializante iniciado em 1935 e o disciplinamento dos setores agrícolas, começou a perder sua razão histórica de existir, com a profunda penetração de capital estrangeiro, e a tendência decrescente da taxa de lucro das empresas que não se associavam com o capital imperialista, sendo necessário para os setores que compunham a classe dominante e o imperialismo a substituição por um governo mais adequado a desempenhar a nova composição econômica dessa outra fase de acumulação do capitalismo dependente argentino.

Cooke anos depois, quando analisava e propunha os termos em que deveriam ser superados o Golpe autointitulado *Revolución Argentina* (1966), afirmaria que o programa do primeiro peronismo seria anacronicamente inapropriado de ser replicado na nova conjuntura de desenvolvimento capitalista que se abriu na Argentina posteriormente à 1955: "*Nosotros no consideramos que el programa del período de 1945-1955 sea el que corresponda aplicar ahrora. Perón tampoco lo cree, y ha expressado, terminantemente que tendríamos que ir mucho allá en la profundidad y amplitud de las transformaciones*"[394], e em outro trecho apontava que a crise econômica foi o fator que conduziu a burguesia interna a formar as fileiras do golpismo antiperonista e antipopular: "*al desaparecer las condiciones en que el ingreso nacional cresciente permitía el enriquecimento empresario y el mejoramiento de la vida de los trabajadores, la burguesía se pasó masivamente al frente antiperonista; la política del Estado impedía buscar fuentes extranjeras de financiamiento a la expansión. Algunas medidas oficiales que pueden*

392 DE FRENTE, "Los convenios colectivos", Ano I, nº1, 11 de março de 1954, p.7.
393 BASUALDO, Eduardo, Op.Cit (2004), p.36.
394 COOKE, John William, "Peronismo y Revolución: El Peronismo y el golpe de estado. Informe a las bases", Buenos Aires: Granica, 1973, p.62.

considerarse orientadas en tal sentido no pasaron de actos aislados, insuficientes, desganados; un vuelco hacia tal línea de acción contrariaba las tendencias, las ideas y la razón histórica del peronismo"[395]. Basualdo nos fornece uma importante síntese da correlação dos setores dominantes perante a crise durante o segundo governo Perón:

> En términos estructurales, al final del peronismo queda fortalecida, pero trunca la industrialización como eje del proceso económico con tres fracciones que se disputarán la conducción del proceso económico, social y político: el capital extranjero, predominante a nivel estructural; la oligarquía diversificada, ya como conducción de la oligarquía en su conjunto que establecerá alianzas o distancias con el capital extranjero; la burguesía nacional que oscilara entre la subordinación a los sectores dominantes y la alianza con los trabajadores que intentan encontrar un lugar en el mundo.[396]

Para haver um golpe de Estado é necessário a existência condições objetivas, além do preparo de conspiração, da articulação silenciosa dos tempos frios: uma crise econômica é o ideal, seja provocada pela conjuntura ou criada artificialmente pela sabotagem de setores econômicos, ou da combinação entre ambos. É quando o governo começa a demonstrar suas vacilações e concessões consecutivas que se afirma o ponto maduro para desencadear a derrubada do alvo já cambaleante.

Podemos compreender que a elevação do pensamento de Cooke na necessidade de avançar o conteúdo do reformismo político para a revolução social, oriunda em boa parte de suas reflexões sobre os fracassos, contradições e limitações dos processos ocorridos no Brasil, Bolívia e Guatemala entre o fim da II Guerra e meados dos anos 1950, completada posteriormente com o golpe de 1955 na Argentina, que concretizou apontamentos trazidos de sua análise global latino-americana da conjuntura[397]. A Revolução Cubana de 1959, também resulta em parte dessa mesma

395 Idem, p.67.
396 BASUALDO, Eduardo, Op.Cit (2004), p.38.
397 De acordo com Gramsci "prever significa apenas ver bem o presente e o passado como movimento: ver bem, isto é, identificar com exatidão os elementos fundamentais e permanentes do processo." GRAMSCI, Apud: LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquele (Orgs.) Op Cit (2017), p.649.

reflexão crítica, assim como do balanço histórico das experiências revolucionárias desde Céspedes, Agramonte, Maceo e Gómez, centralmente fundamentada na guerra de independência liderada por Martí e na intromissão norte-americana através da guerra contra a Espanha, assim como nas rebeliões juvenis da época de Julio Antonio Mella, e o fracasso parcial da tentativa de assalto ao poder em 1953. Fidel Castro havia participado do *Bogotazo* de 1948 e testemunhado assassinado de Gaitán, Ernesto Guevara esteve na Guatemala de Arbenz, Cooke não esteve na América Central no período ou mesmo na Bolívia ou Brasil, porém acompanhou com profunda atenção aqueles acontecimentos, tendo plena noção de que eram inseparáveis do plano político interno argentino.

A proposta socialista de Cooke pouco tem de reflexo da tomada de poder pelos guerrilheiros de Sierra Maestra. A Revolução Cubana, nos parece mais uma confirmação de suas teses, que vão aparecer a partir de 1955: o retorno do Peronismo e de Perón ao poder pela insurreição revolucionária e da transformação do processo democrático burguês-popular do primeiro peronismo para a liberação nacional inseparável da transição socialista (*desde que la liberación nacional es indivisible de la revolución social, no hay nacionalismo burgués*[398]). Desse modo, a Revolução Cubana seria uma confirmação de sua proposta política e não um elemento que bagunça e causa ruptura em seu pensamento multilinear.

3.2 – Cooke frente ao massacre de junho e o Golpe de setembro de 1955

> El 17 de octubre fue un hecho de masas, el 16 y 21 de septiembre de 1955, las masas se enteraran por el radio de que habían perdido una guerra sin llegar a pelear en ella. (John William Cooke, "Peronismo y Revolución")[399]

Naquele junho de 1955, os cinemas portenhos exibiam filmes como *Sucedió en Buenos Aires* com a magistral música do então jovem Astor Piazzola, *Motín Sangriento*, *En Carne Viva*, e

398 COOKE, John William, "Peronismo y Revolución: El Peronismo y el golpe de estado. Informe a las bases", Buenos Aires: Granica, 1973, p.75.
399 Idem, p.67.

La ciudad siniestra[400], sugestivos títulos que poderiam servir para estampar manchetes de qualquer jornal de massas para os eventos ocorridos na Plaza de Mayo no 16 de junho daquele ano.

Com poucos antecedentes fora de uma guerra civil ou convencional[401], os bombardeios perpetrados pelas Forças Armadas em movimento golpista objetivando matar Perón, e que trucidaram entre 300 e 400 civis, serviram não somente de prelúdio, mas como tomo completo do compêndio do terror de Estado na Argentina, onde a última ditadura genocida empresarial-militar (1976-1983) funestamente não obteve o monopólio histórico da chacina sobre a população trabalhadora em luta.

Os antecedentes criminais das classes dominantes na violência estatal e paraestatal se remetem aos massacres de *gauchos* nas inúmeras guerras civis durante o período de formação do Estado Argentino (1810-1880)[402], nos genocídios indígenas ao sul do território intitulado de "Campanha ao Deserto", no extermínio programático da população afro-argentina desde as insalubridades, a eugenia e o envio para o *front*, passando pelos massacres dos peões em greve na Patagônia, os processos de deportações, prisões e torturas sobre trabalhadores e trabalhadoras que atingiram seu apogeu durante a imolação da Semana Trágica (1919), onde se realizou o primeiro *pogrom* da América Latina. Além de inovações da guerra contra o proletariado que foram se sofisticando com a *picana elétrica* criada pelo policial Leopoldo Lugones (filho do célebre poeta fascista e ex-socialista de mesmo nome), armas do terror que foram utilizadas mesmo durante governos democráticos burgueses como de Yrigoyen e durante a ditadura militar antiliberal e

400 VER: OLGO OCHOA, Pedro, "Años de furia y esperanza", Buenos Aires: Corregidor, 1988, p.58.
401 Elsa Portugheis no texto e pesquisa que assina como organizadora sobre os bombardeios de 16 de junho de 1955 para a Secretária de Direitos Humanos da Argentina, e no qual aqui usamos como referência para o episódio situa como antecedentes internacionais: "la Luftwaffe nazi sobre la villa de Guernica, capital espiritual de los vascos, en abril de 1937. Otro antecedente data de apenas un año antes, cuando aviones procedentes de Honduras y Nicaragua descargaron bombas sobre la capital y otras ciudades de Guatemala; fueron las acciones que culminaron con el derrocamiento — auspiciado por la CIA— del presidente Jacobo Arbenz. Es decir, una matanza de compatriotas." PORTUGHEIS, Elsa Rosa (org.), "Bombardeo del 16 de junio de 1955", Buenos Aires: Ministério de Justicia y Derechos Humanos de la Nación. Secretária de Derechos Humanos. Archivo Nacional de la Memoria, 2015, p.31.
402 Compreendemos que o período de formação do Estado Argentino até a sua consolidação se inicia na Revolución de Mayo de 1810, onde se inaugura o primeiro governo autóctone no Vice-Reinado da Prata e se completa com a inauguração da ordem conservadora em 1880 com a presidência da Julio Argentino Roca, o início do processo de imigração europeia massiva, a incorporação da Patagônia no território nacional e o sufocamento das últimas rebeldias caudilhas federais com a aniquilação das montoneras de López Jordan na província de Entre Ríos em 1876.

antioligárquica da *Revolución del 43*, para esmagar as lideranças e referências organizativas do povo, cujo fluxo gerado se processa na acumulação ampliada, na fartura de mais-valia repartida entre os algozes internos e os imperialismos que cooperam entre si de forma antagônica[403].

A dialética da história conecta todo esse processo de longa duração que não se encerra pelas mudanças quantitativas, quando a qualidade da estrutura não é superada, demonstrando com o neoliberalismo que o terror de Estado, não desaparece mais ganha novas formas mais sutis, que entretanto, geram tantos cadáveres quanto sua forma mais aberta, que tampouco são rejeitadas de serem utilizadas como foi demonstrada nos eventos da rebelião popular de 2001[404].

---

403 O termo Cooperação Antagônica se refere ao conceito elaborado pelo marxista alemão August Thalheimer (1884-1948), um dos fundadores do Partido Comunista da Alemanha (KPD) e que influenciou diretamente Ruy Mauro Marini para a formulação do conceito de Intercâmbio Desigual. Através desse conceito Thallheimer buscou dar conta de como as potências imperialistas pós II Guerra se fundiram no campo da política externa sob a hegemonia norte-americana, ainda que mantendo contradições no interior do bloco ocidental, decorrente de seus interesses domésticos imperialistas. Entretanto nessa contradição de associação entre as potências que saíram prejudicadas economicamente pela II Guerra (França, Grã-Bretanha) ou derrotadas militarmente (Alemanha e Japão) e os EUA hegemônico no mundo capitalista, se conformou uma cooperação antagônica que impede a realização de novas guerras de tipo intra-imperialistas. Diz Thalheimer: "O fim da II Guerra Mundial simplifica extremamente a constelação política mundial e, com isso, a exacerba. A divisão profunda no campo imperialista desapareceu com a vitória completa dos aliados (...) Os imperialistas derrotados na II Guerra Mundial foram empurrados pelos imperialistas vencedores para o submundo dos povos coloniais ou semicoloniais, que não são os sujeitos, mas sim, os objetos da política imperialista (…) Este é um quadro peculiar. Nele, os Estados Unidos são, de fato, militar, econômica e, em última instância, politicamente, os líderes, mas não decidem sozinhos. Ocorre um tipo de interpenetração dos interesses e territórios de dominação imperialistas de ambas as partes. É, igualmente, cooperação e concorrência, predominando a cooperação. Seria possível utilizar para isso a expressão da psicologia denominada "cooperação antagônica". Cooperação principalmente contra a supressão do domínio colonial e da exploração e contra o setor socialista; concorrência na partilha da exploração dos territórios coloniais. Ambas, essa cooperação e essa concorrência, adquirem formas peculiares. Na repressão aos levantes coloniais e na opressão aos povos coloniais, a América forma o pano de fundo passivo, invisível, virtuoso, até mesmo 'idealista' (…) Por outro lado, a concorrência é limitada pelo objetivo conjunto. Em consequência da supremacia americana, ela não pode se aguçar a ponto de levar à guerra. Assim, surge uma forma mista, nova e original do imperialismo anglo-americano, uma associação imperialista que tem que ser vista como um todo e que é feita para ter longa duração. Por isso, seria falso olhar hoje o imperialismo inglês e o americano de uma forma isolada e contrapor um ao outro. No interior deles ocorrerão alterações de poder (em benefício da América) e, com isso, também mudanças de forma. Mas esse bloco ou união, ou o nome que se queira dar, é feito para durar, por causa das relações de poder entre seus participantes – tudo isso, naturalmente, sob o pressuposto de que a Inglaterra permaneça no campo capitalista e enquanto ela permanecer. Porém, esse bloco anglo-saxão imperialista assegura, por meio de sua supremacia conjunta, a paz entre os estados imperialistas de segunda ordem e cria relações de parceria imperialista semelhantes: entre a Inglaterra e a França, entre a Inglaterra e a Holanda, entre a Inglaterra e a Bélgica, antes de tudo pela relativa supremacia naval inglesa sobre os outros estados." Ver: THALHEIMER, August, "Linhas e Conceitos Básicos da Política Internacional Após II Guerra" (1946), disponível em: http://centrovictormeyer.org.br//wp-content/uploads/2010/04/Linhas-e-conceitos-basicos-da-politica-intern.-apos-a-II-guerra.pdf, acesso em: 25/01/2021.

404 O Argentinazo foi uma rebelião popular ocorrida entre 18 e 20 de dezembro de 2001 decorrente do aprofundamento da crise provocada pelas políticas neoliberais iniciadas pela Ditadura Empresarial Militar de 1976-1983, continuadas pelo governo radical de Raúl Alfonsín (1983-1989) e aprofundadas pelos governos do justicialista Carlos Saúl Meném (1989-1999) e pelo também radical Fernando de la Rúa (1999-2001). Os massivos protestos, greves gerais, cujo o estopim foi o impedimento de saques em dinheiro vivo nos bancos e a crise de superendividamento externo, culminou em atos que derrubaram o presidente De la Rúa sobre os gritos de que "¡Que se vayan todos!" e deixou 39 mortos, sendo sete deles adolescentes entre 13 e 18 anos. Ver: "Memória del Saqueo", Direção de Fernando Solanas: Argentina 2004, 120 min.

No tópico anterior, passamos de forma breve por alguns elementos determinantes que colocaram o Peronismo em crise política durante do seu segundo mandato. Elementos de caráter exógenos como a crise do capital e da queda vertiginosa do preço global *commodities*, além do cenário de investida imperialista contra os governos nacionalistas na América Latina para abrir um novo eixo de acumulação mais adequado as exigências do capital estadunidense após o estabelecimento de sua hegemonia global. Fatores endógenos como a carência de divisas que esgotaram o modelo de substituições de importações iniciados ainda na Década Infame e desenvolvidas com mais intensidade a partir da gestão Pinedo no Ministério da Fazenda (1940-1941), acrescentado de seus aspectos redistributivos que criaram um importante mercado interno consumidor com Perón, somado aos fatores externos e internos os elementos aleatórios como o falecimento precoce de Eva Perón em 1952, onde o movimento peronista perdia sua máxima referência ao nível da mobilização popular e de constrangimento dos setores burocráticos.

Três níveis de fatores determinantes (endógenos, exógenos e aleatórios) que se imbricam mutuamente dentro de uma totalidade que exige uma alteração qualitativa na situação existente, seja de caráter progressivo ou reacionário, quer dizer, o complexo impasse conjuntural criado pelos múltiplos fatores não permitia que o Peronismo continuasse existindo como governo dentro dos marcos que foi inaugurado em 1945 sem uma elevação de seu *status* policlassista para a radicalização anti-imperialista que ampliasse a democracia popular direta sacrificando os setores contraditórios da coalização. Setores esses que por si mesmo foram abandonando sua participação na “Comunidade Organizada”, como a chamada “burguesia nacional” que não encontrava mais razão de se manter dentro do bloco policlassista com a tendência decrescente de sua taxa de lucro. A crise estabeleceu uma contradição mortal de ruptura na dialética da revolução e contrarrevolução, não cabendo espaço para vacilações e concessões ao inimigo.

Para além das intromissões do imperialismo estadunidense com Spruille Braden e eventos como a *Marcha de la Constitución y Libertad* na conjuntura eleitoral de 1945/46, além dos

embargos econômicos e encurralamentos diplomáticos/geopolíticos durante o primeiro governo de Perón, compreendemos que a partir da mudança de situação concreta/estrutural a partir de 1950, foram gerando ensaios golpistas que acumulavam condições para a derrubada de Perón. Ensaios esses que se iniciaram em setembro de 1951 com a tentativa de *putsch* comandada pelo General Benjamín Menéndez, junto com Orlando Ramón Agosti, futuro membro da genocida Junta Militar (1976-1983) e Arturo Rawson (ex-presidente provisório depois do golpe de 1943 e artífice da prisão de Perón em 1945), que se somavam a outras manifestações de caráter terrorista e golpista ao longo dos anos de 1952, 1953 e 1954 até chegar as condições objetivas que geraram a operação dos bombardeios de junho de 1955 e a renúncia de Perón em setembro do mesmo ano, dentro dos marcos da incapacidade de esboçar reação que pudesse dar combate a altura a ofensiva reacionária, o que veremos mais adiante.

Em 1951 surgiram os Comandos Civis como trágicos simulacros que remetiam à Liga Patriótica da época de Yrigoyen, uma das primeiras organizações de tipo fascista da América Latina. Os Comandos Civis agiam contra o segundo governo da história Argentina com forte apoio popular desde a unificação do país e consolidação do Estado moderno que conhecemos atualmente (1861). Tal como a Liga Patriótica, os Comandos Civis seriam o eixo central de mobilização da pequena-burguesia e de parte da juventude burguesa e força de choque parapolicial que respaldava as ações golpistas. Compunham os Comandos Civis principalmente estudantes universitários sediados na *Universidad Nacional de Córdoba* e na *Federación Universitária de Buenos Aires*, que desde sua leitura pequeno-burguesa combatiam o Peronismo contra o autoritarismo no ataque à autonomia universitária conquista da Reforma de 1918. Se somavam militantes católicos representados principalmente pela organização tradicionalmente reacionária *Acción Católica Argentina*, militantes radicalistas de diversas vertentes, militantes do Partido Socialista, do Partido Demócrata Progresista, membros da maçonaria (como da Logia Lautaro 167 - GOFA: Gran Oriente Federal Argentino), além da *Legión Cívica Argentina* e da *Movimiento Nacionalista Restaurador*

(agrupamentos políticos de tipo fascista)[405], que se aglutinavam nos Comandos Civis desde estratégias difusas que convergiam na necessidade de derrubar Perón: indo desde visões liberais, passando pela defesa de uma "argentinidade" tradicional e chegando ao repúdio pela inserção social e política popular promovida pelo Peronismo, simbolizadas nas imagens de Evita e Perón.

Somente durante o segundo mandato de Perón e com os três níveis de fatores (endógenos, exógenos e aleatórios) pode ser desempenhar um movimento contraofensivo abrangente e diferente do que foi realizado durante o primeiro governo Perón, onde a oposição teve que ficar acuada no campo institucional perante o sucesso político, econômico, social e cultural do governo.

Alterada as condições com a crise econômica, a oposição passaria a se organizar de forma mais sofisticada e eficiente em três níveis: a oposição dos partidos tradicionais (incluindo o Partido Socialista e em alguns momentos o PCA), nível liderado pela UCR; Um segundo nível de alianças civis, militares e religiosas, no qual os Comandos Civis eram o carro-chefe; e por último, um nível responsável por ações clandestinas, realizando sabotagens e atos terroristas, organizados a partir de grupos internos das Forças Armadas[406]. De modo, que podemos entender em linguagem gramsciana que a oposição golpista passava a organizar suas ações em três níveis de guerra: de posição no primeiro nível, de movimento no segundo, e por último, de guerra subterrânea, que se combinavam e articulavam mutuamente[407].

Na virada dos anos 1950, além da "burguesia nacional", outro elemento primordial da coalização que permitiu Perón ascender a presidência se fraturava da coalização: a Igreja Católica esperava com o Peronismo contornar o ensino laico consolidado desde o tempo da presidência de Faustino Sarmiento e assim assumir o monopólio ideológico do Estado. De fato, Perón retomou o ensino religioso no ensino público (1947), que contou com voto favorável de Cooke (num cálculo

405 PORTUGHEIS, Elsa Rosa (org.), Op.Cit (2015), pp.44-45.
406 Idem, (2015), p.37.
407 Ademais Gramsci situa que a luta política é muito mais complexa que a luta militar: "Num certo sentido, pode ser comparada às guerras coloniais ou às velhas guerras de conquista quando o exército vitorioso ocupa ou se propõe ocupar estavelmente todo ou uma parte do terreno conquistado. O exército vencido é então desarmado e disperso, mas continua no terreno político e no da 'preparação militar' ", GRAMSCI, Antonio, "Obras Escolhidas", São Paulo: Martins Fontes, 1978, p.207.

que reconsiderou equivocado posteriormente) e cedeu postos de Estado a dirigentes eclesiásticos. Entretanto, no decorrer do processo a Igreja se viu frustrada com determinadas orientações práticas do governo peronista, como a substituição das antigas Sociedades de Beneficencia (instituídas pelo liberal/unitário Rivadavia nos anos 1820) substituídas pela Fundación Eva Perón em 1948 que substituiu a "caridade" pelo termo "justiça social", onde na prática a Fundação funcionava como fomentadora de ajudas emergenciais ao mesmo tempo que identificava problemas sociais e mobilizava trabalhadores e Estado para resolver tais questões cadentes para além da filantropia, como a construção de casas, programas sociais, culturais e esportivos, além de fornecer assistência para mulheres que sofriam de violência doméstica, e etc.

Segundo Elsa Portugheis a Igreja esperava que com o golpe de 1943 poderia se inaugurar um Estado confessional semelhante ao franquismo na Espanha, enquanto na prática o culto religioso fundamentalista deu lugar ao culto à personalidade de Perón e Evita que simbolizavam em suas imagens a síntese das conquistas sociais, principalmente após a morte de Evita, quando na prática se converteu em santa popular e declarada líder espiritual do país[408]. Em 1958, no exílio político no Uruguai junto com sua companheira Alicia Eguren, Cooke responderia uma sabatina promovida pelo jornalista Osoris Troiani para a revista *Mayoría*, onde comentava sua posição sobre o culto a personalidade promovido à Peron, colocando a questão dentro dos termos da tradição caudilha nacional e latino-americana, onde o caudilhismo se situa não como expressão pejorativa, populista, demagoga como coloca o liberalismo, mas como expressão original do exercício de soberania e representação política popular sintetizada em suas lideranças.

> (…) No es la primera vez em nuestro país, ni lo en América Latina, que toda corriente histórica se polariza en un hombre, síntesis de los anhelos populares (…) No es una recua de esclavos que sigue a un capataz, sino una multitud de hombres que, con plena conciencia de su valor como seres libres, adhieren fervorosamente a un conductor que los interpreta (…) La veneración del pueblo era justificada y

408 PORTUGHEIS, Elsa Rosa (org.), Op.Cit (2015), pp.56-60.

> legítima. Es ahora más fuerte que antes. Siempre existen lo que, a falta de méritos, exhiben su obsecuencia palaciega como medio de escalar posiciones o mantenerse en ellas. Así fue siempre. Pero personas como el general Perón y Eva Perón se dan excepcionalmente; en cambio. Adulones nunca faltan.[409]

Com medidas como reconhecimento de direitos iguais a filhos concebidos fora do matrimônio, a lei de profilixia que controlava sanitariamente os prostíbulos do país, a lei do divórcio e o projeto de lei de separação entre Estado e Igreja, esse último toma sua investida golpista aberta com a criação do Partido Demócrata Cristiano, instrumento contrainsurgente criado originalmente em Itália e Alemanha no pós-guerra com o objetivo de deter o avanço eleitoral dos PC's e contornar as situações eleitorais favoráveis a esquerda através da guerra psicológica. A ruptura entre Estado e Igreja estava em processo, já a ruptura entre Peronismo e Igreja estava selada: "*El 17 de diciembre de 1954, el diario La Prensa de Lima publicó: 'La legisladora Elvira Rodríguez Leonardi de Rosales, senadora por Córdoba fue expulsada esta mañana por el bloque único de legisladores peronistas del Senado, por no haber votado a favor del divorcio*'"[410].

O primeiro ensaio geral golpista eclodiu em 28 de setembro de 1951, se sublevando militares do Campo de Mayo e de Punta Indio, objetivando atentar contra vida de Perón que se encontrava junto com os generais Humberto Sosa Molina (Ministro da Defesa) e Franklin Lucero (Ministro da Exército) em uma cerimônia na Escuela de Suboficiales no Campo de Mayo, somado a uma rebelião na base área de El Palomar, assaltada pelos brigadeiros Samuel Guaycochea e Guillermo Zinny. Em seu preparativo, o general Menéndez havia se reunido em segredo no dia 30 de junho com os líderes *radicales* Arturo Frondizi, Silvano Santander, Mauricio Yadarola e Américo Ghioldi, chefe do Partido Socialista, os prometendo passar o poder após efetivado o golpe e anular a constituição de 1949.

409 COOKE, John William, "Cuerpo a Cuerpo con John William Cooke", In: Obras Completas, Tomo IV, Op.Cit (2016), pp.97-98.
410 PORTUGHEIS, Elsa Rosa (org.), Op.Cit (2015), p.63.

Entretanto, já naquele momento havia divergências entre os setores que desejavam promover a desperonização do Estado. Menéndez advogava que todos os direitos redigidos desde 1943 deveriam ser revogados, enquanto o General Lonardi que após o golpe de 1955 seria presidente de fato por menos de dois meses, defendia que a legislação laboral deveria ser mantida, desde que os sindicatos se afastassem da política. Menéndez tomou a direção da Intentona em 1951, quando Lonardi ficou sem comando de tropa ao demonstrar publicamente seu repúdio ao governo, com a retirada dos retratos de Perón e Evita do casino de oficiais, acabou criando um efeito reverso ao simbolismo imaginava criar na corporação. Ademais, o General Aramburu, outro preparador da conspiração, se encontrava em missões profissionais fora do país.[411]

Em de 29 de setembro de 1951, o jornal conservador brasileiro *A Manhã*, trazia a manchete "*Sufocada a Revolução na Argentina*", com fontes da *United Press* (que como vimos no tópico anterior o Departamento de Estado estadunidense impulsionava a campanha midiática regional contra o governo de Perón). O jornal estampava palavras de Perón após o fracasso "*O movimento foi dominando ao que anunciou a emissora oficial 'Radio Argentina'. Perón proclamou o 'estado de guerra' para todo país e decretou o 'fuzilamento imediato' de qualquer militar que se rebele contra as autoridades constituídas*"[412].

Menéndez foi preso, porém as ordens de fuzilamento não foram cumpridas, dois aviões golpistas foram abatidos pelas forças legalistas (que não significa que atuaram por convicção política), a *Alianza Libertadora Nacionalista*, agrupamento católico peronista de direita, do qual a jovem poetisa e filósofa Alicia Eguren fazia parte na época conclamava ao enfrentamento nas ruas: "*os nacionalistas morrem para que a pátria viva*"[413]. Enquanto a CGT decretou greve geral e mobilização permanente contra o golpe e o PCA passou a advogar da construção Frente Populares Antifascistas na conjuntura do breve acercamento ao Peronismo citado anteriormente e da condenação da tentativa de golpe. Enquanto, outros chefes militares da Intentona se direcionavam

411 Idem, pp.66-67.
412 A MANHÃ, 29 de setembro de 1951, p.1
413 Idem.

ao Uruguai como o Brigadeiro Zinny, o major brigadeiro Samuel Guaycochea, o comandante Arnaldo Migliore, o comandante Julio Costa e outros 70 homens, que na outra banda do Rio da Prata continuariam a conspirar.

A Intentona foi sufocada, sem possuir maiores adesões militares para se levantar, ainda que viessem conquistando um respaldo cada vez maior entre oficiais favoráveis a deposição de Perón, grande parte deles temiam retaliações caso sufocada a rebelião. Enquanto, entre os praças a maioria era identificada como classe trabalhadora e se mantinha fiel ao Presidente.

Foi nesse contexto que Eva Perón advogou da criação de milícias operárias para enfrentar qualquer tipo de ingerência e sublevação golpista, no qual o único ato solitário nessa direção foi o do governador chaqueño Felipe Gallardo, que também desenvolveu outra proposta que desejava Evita a quem tinha proximidade: a reforma agrária na província do Chaco, incluindo a expropriação da Bunge & Born. Gallardo depois do golpe de 1955 passaria anos encarcerado. Em 3 de fevereiro de 1952, messes antes da morte da primeira-dama peronista, ocorreu uma nova tentativa de magnicídio contra Perón, em uma sublevação comandada pelo coronel José Francisco Suárez, que planejava assaltar a casa presidencial e assassinar o casal Perón, porém foi interceptado antes pela inteligência do governo, sendo os conspiradores conduzidos ao cárcere[414].

Em 15 de abril de 1953 foi perpetrado um atentado terrorista de importante magnitude, enquanto ocorria na Plaza de Mayo um ato organizado pela CGT com a presença de Perón. 3 bombas foram implantadas ao redor da praça: uma no Hotel Mayo, que estava vazio no momento e não resultou em mortos, nem feridos; um segundo artefato que explodiu na estação de metrô da Plaza de Mayo, que mesmo fechada atingiu fatalmente 5 pessoas (incluindo uma idosa), deixando 95 feridos, 19 deles com grandes mutilações físicas; e uma terceira bomba não chegou a ser detonada. Dias após faleceria uma sexta vítima que se encontrava hospitalizada.[415]

414 PORTUGHEIS, Elsa Rosa (org.), Op.Cit (2015), pp.71-72.
415 Idem, p.72.

A investigação dos atos terroristas de 1953 encarregadas pelo inspetor general Miguel Gamboa da Polícia Federal identificaram como autor intelectual dos atos o engenheiro Roque Guillermo Carranza, que três décadas mais tarde se converteria em Ministro de Obras e Serviços Públicos e depois Ministro da Defesa do governo do radical Raúl Alfonsín (1983-1989), e ironicamente Carranza daria nome a uma estação de metrô em Buenos Aires. Carranza era um jovem radical unionista e fazia parte dos Comandos Civis, que tiveram envolvimento direto na preparação e realização dos atos, a maioria dos demais identificados com os atos também possuíam vínculos com o radicalismo, além de membros do Partido Demócrata Progresista como Carlos Alberto González Dogliotti e Rafael Douek.

O clima golpista após diversos ensaios fracassados desde 1951, atingiria sua maturidade durante a procissão de Corpus Christi em 11 de junho de 1955, que propositalmente foi transferida da quinta-feira (9) para o sábado, objetivando reuni um público maior, ao término da marcha na Praça do Congresso, o estopim eclodiria: uma bandeira argentina alçada entre a multidão era queimada e em seu lugar subia uma do Vaticano. O dia 16 de junho, no qual ocorreu o massacre, haveria um ato de desagravo da bandeira, organizado pelo Ministro da Aeronáutica Brigadeiro Major Juan Ignacio de San Martín.

Toranzo Calderón, Contra-almirante de Infantaria da Marinha fixou a data do levante golpista dois antes de ser realizado, a atividade teria que ser planejada e colocada em prática com rapidez, considerando o momento do ato de desagravo o ideal, visto a desmobilização dos legalistas dentro dos quarteis. Ademais, o Servicio de Informaciones de la Aeronáutica (SIA) monitorava as atividades de suspeitos de atividades golpistas. A seguir se selava os condutores do processo assim que efetivado o *putsch*.

> Luego de conseguir que el general Justo León Bengoa, jefe de la III Brigada con asiento en Paraná aceptara ponerse al frente del movimiento, Toranzo Calderón se reunió —brevemente, en un automóvil en marcha— con dos políticos opositores: Miguel Ángel Zavala Ortiz (radical unionista) y Adolfo Vicchi (conservador

> mendocino). Ambos habían aceptado conformar una junta de gobierno, junto con dos militares, un representante de la Fuerza Aérea rebelde y el socialista Américo Ghioldi, que estaba exiliado en Montevideo. Esa junta se proponía reemplazar al presidente Juan Domingo Perón tan pronto fuera muerto o depuesto. [416]

A ordem era bombardear a casa de governo com aviões da Marinha e da Força Área e matar a Perón. Depois do bombardeio Comandos Civis junto com infantes da Marinha assaltariam a sede do governo para capturar Perón vivo ou morto, tomariam estações de rádio e bloqueariam todos as vias de entrada e saída ao redor da Plaza de Mayo. Os Comandos Civis chagaram a assaltar a Rádio Mitre e emitir um comunicado, porém foram pouco efetivos naquele 16 de junho, ao contrário dos eventos do setembro posterior, onde teriam grande protagonismo. O plano golpista fracassou em diversos pontos: o exército do Litoral não se levantou como esperado, a ponte área entre Córdoba e Buenos Aires, através das escolas de aviação e artilharia não foram criadas, assim como o bloqueio do Rio da Prata que deveria ser feito a partir de Puerto Belgrano e o levante de unidades da Infantaria da Marinha e da aviação naval na base de Punta Índio também não foram concretizados, com isso os bombardeios que eram para ter início às 10h da manhã, somente se iniciaram depois do meio dia, e frustraram as ações dos Comandos Civis que ficaram sem orientação[417].

Perón foi alertado um dia antes do bombardeio pelo Ministro do Exército General Franklin Lucero (que pertencia ao Partido Peronista) sob estranhas movimentações no interior das Forças Armadas sendo aconselhado na manhã seguinte a se deslocar da Casa Rosada para o Ministério do Exército, e cerca das 8 da manhã, Albert Nuffer[418], embaixador dos EUA, também ingressou na

416 Idem, p.28.
417 Idem, pp.30-31.
418 A atitude do embaixador Albert Nufer estava condicionada a um estratagema da diplomacia estadunidense para com a Argentina durante o governo de Eisenhower que buscava desarmar o antiamericanismo das bases peronistas, almejando se desvincular publicamente dos ocorridos internos da política argentina, ainda que estivesse em cooperação direta com diversos setores da articulação golpista: “El 23 de junio de 1952, en una reunión en el Departamento de Estado se le informó al nuevo embajador en la Argentina, Albert Nufer, los cambios de política aceptados en octubre del año anterior. Estos no significaban la vuelta a la coerción previa a 1947, pero no eran intrascendentes. Se debía continuar con una política ‘correcta’ hacia la Argentina, pero debían aprovecharse las ocasiones para neutralizar la propaganda antinorteamericana de dicho país, y moderar “la penetración política argentina” en América latina. Se debía asimismo tratar de llamar la atención de los demás países latinoamericanos respecto del peligro representado por la Argentina y alentarlos a tomar medidas para evitar la penetración argentina. Dentro de la Argentina no habría actividades encubiertas, pero en los otros países la propaganda en contra de la Argentina debía realizarse en forma encubierta o privada. Los motivos de mayor preocupación para el gobierno norteamericano lo constituían en ese

Casa Rosada instruindo Perón a atender a sugestão de Lucero, informando que o Ministério da Marinha estava tomado por rebeldes, assim como aviões rebeldes decolariam de Ezeiza, onde construíram um depósito de bombas clandestino no interior de uma oficina aeronáutica destinada a comunicações com a Base Antártica. Perón acatou o conselho, e salvou sua vida[419].

Somente sobre a Casa de Governo foram arremessadas 29 bombas atingindo fatalmente 12 pessoas e ferindo outras 55 que se encontravam no interior do prédio, mesmo quando àquela altura os artífices do ato terrorista tinham plena noção de que Perón não se encontrava no recinto, assumindo o caráter do bombardeio o intuito de massacrar a população civil que apoiava o presidente, bombardeando ainda a residência presidencial e vitimando um número inexato de vizinhos e civis.

Mais de 100 bombas de 9 a 14 toneladas de explosivos foram jogadas entre 12:40 e 17:40 de aviões da Armada pintadas com o símbolo CV (Cristo Vence). O número de mortos é inexato até os dias atuais, sendo aceito um número indeterminado de entre 300 a 400 pessoas falecidas. O Estado somente foi reconhecer a responsabilidade pelos crimes de 16 de junho durante a presidência de Néstor Kirchner, e posteriormente foi promulgada a lei 26.564 que indeniza as vítimas dos atentados terroristas de 16 de junho, durante o governo de Cristina Fernández de Kirchner em 2009. Também foi erguido um monumento às vítimas na Plaza de Mayo idealizada pela artista plástica Nora Patrich.

> La decisión de bombardear a una población civil desprevenida con el objetivo de aterrorizarla estableció una diferencia sustantiva con otras acciones represivas realizadas desde el Estado contra grupos de personas claramente identificados por su adscripción política. El 16 de junio de 1955 se bombardeó deliberadamente a una masa anónima con el propósito de quebrar la voluntad de lucha tanto de Perón

momento las actividades de ATLAS y los tratados de unión económica que el gobierno de Perón intentaba negociar con los países vecinos.”: In: “História General de las Relaciones Exteriores de la República Argentina” : http://www.argentina-rree.com/13/13-011.htm; acesso em: 07/03/2021. Assim provavelmente a alerta de Nufer a Perón sobre os bombardeios de 16 de junho de 1955 visava tirar qualquer suspeita de participação dos EUA no ato terrorista.

419 PERÓN, Juan Domingo, “Del poder al exilio. Cómo y quiénes me derrocaron”, Buenos Aires: Ediciones Argentinas, 1973, p. 9.

> como de sus partidarios. El bombardeo de un sitio emblemático del que los trabajadores se habían apropiado simbólicamente una década atrás, el 17 de octubre de 1945, fue un vómito de odio y desprecio clasista, un mensaje inequívoco.[420]

A sede da CGT (próxima a Plaza de Mayo) havia sido poupada da destruição, pois um suboficial da Armada se negou a realizar o ataque ordenado pelo Contra-almirante Aníbal Osvaldo Olivieri somado ao retardo de mais de duas horas para o início dos bombardeios e os Comandos Civis que já anunciavam o golpe em curso. Desse modo, foi possível que a CGT convocasse suas bases desde as primeiras horas do dia e formasse uma resistência civil que mesmo com poucas armas impediria a concretização do golpe circunstancialmente. Entre essas algumas centenas de trabalhadores e militantes dispostos a dar combates aos revoltosos estava John William Cooke em uma de suas tantas cenas cinematográficas, talvez a primeira delas, onde não gratuitamente a ampla maioria das biografias sobre Cooke enfatizam sua jornada a partir daquele 16 de junho:

> En el fragor de la lucha y cuando la infantería de Marina pretendía avanzar, parapetado detrás de la estatua de Belgrano, un hombre fusilaba hacia el bronce de Brown con una 45: Era John William Cooke. Aquél día, Cooke vació en Plaza de Mayo tres cargadores de su pistola 45 contra los marinos.[421]

Assim como durante o levante de Menéndez em 1951 Perón acabou perdoando os revoltosos, não foi ordenado o fuzilamento dos chefes militares do ato terrorista de 16 de junho de 1955 ou mesmo se realizou uma apuração da quantidade de vítimas dos bombardeios. Enquanto a multidão revoltada incendiou diversas igrejas (além do Jockey Club) que identificaram como um dos pilares da reação. Desse modo, mesmo com o fracasso do golpe de junho, as forças golpistas puderam ter o sabor de uma vitória parcial, a complacência com os opositores que recorrem a meios subterrâneos de ação sinalizam a debilidade do governo, onde a insistência da reação levaria a concretização do objetivo em questão de pouco tempo.

420 PORTUGHEIS, Elsa Rosa (org.), Op.Cit (2015), p.79.
421 GALASSO, Norberto, Op.Cit (2007), p.44.

Se a queima de igrejas demonstrava a revolta popular espontânea, a direita peronista se aproveitaria da situação para escrever páginas de sua história criminal, onde exceto pela denominação "Peronista" nada tinham a que ver com as massas populares identificadas com o projeto de inserção política e social e de soberania e autoafirmação nacional: um dia após os incidentes da Plaza de Mayo o dirigente comunista Julio Ingallinella seria torturado até a morte através de choques elétricos em ação da polícia de Rosário, quando Ingallinella dias antes havia participado de panfletagens contra o movimento golpista[422]. Além disso, sedes e locais de reunião do Partido Socialista (de fato entusiasta e envolvido com golpe) foram depredados pela *Alianza Libertadora Nacionalista* dirigida por Patrício Kelly[423]. Cooke posteriormente comentaria os desdobramentos do 16 de junho:

> El 16 de junio nos masacraron a la gente y sin embargo aceptamos la pacifición pedida por Perón. Nos quedamos quietos…pero no podemos permitir que se crea que los minúsculos grupos que pretenden alterar el orden representan a la opinión pública. Haremos actos para explicar la posición peronista, actos sin lujos y sin empleados, para que vayan los que quieran, los peronistas de corazón que tienen orgullo de serlo...[424]

A partir da *práxis* revolucionária Cooke recuperava protagonismo político no movimento peronista. Perón inevitavelmente observou Cooke como figura que deveria ser reincorporada a esfera dirigente de seu movimento, convidando JWC para o Ministério de Assuntos Técnicos, no qual Cooke rechaçou compreendendo que era o momento de elevação política e organizativa do Peronismo e não de tecnocracia. Optando por aceitar o cargo de Interventor do Partido Peronista na Capital Federal, Cooke trouxe para seu polo figuras fraternalmente próximas e assim como ele profundamente comprometidos com a radicalização do processo nacional até as últimas

422 TARCUS, Horácio (org), Op.Cit (2007), p.311.
423 RECALDE, Aritz, "El pensamiento de John William Cooke en las cartas a Perón, 1956-1966", disponível em: https://www.cta.org.ar/IMG/pdf/j_w_cooke.pdf; acesso em: 06/09/2020, p.88.
424 COOKE, John William, "Juventud y Revolución en el Peronismo", In: DUHALDE, Eduardo (org), " John William Cooke. Obras Completas, Tomo IV: Artículos, periodísticos, reportajes, cartas y documentos (1947-1959), Buenos Aires: Colihie, 2016, p.80.

circunstâncias anti-imperialistas como Raúl Lagomarsino e César Marcos, além de trazer o velho mestre Jauretche, todos eles retornavam ao primeiro plano político, e dessa forma ainda que não compondo o Conselho Superior do Partido Peronista, Cooke se conectava diretamente como mobilizador e organizador das unidades básicas do Partido, se convertendo na prática a partir dali em um segundo homem do movimento.

Cooke se encarregava de uma renovação partidária e organizativa no Partido Peronista, tentou na prática elevar a condição de um partido burocratizado para um partido em movimento permanente, elevando a si mesmo politicamente. Em entrevista de 19 de agosto para a revista *Cara y Ceca*, Cooke revelava seus planos de renovação partidária que durante o segundo governo Perón havia se convertido de instrumento mobilizador e disciplinador militante para mero instrumento eleitoral e eleitoreiro, a própria revista em introdução a entrevista afirmava: "*Con Cooke, el peronismo metropolitano parece haber adquirido juventud y ritmos revolucionários*"[425]. Perguntado sobre quais eram seus planos a frente do Partido Peronista na Capital, Cooke indicava a necessidade de renovar os quadros dirigentes, desde um critério não fundamentado nos cargos ocupados, mas na capacidade política e moral.

> Efectuar una amplia reorganización, de acuerdo con las directivas del Consejo Superior, sobre la base de llamar a la colaboración a todos los hombres del Movimiento, estén o no en cargos partidarios. Dentro de mi jurisdicciión, permitir que el partido esté dirigido por los hombres más capaces política y moralmente. En todos los partidos se forman, al cabo de cierto tiempo camarillas, trenzas y outras espurias de agrupación. Hay que destruir las constituidas en nuestro partido para que el libre juego democrático no se vea interferido.[426]

A depuração das *camarillas* aparece com uma necessidade para Cooke do processo político ter capacidade de resistência a contraofensiva golpista e poder superar as contradições geradas. Perón havia aberto mão da direção partidária direta, concedendo uma autonomia na vida de Partido

425 Idem, p.77.
426 Idem, p.77.

segundo as táticas formuladas pelos novos dirigentes. Cooke formulava ademais uma campanha de filiação e de renovação partidária, porém prezando pela qualidade dos que seriam incorporados, diga-se seu compromisso político e ideológico.

> Abriremos los registros para los nuevos y para que los viejos ratifiquen su afiliación. ¡No queremos a nadie que no esté aquí por sus convicciones! Hacer presión para agilizar no solo es una farsa sino un agravio a la personalidad humana. No queremos millones de inscriptos sino gente segura...[427]

Em 27 de agosto de 1955, Cooke discursava através da rádio Belgrano para uma cadeia de emissoras nacionais, sua explanação reproduzida pelo *La Prensa* (sob o domínio da CGT) rebatia os discursos pronunciados por Luciano Molinas (secretário-geral do Partido Democráta Progresista) que alegava a inexistência de democracia na Argentina. Cooke retomava a questão presente desde o início de sua atividade parlamentar em 1946 de crítica às concepções abstratas de democracia. La Prensa relatava que Cooke *"Añadió que el partido Demócrata Progresista presenta como paradigma de la democracia un programa que proclama libertades teóricas para encubrir esclavitudes reales y, que postula la igualdad jurídica que pero la destruye por medio de la libertad económica que poseen los grupos de privilegio*"[428].

Cooke retornava a uma formulação dialética entre democracia e ditadura em seu conteúdo de classe concreto, concepção essa que aparece constantemente em seu pensamento desde os primeiros momentos de reflexões políticas até seus últimos escritos, se situando num plano semelhante às formulações de Lenin em crítica a defesa democrática em absoluto e abstrata de Kautsky, onde todo Estado é necessariamente uma ditadura da classe dominante sob as classes dominadas (ditadura portanto é uma forma de Estado, não de governo) e ao mesmo tempo é uma democracia para a classe que domina, podendo ser uma ditadura aberta para as classes subalternas

427 Idem, p.80.
428 LA PRENSA, "Rebatió el Dr.Cooke la Opinión del P. Democráta Progresista", 27 de agosto de 1955, p.4.

ou democracia restrita para as mesmas (como forma de governo)[429]. Cooke indicava o conteúdo concreto da democracia que defendia e definia a democracia liberal como:

> (…) la de los pelucones y de las minorías enemigas de lo popular, de legislación perezosa, de economía controlada desde el exterior, de soberanía prefabricada en las gerencias ferroviarias, de adelanto social dosado con cuentagotas por la oligarquía, donde los hombres tienen la libertad de parecer de hambre en medio bienes de consumo, producidos por hambrientos. Esa democracia nosotros no la queremos. Pero una democracia sin comicios viciados ni bandidajes políticos: una democracia donde los delicuentes electorales no puedan romper las libretas de los votantes; una democracia donde las mujeres formen parte del cuerpo electoral, una democracia donde no haya justicia de clase, ni trabajadores explotados, ni minorías privilegiadas, ésa es la democracia que nosotros queremos. Y por haber luchado por ella y por haberla impuesto con su ejemplo y con su acción es por lo que nosotros apoyamos al presidente de la República.[430]

No 31 de agosto de 1955 ocorreria um dos últimos grandes atos políticos de Perón como presidente, antes da consagração do golpe de Estado, Cooke foi um dos principais oradores, no dia em que Perón declamou seu célebre discurso da equação "cinco para um", a cada peronista caído deveriam ser derrubados cinco golpistas:

> A la violencia le hemos de contestar con una violencia mayor. Con nuestra tolerancia exagerada nos hemos ganado el derecho de reprimirlos violentamente […] Hemos de reestablecer la tranquilidad, entre el gobierno, sus instituciones y el

429 Kautsky defendia a tese que o campo da social-democracia estava dividido em dois: os democratas (não bolcheviques) e os ditatoriais (bolcheviques). Desse modo, Kautsky não fazia uma diferenciação entre democracia proletária e democracia burguesa, e estabeleceu uma premissa fundamental da política social-democrata até os dias atuais, a defesa de uma ideia de democracia abstrata e acima das classes sociais. Tanto Marx e Engels, quanto Lenin não se utilizavam da expressão "Ditadura" como forma de governo, mas como expressão do domínio de uma classe no Estado. Esse domínio "ditatorial" pode se expressar tanto em formas de governos "democráticas", quanto "ditatoriais", porém em ambos os casos todo Estado é a expressão da "Ditadura" de uma classe, que fundamentalmente é o exercício do seu poder político sobre as demais classes em contraposição ou inimigas. Desse modo, uma democracia burguesa é uma expressão de forma de governo de uma "Ditadura Burguesa", que continua exercendo seu domínio, ainda que conceda uma participação limitada de seus oponentes. Ver: LENIN, Vladmir Ilich, "A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky", In: LENIN, Vladmir Ilich, "Obras Escolhidas em três tomos", Moscou/Lisboa: Progresso/Avante, 1977, pp.235-338.

430 LA PRENSA, "Rebatió el Dr.Cooke la Opinión del P. Democráta Progresista", 27 de agosto de 1955, p.4.

> pueblo, por la acción del gobierno, sus instituciones y el pueblo mismo. La consigna para todo peronista, esté aislado o dentro de una organización, es contestar a una acción violenta con otra más violenta. Y cuando uno de los nuestros caiga, ¡caerán cinco de los de ellos![431]

Segundo Mazzeo, era o momento em que Cooke passava a considerar que sua proposta política estava validada como hegemônica dentro do Peronismo com essa equação "cinco para um" de Perón. Cooke desde então se desenvolveria também como um teórico da violência revolucionária. De fato, Cooke nesse momento seria elevado ao número dois do movimento peronista, compreendendo que esse movimento como próprio Cooke definia (de acordo com Perón) era composto por: "*el partido Peronista masculino, el partido Peronista feminino y las fuerzas obreras, son todo indisolublemente dispuesto a pelear hasta morir, si es necesario*"[432].

Ainda que o Conselho Superior Peronista entre 1955 e outubro de 1956 fosse dirigido por Alejandro Leloir (homem de direita)[433], a dupla de Leloir com Cooke como principais figuras políticas do Peronismo naquele momento, mostrava a estratégia de Perón de unificar o movimento contra o golpismo, mesmo Cooke rechaçava qualquer tipo de divisionismo no interior do movimento na entrevista já citada para a revista *Cara y Ceca*, Cooke afirmaria que sou tendência dentro do peronismo era a tendência peronista.

> Mi tendencia es – me parece- suficientemente conocida: soy peronista. Es decir, creo que la independencia económica, la justicia social y la soberanía política son

431 PERÓN, Apud: MAZZEO, Miguel, Op.Cit (2016), p.82.
432 LA PRENSA, "Reafirmó su posición de lucha el Peronismo de la metrópoli", 31 de agosto de 1955.
433 O Conselho Superior Peronista era a instância máxima de organização do Partido Peronista, uma das três instâncias que conformavam o Movimento Peronista conduzido pelo General Perón, as outras duas eram o Partido Peronista Feminino e a CGT. Nas vésperas do golpe de 1955 compunham o Conselho Superior Peronista: Alejandro Leloir, secretário-geral; Ricardo San Millan, secretário de organização; Carlos Alberto Bocalandro, secretário de informação; José Migual Urrutia, secretária de inspeção; Faustino Picallo, secretário de disciplina; e Ramón Alborino , secretário de finanças.; "El Consejo Superior disponía que el gobierno del Partido estaría a cargo de una serie de autoridades "en orden jerárquico decreciente": a) Jefe Supremo; b) Consejo Superior; c) Consejos Provinciales; d) Consejos municipales; e) Consejos de Unidades Básicas. Los tres últimos tendrían una organización horizontal, formada por secretarios de igual jerarquía.":AELO, Oscar, "El Partido Peronista argentino: diseños organizativos y prácticas políticas (1947-1955)", In: Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, jul./dez. 2016, p.616.

> los objetivos fundamentales que inspiran la doctrina y la acción del Partido, y que el jefe es el general Perón.[434]

Apesar de Cooke não fazer parte do Conselho Superior Peronista (instância partidária), compreendemos que a partir de junho de 1955 até a derrota da greve insurrecional de janeiro de 1959 no Frigorífico Nacional Lisandro de La Torre (onde Cooke foi redator da proclamação da greve) Cooke se converteu no organizador máximo das formas de lutas das bases peronistas, o segundo violino do movimento peronista e o maestro da primeira fase da Resistência Peronista (1955-1959).

Cooke nesse momento esperava por escrever as páginas da elevação do Peronismo a um estágio superior, revolucionário, não necessariamente socialista, mas democrático popular, e acabou por escrever o prefácio do que viria a ser em poucos dias a história de 18 anos de resistência popular e revolucionária do Movimento Peronista entre proscrições, clandestinidades e o exílio do líder.

> Ya hemos demostrado que no nos asustan ni las bombas, ni los complots, ni el peligro. Nosotros ratificamos, una vez más, nuestra fe en el general Perón. Nosotros creemos en él, no en la posición adulona de los servicios que se acercan al poderoso para explotarlo, sino en la altiva posición de los hombres libres que se sacrifican aspectos de su libertad individual para beneficio de todos sus hermanos y el jefe de la causa.[435]

Perón em seu último mês de governo chamou a conciliação com todos os partidos opositores que ecoou surdo em seus adversários, tampouco tomou as medidas de preparar uma resistência que mais tarde alegou como forma de evitar um banho de sangue maior ou uma guerra civil[436]. Cooke era um dos dirigentes que se aproximava da linha deixada por Evita da formação de

434 COOKE, John William, "Juventud y Revolución en el Peronismo", In: DUHALDE, Eduardo (org), " John William Cooke. Obras Completas, Tomo IV: Artículos, periodísticos, reportajes, cartas y documentos (1947-1959), Buenos Aires: Colihie, 2016, p.78.

435 LA PRENSA, "Reafirmó su posición de lucha el Peronismo de la metrópoli", 31 de agosto de 1955.

436 No 5 de outubro posterior a consumação do golpe Perón fez a seguinte declaração à United Press: ""Estallada la revolución, el día 18 de septiembre la escuadra sublevada amenazaba con el bombardeo de la ciudad de Buenos Aires y de la balnearia de Mar del Plata. Lo primero, de una monstruosidad semejante a la masacre de la Alianza; lo segundo, la destrucción de diez años de trabajo y la pérdida de cientos de millones de dólares. Con este motivo, llamé al Ministro

milícias operárias, dois anos depois avaliaria a incapacidade de se levantar uma resistência armada naqueles últimos suspiros do governo peronista: "*Los únicos civiles armados del Peronismo eran el grupo de la Alianza* [Libertadora Nacionalista] *y doscientos veinte hombres que yo tenía en la Intervención*"[437].

Três messes depois dos bombardeios de 16 de junho, militares comandados pelo General Lonardi alçaram a derradeira ofensiva golpista, Córdoba epicentro da movimentação contrainsurgente tanto dos comandos civis, quanto militar, teve a Escola de Artilharia tomada por Lonardi. Ainda se levantaram os regimentos de Curuzú Cuatiá, a base naval de Puerto Belgrano e do Liceo Naval Almirante Brown de Río Santiago, a única resistência efetiva e debate encarniçado dentro dos quartéis se realizou em Bahía Blanca, além de enfrentamentos entre o Exército e a Aviação Naval em Sierra de la Ventana[438]. Segundo Mazzeo, naquele 16 de outubro Cooke tentou esboçar uma nova resistência como no 16 de junho sem qualquer tipo de eficácia e isolado pela falta de preparo do Movimento Peronismo para tal tarefa ao longo dos anos precedentes:

> El 16 de septiembre de 1955, Cooke estaba reunido con otros dirigentes en un local del partido en pleno centro de la ciudad de Buenos Aires. Portaba una ametralladora, pero no llegó a usarla. Su idea era que los trabajadores y las trabajadoras ocuparan las plazas y repartirles armas, crear milicias obreras, convocar a los jóvenes que habían pasado por el Servicio Militar: las cuatro clases de conscriptos dados de baja con anterioridad a 1955 que tenían una mínima experiencia militar. Perón, se opuso. Del mismo modo que se opuso, pocos años antes, a una sugerencia similar de Eva Perón, cuando se produjo el intento de golpe encabezado por el general Benjamín Menéndez.El 16 de septiembre de 1955.[439]

---

del Ejército, General Lucero, y le dije: estos bárbaros no sentirán escrúpulos en hacerlo, yo no deseo ser causa para un salvajismo semejante. (…) Las probabilidades de éxito eran absolutas, pero para ello, hubiera sido necesario prolongar la lucha, matar mucha gente y destruir lo que tanto nos costó crear. (…) Siempre evité el derramamiento de sangre por considerar este hecho como un salvajismo inútil y estéril entre hermanos. Los que llegan con sangre con sangre caen.": PERÓN, Apud: RECALDE, Aritz, Op,Cit, p.90.

437 COOKE, John William, "Correspondencia Perón-Cooke, Obras Completas, Tomo II", Buenos Aires: Colihue, 2007, p.197.

438 PORTUGHEIS, Elsa Rosa (org.), Op.Cit (2015), p.134.

439 MAZZEO, Miguel, Op.Cit (2016), p.83.

Em meio a ameaça de um novo bombardeio sob Buenos Aires e ao caos e a desordem que insistia, Perón numa atitude sensata visto o acúmulo de vacilações e a negação da preparação de um efetivo cívico-militar capaz de resistir e apresentou sua renúncia no dia 19 de setembro. No momento da ação se torna inconcebível pensar na tática.

O golpe de Estado de 1955 abriu uma nova conjuntura de lutas de classes e uma nova fase da acumulação capitalista calcada nos pilares do desenvolvimentismo, orientado principalmente a partir das formulações da CEPAL (no qual sua principal figura era Raúl Prebisch) e pela penetração de capital estrangeiro no novo processo de industrialização dependente. Essa larga conjuntura que começa com um golpe e um Estado de Exceção em 1955 e se encerra com o golpe empresarial-militar de 1976 e é marcado por outros golpes que alteram denominadores sem modificar o eixo central no qual se articula a estrutura (o desenvolvimentismo dependente): 1955, 1962, 1966, até finalmente a ruptura no modelo econômico em 1976 com experimentos neoliberais, a desindustrialização e o genocídio político programado, no contexto da grande crise capitalista mundial eclodida em 1973, com um segundo choque em 1979.

Se abriu em 1955 um período em que a força política majoritária: o Peronismo ficou proscrito por 18 anos, com determinados momentos de semi-liberdades em interstícios de democracia restrita, onde tentou-se inclusive a experiência de um Peronismo sem Perón (exilado). Entretanto, o Peronismo em seu conjunto jamais deixou de ser uma força política capaz de impor empates hegemônicos, onde o principal momento de impasse entre forças vai resultar na abertura política e eleição presidencial de Cámpora em março de 1973 e o retorno de Perón no mesmo ano.

Para Cooke o golpe de Estado autointitulado *Revolución Libertadora* o conduziria ao cárcere após se esconder durante dias na casa de seu antigo mestre José María Rosa, sendo acusado por envolvimento na queima das igrejas no 16 de junho de 1955. Na saída da prisão, Cooke não somente retornou a cena como liderança política no cargo de Interventor do Partido Peronista,

também passaria a viver um romance peculiar com a poetisa e filósofa Alicia Eguren. O destino do recém-formado casal militante foi o cárcere.

Alicia para a prisão feminina de Olmos, Cooke foi trocado de presídio em presídio, em constantes processos de humilhações e torturas psicológicas: Caseros em Buenos Aires, depois enviado para os confins do mundo em Ushuaia, a cidade mais austral da Argentina, até chegar ao cárcere de Rio Gallegos na província patagônica de Santa Cruz. Em correspondências prisionais Cooke e Eguren formaram um casal particular, clandestino e repleto de incertezas sobre os desdobramentos políticos do momento[440].

O General Aramburu que havia assumido a presidência do país em 13 novembro de 1955 conduziu a *Revolución Libertadora* a linha-dura e passou a lançar mão de fuzilamentos das lideranças peronistas que ousaram resistir ou organizar insurreições. Entre os episódios mais conhecidos esteve os fuzilamentos nos *basurales* (depósito de lixo) de José León Suaréz após o levante do General Juan José Valle (fiel a Perón), que foi tão bem documentada na reportagem "*Operacíon Masacre*" (1957) do jornalista Rodolfo Walsh, que na época não era peronista e almejava com a reportagem ganhar um Pulitizer[441]. A consequência dos expurgos de Aramburu chegaram em Cooke, que se encontrava preso junto com outros líderes peronistas de primeiro escalão como Guillermo Patricio Kelly, Pedro Gomis, José Espejo e Héctor Cámpora (futuro presidente argentino) que foram submetidos a um simulacro de fuzilamento, pois a ordem superior dos disparos não chegou[442]. Nesse mesmo ano de 1956, Perón desde seu exílio na Venezuela

440 As correspondências de Cooke e Eguren entre os presídios de Olmos e Rio Gallegos se encontram também em: BIBLIOTECA NACIONAL MARIANO MORENO (Argentina), Departamento de Archivos, Fondo Alicia Eguren-John William Cooke, Caixa 3, Pasta 3; A maioria dessas correspondências contém sinalizações como: : "asuntos domésticos", "cosas prácticas", "cosas nuestras"; além de local e datas de remissão o que facilita o trabalho de pesquisa.

441 Publicado pela primeira vez em 1957, a reportagem "Operación Masacre" é um marco do jornalismo literário, onde Walsh investiga os acontecimentos por trás dos fuzilamentos de militantes peronistas no depósito de lixo de José León Suaréz, no conurbano bonaerense em junho de 1956. O massacre se produziu como retaliação da ditadura autointitulada Revolución Libertadora (que havia derrubado Perón em setembro de 1955) ao levantamento cívico-militar produzido em 9 de junho de 1956 sob o comando do general Juan José Valle contra o governo de facto. Como consequência do intento insurrecional a ditadura fuzilou 18 militares e 13 civis num quadro de 72 horas, envolvidos ou não com o levante. Ver: QUEIROZ, André, "Rodolfo Walsh, a palavra definitiva - escritura e militância", Florianópolis: Insular, 2018.

442 Os simulacros de fuzilamentos são narrados em depoimentos de Antonio Cafiero (1922-2014); Ministro de Comércio Exterior entre 1952-1955; Ministro da Economia entre 1975 e 1976 e governador de Buenos Aires entre 1987 e 1991) e Enrique Oliva (1923-2010; secretário de Cooke) que estiveram presos com Cooke após os acontecimentos de 1955 no filme "Alicia & John, el peronismo olvidado", Direção de Carlos Castro: Argentina, 2009, 90 min, entre os

nomeou Cooke como seu delegado pessoal e chefe do Movimento Peronista caso o "condutor" viesse a óbito. Ordenou Perón ao seu Movimento:

> Al Dr. John William Cooke, Buenos Aires.
>
> Por la presente autorizo al compañero Dr. D. John William Cooke, actualmente preso por cumplir con su deber de peronista, para que asuma mi representación en todo acto o acción política. En este concepto su decisión será mi decisión y su palabra la mía. En él reconozco al único jefe que tiene mi mandato para presidir la totalidad de las fuerzas peronistas organizadas en el país y en el extranjero y, sus decisiones, tienen el mismo valor que las mías. En caso de mi fallecimiento, delego en el Dr. D. John William Cooke, el mando del movimiento.
>
> En Caracas, a los 2 días de noviembre de 1956.[443].

A aflição perante o futuro e a continuidade da luta para os chefes peronistas presos em Rio Gallegos duraria até o 18 de março de 1957, quando foi realizada uma extraordinária fuga até o Chile numa operação que durou meses através da entrada de armas no presídio escondidas em objetos banais através das esposas dos presos, suborno de guardas principalmente através da figura de Patrício Kelly[444] e solidariedade de outros agentes do presídio que não se identificavam com a ditadura implementada, resultando em mais um percurso cinematográfico de Cooke, agora nas terras inóspitas do interior da Patagônia[445]. No Chile, os foragidos formaram a *División de Operaciones del Comando Superior*, agrupamento de Resistência Peronista desde o exílio, no qual Cooke foi nomeado chefe político.

O Peronismo foi proscrito oficialmente com a lei 4161 pelo qual, nenhuma imagem, citação ou o cântico vinculado ao Peronismo era permitido. Para Cooke ali se sinalizaria o fim das

---

minutos 20 e 22.

443 PERÓN, Juan Domingo,"Correspondencia Perón-Cooke, John William Cooke, Obras Completas, Tomo II", Buenos Aires: Colihue, 2007 p.646.

444 Guillermo Patrício Kelly (1921-2005) foi um célebre dirigente da direita peronista, antes de 1955 foi dirigente da Alianza Libertadora Nacionalista no qual Eguren fez parte durante sua juventude, apesar de seu caráter anticomunista, Kelly e ANL foram contrários ao Golpe de Estado de 1955, jornalista de profissão era oriundo de uma família rica de paternidade irlandesa e maternidade suiça, mais tarde seria acusado de ter trabalhado como agente da CIA e do Mossad durante os anos 1970; Ver: BESOKY, Juan Luis, "La derecha peronista: Prácticas políticas y representaciones (1943-1976)", Los Polverines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.

445 MAZZEO, Miguel, Op.Cit, p.101.

ilusões com a burguesia nacional, e a própria Terceira Posição seria revisitada por Cooke no período, onde passaria a rechaçar os aspectos anticomunistas do Peronismo original[446]. Cooke passou a se inquietar perante o projeto político estratégico fundamental do Peronismo, julgava que a estratégia deveria ser a preparação para a insurreição que levaria o Peronismo não a uma nova condução reformista, mas a uma Revolução Social, para ele já não bastava ser contra uma política, mas sim contra um sistema:

> Un movimiento como el Peronismo se nutre de absolutos. Es la gloria y es el inconveniente de las fuerzas nacional-libertadoras. Deben llegar incorruptos, deben estar encima de las politiqueras, al margen del juego común que desarrollan los partidos tradicionales.[447]

Cooke ainda se queixava com Perón de não existir as condições objetivas para desencadear imediatamente a insurreição através de greve geral revolucionária. A repressão generalizada da *Revolución Libertadora* e a clandestinidade de grande parte dos militantes acabavam por reforçar as "camadas brandas" do movimento. O embate durante o período consistia sobretudo entre os sindicatos e os comandos de resistência (na qual se encontrava Cooke). Enquanto os sindicatos eram instituições enraizadas na sociedade industrial, sua atuação no contexto lhe conferia possibilidades limitadas e ainda um certo grau de imunidade perante as mudanças de situação política devido ao seu papel intrínseco na sociedade. Os comandos de resistência por outro lado eram organizações estritamente políticas, cuja atuação e existência dependiam diretamente da correlação das circunstâncias históricas objetivas para sua atuação, distinto aos sindicatos esses

446 "La tercera posición es, precisamente, todo lo contrario. Significa no tener compromisos con los bloques mundiales, estar en libertad de tomar las decisiones más convenientes a los intereses nacionales (...) Una cosa es que nosotros tengamos una visión de las cosas argentinas que difiere de la del Partido Comunista y tratemos de mantener la adhesión de las masas trabajadoras; otra muy diversa unirnos al fanatismo regimentado que ve a los comunistas como criminales y a los países socialistas como enemigos del género humano. Esto es renunciar a la facultad de raciocinio y aceptar que el bando imperialista piense por nosotros. No necesito ser comunista para considerar que el principal responsable de la Guerra Fría es el imperialismo occidental, ni para comprender que el enemigo más grande que hoy tiene el género humano es la brutal plutocracia norteamericana": COOKE, John William, "El peronismo y la revolución cubana", Buenos Aires: janeiro de 1988. Fin de Siglo (7)/Dossier, pp.11-12.
447 COOKE, Apud: JAMES, Daniel, Op. Cit, p.121.

comandos não respondiam a demandas imediatas da sociedade, mas sim tentavam criar situações políticas através de suas atuações táticas e estratégicas[448].

Nesse contexto em que a ditadura militar concedia certa liberdade relativa de atuação dos sindicatos, pois considerava que a burocracia sindical formada no Peronismo era contentora do avanço das forças políticas mais radicalizadas, ficava latente o conflito entre essas esferas legais de atuação e os setores semilegais ou clandestinos de Resistência. O embate chegou ao ápice perante a articulação de Perón com Arturo Frondizi (UCR-Intransigente) para as eleições a serem abertas em 1958, na qual a "camada branda" ou "neoperonista" eleitoreira poderia sair fortalecidas. A afirmação do pacto entre Perón e Frondizi, onde foram representados respectivamente por Cooke e Rogelio Frigerio foi para o historiador Daniel James o reconhecimento da derrota tática de Cooke com a ideia de insurreição revolucionária. A tentativa de capitalizar as greves dirigidas pelas *62 Organizaciones* que vinham sofrendo também com a repressão política fracassava, a greve geral revolucionária se tornava uma ideia muito vaga e distante. Durante as eleições de fevereiro de 1958, Frondizi viria a triunfar com 44,79%, com apoio oficial do Peronismo. Entretanto cerca de 800.000 trabalhadores peronistas desobedeceram às ordens do condutor votando branco ou boicotando o quórum, enquanto grupos clandestinos frente a impossibilidade de traçar a luta armada viram o boicote eleitoral como um rechaço ao antiperonismo e ao antinacionalismo, de modo que o voto seria uma capitulação, sinalizando marcas entre formas de Peronismo "à esquerda" e que se aprofundariam na história do país ao longo das décadas seguintes[449].

A Resistência Peronista passaria a ressignificar o próprio termo "Resistência" na cultura política argentina, como sinônimo de política de esquerda e revolucionária. Sinônimo reforçado pelos números das greves naquela conjuntura, segundo Daniel James, sem comparação a nenhum outro momento da política argentina, 5 milhões de dias de trabalho perdidas em 1956 e 3.300.000 em 1957[450]. Cujo principal fato simbólico do período foi a tomada do Frigorífico Nacional Lisandro

448 Idem, p. 123.
449 Idem, pp.124-125.
450 Idem, p.128.

de La Torre no bairro de Mataderos (Buenos Aires), onde Cooke teve papel protagonista redigindo a proclama da tomada da empresa[451]. Fundamental no abastecimento do mercado interno de carne no país, a empresa estava para ser privatizada por Frondizi em janeiro de 1959, enquanto esse visitava os EUA, desencadeando uma ocupação da empresa pelos trabalhadores locais, moradores do bairro e os sindicatos organizados nas *62 Organizaciones*, levando a uma resistência encarniçada perante a repressão do exército e da polícia, que conduziria 95 operários ao cárcere. Nesse episódio não apenas se questionava a desnacionalização do Frigorífico, mas também se reivindicava o retorno de Perón (principal pauta do período da Resistência) e um modelo de autogestão dos operários na empresa sob o lema *¡Patria sí, colonia no!*.

A derrota da greve insurrecional no bairro de Mataderos levou um enfraquecimento da figura de Cooke na direção peronista, já desgastada desde o pacto eleitoral Perón-Frondizi, Cooke perde seu cargo de Delegado Pessoal do Condutor e migra para Cuba no mesmo ano de 1959, junto com Alicia. A estádia de Cooke e Eguren desde o convite do *Movimiento 26 de Julio* para o *Primeiro Encontro Latinoamericano de Solidariedade com Cuba* duraria até o ano 1963, onde participam da resistência à invasão organizada pelos EUA a Baía dos Porcos (1961), e Eguren chega a ter patente militar mais alta que Cooke, obtendo o grau de capitã das *Milicias Nacionales Revolucionarias de Cuba*[452].

Ao regressar à Argentina em 1963, Cooke forma com Alícia Eguren a *Acción Revolucionária Peronista* (ARP), um dos primeiros grupos a aglutinar os aportes revolucionários cubanos com o legado e potência de massas do Peronismo, se estabelecendo como um agrupamento independente no interior do Peronismo, não com objetivo de realizar "entrismo" no Peronismo, já que Eguren e Cooke eram quadros orgânicos desse movimento, mas com a finalidade de influenciar

451 "Esta huelga es política, en el sentido de que obedece a móviles más amplios y trascendentes que un aumento de salarios o una fijación de la jornada laboral. Aquí se lucha por el futuro de la clase trabajadora y por el futuro de la Nación. Los obreros argentinos no desean ver a su patria sumida en la indignidad colonial, juguete de los designios de los imperialismos en lucha": COOKE, John William, "Proclama del Frigórifico Lisandro de La Torre" In: BASCHETTI, Roberto, "Documentos de la Resistencia Peronista, 1955-1970, Vol I" La Plata: De La Campana, 2012, pp. 160-161

452 BASCHETTI, Roberto, "John William Cooke: una historia de vida y lucha" In: MAZZEO, Miguel, "(org), "Cooke, de vuelta (el gran descartado de la história argentina)", Buenos Aires: La Rosa Blindada, 1999, p.22.

na modificação das expressões e formas de ação do Peronismo para um conteúdo abertamente revolucionário e socialista, buscando combinar as formas de lutas de massas com a formação de um exército revolucionário[453].

Foi durante os últimos anos de vida de Cooke, que ele publicou seus trabalhos mais maduros e mais assumidamente marxistas em revistas importantes da esquerda marxista da época como *La Rosa Blindada* e *Pasado y Presente*, além de sua obra mais conhecida "*Peronismo y Revolución*" (escrito em 1966-1967 e publicado postumamente em 1971), onde realiza um estudo materialista histórico das causas do golpe de 1966. Com o desaparecimento físico de Cooke em 1968 (vítima de câncer de pulmão), a ARP também desaparecia se aglutinando com as *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP). Depois do esfacelamento da ARP, Eguren não militaria de forma orgânica em nenhuma organização política, assumindo a posição de elo entre os diversos grupos do Peronismo Revolucionário e da Nova Esquerda Marxista. Eguren propus uma articulação revolucionária entre os dois campos, se utilizando de seu prestígio e da herança teórica de Cooke em seus aportes que buscaram colocar em diálogo o marxismo com o nacionalismo popular e revolucionário e continuando a desenvolver as contribuições cookianas na teoria e na *práxis*.

453 GALASSO, Norberto, Op.Cit (1997), p.159.

Conclusões

> Nuestro sacrífício es consciente; cuota para pagar la libertad que construimos.
>
> (John William Cooke, "Bases para una política cultural revolucionaria", 1965)

Ao longo desse trabalho buscamos explorar o que poderíamos chamar de uma primeira fase político-ideológico de John William Cooke, esse é o período que começa em sua militância juvenil universitária dentro dos marcos do liberalismo da UCR Antipersonalista com fortes traços de incômodos com a política nacional vigente naquele momento e se conclui com o golpe de 1955 onde passa a postular a necessidade de elevação do Peronismo para uma radicalização da democracia popular e acirramento das contradições com o imperialismo e a burguesia associada.

Trabalhamos com a ideia (re)apropriada de Lenin das "três fontes constitutivas do marxismo" para uma livre adaptação que cremos adequado nomeamos de "*Três fontes constitutivas do pensamento de John William Cooke*" essas são: o nacionalismo, o revisionismo histórico e o marxismo. Vimos na primeira parte do trabalho e em parte do segundo capítulo alguns vestígios históricos que nos permitiram montar um quebra-cabeça de como Cooke formado numa tradição liberal passou a ter contato com as três fontes e abstraí-las em sua concepção política e histórica de mundo.

Vimos ainda que as três fontes se inserem na dinâmica do pensamento de Cooke aproximadamente numa mesma época: no período entre 1943 e 1945. Quartel temporal que é marcado pelo golpe militar da *Revolución del 43*, que não permite nenhum tipo de indiferença para os diversos atores políticos que passam a adotar medidas mais reacionárias ou mais progressistas de forma confusa tanto em filiações de esquerda, quanto de direita a depender da interpretação do fenômeno que mudou de fato a qualidade da organização do Estado, e se concluí com o nascimento do Peronismo nos eventos de 17 de outubro de 1945, movimento que Cooke e seu pai aderem desde o primeiro momento.

Nesse período, Cooke teve contato com os três elementos que formam a estrutura de seu pensamento: o revisionismo histórico e o nacionalismo através das aulas e amizade com o

historiador José María Rosa; os vínculos afetivos com César Marcos e Raúl Lagomarsino que além de instigar as leituras marxistas em Cooke, apresentam para ele os textos da F.O.R.J.A principal formuladora de um revisionismo histórico progressista, diferente do revisionismo reacionário e pró-oligárquico dos anos 1920-1930, e também formuladora de uma série de projetos políticos nacionais como a questão da necessidade de estatização das ferrovias e que grande parte foram incorporadas pelo primeiro governo peronista (1946-1952).

Observamos que o marxismo nesse momento de sua trajetória (1943-1955) aparece muito mais como uma ferramenta de análise e instrumento de leitura da realidade e dos problemas, seu projeto político transmuta gradualmente em uma direção mais radicalizada, mas que ainda não pode ser chamada de socialista/revolucionária. Nossa hipótese é que a proposta do socialismo a ser construído a partir do Peronismo só vai ser colocada por Cooke depois do golpe de 1955 e reafirmada em nível mais elevada após a vitória da Revolução Cubana em que aparece como confirmação de suas postulações da primeira fase da Resistência Peronista: a necessidade de confluência e unicidade entre libertação nacional e transição socialista.

Entre 1943-1955 podemos ver Cooke primeiramente se deslocando do liberalismo para uma proposta democrática popular-burguesa, ou seja, um projeto policlassista (1943-1951) e com o acirramento da crise composta pelos múltiplos fatores internos, externos e aleatórios sua proposta vai transmutar em torno do sacrifício dos elementos burgueses propensos a associação com o imperialismo e os setores burocráticos do Peronismo, passando a defesa de uma proposta peronista como organização democrática popular (1951-1955).

É pertinente notar como o período da atuação parlamentária de Cooke (1946-1952) seus discursos e atividades já se orientam em um nível mais elevado que seus colegas, que se pode dizer até mesmo rebelde, onde o compromisso com o projeto político governamental não o inibe de críticas e contrariedades do mesmo quando considera necessário ou o vê como vacilante. Cooke não se atém a repetir os discursos de Perón, contribui para aprofundar a compreensão dos problemas.

Notamos que nas discussões parlamentares Cooke atua como um historiador e ensaísta em seu discurso, não limitando as questões aos últimos acontecimentos, ou ao que Gramsci chama de pequena política. Cooke dimensiona o debate conjuntural e as propostas políticas as questões nacionais de longa duração, da estrutura da formação econômica-social e da superestrutura dos diversos agentes sociais que conformam a realidade nacional. Seus discursos possuem uma perspectiva totalizante, tratando cada problema, da cultura à economia como processos históricos, buscando identificar as tendências desses processos e assim traçar diagnósticos mais adequado de cada problema.

Se o período pré-golpe de 1955 é o menos estudado ou compõem capítulos mais curtos nas biografias sobre Cooke, para nós ainda que nesse período não apareçam as imagens cinematográficas como a extraordinária fuga da prisão de Rio Gallegos na Paragônia até o Chile ou a participação na vitória de batalha de Playa Girón em 1961, em Cuba, ou ainda a "glória" de ser o delegado pessoal de Juan Domingo Perón, esse período de 1943-1955 nos permite visualizar a riqueza de um pensador e agente da *práxis* de uma maneira multilinear em sua formação intelectual, política e teórica.

Aos que se aventurarem em sua obra poderão observar as referências a longa tradição do pensamento nacional e latino-americano crítico como Alberdi, Mariano Moreno, Manuel Belgrano, San Martín, Guido y Spano, José Hernandéz, Perón, Haya de la Torre, Manuel Ugarte entre outros, do revisionismo histórico em sua tradição heterogênea de Adolfo Saldías, José María Rosa, Arturo Jauretche, Raúl Scalabrini Ortíz, entre outros, e o marxismo como Marx, Engels, Lenin, Rosa Luxemburgo, Hilferding, Kautsky, e como observamos em suas anotações de estudos presentes no Fondo Eguren-Cooke da Biblioteca Nacional Argentina vão aparecer em seus fichamentos após 1955 os estudos de: Antônio Gramsci, Jean Paul Sartre, Paul Sweezy, Paul Baran, Hernández Arregui, Rodolfo Puiggrós, Ernesto Giudici, Héctor Agosti, Josef Stalin, Silvio Frondizi, Mao

Zedong, León Trotski, György Lukács, Henri Lefebvre e após 1959 uma ênfase em: Frantz Fanon, Ho Chi Minh, Fidel Castro e Ernesto Guevara.

A ideia da multilinearidade na presente dissertação dispõe assumidamente uma grande influência do clássico "*Marx y la América Latina: El Bolívar de Marx*" (1980) de José Aricó e no mais recente livro "*Marx at the Margins: On Nationalism, Ethnicity, and Non-Western Societies*" (2010) do sociólogo estadunidense Kevin Anderson e que somada a ideia de três fontes constitutivas (re)apropriada de Lênin, nos permite enxergar como o nacionalismo, o revisionismo histórico e o marxismo estão presentes mais assumidamente ou de formas mais subsumidas durante todo o pensamento de Cooke entre 1943 até sua morte em 1968, em que hora uma das fontes se sobrepõe sobre a outra, dependendo da questão ou do momento político, mas que jamais nenhuma delas deixa de estar presente.

Arquivos consultados

Arquivo Pessoal de Roberto Baschetti (Argentina)

Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina)

Biblioteca de la Escuela Nacional de Experimentación y Realización Cinematográfica (Argentina)

Biblioteca Central de la Universidad de Buenos Aires (Argentina)

Central Intelligence Agency – Library (EUA, digital)

Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (Argentina)

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (Brasil, digital)

National Archive (EUA, digital)

Periódicos consultados

A Manhã (Brasil)

Che

Clase Obrera

Columnas del Nacionalismo Marxista

Córdoba

De Frente

El Descamisado

Evita Montonera

Fichas de Investigación Económica y Social

Hechos e Ideas

La Prensa

La Rosa Blindada

Nuestra Palabra

Nueva Era

O Globo (Brasil)

Pasado y Presente

Primera Plana

Qué

Soluciones Populares para los Problemas Nacionales

Tribuna de Imprensa (Brasil)

Voz Operária (Brasil)

Referências bibliográficas

Textos de John William Cooke

COOKE, John William, DUAHALDE, Eduardo (Org.) "Obras Completas, 5 Tomos", Buenos Aires: Colihue, 2007.

_____, "Peronismo y Revolución: El Peronismo y el golpe de estado. Informe a las bases", Buenos Aires: Granica, 1973.

_____, "Peronismo e integración, Buenos Aires: Aquarius, 1974.

_____, "Apuntes para una crítica del reformismo en la Argentina", In: Pasado y Presente, Ano IV (nueva serie) nº 2/3: julho-setembro de 1973, pp. 373-401.

_____, "Prólogo", In: LAGAR, Horácio, "La cuestión negra: Introducción al estudio del problema racial en Estados Unidos", Montevidéu: Editorial Estratégia, 1964, pp.7-16.

Sobre John William Cooke

ADELCHANOW, Melina, "John Wiliiam Cooke y su visión del pasado argentino. Reflexiones entre la historia y la política", Universidad de Belgrano 2005.

AELO, Oscar, "El Partido Peronista argentino: diseños organizativos y prácticas políticas (1947-1955)", In: Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, jul./dez. 2016, pp. 602-625.

BOLETÍN DEL INSTITUTO JUAN MANUEL DE ROSAS, "El Dr. John W. Cooke demostró que Echeverría pudo ser recordado como una buena persona", Ano IV, n 9, Buenos Aires: 18 de setembro de 1951.

CHÁVEZ, Fermín, "John William Cooke: el diputado y el político", Buenos Aires: Círculo de Legisladores de la Nación Argentina, 1998.

CIEZA, Guillermo, "¿Quien mató a John William Cooke? (2019), disponível em: https://www.lahaine.org/mundo.php/iquien-mato-a-john-william; acesso em: 15/08/2020.

GALASSO, Norberto, "Cooke: de Perón al Che", Rosário: Homo Sapiens, 1997.

GAUDE, Cristian Leonardo, “El peronismo republicano: John William Cooke en el Parlamento Nacional”, Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2015.

GOLDAR, Ernesto, “John William Cooke y el peronismo revolucionário”, Buenos Aires: Editores de América Latina, 2004.

MAZZEO, Miguel (org), “John William Cooke, Textos Traspapelados (1957-1961)”, Buenos Aires: La Rosa. Blindada, 2000.

_____, “El Hereje. Apuntes sobre John William Cooke”, Buenos Aires: El Coletivo, 2016.

_____ (org), “Cooke, de vuelta (el gran descartado de la história argentina)”, Buenos Aires: La Rosa Blindada, 1999.

PANELLA, Claudio, “El debate parlamentario sobre la expropriación de La Prensa (1951). La intervención de John William Cooke”, In: Oficios Terrestes, nº6, La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 1999, pp. 118-126.

PACHECO, Julieta, “Genealogia de la izquierda peronista los planteos programaticos de John William Cooke”, disponível em: https://razonyrevolucion.org/genealogia-de-la-izquierda-peronista-los-planteos-programaticos-de-john-william-cooke-julieta-pacheco/ ; acesso em: 20/07/2020.

RECALDE, Aritz, “El pensamiento de John William Cooke en las cartas a Perón, 1956-1966”, disponível em: https://www.cta.org.ar/IMG/pdf/j_w_cooke.pdf; acesso em: 06/09/2020.

SILVA, Gustavo Santos, “O centenário de John William Cooke. Trajetória de um peronista revolucionário”, In: Anais do 2º encontro Internacional Histórias & Parcerias, 2019.

_____, “John William Cooke visto desde Brasil. Lecturas de un revolucionario "desconocido" y sus contribuciones para la actualidad”, In: La Roca, nº6, Buenos Aires: 2019, pp.297-311.

SORIN, Daniel, “John William Cooke: La mano izquierda de Perón”, Buenos Aires: Planeta, 2014.

Referências gerais

ABDEL-MALEK, Anuar, “A Dialética Social: Fundamentos para uma Teoria Social Mundializante”, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

AGOSTI, Hector “José Ingenieros. Cidadão da Juventude”, São Paulo: Brasiliense, 1947.

ALBERDI, Juan Bautista, “Bases y puntos de Partida para la organización política de República Argentina”, Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017.

_____, “Los intereses argentinos en la guerra del Paraguay con el Brasil: Cartas dirigidas a sus amigos y compatriotas”, Paris: Impresión Privada, s/d.

_____, “ La Guerra del Paraguay”, Buenos Aires: Hispanoamericana, 1988.

ALDAO, Joaquín, “Las huelgas ferroviarias (1950-1951): Una interna peronista”, In:Prohistoria, Año XXI, núm. 29, jun. 2018, pp.93-114.

ALTHUSSER, Louis, “Por Marx”, Campinas: Unicamp, 2015.

ANDERSON, Kevin, “Marx nas margens: Nacionalismo, Etnia e sociedades não ocidentais”, São Paulo: Boitempo, 2019.

AJMECHET, Sabrina, “La Prensa en las elecciones presidenciales de 1951, el actor ausente”, In: IX Congreso Nacional de Ciencia Política, Santa Fé: Universidad Nacional del Literoal, agosto de 2009.

_____, “La Prensa, actor en defensa de la democracia y las libertades en las elecciones de 1946, In: III Jornadas de Historia Política del Gran Buenos Aires en el siglo XX, 2008.

ARICÓ, José, “Marx e a América Latina”, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BAGÚ, Sérgio,“La vida ejemplar de José Ingenieros”, Buenos Aires: Eudeba, 1963.

BAMBIRRA, Vania, “O capitalismo dependente latino-americano”, Florianópolis: Insular, 2019.

BARBOSA, Francisco de Assis, “A vida de Lima Barreto”, Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

BASCHETTI, Roberto (org.), “Tercer Mundo y Tercera Posición: desde sus orígenes hasta nuestros días”, Buenos Aires: Jironesdemivida, 2015.

_____, “Documentos de la Resistencia Peronista, Volume I (1955-1970)”, Buenos Aires: Editorial de la Campana, 1997.

BASUALDO, Eduardo, “Los primeros gobiernos peronistas y la consolidacion del pais industrial: exitos y fracasos”, Buenos Aires: FLACSO/Página 12, 2004.

BAYER, Osvaldo, “Los Vengadores de la Patagonia trágica, 4 Tomos”, Buenos Aires: Bruguera Argentina, 1984.

BERMAN, Marshall, “Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade”, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BEVILAQUA, Aluísio Pampolha, “A Crise Orgânica do Capital: O Valor, a Ciência e a Educação”, Rio de Janeiro/Fortaleza: Inverta/Edições UFC, 2017.

BILBAO, Francisco, “La America en Peligro”, Buenos Aires: Imprenta y Litografía a vapor, de Bernheim y Boneo, 1862.

BOZZA, Juan, “El peronismo revolucionário. Itinerário y vertientes de la radicalización, 1959-1969”, In: Sociohistória, nº 9-10, 2001, pp. 135-169, disponível em: http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2942/pr. 2942.pdf, acesso em : 29/02/2020.

CEPAL, “Algunas reflexiones sobre el desarrollo regional, a proposito del caso argentino.”, Nova Iorque: ONU, 1973.

CHÁVEZ, Fermin, “Julio de 1947 nacia la Tercera Posición de Juan Perón”, disponível em: https://nacionalypopular.com/2008/07/07/julio-de-1947-nacia-la-tercera-posicion-de-juan-peron/ ; acesso em: 07/08/2020.

CHIAVENATO, Julio José, “A Guerra do Chaco (‘leia-se petróleo’,)”, São Paulo: Brasiliense, 1980.

CIRIA, Alberto, “Política y cultural popular”, Buenos Aires: De la Flor, 1983.

CODOVILLA, Victorio, “Batir al nazi-peronismo para abrir una era de libertad y progreso”, Buenos Aires: Anteo, 1946.

CONGRESO DE LA NACIÓN, “Nomina de diputados de la nación por distrito electoral: periodo 1854-1991” ,Buenos Aires: Cámara de Diputados de la Nación, Secretaria Parlamentaria, Dirección de Archivo, Publicaciones y Museo, Subdirección de Publicaciones e Investigaciones Históricas, 1991.

CONNOLLY, James, “Socialism and Nationalism” (1897) disponível em: https://www.marxists.org/archive/connolly/1897/01/socnat.htm ; acesso em 27/06/2020.

CONVENCIÓN NACIONAL CONSTITUYENTE, “La Constituición de 1949 comentada por sus autores”, Buenos Aires: El Coloquio, 1975..

CORTÉS, Martín (org.), “José Aricó: dilemas del marxismo en América Latina: Antologia Esencial”, Buenos Aires: CLACSO/Fundación Rosa Luxemburgo, 2018.

CUMMINS, Ian, “Marx, Engels and National Movements”, Londres: Croom Helm, 1980.

DI TELLA, Guido, e ZYMELMAN, Manuel, “Las etapas del desarrollo económico argentino”, Buenos Aires: Eudeba, 1967.

D’ARAÚJO, Maria Celina Soares, “O Segundo Governo Vargas, 1951-1954: Democracia, Partidos e Crise Politica”, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

DONGHI, Túlio Halperin, “El reviosionismo histórico argentino como visión decadentista de la história nacional”, Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.

DUSSELL, Enrique, “El último Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana”, Ciudad de México (D.F): Siglo XXI, 1990.

ENGELS, Friedrich, “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra, segundo as observações do autor e outras fontes autênticas”, São Paulo: Boitempo, 2010.

FERRERAS, Norberto Osvaldo, “O cotidiano dos trabalhadores de Buenos Aires (1880-1920)”, Niterói: EdUFF, 2006.

FRADKIN, Raúl, e GELMAN, Jorge Gelman, “Juan Manuel de Rosas. La construcción de un liderazgo político”, Buenos Aires: Edhasa, 2015.

FRANK, André Gunder, “El desarrollo del subdesarrollo”, In: Pensamiento Crítico, Habana, nº 7, agosto de 1967, pp. 159-172.

_____, “Re-orientar: La Economía Global en la era del predomínio asiático”, Valência: Universitat de Valencia, 2008.

FRIEDEMANN, Sergio, “El marxismo peronista de Rodolfo Puiggrós: Una aproximación a la izquierda nacional”, Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Gino Germani-UBA, 2014.

FRONDIZI, Silvio, “La Realidad Argentina. Ensayo de Interpretacion Sociologica, 2 Tomos”, Buenos Aires: Praxis, 1957.

FRYDENBERG, Julio, “História Social del fútbol: Del amateurismo a la profesionalización”, Buenos Aires: Siglo XXI: 2017.

GARCIA, Pio, CUEVA, Augustin, MARINI, Ruy Mauro e SANTOS, Theotonio dos, “La cuestión del fascismo en América Latina”, In: Cuadernos Políticos, nº18, México, D.F: Editorial Era, outubro-dezembro de 1978, pp. 13-34.

GELMAN, Jorge, “Rosas bajo fuego: Los franceses, Lavalle y la rebelión de los estancieros”, Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

GIMÉNEZ, Sebastían, “FORJA revisitada: La Fuerza Orientadora Radical de la Joven Argentina y su programa político e intelectual (1935-1945)” Sociohistórico, nº31, 2013. In: Memoria Académica. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.5746/pr.5746.pdf, pp.11-15.

GIUDICI, Ernesto, “Imperialismo inglés y liberación nacional”, Buenos Aires: Problemas, 1940.

GODIO, Julio, “La Semana Trágica de enero de 1919”, Buenos Aires: Granica, 1973.

GOLDMAN, Noemí, “Mariano Moreno: De reformista a insurgente”, Buenos Aires: Edhasa, 2016.

GRAMSCI, Antonio, “Cadernos de cárcere, volume 3: Maquiavel, notas sobre o Estado e a política”, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____, “Obras Escolhidas”, São Paulo: Martins Fontes, 1978.

HACKERTHAL, Eberhardt, “Fascismo y lucha antifascista”, En: Nueva Política, nº1, México, D.F: Fondo de Cultura Economica, 1976, pp. 181-186.

HEINRICH, Michael, “Karl Marx e o nascimento da modernidade, biografia e desenvolvido de sua obra. Volume I, 1818-1841”, São Paulo: Boitempo, 2018.

HERNANDEZ, Pablo, “Conversaciones con José María Rosa”, Buenos Aires: Colihue, 1978.

HERNÁNDEZ ARREGUI, Juan José, “Nacionalismo y Liberación: Metropólis y coloniais en la era del imperialismo”, Buenos Aires: Cuntrapunto, 1987.

_____,“Peronismo y Socialismo”, Buenos Aires: Continente, 2011.

_____, “O que é o Ser nacional?”, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

_____,“La formación de la consciência nacional”, Buenos Aires: Plus Ultra, 1973.

_____, “Imperialismo y Cultura”, Buenos Aires: Lilio Peña, 2005.

HO, Chi Minh, “Lênin e o Oriente” (1926), disponível em: https://www.marxists.org/portugues/ho_chi_minh/1926/01/21.htm ; acesso em: 09/07/2020.

HOBSON, John Atkinson, “Estudios del imperialismo”, Madrid: Alianza Editoral, 1981.

HOBSBAWM, Eric (org.), “História do Marxismo II: o marxismo na época da Segunda Internacional”, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOROWITZ, Joel, “El radicalismo y el movimiento popular (1916-1930)”, Buenos Aires: Edhasa, 2015.

INGENIEROS, José, “Obras Completas en 8 tomos”, Buenos Aires: Elmer: 1957.

IZARUSTA, Rodolfo e IZARUSTA, Julio, “La Argentina y el imperialismo británico: los eslabones de una cadena, 1806-1833”, Buenos Aires: Editorial Tor, 1934.

JAMES, Daniel, “Resistencia e Intregación: El peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976”, Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.

JAURETCHE, Arturo, “Problema nacional y revisionismo histórico”, Buenos Aires: Corregidor, 2006.

_____, “Los profetas del odio y la yapa (La colonización pedagógica)”, Buenos Aires: A.Peña Lillo, 1973.

_____, “F.O.R.J.A y la Década Infame”, Buenos Aires: A.Peña Lillo, 1976.

JEIFETS, Victor e SCHELCHKOV, Andrey, “La Internacional Comunista en América Latina: En documentos del archivo de Moscú”, Moscou/Santiago de Chile: Acadêmia de Ciências de Rússia – Instituto de História Universal, 2018.

KIM, Il-Sung. “Sobre a Eliminação do Dogmatismo, do Formalismo e o Estabelecimento do Juche no Trabalho Ideológico” (1955), disponível em: https://www.marxists.org/portugues/kim_il_sung/1955/12/28.htm; acesso em 07/03/2021.

KOHAN, Nestor, “Marx en su (Tercer) Mundo: Hacia un socialismo no colonizado”, La Habana: Centro de Investigación y desarollo de cultura cubana Juan Marinello, 2003.

_____, “De Ingenieros Al Che: Ensayos sobre el marxismo argentino y latinoamericano”, Buenos Aires: Biblios, 2000.

LENIN, Vladmir Ilich, “Materialismo y Empiriocriticismo”, Barcelona: Grijalbo, 1967.

_____, “A Rebelião Irlandesa de 1916”, disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/10/91.htm; acesso em: 27/06/2020.

_____, “Obras Escolhidas em Seis Tomos”, Lisboa: Avante, 1977.

_____, “La información de clase”, México (D.F): Siglo XXI, 1978.

_____, “O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo”, Campinas: Unicamp, 2011.

_____, “Que fazer? Questões candentes de nosso movimento”, São Paulo: Boitempo, 2020.

LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquele (Orgs.) “Dicionário Gramsciano, 1926-1937”, São Paulo: Boitempo, 2017.

LINERA, Állvaro García, “Introducción al Cuaderno Kovalevsky de Karl Marx”, La Paz: Ofensiva Roja, 1989.

LOSURSO, Domenico, “O Marxismo Ocidental: Como Nasceu, como morreu, como pode renascer”, São Paulo: Boitempo, 2018.

LUNA, Félix, “Crónica de un año decisivo”, Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1975.

MARIÁTEGUI, José Carlos, “José Ingenieros”, In: MARIÁTEGUI, José Carlos, “Do sonho às coisas. Retratos Subversivos, São Paulo: Boitempo, 2005.

MARTÍ, José, “Nuestra America”, Buenos Aires: Editorial Losada, 1980.

MARTINS, André Saboia, “Anotações sobre a Intervenção na Guatemala em 1954: uma análise de suas projeções sobre as práticas sistemáticas de violação aos direitos de asilo e refúgio durante a guerra fria”, In: Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas v.10 nº2, 2016.

MARX, Karl, “Os resultados eventuais da Dominação Britânica na Índia” (1853), disponível em: https://www.marxists.org/portugues/marx/1853/07/22.htm ; acesso em: 07/07/2020.

_____, “A dominação Britânica na Índia”, In: MARX, Karl, “Obras Escolhidas, Tomo I”, Lisboa/Moscou: Avante/Progresso, 1982.

_____, “Os resultados eventuais da Dominação Britânica na Índia” (1853), disponível em: https://www.marxists.org/portugues/marx/1853/07/22.htm ; acesso em: 07/07/2020.

_____, “Revolução na China e na Europa”, In: Verinotio - Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, Ano XII, Abril de 2017, v. 23 . n. 1, pp.343-350.

_____,“O Capital. Crítica da Economia Política, Livro I” São Paulo: Boitempo, 2011.

_____, “Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política”, São Paulo: Boitempo, 2011.

_____,“Para Crítica da Economia Política – Manuscritos de 1861-1863: Cadernos de I a V”, São Paulo: Autêntica, 2010.

_____,“A Abraham Lincoln, Presidente dos Estados Unidos da América” (1864), disponível em: https://www.marxists.org/portugues/marx/1864/11/29.htm, acesso em: 08/07/2020.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, “Manifiesto del Partido Comunista”, Cidade do México (D.F): Partido Comunista de México, 2014.

_____,“Materiales para la história de América Latina”, Córdoba: Cuardenos de Pasado y Presente, 1972.

_____, “A ideologia Alemã : crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas”, São Paulo: Boitempo, 2007.

MEMORANDUM OF THE UNITED STATES GOVERNMENT, “Blue Book on Argentina: Consultation among the American Republics with respect to the Argentine Situation”, New York: Greenberg Publisher, 1946.

MERCADO, René Zavaleta, “Considerações gerais sobre a História da Bolívia (1931-1971)”, In: GONZÁLES CASANOVA, Pablo, “América Latina: História de meio século, volume II”, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988, pp.15-73.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, “Brasil, Argentina, Estados Unidos: Conflitos e integração na América do Sul (da Tríplice Aliança ao Mercosul), 1870-2007", Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.

_____, “A Expansão do Brasil e a Formação dos Estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai (Da colonização à Guerra da Tríplice Aliança)”, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____, “Formação do Império Americano: da Guerra contra a Espanha à guerra contra o Iraque”, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____, “De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina”, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MORGENFELD, Leandro Ariel, “Del TIAR a la OEA: Argentina, Estados Unidos y el sistema interamericano”, Monterrey: CONfines, agosto-dezembro de 2010, pp.13-49.

MURMIS, Miguel e PORTANTIERO, Juan Carlos, “Estudos sobre as origens do peronismo”, São Paulo: Brasiliense, 1973.

OLGO OCHOA, Pedro, “Años de furia y esperanza”, Buenos Aires: Corregidor, 1988.

ORTIZ, Ricardo, “Historia Económica de la Argentina (1850-1930), 2 tomos”, Buenos Aires: Editorial Raigal, 1955.

PANELLA, Claudio, “La experiencia del diario La Prensa”, In: Revista Tram[p]as de la comunicación y la cultura, nº72, setembro-outubro de 2012.

PASSETTI, Gabriel, “Indígenas e criollos: Política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)”, São Paulo: Alameda, 2012.

PEÑA, Milcíades, “La Evolución industrial em la Argentina”, In: FICHAS DE INVESTIGACIÓN ECONÓMICA Y SOCIAL, Número especial dedicado a la Evolución industrial y la clase empresária Argentina, ano 1, nº1, 1964.

PERÓN, Juan Domingo, “Del poder al exilio. Cómo y quiénes me derrocaron”, Buenos Aires: Ediciones Argentinas, 1973.

PETRA, Adriana Carmen, “Intelectuales comunistas en la Argentina (1945-1963)”, La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2013.

PIÑERA, Elena, “Los radicales antipersonalistas. História de una disidencia. 1916-1943”, Tese de doutorado em História. Buenos Aires: Universidad Torcuato Di Tella, 2007.

PORTANTIERO, Juan Carlos, “Clases dominantes y crisis en la Argentina actual” In: Pasado y Presente (Nueva série), Ano IV, nº1, abril-junho de 1973.

PORTUGHEIS, Elsa Rosa (org.), “Bombardeo del 16 de junio de 1955”, Buenos Aires: Ministério de Justicia y Derechos Humanos de la Nación. Secretária de Derechos Humanos. Archivo Nacional de la Memoria, 2015.

PRESIDENCIA DE LA NACIÓN, “Plan de Gobierno, 1947-1951, III Tomos”, Buenos Aires: Secretaria Tecnica de la Presidencia de La Nación”, 1946

PRESTES, Anita Leocádia, “A que herança devem os comunistas renunciar?”, In: Oitenta, nº4, Porto Alegre: LP & M, 1980, pp.197-223.

PUIGGRÓS, Rodolfo, “História Crítica de los Partidos Políticos Argentinos”, Buenos Aires: Argumentos, 1956.

_____, “La época de Mariano Moreno” Buenos Aires: Sophos, 1949.

_____, “El Peronismo y sus causas”, Buenos Aires: Ediciones Cepe, 1972.

QUEIROZ, André, “Rodolfo Walsh, a palavra definitiva - escritura e militância”, Florianópolis: Insular, 2018.

RAMOS, Alberto Guerreiro, “Notas para un estudio crítico de la sociología en Brasil”, In: BRASIL, Antonio e BRINGEL, Breno (org.), “Antología del pensamiento crítico brasileño contemporáneo”, Buenos Aires: CLACSO, 2018, pp.33-45.

RAPALO, María Ester, “Patrones y Obreros. La ofensiva de la clase propietaria, 1918-1930”, Buenos.Aires: Siglo XXI, 2012.

RAPPORT, Mario e SPIGUEL, Claudio, “De Chapultepec a las Naciones Unidas. La política de Washington y el caso argentino”, disponível em: http://www.anu-ar.org/notas/agora/2018/de-chapultepec-a-las-naciones-unidas.html; acesso em: 05/08/2020.

RETAMAR, Roberto Fernández, “Algunos usos de civilización y barbarie”, Havana: Ocean Sur, 2013.

RIBEIRO, Jayme Fernandes, “Os ‘Combatentes da Paz’: a participação dos comunistas brasileiros na Campanha pela Proibição das Armas Atômicas (1950)”, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2003.

ROCA, Andrea, “A Vida Social de um emblema nacional: O caso do sabre do General San Martín (1778-1850)”, In: Mana [online]. 2012, vol.18, n.1, pp.121-149.

ROCK, David, “El radicalismo argentino 1890-1930”, Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

ROMERO, Luís Alberto, “História Contemporânea da Argentina”, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ROSA, José María, “Política nacional y Revisionismo Histórico”, In: Mundo Nacionalista nº3, Buenos Aires: 5 de dezembro de 1959.

ROZITCHNER, León, “Perón: entre la sangre y el tiempo”, Buenos Aires: Biblioteca Nacional Mariano Moreno, 2012.

SADER, Emir (org.) “Dialética da Dependência, uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini”, Petrópolis/Buenos Aires: Vozes/CLACSO 2000.

SAID, Edward, “O Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente”, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALDÍAS, Adolfo, “História de la Confederación Argentina: Rozas y su época, 5 Tomos.”, Buenos Aires: Félix Lajaune, 1892.

SANTOS, Theotonio, “Socialismo ou fascismo: O novo caráter da dependência e o dilema latino-americano", Florianopólis: Insular, 2018.

SAUNDERS, Frances Stonor, “La CIA y la Guerra Fría Cultural”, Madrid, Editorial Debate, 2001.

SCHAFF, Adam, “História e Verdade”, São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SCALABRINI ORTÍZ, Raúl “Política Britânica no Rio da Prata”, Florianópolis: Insular: 2014.

_____, “História de los Ferrocariles Argentinos”, Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1974.

SCHVARZER, Jorge e GÓMEZ, Teresita, “La primera gran empresa de los argentinos: el Ferrocarril del Oeste (1854-1862)”, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2006.

SCHUMWAY, “La Invención de la Argentina: La História de Una Ideia”, Buenos Aires: Booket, 2015.

SILVA, Gustavo Santos da, “¿Estado de Contrainsurgencia o Estado de Dominación de Espectro Completo? Apuntes sobre el carácter de los Estados de Excepción en América Latina”, In: La Roca, Buenos Aires; nº7, 2020, pp.91-122.

_____, “Fascismo e Contrainsurgência: Esboço sobre contribuições da teoria marxista da dependência em relação ao caráter dos Estados de exceção na América Latina”, In: “Marx e o Marxismo”, Niterói: 2019, v.7, nº13, pp.408-429.

SPILIMBERGO, Jorge Enea, “ Juan B. Justo y el socialismo cipayo”, Buenos Aires: Cayoacán, 1960.

SOLBERG, Carl, “Oil and nationalism in Argentina: a history”, Stanford: Stanford University Press, 1979.

STALIN, Josef, “Una conversación con el Embajador de Argentina Leopoldo Bravo”, disponível em: https://revolutionarydemocracy.org/othlang/stalbravo.htm, acesso em: 11/12/2020.

VIEZZER, Moema, “Se me deixem falar. Domitila: depoimento de uma mineira boliviana”São Paulo: Global, 1981.

WAGNER, Rudolf, “Understanding Taiping Christian China: Anology, Interest and Policy”, In: KOSCHORKE, Klaus (org.), “Christen und Gewürze: Konfrontation und Interaktion kolonialer und indigener Christentumsvarianten”, Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht in Gottingen, 1998, pp.132-157.

TARCUS, Horacio, “Marx en la Argentina: Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos”, Buenos Aires: Siglo Veintiuno: 2007.

_____ (org.), “Diccionario biográfico de la izquierda Argentina: De los anarquista a la ‘nueva izquierda (1870-1976)”. Buenos Aires: Emecé, 2007.

THALHEIMER, August, “Linhas e Conceitos Básicos da Política Internacional Após II Guerra” (1946), disponível em: http://centrovictormeyer.org.br//wp-content/uploads/2010/04/Linhas-e-conceitos-basicos-da-politica-intern.-apos-a-II-guerra.pdf, acesso em: 25/01/2021.

TERNAVASIO, Marcela, “História de la Argentina, 1806-1852”, Buenos Aires: Siglo Vienteuno, 2009.

ZUBIZARETA, Ignacio, "Unitários: História de la facción política que diseño la Argentina moderna", Buenos Aires: Sudamericano, 2014.

Filmografia

“9 de abril de 1948”, Direção de: María Valencia Gaitán, Colômbia: 2002, 57 min.

“Alicia & John, el peronismo olvidado”, Direção de Carlos Castro: Argentina, 2009, 90 min.

“Cita Con Perón”, Direção de Jorge Gaggero: Argentina, 2015, 55 min.

“El legado estratégico de Juan Perón”, Direção de Fernando Solanas: Argentina, 2016, 103 min.

“Eva Perón”, Direção de Juan Carlos Desanzo: Argentina, 1996, 114 min.

“Jauretche, en pantalones cortos”, Direção de Carlos Castro: 2015, 81 min.

“La Hora de Los Hornos”, Direção de Fernando Solanas: Argentina 1968, 260 min.

“La Patagônia Rebelde”, Direção de Héctor Oliveira: Argentina, 1974, 103 min.

“Los Traidores”, Direção de Raymundo Gleyzer: Argentina, 1973, 114 min.

“Los resistentes”, Direção de Fernández Mouján, 2009, 166 min.

“Memória del Saqueo”, Direção de Fernando Solanas: Argentina 2004, 120 min.

“Maten a Perón”, Direção de Fernando Musante, Argentina, 2005, 73 min.

“¡Muerte al invasor!”, Direção de Santiago Álvarez e Tomás Gutiérrez Alea: Cuba, 1961, 16 min.

“Nazion”, Direção de Ernesto Ardito e Virna Molina: Argentina, 2011, 110 min.

“Operación Masacre”, Direção de Jorge Cedrón: Argentina, 1973, 115 min.

“Permiso para pensar”, Direção de Eduardo Meilij: Argentina, 1989, 75 min.

“Peronismo la memoria silenciada”; Direção de Juan Mendoza e Jorge Rulli: Argentina, 2012, 100 min.

“Perón, Sinfónia del sentimiento” Direção de Leonardo Favio: Argentina, 1999, 346 min.

“Resistir”, Direção de Jorge Cedrón: Argentina, 1978, 71 min.

"The Wind That Shakes the Barley", Direção de Ken Loach: Irlanda/Inglaterra/Alemanha/Italia, 2006, 127 min.

"Unidad XV", Direção de Martín Desalvo: Argentina, 2018, 90 min.

Entrevistas, depoimentos, comunicações e programas de televisão extraídos de internet

Aritz Recalde, "John William Cooke (aula)", disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1Cm7CuKLqt8 ; acesso em: 15/08/2020.

Canal Metro, "Adelantando las noticias: Agrupución John William Cooke entrevistada por Diego Pietrafesa (entrevista)", disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WtLEXYAPQeQ; acesso em: 15/08/2020

Canal Encuentro, "Bio.Ar- John William Cooke (programa de televisão)" disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HGGWQ3UE5Bs ; acesso em: 15/08/2020.

Carlos Castro, "Cooke fue un icono fundamental de la Resistencia Peronista, el único heredero de Perón (entrevista)", disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bIBLjcyMuRw; acesso em: 15/08/2020;

Confederación de Trabajadores de la Educación de la República Argentina, "Homenaje a John William", disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tJgEIqnH8Aw; acesso em: 15/08/2020.

GC Corocher, "Recuerda a John William Cooke (música)", disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=V2Z1FBzZ8fo ; acesso em: 15/08/2020.

José Pablo Feinmann,"John William Cooke: el Ideólogo de la izquierda peronista – Filosófia Aquí y Ahora – Capítulo 9 – Cuarta Temporada (programa de televisão)"; disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=29GqDjkiHDA; acesso em: 15/08/2020.

_____, “John William Cooke – Filosófia Aqui y Ahora – Capítulo 10 – Sexta Temporada (programa de televisão)”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Kea3W-fpMuw; acesso em: 15/08/2020.

Roberto Baschetti, “Peronismos” (Depoimento completo ao documentário El Pueblo que Falta), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aX1c9MI_W10; acesso em: 15/08/2020.